

# AUTOBIOGRAPHIA

DE

## C. B. OTTONI

NATURAL DA VILLA DO PRINCIPE, DEPOIS CIDADE  
DO SERRO, NA PROVINCIA DE MINAS GERAES

---

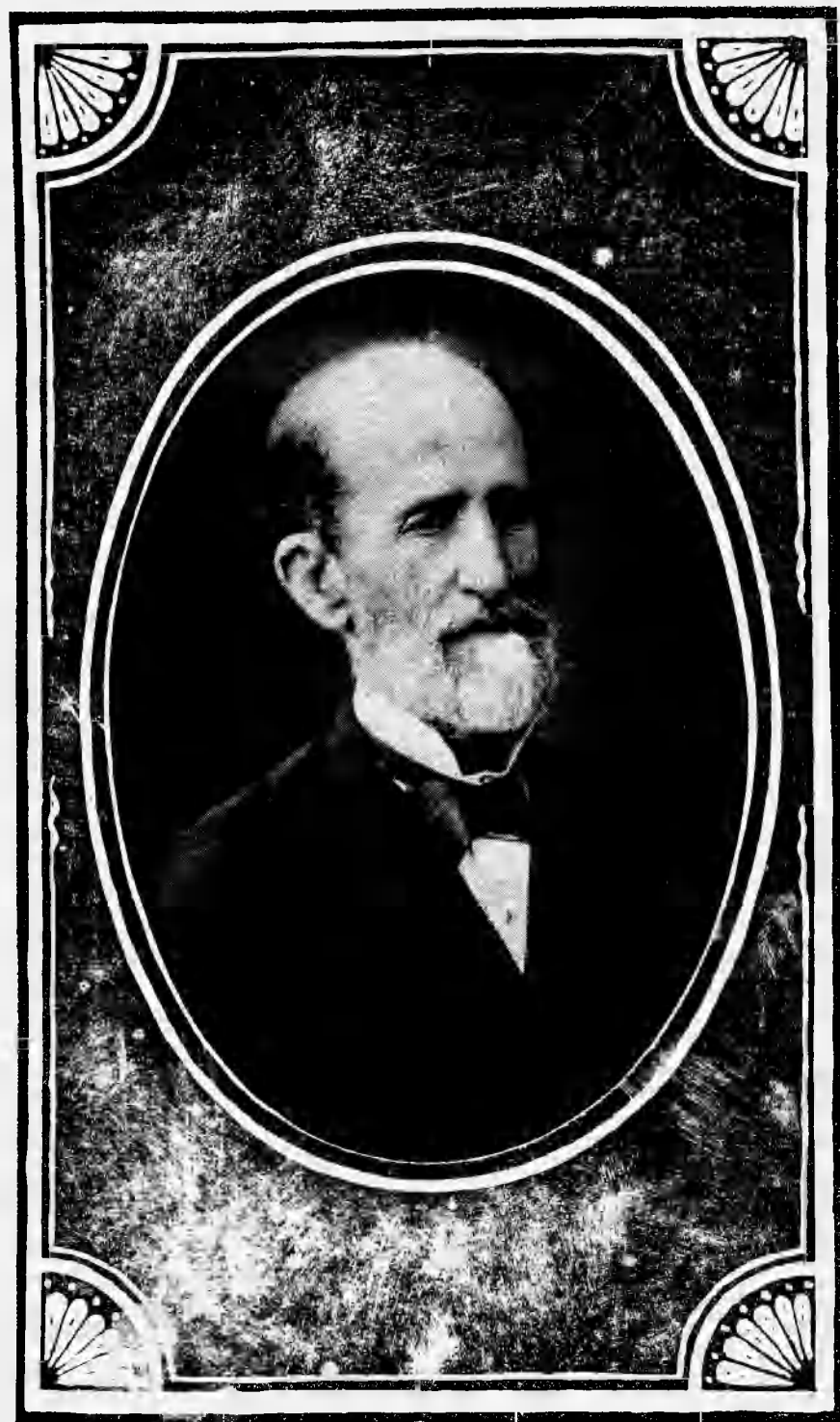
MAIO 1870

---

RIO DE JANEIRO  
TYPOGRAPHIA LEUZINGER

. 1908

7888-7





## I

### Porque e para que escrevo

Não é porque eu creia que estas memórias serão de grandes utilidades.

Nem que as destine á Imprensa ou á posteridade, que (estou certo) não se occupará com a minha pessoa.

A ninguem pretendo mostrar este livro: ahi ficará.

Quando eu morrer, faça delle minha familia o que bem lhe parecer: leia-o ou não; mostre-o a quem quizer ou esconda-o; imprima-o ou queime-o, como for de seu agrado.

Disse mal, duvidando se me lerão: minha mulher, si me sobreviver como eu muito desejo, minhas filhas e tambem os filhos hão de ler-me; mais de uma vez cahirá uma lagrima de saudade sobre algumas destas paginas; d'isto tenho certeza, porque muito nos amamos mutuamente.

Ora, depressa descobri uma utilidade da minha autobiographia.

Mas a verdade é que o principal motivo porque a emprenho, é que estou ocioso, e a ociosidade mata-me: preciso encher o tempo com algum trabalho que me interesse; e padeço da doença, que chamou não sei que poeta latino — *scribendi cacoethes*.

Mas, porque estou ocioso? porque não vou alimentar o cacoete na imprensa politica? porque não me occupo, como tantos outros, em *salvar a patria*?

Porque? ahi vai a resposta em duas palavras — *não creio*.

— Em que não crês? nos principios? — Isso não; sempre fui democrata. — Nas instituições vigentes? — Sim, senhor, não tenho nellas fé. — Nos homens? — Ainda menos.

Si eu me julgasse um Estadista capaz de regenerar o meu paiz, metteria mãos á obra: mas não passo de um pobre diabo, que deve mesmo recolher-se ao seu canto.

A situação presente do Brazil, a meu ver, se resume nestes pontos: 1º uma divida de oitocentos mil contos, cujo serviço absorve quasi metade da renda publica; 2º receio de grandes complicações no Rio da Prata, resultado da Guerra do Paraguay e do Tratado da triplice alliança; 3º falta absoluta de immigração e de braços livres; 4º necessidade indeclinavel de libertar os negros, o que desorganizará o trabalho, prejudicando a producção; 5º falta de capacidade e de patriotismo nos homens publicos, para affrontar os perigos imminentes.

Um partido conservador que é o egoismo e o nepotismo personificados: uns liberaes que têm muita pressa de ser ministros: um partido republicano, que é onde ha mais sinceridade, mais que está longe de ter força para influir na politica. E entre elles o astuto D. Pedro II, desenvolvendo o seu plano de dominio pessoal, que Silveira Martins <sup>(1)</sup> (deste a posteridade ha de occupar-se, si durar-lhe a vida) definiu magistralmente com as palavras — *demolição dos caracteres*. Eis os elementos pessoases da nossa politica; e entre elles não vejo logar que eu me atreva a occupar. Estou desanimado.

Quando eu chegar com esta minha historia á regencia

---

(1) Depois tambem descri delle.



de Feijó, ver-se-á que o meu enjôo de politica é velho : mas mettido nella intermittenemente, procurei cumprir o meu dever. Poderei ter dado por páus e por pedras, como alguém me disse ; mas obedeci á consciencia : não sophismeí, não caluniei. Actualmente, não sinto ambição de novo accesso de febre parlamentar.

Em prova de que posso honestamente retirar-me da scena, allego que não tirei lucro da politica. Não fui diplomata nem ministro ; não tive commissões rendosas, nem ajudas de custo, como tiverão alguns, verdadeiros desaforos.....

Gostaria de ter uma cadeira no Senado pelo resto da vida, já que o coreundismo dos meus patricios embirra em sustentar a vitaliciedade : mas estou resolvido a não ser mais candidato. (1)

E já que não peço favores ao povo, seria immoralidade accental-os do poder : andam dizendo alguns governistas que vou ser nomeado Conselheiro d'Estado ; nesta previsão já minutei o officio de recusa que, si o despacho não se realizar, ficará dentro deste livro, embora alguém que o veja possa dizer -- *estavam as uvas verdes*. (2)

Conselheiro d'Estado eu ! tinha que ver ! Nos dias de cortejo ou de recepção no Paço, reúnem-se com as suas fardas ricas (verdes, por ser esta a côr da libré da casa imperial, disse-me um cortezão) e perfilam, a pé, hombro a hombro, guarneendo os dons lados do salão, enquanto a turba desfila e tem a *ventura* de beijar a mão ao Imperador.

( Ah ! o beija-mão !..... fica para o capitulo respectivo. )

---

(1) Quebrei depois este proposito.

(2) Fui nomeado em 1883 e recusei sem estrepito, allegando falta de vocação.

Chama-se aquella massa aviltante — *fazer parede*. E' uma das razões por que eu ainda que volte á politica nunca serei Conselheiro d'Estado: fazer parede, eu!..... era o que faltava.

Além do desejo de matar a ociosidade, outro motivo estimulou-me a escrever: é a observação de que geralmente se fazem a meu respeito juizos errados. Muita gente me suppõe uma boa cabeça, um talento fóra de linha..... nem todos os que o dizem, estarão mangando commigo. Alguns, em menor numero, attribuem-me tambem grande illustração: e até ouvi com espanto um deputado de Pernambuco proclamar-me certo dia — *um sabio!*

E o homem parecia sincero, o que me fez ter compaixão delle.

Mas, si a respeito de talento e saber dão-me muito mais do que me cabe, ao coração concedem menos do que elle tem consciencia de merecer. Vejo bem que no espirito de muitos contemporaneos eu passo por máu homem, e não o sou: não duvido crer que meus defeitos concorram para a injustiça.

Sou irascivel; mas enternece-me toda a desgraça, e revolta-me toda a iniquidade.

Sou vingativo; mas o prazer de humilhar quem me offendeu não prescinde da escolha de meios, nem dura indefinidamente. Tenho brigado com muita gente, e raros são os de que ainda conservo algum resentimento; esse mesmo eu o sinto esfriar: desejo esquecer as offensas.

Sou um seccarrão: não tenho maneiras insinuantes e affagadoras como as de Theophilo Ottoni; mas amo muito os que me amam e sou agradecido aos obsequios que recebo: darão disso testemunho os que vivem na minha intimidade. Amo, tenho coração; no dia em que ninguem amasse morreria de misantropia, creio,

Fallei nestas qualidades do coração porque é principalmente em relação á ellas que muitos me fazem injustiça. E eu não quero parecer aos que me querem bem, peor do que sou.

Não importa isto desconhecer que eu tenha defeitos e grandes: mas tenho a vaidade de conhecer-me, e a intenção de retratar-me nestas paginas, *imparcialmente*.

Escreverei, provavelmente com intervallos; pois destino este trabalho a matar o tédio das horas vagas. E sempre com muita liberdade, despretenciosamente como este preambulo, que não pensei ficasse tão comprido.

Felizmente não o baptizei de prefacio, cousa quasi sempre aborrecida. Seja prologo, 1.º capitulo, introduccção, seja o que fôr, é a minha razão de ordem.

E está acabado.

Rio, 1 de Junho de 1870.

C. B. OTTONI.

## II

### A casa de meu pae

Não pôde ser indifferente ao meu assumpto o conhecimento do ambiente em que passei a infancia e das scenas de que fui testemunha : constituem a educação os exemplos, mais do que os preceitos ; para a formação do character concorrem mais ou menos, todas as impressões recebidas desde o berço. Assim o pensava Helvetius.

Demais, é-me agradavel avivar as recordações da meninice : não ha nellas a lembrança de bailes, de luxo, de banquetes, de riqueza, de prazeres ruidosos ; nem ainda, direi tudo, de transcendentis virtudes ou de illustração e sabedoria.

O que vou expôr são quadros de costumes com o perfume da innocencia, do trabalho, da probidade, da simplicidade rustica.

Meu pae não era rico ; trabalhava muito para manter a familia, e suas occupações o conservavam a maior parte do tempo fóra de casa : por exemplo, foi alguns annos arrecadador de dizimos, por contracto que fez com a provincia, o que o obrigava a continuas viagens.

Dahi vem que sua imagem pouco figura em minhas scenas de primeira infancia. Era homem de severa probidade, talento, coragem, pouca instrucção.

Irascivel e precipitado em seus juizos, o que o expunha a ser injusto ; defeito que infelizmente herdei.

Empregava, como todos do seu tempo, repressões

materiaes ; mas a ellas recorria raras vezes : um só castigo desse genero que delle recebi não fôra merecido ; illudio-se com apparencias e não me ouviu. Mas outras vezes, ou perdoou-me, ou logrei esconder as minhas travessuras : fica uma cousa pela outra.

Votavamos ao nosso velho, eu e meus irmãos, um respeito profundo, com mistura de medo e de estima.

Revolvendo hoje os escaninhos da minha memoria, acho que meu pae me parecia um homem superior aos outros, mas nimiamente severo : á respeito delle, não encontro no coração a ternura infinda, com que o affaga a lembrança de minha mãe.

Esta reflexão me tem feito dizer algumas vezes em familia : « respeitei muito meu pae ; mas não desejo que meus filhos se approximem de mim com sentimento identico ao que eu lhe dedicava ; quero ser mais amado. » Disposição de animo, diz ás vezes minha mulher, que pode prejudicar a educação de nossos filhos, e talvez tenha razão.

Fomos onze irmãos os que chegamos á virilidade : <sup>(1)</sup> com meus paes, duas irmãs e duas sobrinhas do velho, solteironas pobres que viviam de seu amparo, prefaziamos 17 pessoas de familia. Eramos servidos por cinco escravos.

Fallemos primeiro das quatro velhas solteiras. Prima Maria Narcisa e Prima Joaquina eram duas coitadas, tão pobres de bens como de espirito, só notaveis pela sua pyramidal beatice : rezar, rezar, rezar, era a sua vida.

Da segunda estivemos algum tempo persuadidos que denunciava á minha mãe nossas travessuras : hoje não estou longe de crer que fomos injustos com a pobre mulher.

---

<sup>(1)</sup> Teve minha mãe mais uma menina, que morreu em tenra idade.

Tia Fabiana era uma velhinha alegre, ingenua, muito communicativa : parecia ter sido muito bonita, mas eu a conheci já desfigurada, não só pelas rugas da velhice mas por uma pequena deformidade filha do vicio do fumo, e que por ser no rosto se tornava muito saliente. Usava do narcotico, como outras pessoas nesse tempo, *em mecha* : destacava do fumo em corda uma parte do volume e forma de um pequeno charuto, e torcida e aliçada esta *mecha*, a introduzia na venta, sempre do lado direito, que por isso dilatou-se e parecia inchado enquanto a venta esquerda ficava abatida e secca : o effeito era desagradavel á vista. A ultima recordação que tenho desta sincera velhinha, é de 1836 : é um quadro com seu quê de burlesco, que me está muito vivo na memoria. Era eu já Substituto da Escola de Marinha e tinha ido ao Serro, com licença.

Apparece em casa um carcamano com um realejo que fazia dansar uma galeria de bonecos, espectáculo que lá na terra nunca se tinha visto : a admiração da Tia Fabiana, não conheceu limites. Estou-a vendo, meio de cócoras, mãos nos joelhos, cavalgando o aleijão do nariz por uns grandes oculos, e na physionomia um espanto infantil que muito me divertio ; ria, chorava e babava-se. Como as suas companheiras, vivia ella ao nosso lado, sem tomar parte activa no gyro da casa : por excepção ia ás vezes á cosinha porque era quituteira ; o que era uma festa para Mãe Thereza, a nossa cosinheira.

Mãe Thereza e as suas parceiras hão de ter o seu paragrapho.

Tia Anna Francisca era a expressão mais completa do ascetismo, que eu tenho conhecido. Sempre triste, si-zuda, rezando, jejuando, macerando-se, a pobre velha passava a vida em perenne preocupação com a *salvação de sua alma*.



O terço se rezava todas as noites em familia, dirigido por minha mãe, que de ordinario não se descuidava. Mas si *Jorge* (assim chamava ella a meu pae, em ausencia ; na presença — Snr. Jorge) si Jorge chegava cedo á casa, recostava-se na sua rede e a dedicada esposa se sentava ao lado a conversar, adeos terço...

Entretanto, não lhe escapavamos, porque o caso estava previsto e acautelado : era Tia Anna Francisca que trazia indefectivelmente o alfarrabio das contemplanções que precediam a cada mysterio. Zangava-nos ás vezes tanta punctualidade ; mas foi a nossa queixa unica, si queixa se póde chamar : a boa velha era tão nulla quanto inoffensiva.

Na roupa e cama da devota notou-se por vezes marcas de sangue, que era attribuido aos percevejos : sacudia-se, lavava-se, desarmava-se o catre, escaldava-se as fendas com agoa a ferver : dahi a algum tempo, novas pintas de sangue, nova caça aos insectos... Durou annos esta lida, e só por morte da Tia Anna Francisca se soube que ella usava de cilicio, e si bem me lembro, de disciplinas.

Pouco antes de morrer disse á irmã : « deixo-te um legado, que está n'um embrulho de papel, no fundo daquella caixa ; mas só has de saber o que é depois da minha morte ».

O legado era o cilicio : mas a legataria, comquanto devota, *não era tão perfeita*. Por isso, algum tempo depois achei eu o cilicio no lixo varrido da casa e dei o *escandalo* de o andar mostrando : logo m'o arrebataram.

A caça aos percevejos era de ordinario dirigida por minha irmã Rosalia, afilhada da *Santa*, um coração por excellencia terno. Pae, mãe, irmãos, tios, primas e mais tarde a sua crioula Raymunda, por ella criada, a todos envolvia em um immenso amor. Honorio de Aguiar, nosso primo, namorou-se e chegou a annunciar-me a in-

tenção de a pedir em casamento ; era digno della : uma molestia aguda nol-o roubou. Suspeitou-se que Rosalia o tinha comprehendido e lhe correspondia : tal foi o toque de melancolia que sombreou seu character até aos 48 annos com que morreu. Era uma bella moça.

Não fallarei por ora dos meus dez irmãos : caberá a cada um a sua vez ; a antecipação relativa á Rosalia foi determinada pela sua immensa dedicação á Madrinha, a *Santa*.

Mas, quero considerar com vagar e complacencia, quem era o centro destes movimentos, o espirito director deste pequeno mundo, a alma deste corpo, *minha mãe*.

Quando se casou, diziam dos noivos, que erão o casal de moços mais bonitos de seu tempo : alcançou me esta tradição, e por vezes notei nas physionomias dos meus velhos traços que a comprovavam. Cria minha mãe que a mulher deve ao marido obediencia cega, e praticava esta doutrina : muito amor, muita dedicação, muita obediencia ; mesmo em ausencia, a palavra do velho era oraculo ; *Jorge disse, Jorge quer*, eram razões que não soffriam objecção.

Era economica sem vileza, e não queria em casa ociosidade, dando o exemplo ella, que tinha necessidade natural de estar occupada. Emquanto teve boa vista, cozia ; depois fiava e fiou até morrer : temos toalhas de fio de furo da boa velhinha, fiado aos 82 annos de sua idade, vespera da morte.

Nos ultimos tempos, já no Rio de Janeiro, fiava, ennovellava, e quando reunia certa quantidade de fio, mandava a algum parente que tivesse thear : vindo as toalhas, distribuia, uma a cada filho, a cada nora, a cada neto, e conservava fielmente em memoria quem não ganhou para ser contemplado na seguinte distribuição. Lá no Serro, bem me lembro do aspecto de trabalho que

a casa offerencia ordinariamente : thear, fusos, costura, rocas, lavagem de roupa etc. etc.

Carinhosa e cuidadosa com os filhos, ella os corrigia, mesmo ás vezes corporalmente ; nessas idéas fora ella mesma educada : mas era correcção, não explosão de raiva ; dos bolos que dava, não ficava azedume no animo dos filhos. Para pequenas travessuras havia um castigo, de que ainda hoje me lembro com certo susto retrospectivo. Sentava-se o travesso n'um banco, pés dependurados que não alcançavão o chão, descalço : entre os dous primeiros dedos de um pé mettia se a ponta inferior de um fuso cheio de linha ; davão-lhe um caroço de algodão para nucleo de novello ; e toca a ennovellar, 1º fuso, 2º fuso, 3º, conforme a gravidade do caso, ás vezes até fazer um novello do tamanho de uma larauja selecta. Terrível aborrecimento ! que lentidão em crescer o novello ! que fadiga dos braços ! que somno !

Era tão bôa, tão humana com as escravas, que estas não só a respeitavão, mas mostravão ter-lhe affeição : fez-se a este respeito uma observação que cito com prazer. Quiteria, crioula, parecia de má indole, preguiçosa, insolente ; só a continha, pensavamos, o receio de castigo corporal : entretanto, com o tempo, adquiriu tal affecto á minha mãe, que até a sua extrema velhice não lhe faltou com um tratamento carinhoso e disvelado. E com este procedimento conquistou a gratidão de toda a familia : hoje maior de 65 annos e liberta, continua em companhia de minhas irmãs.

Minha mãe não era instruida : não passou da instrucção primaria e só lia livros de orações ; nunca lhe vi nas mãos um volume profano.

Não mostrava talento, mas notavel bom senso e rectidão de espirito.

A minha numerosa parentela offerece uma observa-

ção de algum interesse. Os parentes paternos são em geral cabeças inteligentes; os que estudarão fizeram quasi todos boa figura: os maternos são todos acanhadissimos, alguns doentes. Ora, nosso sangue é mistura de europeu com o indigena, e este predomina do lado de minha mãe. Facto que parece uma confirmação da inferioridade da raça americana.

Nunca vi em pessoa alguma o sentimento religioso mais puro, a fé mais robusta do que em minha mãe. Diziam no Serro, que ella e D. Maria Queiroga erão as senhoras mais religiosas da terra: mas a devoção da outra era terrorista; tremia sempre no receio das penas eternas; a de minha mãe era bafejada por uma confiança suavissima na misericordia divina.

Este sentimento ameigou-lhe o coração, destruiu todo o fermento da ira; e pudemos observar ó bello espectáculo de uma alma tranquilla, que *por mais de trinta annos, nem uma vez foi agitada por um movimento de colera ou de impaciencia*. Foi uma velhice socegadissima, invejavel, para a qual concorrerão as minhas irmãs, de cuja infancia não me occupei, mas de cuja velhice hei de fallar mais tarde.

Citei na biographia de Theophilo Ottoni, uma opinião de nossa mãe sobre esta questão que se lhe propoz: — nos reconheceremos na outra vida — opinião que caracteriza seu sentimento religioso.

« Acho que não, disse ella, porque o céu é logar de bemaventurança e felicidade pura; e esta seria impossivel a uma mãe si pudesse verificar que seus filhos lá não se acham ».

Outra citação no mesmo genero. Tinha ella horror á idéa de mudar-se para o Rio de Janeiro, porque ouvia ser isto terra de impiedade e irrelição: entretanto, já com 70 annos veio muito satisfeita e tranquilla. Pergun-

tei-lhe um dia : « como combateu Vm.<sup>ce</sup> as suas repugnancias ?

— Facilmente, respondeu-me ; quando vi teu pae com muita vontade de mudar-se, fiz uma novena pedindo a Deus que resolvesse o melhor ; e vendo a mudança facilitar-se acreditei que era da vontade divina.

Já se vê que em uma familia tão religiosa, no mesmo espirito havia de ser dirigida a educação dos filhos. Esta porém carecia absolutamente de methodo, em nossa casa, como em todas naquelle tempo.

O ensino religioso consistia, 1.<sup>o</sup> em fazer decorar certas orações, e repetil-as em horas certas ; 2.<sup>o</sup> em ouvir missa nos dias de guarda, sem explicação alguma, sem nada entender da cerimonia ; 3.<sup>o</sup> em ir ao confissionario depois de certa idade : só ahi ouvia-se alguma doutrina, si o padre não fazia como a maior parte delles, confissões de carregação.

Não havia em casa ensino de religião ; nas escolas nem ao menos leitura de historia sagrada, nem nas parochias explicação do catechismo ou do Evangelho : decorar rezas materialmente, mais nada.

Estas praticas, o habito, o exemplo substituiam o conhecimento e convicção ; e em quem não cultivava a intelligencia, podiam produzir resultados, como o que viamos em minha mãe e vejo em minhas irmãs, muita fé. Mas em um moço que estuda, cujo raciocinio se organisa, que tende naturalmente a submeter tudo ao exame da razão e que a robustece nas primeiras leituras que o acaso lhe depara, como se conservará em sua fragil base o edificio da fé ?

Esta, dizem alguns, volta na velhice : eu não o creio ; a intelligencia que chegou a repudiar a crença no sobrenatural, não a readquire mais. Em todo o caso a

mocidade dirigida como eu o fui necessariamente se extravai da religião.

Nos ou nas que ficam devotas, esta aprendizagem que consiste em rezar, rezar, rezar tem um grande inconveniente : inutilisa as melhores indoles para muitas cousas boas que podiam fazer. A missa e o officio, e a novena, e o Te-Deum, e o caminho da cruz e o mez de Maria, occupando quasi todo o tempo, sequestrão a devota da sociedade, dos amigos e dos parentes.

As sobras e ás vezes parte do necessario de que se privam, em vez de socorrer familias pobres lá se empregão em uma capa para Nossa Senhora, resplendores para os santos, ornatos de egreja e cousas semelhantes. Escrevendo esta critica com pezar a estou applicando mentalmente a pessoas que estimo e respeito.

Si não tivemos na infancia verdadeiro ensino religioso, tambem a educação litteraria foi quasi nulla até os meus quasi 17 annos, com que deixei a casa paterna. Nosso mestre de primeiras letras ensinava materialissimamente : o de latim sabia a lingua, como a pôde saber um homem de boa memoria, sem talento. Forão meus unicos professores até vir para o Rio de Janeiro.

Meu pae, que tinha pouca cultura mas muito talento, estava quasi sempre ausente ; minha mãe e tias não tinham instrucção alguma ; que educação podião dar-nos ? Derão-nos a do exemplo, a pratica dos deveres moraes, o espectaculo de uma vida tranquilla, inoffensiva, dada ao trabalho e aos cuidados da familia.

Por isso, de uma educação tão pobre de luzes sahio uma irmandade que goza de alguma consideração e não tem inveja de qualquer outra. Minhas irmans são respeitadas por quantos as conhecem. Meus irmãos e eu (fomos 7, existimos 4) somos, sem immodestia, homens de bem : nem um de nós commetteo nunca acção de que



os outros se envergonhem ; e o caçula já tem 46 annos (Dr. Eloy Ottoni).

Não faltava em nossa casa o elemento ordinario de desmoralisação nas familias do Brasil, a escravidão : mas o trabalho, a vigilancia, o benefico influxo de minha veneranda mãe attenuava muito o effeito dessa peste. Dos males que não deixou de produzir arredarei os olhos : outro é o ponto de vista em que desejo encarar a escravidão, em meio da qual nasci e cresci. Das cinco escravas que nos serviam, só uma morreo moça (tísica). Mãe Thereza, o bicho da cosinha, falleceu maior de 70 annos, e tres ainda existem (libertas) maiores de 65.

De 5 escravas chegarem 4 a ter cabellos brancos é o maior testemunho da humanidade com que eram tratadas.

A vida dos negros entre nós em geral é mais curta, maxime nos dominios do café e do assucar. A facilidade da venda dos productos, fazendo crescer nos senhores sede de riqueza, leva-os a tirar do escravo o maior lucro possivel, extenuando-o de fadiga e não raro prejudicando pelo excesso o proprio fim que têm em vista. No interior de Minas, como em casa de meu pae, o escravo é menos infeliz, vive mais e é por isso menos inimigo dos senhores : a maior parte dos libertados conservão-lhes o respeito e a dedicação.

Esta questão — disposição de animo dos negros — é muito importante, hoje que a idéa da emancipação ganha terreno. Se fosse em toda a parte igualmente suave a condição delles, a suppressão seria somente crise economica, que não affectaria a segurança dos brancos e se attenuaria pela facil volta delles ao trabalho. Infelizmente onde são os negros mais mal tratados, é onde mais abundam, e o trabalho excessivo os leva naturalmente a considerar a liberdade como direito á ociosidade ; o que ha de ag-

gravar a crise e desde já nos ameaça com insurreições parciaes.

O problema de libertação do milhão e meio de escravos que possuímos, é um daquelles de que não me sinto ao nível; acobarda-me. É doutrina corrente no Brasil a impossibilidade da emancipação sem indemnisação; e esta parece de todo o ponto impraticavel.

Proclamar a liberdade para o fim do seculo, como querem alguns, é zombaria, porque nos 30 annos a decorrer terão morrido quasi dous terços dos actuaes; e de mais uma tal promessa é um estímulo para pretenderem antecipar o prazo pela força.

A libertação dos ventres sem grandes providencias para asyalar as crianças será o infanticidio em larga escala <sup>(1)</sup>.

A emancipação gradual, por medidas directas e indirectas é o que parece mais logico: mas é immensa a difficuldade de fixar o limite de acção dessas medidas.

O estado de meu espirito sobre esta magna reforma é de inteira perplexidade; sobre todas as discussões vejo pairar este pensamento, que a nossa producção resulta do trabalho escravo e que a emancipação hade desorganizar esse trabalho.

No entanto a idéa caminha; e certo não recuará. Basta, quanto a casa paterna e as questões que suscitão suas recordações. Iremos vendo o que fez a criança testemunha das scenas descriptas neste capitulo.

---

<sup>(1)</sup> A lei de 28 de setembro de 1871 evitou este perigo; mas fez os ingenuos captivos de fato' até 21 annos.

### III

## Minha infancia até 1828

Nasci em 1811 e quando vim para o Rio de Janeiro em 1828 era criança em tudo, menos, infelizmente, na innocencia: nem tinha a cultura intellectual que poderia ter em tal idade, nem conhecimento ou experiencia alguma do mundo: era um cego.

Até 9 ou 10 annos fui extremamente cachetico e continuei adoentado até a puberdade. Minha mãe soffrera muito nesta gravidez, e o filho sahio tão enfezadinho que não havia quem acreditasse na possibilidade de criá-lo: por vezes, diz a tradição de familia, estive a expirar. Dahi nascerão condescendencias que (dizião os outros) me fizeram um tanto malcreado. Tarde fui á escola; aprendi lentamente; aos 12 annos, passando para a aula de latim, eu apenas lia, muito mal escrevia, quasi nada sabia de contas, e de tudo o mais nada, absolutamente nada.

Da aula de primeiras letras, mestre Manoel da Costa, recordo-me de um estylo curioso. O Mestre emittia bilhetes com a sua rubrica, chamados *perdões*, e dava-os em premio a quem os merecia: com estes perdões se remiam faltas futuras; e como erão innominaes e transmissiveis, o bom estudante podia obsequiar os camaradas mais fracos, ou fazer com os perdões o seu pequeno commercio.

Jorge, meu irmão, tinha sempre perdões para escapar á palmatoria; e tarde soube eu como os obtinha. Tia Anna Ignez, sua madrinha, affagando e brindando a mulher do mestre, conseguia que ella furtasse os perdões da

vasta algibeira do jaquetão do honrado Manoel da Costa e este creio que nunca descobriu tal abuso de confiança. Eu que não tinha madrinha tão desvelada, chucei muitas vezes os meus bolinhos: o pobre homem não conhecia outro meio de ensinar.

Na pobreza deste desenvolvimento intellectual, ainda prevalecia a educação religiosa de que fallei a pags. 19 e 20; e repetindo o que ouvia no ambiente beato que me rodeava, fui algum tempo um devotinho, que edificava alguns papalvos.

Aos 6 ou 7 annos de idade, escapando de uma das muitas crises de minhas molestias, dizia-me alguém:—Não era melhor ter ido para o céu?—Si eu tivesse essa certeza!... respondi em tom sentencioso, que depois me attrahio bastantes epigrammas.

O pouco exercicio intellectual e muito physico forão gradualmente melhorando a minha saúde, que na crise da puberdade consolidou-se.

A casa era a ultima do povoado ao sul, e ao lado da egreja do Senhor de Mattosinhos. Seguião-se campos geraes, logradouros publicos, em que cada um deixava a pastar a sua vaquinha de leite, os seus animaes de montaria ou de carga, etc. Lembro-me ainda, que esta circumstancia dava á villa um aspecto particular; cada familia, rica ou remediada, tinha ao lado ou no fundo da casa um pateo, em que de noite ficava preso o bezerro da vacca, que seria mugida de manhã. E ao romper do dia, mesmo nas principaes ruas, a cada porta berrava uma vacca e respondia de dentro o filho, esperando que, extrahido o leite, os enxotassem para os campos, donde os iriam buscar á tardinha, para prender o bezerro.

Forão estes campos o principal theatro de meus exercicios e brincadeiras de que me lembro com saudade: eram meus companheiros Jorge e um creoulo de nossa

idade. Campear gado, fazer correrias em cavallos em pello, passeios por algumas chacaras, exercicios de natação em um açude, tal foi a vida que me communicou algum vigor physico, e isto durou até á minha sahida da casa paterna.

Jorge, mais moço do que eu um anno, foi sempre o meu matalóte; tinha mais força e menos intelligencia do que eu, que aliás naquelle tempo não tinha disso consciencia. Nunca entre nós houve ciume: eramos solidarios; não tinhamos segredos; cada um escondia as faltas do outro; a lembrança desta união estreita, que nunca se perturbou até a morte d'elle com 29 annos, é uma das recordações mais deliciosas de minha mocidade.

Theophilo, o primogenito, cedo fizera ensaios commerciaes, acompanhára meu pae em viagens, adquirindo habitos e relações mais de homem que de menino. Honorio, o segundo dos 11 irmãos, era muito chegado a elle e desdenhava conviver connosco, embora fosse mais velho do que eu apenas um anno.

Daqui uma circumstancia que mais estreitou a minha alliança com Jorge. Em certa época, entre nós dous e os dous mais velhos houve lucta.

Elles dizião que eramos mal creados, eu por causa dos mimos de minha mãe, Jorge pelos de sua madrinha, que em verdade o fazia *enfant-gaté*.

Não nos calumniavão; mas exaggeravão a correcção e nos fazião injustiças a que resistiamos quanto cabia em nossas forças. E mais a mais nos uniamos.

Frequentei mais de quatro annos o latim e afinal aprendi, muito imperfeitamente, a traduzir francez, com Theophilo, que o aprendera com o Ouvidor Placido Martins. Meu progresso era lentissimo, não só pelo defeito do ensino, mas tambem pela minha vadiação e preguiça que a meu pae chegou a parecer incorrigivel.

Mas a este proposito, ficou provada a inefficacia da repressão material. Nem a férula do Professor nem as ameaças de meu pae produziram effeito sensivel sobre a minha applicação: mas um dia, sendo informado o velho que havia algumas semanas sabia eu sempre a lição, disse-me com desusada brandura: « não é melhor isto do que precisares de castigo? » e os olhos se lhe humedecerão de lagrimas que me causarão profunda impressão. Desse dia em diante estudei seriamente, e afinal sem ser um latinista provectoro como Theophilo, eu comprehendia bem a lingua: agora mesmo o verifico, voltando depois de largos annos a leituras latinas, com que ameniso uma parte de meus ocios.

Sem pretender que fosse completamente innocente, minha vida até os 16 annos foi em geral vida de creança: meus habitos, meus prazeres, minhas travessuras erão quasi todas de menino. Comtudo neste periodo algumas circumstancias depositarão em meu espirito sementes de ambição ou desejo de consideração publica. Narrarei as de que me lembrar.

Nas festas da coroação de D. João VI em 1818, tendo eu 7 annos, meu pae que era dos principaes da terrinha destinou-me um papel no programma; queria que eu fosse recitar em publico uma poesia de sua composição: tinha elle pouca cultura, mas muito talento e verdadeiro estro poetico. Transtornou-se o projecto não sei porque, mas o velho tinha chegado a mandar fazer-me uma casaca cortada de uma delle, que me causou prazer ineffavel, infinito. Eu poderia dizer desta 1.<sup>a</sup> casaca o que disse o Tolentino do seu primeiro capote:

Pobre alfaiate visinho  
de um capote de meu pae  
me engenhou um capotinho.



Si o alfaiate Elias não era então visinho, veio a sel-o: teve tenda ao lado de uma casa á rua da cadêa, em que meu pae depois servio um officio de Tabellião.

Minha vaidadesinha teve um segundo alimento em 1820 ou 1821, indo á Villa do Principe o Intendente dos diamantes M. Ferreira da Camara, depois Senador.

Aquella magistratura tinha para reprimir o contrabando dos diamantes, monopolio da Corôa, um poder immenso que Camara, aliás illustrado, exercia com grande rigor, tornando-se o terror daquelles povos.

Ja meu pae cumprimental-o e apresentar os quatro filhos mais velhos, dos quaes eu era o terceiro: de vespera M. Vieira Couto, nosso hospede, escreveu e fez-me decorar um pequeno discurso de cumprimento, que sem ter prevenido a meu pae eu impingi ao velho Camara em sua sala, com alguma petulancia. Camara tomou-me nos braços, beijou-me e perguntando — E' este o Christiano? — os olhos se lhe encherão de lagrimas. Eu não distingui bem nesse tempo a impressão que me causarão as taes lagrimas de que ainda me lembro; mas creio que as considerei, pouco mais ou menos, como um tributo de admiração á minha eloquencia. Decepção! Soube depois que o homem perdera pouco antes um filho do meu nome que amava estremecidamente.

Mais me exalta a imaginação aos 11 annos, uma festa de *arvorada* em 1822 ao chegarem noticias da Independencia: a festa, segundo o uso da terra, consistia em povo reunido, com musica e archotes percorrendo as ruas, victoriando com discursos ou versos os cidadãos eminentes, e sendo recebidos por alguns com mezas de doce e bebidas, que fazião requintar o entusiasmo patriotico. Na arvorada pela Independencia, fui o leão da festa: recitava uma poesia que era immensamente applaudida. Dos applausos, porque muito me lisongearão, tenho viva

memoria, e muito sentia não ter conservado copia da famosa poesia. Ha pouco, porém, (em Maio de 1870) publicando as folhas uma pequena allocução recitada por meu filho Julio de idade de 12 annos ao Brigadeiro Pinheiro Guimarães, commandante de voluntarios voltando do Paraguay, o Juiz de Direito João Salomé de Queiroga, meu amigo de infancia, recordou-se da scena de 1822 e escreveu-me nestes termos : ...

Quiz copiar o proprio texto da carta, mas não a encontro entre os meus papeis : dizia que a manifestação do meu fedelho o fez recordar-se de mim, quando o povo me erguia em braços, para que vissem o diminutivo de poeta, recitando a seguinte decima :

O caduco Portugal  
á impulso do servilismo  
queria com despotismo  
do Brazil ser maioral.  
Mas achou nelle um rival,  
que aborrece esse traidor  
que queria ser senhor  
de nossa dourada terra.  
O Brazil não teme a guerra ;  
Viva o nosso Imperador.

O Dr. Salomé diz que a decima foi composta por mim, e julgo ter disso alguma lembrança : mas não ousou affirmal-o, porque por tola que seja a composição, me parece muito superior ao estado de ignorancia em que eu jazia.

Voltando á vida intima, registrarei uma travessura minha que não deixa de ser picante. Em 1825 andaram por lá uns missionarios muito estupidamente ultramontanos, que deixarão no povo muita superstição, muito

fanatismo e tambem em alguns devoção muito verdadeira. Far-se-á idéa das perturbações que causarão por este facto : ás mulheres de má vida, que se confessavão, impunhão a penitencia de ir pedir perdão ás senhoras casadas, cujos maridos as tivessem procurado !

Dobrando-se em casa os exercicios religiosos depois das taes missões (bem que á minha mãe nem uma foi pedir perdão, que eu saiba) Ernesto, mais moço do que eu 5 annos, ficou dominado da mania devota, como eu quando suspirava na incerteza si iria para o céo, morrendo com 5 ou 6 annos. Ernesto rezava com muita compunção ; e seu mais favorito divertimento era pregar o *sermão de São Coelho*, trepado em um mocho : para isso lhe fornecia Theophilo e o fazia decorar themas latinos, com a respectiva traducção, sempre no gosto desta: « Militat omnis amans et habet sua castra Cupido : Deos é bom pae e paga bem a quem o serve ».

Vamos á minha travessura ou malicia. Dizia-me o innocente Ernesto (9 annos) que desejava muito fazer penitencia para purgar seus peccados, mas que não tinha coragem para açoutar-se. Confirmei-o em tão santas disposições e offerecendo-me para executor conduzi-o a uma capoeira atraz da cerca do nosso quintal : ahi deitou-se de bruços e eu com uma varinha de pitangueira appliquei-lhe nas nadegas duas famosas cipoadas, não podendo dar terceira, porque o penitente saltou e creando azas escapou-me.

O que ha de curioso na anecdota é que o paciente, hoje maior de 50 annos, ainda a nega, e mortifica-se com a recordação.

Toda a villa fallou da minha travessura : o Paulo, professor de latim, condemnou-me a uma duzia de bolos, de que me salvou, mettendo empenhos, minha avó Isabel, uma velhinha que muito me amava.

A avó Isabel era uma filha natural de meu avô paterno, mãe das duas primas solteironas que comnosco moravam e de outras. Eu a chamava avó, porque a uma das filhas que ajudou a pensar-me criança dava o tratamento de mãe.

Viuva, muito velha, extremamente pobre, era a avó Isabel um modelo de bondade ineffavel, de resignação e paciencia sem aviltamento: seu semblante aberto e risonho é imagem do tempo da minha infancia, que me ficou bem gravada na memoria. Bôa, muito bôa velhinha! e muito bem me queria e muito a amava eu.

Morreu annos depois de minha sahida do lar paterno; e deu-se por occasião de seu enterro, sahido de casa de meu pae, um facto curioso de narrar-se. Um certo padre Andrade que na terra gosava de boa reputação, disse que ao levantar-se o caixão aberto que continha o cadaver desceu do alto uma luz ou clarão que cercou e illuminou todo o corpo e um resplendor vivissimo coroou-lhe a cabeça, durando a visão (só delle padre Andrade) sómente alguns segundos de tempo.

O padre Andrade participou o caso ao Bispo, perguntando si teria logar promover a canonisação; mas S. Ex.<sup>a</sup> Revdm.<sup>a</sup> não deu seguimento ao negocio.

Quem ler isto, de certo me pergunta mentalmente o que penso do que estou contando.

Que a velhinha era virtuosissima, isso não soffre duvida.

Que o padre era sincero, tambem parece, pois nada podia esperar de umas velhusecas solteiras e pobrissimas, filhas da *Santa*. Seria visionario?

Direi como Tacito a respeito dos espantosos prodigios que dizia a tradição terem sempre precedido os grandes acontecimentos de Roma: — Narro o que consta dos Autores, e deixo que cada leitor acredite ou não acre-

dite, como lhe aconselharem suas opiniões e temperamento.

A 5 de Janeiro de 1828, addidos a uma caravana de negociantes, partimos para o Rio de Janeiro eu e o meu inseparavel Jorge. Não tinha uso algum do mundo; vivera até então aninhado em casa; cada familia assim se concentrava, visitando-se, ainda as de amizade, rarisimas vezes. Talvez por causa deste isolamento, o estudo do latim pouco desenvolvera a minha intelligencia, e a minha educação era defeituosa, a saber:

*Instrucção religiosa.* — Nada de solido; noções vagas, orações decoradas, nada de reflectido ou convencido; habito e imitação, mais nada. Assim erão todos ou quasi todos.

*Cultura litteraria.* — Lia mal; escrevia peor; não sabia escrever um numero inteiro, dictado; traduzia mal o francez, sem saber a grammatica propria; entendia um pouco o latim: cego em tudo o mais. Gil Braz e o Diabo Coxo, em que aprendi os meus dous dedos de francez, e os classicos latinos que fui obrigado a traduzir, são os unicos livros em que me lembro de ter posto as mãos até então. Para seguir uma carreira scientifica não se póde ser mais ignorante aos 17 annos.

*Educação moral.* — A do exemplo: tive a fortuna de nascer e crescer em uma atmospha de honestidade, de trabalho, de cumprimento de deveres; e os principaes preceitos do direito natural me ficaram gravados no espirito, que antes os sentia, do que poderia expol-os.

A probidade de meu pae; o que elle as vezes contava de sua vida, narrativas que sempre respiravão dignidade e estima de si: a rectidão de alma e a bondade de minha mãe: a simplicidade dos costumes da familia, que não tinha luxo, mas nunca se vio privada do necessario: a ho-

nestidade das mulheres que me rodeavão : tudo isto gravou-me no coração o sentimento da honra, a consciencia do dever.

Devo a estas circumstancias a felicidade de aqui escrever sem immodestia, que não pratiquei acto algum de que me deva envergonhar, e nunca tive de envergonhar-me de actos praticados por meus irmãos. Graças a Deos.

Tal era eu quando sahi do ninho paterno.



## IV

### Vida de estudante: 1828—1837

CURSO DE MARINHA: OS PROFESSORES. — EDUCAÇÃO POLITICA: O EPIPHANIO E SEUS LIVROS. — O 7 DE ABRIL E O 14 DE JULHO. — SOCIEDADE FEDERAL. — DESILLUSÃO. — UM PEQUENO ROMANCE.

Theophilo e Honorio tinham vindo para a Corte em 1826 em companhia do Ouvidor Placido Martins Pereira, eleito deputado: moravão com meu tio José Eloy Ottoni, que tinha offerecido a sua casa; e a ella viemos ter a 25 de Janeiro de 1828 eu e o meu Jorge.

Passava o velho uma vida excentrica e de misanthropo: entregou-nos a casa, pondo á nossa disposição o seu cozinheiro, e installou-se em um sotão, onde se fechava invariavelmente á chave <sup>(1)</sup>; não comia em casa. Bom dia e boa noite, quando entrava ou sahia atravessando a nossa sala de jantar e corredor; nunca tivemos outras relações. De sorte que achei-me installado em uma verdadeira republica de quatro estudantes; mas o presidente (Theophilo) exercia authoridade incontestada e obedecida.

São matriculados os dous mais velhos, já aspirantes, no 2º anno da Academia de Marinha, e os dous recém-chegados no 1º. Os preparatorios erão traducção de francez e rudimentos de arithmetica: para este 2º exame pre-

---

(1) Servia então o cargo de Official da Secretaria de Marinha.

parou-nos Theophilo nas quatro semanas que medearão entre a nossa chegada e a matricula. Eis-me pois encetando um curso de estudos superiores, com a *importante* bagagem de instrução que descrevi a pag. 25.

Não era vocação o que nos levava para a carreira da Marinha: seguimol a, *por ser a mais barata*, aliás escolhida por meu pae sem audiencia nossa.

D. Pedro 1º empenhado em crear officialidade de mar, que não tinha, mandava abonar rs. 12\$000 mensaes a quem se matriculava, dependente o pagamento do attestado de frequencia e aproveitamento. O posto de Aspirante (cadete) até alli reservado aos fidalgos, foi garantido a todo o estudante que obtivesse uma approvação plena, e o Aspirante approvedo em qualquer anno era promovido a Guarda Marinha. Da pensão ainda gozavão os dois mais velhos, e nós os mais moços das outras vantagens.

Achando-nos no fim de dous annos Guardas Marinha, cada um com 22\$ mensaes de soldo, e podendo abrir em casa explicação das materias já cursadas, tinhamos meios de subsistencia, dispensando o nosso velho das mesadas, que erão onerosas (¹).

Dos quatro, somente Jorge adquirio gosto pela profissão: esse tornou-se verdadeiro marinheiro e dedicou-se á vida em corpo e alma: falleceu aos 29 annos de idade, já Capitão Tenente, com excellente reputação no Corpo da Armada.

Theophilo e Honorio, concluido o curso, pedirão baixa e forão negociar: eu conservei a farda, porque como Lente achei-me dispensado de embarcar. A vida do mar me repugnava, quanto é possivel.

Os annos de 28, 29, 30 forão por mim empregados

---

(¹) A vida não custava a quarta parte do que custa hoje.

no curso de marinha: não me fiz, certamente um sabio, nem um navegador perito; mas fiquei sabendo soffrivelmente as materias que alli ensinavão. O curso era o seguinte:

*1º anno.* (materias regularmente desenvolvidas) Arithmetica, Algebra até equações do 2º gráo, Geometria, Trigonometria rectilinea.

*2º anno* (em transumpto cada materia) Algebra superior, Geometria analytica, Calculo differencial e integral, Mechanica,

*3º anno.* Trigonometria espherica. Astronomia Nautica, Navegação.

Tudo segundo Bezout.

*Aulas secundarias.* Apparelho, Desenho, Artilheria.

Deste curso de estudos sahiram muitos officiaes de prestimo: continha, parece-me, o que bastava para formar o militar do mar: se não erão mais instruidos, era a culpa menos da Academia, do que da defeituosa e manca instrucção primaria e secundaria: matriculavão-se moços ignorantissimos, como era eu, e outros ainda mais mal preparados.

Os professores de sciencias que lá encontrei erão quatro, cujos nomes escrevo com respeito, José de Souza Correa, José Gonçalves Victoria, Francisco Miguel Pires e Maximiano Antonio da Silva Leite, todos Capitães de Mar e Guerra.

Erão summamente conscienciosos, dedicados a seus deveres, incansaveis. O logar de substituto naquelle tempo era quasi uma sinecura: passava-se anno inteiro sem que um dos Lentes faltasse a uma lição.

Ensinavão efficaamente, bem que só o ultimo, em rigor, se pudesse chamar *um Mathematico*. José de Souza sabia o seu 1º anno, Victoria o 2º, Pires o 3º; Maximiano que regia a cadeira de Artilheria, mas tinha o titulo de

Lente de Mathematicas, conhecia a fundo o espirito da sciencia.

Era um homem excentrico, misanthropo, celibatario ; vivia em grande isolamento entre os seus livros, um sextante com que fazia frequentes observações, e a sua flauta que tocava bem.

A casa era immunda, coberta de pó ; na sala, sobre as cadeiras e uma grande mesa de estudo, via-se *pêle-mêle*, livros, botas, roupas, a caixa do sextante, velas de sebo, etc.

Tinha muita predilecção pela Astronomia ; si fora posto á frente de um observatorio, podia colher resultados, porque era apto para as mais pacientes e prolongadas series de observações. Vegetou porem desconhecido.

Foi, creio, o 1º homem que preparou para a latitude e longitude do Rio de Janeiro calculos de eclipses, que os publicadores de folhinhas lhe compravão.

Quando mais tarde eu me preparava para o concurso, em que tirei uma cadeira de Substituto, mais de uma vez o fui consultar sobre duvidas, e sempre o achei senhor da materia, qualquer que fosse.

Em uma dessas vizitas tive curiosa recepção.

Era á tardinha ; cadeiras desembaraçadas e arrumadas, sala sacudida do pó, mesa desobstruida e limpa, no centro della perfilados seis castiçaes de latão com grandes velas de cera preparadas para a noite. Era dia de festa ; mas para não perder de todo a casa a sua feição característica, os castiçaes de verdes que estavam parecião não ter sido nunca areiados.

Chega o velho e diz-me : «Hoje, só uma ou outra pergunta mais importante : não me faça fallar muito ; espero aqui alguns amigos que tocão diversos instrumentos : temos um pequeno concerto, em que hei de tocar flauta 3 ou 4 horas successivas.» E o casmurro não me

convidou para o concerto : parece que a ninguem convidava : os amadores se regalavão a si proprios com as harmonias musicaes.

Meu respeito a estes e outros meus mestres nunca se desmentio.

No começo de 1829, além dos estudos de Marinha, comecei a abrir a minha intelligencia a outras noções, e a interessar-me pelas cousas publicas, não porque Theophilo me attrahisse para seus ensaios politicos. Fôra elle em fins de 1828 escrutador na Mesa Parochial do Sacramento, em que os liberaes venceram as eleições : fez-se collaborador da « Astréa », procurou relações com Evaristo Veiga e tomava parte activa na lucta dos partidos, mas sempre só ; não envolvia na agitação nem um dos irmãos ; deixava-me entregue a meus estudos technicos, em que fui applicado.

Mas Epiphanio José Pedroso, seu companheiro nas eleições, travou logo relações comnosco, começou a frequentar a nossa casa e a emprestar-nos livros : tal foi a origem das minhas primeiras leituras de Historia, Direito Publico, Litteratura, Philosophia.

Era Epiphanio um republicano convicto e intransigente, mas cuja acção, ao menos directa e pessoal, nunca passou dos clubs : sua pequena livraria compunha-se quasi exclusivamente de escriptores do seculo 18 : tinha boa intelligencia e cultivava-a.

Traduzio em portuguez o Contracto Social de Rousseau, que considerava a ultima palavra em direito publico, e pretendia publicar a traducção : Jorge por ter boa calligraphia, soffreu a massada de copiar o manuscrito para a impressão, e creio que a impedirão difficuldades financeiras.

Este homem, a quem depois liguei-me em intima amizade, foi quem fez, elle e os seus livros, a minha

educação politica. Publicistas e Philosophos da epocha de Voltaire, historia da revolução franceza, *choix de rapports opinions e discours* do parlamento installado em 1789 ; e para recreio alguns poetas : Boileau, Parny, Camões, Diniz, Garção, Bocage etc., tal era o emprego das horas vagas que me deixava a Academia.

Fiquei profundamente democrata, e taes são até hoje os meus sentimentos. Transigi depois com a monarchia, mas nunca pude vencer certas repugnancias: por exemplo, os logares do Paço, Guarda Roupa, Veador Camarista, que tantos ambicionão, sempre me parecerão laçaios mais ou menos agaloados. Vejo que servem taes empregos algumas pessoas de excellente character e amigos que prezo: mas não posso resistir á idéa de que se rebaixão.

Minhas leituras de systemas philosophicos e metaphisicos sómente me conduzirão á duvida e á descrença: desgostei-me deste genero de estudos.

Minha matricula de revolucionario teve logar no fim de 1830, logo depois da partida de Theophilo para Minas: tomei o seu logar na Sociedade dos Amigos Unidos, club politico com forma maçonica, que muito concorreu para o movimento de 7 de Abril de 1831. Para este carreguei a minha pedrinha, já como Secretario do club, já declamando nas rodas para animar os tibios, e até fabricando cartuchos que erão destribuidos ao povo liberal. Esta lide e as minhas leituras erão as minhas unicas distrações.

Raras vezes ia ao theatro; visitava poucas familias, nenhuma com assiduidade; não tinha encontrado moça alguma que me fizesse nascer a idéa do casamento. Paguei, é certo, tributo á mocidade em relações que nada têm de notavel, nem de curioso, nem de agradavel, para serem aqui recordadas; mas graças á Deus não cultivei vicios contra a natureza.

Era com as mulheres de uma timidez, que por vezes

me expoz ao ridiculo: a essa timidez, mais do que a sentimentos virtuosos devo um facto de que me gabo, e que para alguns talvez me faça objecto de compaixão. Nunca até esta data seduzi donzella, nem tive relações illicitas com mulher casada. Certo, não as terei daqui em diante: está correndo o 60º anno de minha idade.

Concluido (1830) o meu curso de Mariuha e tendo de dar-me á vida do mar, senti para ella vivissima repugnancia, e decidi-la vocação para a Jurisprudencia: desejei ir para S. Paulo e formar-me em direito. A difficuldade era a mezada que não me animava a pedir a meu pae, sabendo que lhe seria onerosa: mas um momento cri resolvida a questão.

Vagou a cadeira de Geometria annexa ao Curso Juridico e por ter de ordenado apenas rs. 600\$ ninguém a desejava. Requeri-a provando que fôra classificado o 1º estudante da minha turma, e certo de que nenhuma informação podia desabonar-me. Lancei o requerimento na caixa da Secretaria: se então alguém me dissesse que era necessario um empenho para obter o despacho, a lembrança me causaria o mais comico dos espantos e indignações.

Entretanto, foi indeferida a petição, e mais tarde o Marquez de Valença, amigo de meu pae, explicou-lhe os motivos, narrando o seguinte incidente de que fôra testemunha.

Disse o Ministro do Imperio Conselheiro Silva Maia a D. Pedro 1º: « Está vaga a cadeira de Geometria de S. Paulo, e só apparece um pretendente, cujo requerimento aqui está.

— Que tal é elle? colheo informações?

— Tem o curso de Marinha, onde foi bom estudante: dizem-me que é muito moço, mas bem comportado.

— Como se chama?

— Christiano Benedicto Ottoni.

Neste ponto interveio o Marquez de Paranaguá, dizendo ao Imperador: « Se V. M. I. me permite dar-lhe um conselho não pedido, direi que nunca assigne despacho para homem desse appellido: em lhe soando aos ouvidos o nome Ottoni — pode V. M. estar certo que se trata de um seu inimigo.

Inimigo pessoal não era eu: da instituição monarchica sim; mas não tinha apparecido em acto publico algum, e nada de mim podia saber o ferrenho Marquez: condemnava a familia, o nome Ottoni.

Tinha-se elle irritado, porque Theophilo, sendo Guarda Marinha, se envolvera em eleições e se ligara ao Evaristo de Aurora.

Talvez soubesse tambem que meu pae teve muito entusiasmo pela Independencia e Constituição.

Tinha ainha uma magoa contra um Ottoni. Nos movimentos de 1821, um dia no theatro, meu tio José Eloy declamou um bello soneto que electrizou as massas populares, então em ebulição. O fecho — *Escravos hontem, sois Romanos hoje* — recebeu applausos tão freneticos que Dom João 6º ergueo-se e disse: « Escravos, não; Vassallos » Vale a pena registrar o soneto que vive em minha memoria.

Portuguezes ! A nuvem tenebrosa  
que offuscava a razão, desaparece.  
Desfez-se o cahos, que a discordia tece :  
já se encara sem medo a luz formosa.

Dos erros a progenie maculosa  
baqueando em soluços, estremece.  
A justiça do céo ao throno desce,  
marcando os fastos á nação briosa.



Lisia, berço de heroes ! Oh ! Lisia alerta !  
Cumpre que os ferros o Brasil arroje,  
seguindo o impulso, que a razão desperta.

A impressão do terror desmaia e foge.  
Graças á invicta mão que nos liberta,  
*Escravos hontem, sois Romanos hoje.*

Paranaguá, aliás homem de bem, era um absolutista convicto, intransigente, dedicado á Monarchia e ao Monarcha ; o que fez, no seu modo de ver as cousas, era talvez logico e louvavel.

E eis ahi o que me privou de ir estudar Direito : um soneto de meu tio, o liberalismo de meu pae ; as travessuras de meu irmão mais velho. Foi uma vocação muito verdadeira contrariada pelo enfezado absolutista : ainda hoje creio que poderia como Advogado fundar boa reputação, quer fosse consciencioso como os poucos que não accéitão causa de cuja justiça não estejam convencidos, quer seguisse a turba, fazendo do torto direito e do quadrado redondo.

Conservei-me no meu posto de Guarda Marinha, e cheguei a embarcar para a Fragata Campista, Commandante Pedro Ferreira de Oliveira ; mas logo depois o 7 de Abril, derrubando da pasta da Marinha a meu antipathico Marquez, permittio-me obter uma licença para seguir estudos de Engenharia na Academia Militar. Estudei em 1831 o 3º anno (sendo os dous primeiros communs com os da Academia de Marinha), curso completo de Mechanica, regido por J. J. Rodrigues Torres, depois Visconde de Itaborahy. Ensinava elle com muita proficiencia, mas sem sahir dos dominios da theoria : não dava noção alguma de applicações. Tratou-me com summa distincção, de que me lembro com prazer.

Este anno de 1831 foi de grande agitação politica no Brazil, e especialmente no Rio de Janeiro, quer antes, quer depois da abdicação de D. Pedro 1º em 7 de Abril. Nesses movimentos, sem prejudicar o meu estudo academico, tomei a parte que podia caber a um moço de 20 annos, que apenas começava a abrir a sua intelligencia ás grandes questões de que depende o governo de uma nação, mas que, maduras ou não, tinha opiniões decididamente democraticas. A minha intervenção em palestras e declamações não pode ter pesado na balança: era um rapazola entusiasta, sincero, mas ignorante e inexperiente. Mais tarde, fui por alguns annos collaborador officioso de diversas folhas politicas; mas parece-me que em 1831 não tinha ainda encetado esta tarefa.

Na tarde de 6 de Abril, sabendo que o batalhão de Artilheria aquartelado no Largo do Moura, e cuja officialidade era filiada aos clubs revolucionarios, não tinha marchado para o Campo por falta de soldados e alliciava voluntarios, apresentamo-nos eu, o meu Jorge <sup>(1)</sup> e mais dous moços mineiros, e marchamos, fazendo parte da guarnição de uma peça: lá assistimos ao desfecho inercuente, abdicando o Imperador de madrugada.

Não para justificar-me, o que seria tolice, mas na qualidade de testemunha dos acontecimentos, que vou referindo, lançarei aqui, em episodio que será subsidio á Historia, o meu juizo sobre aquella epocha, baseado na tradição e recordação de antigas impressões: são passados quarenta annos.

D. Pedro 1º não era, nem pouco nem muito, author na nossa independencia: ficou no Brazil para garantir a união com Portugal, e para d'aqui ajudar o pae na reacção contra o Congresso que deliberava em Lisboa. Quando

<sup>(1)</sup> Theophilo estava em Minas, Honorio andava ainda embarcado como Guarda Marinha.

vio que a independencia se faria necessariamente, soffreu a doce violencia de se deixar coroar Imperador. Esta é a verdade que está bem patente: não a descobri eu.

Era homem de boa indole e instinctos generosos; mas imbuído nos prejuizos do Direito Divino, que então disfarçava transigindo astutamente com a epocha; muito ignorante e malcreado.

A ignorancia bem se manifesta nas cartas que escreveo ao pae e estão publicadas: da falta de educação falla elle proprio.

O Dr. J. M. de Macedo, que foi mestre das actuaes princezas, referio-me de ouvir a uma d'ellas esta tradição de familia: o Avô quando chamava mestres para seus filhos (1) dizia: « Pretendo que eu e o mano Miguel sejamos os ultimos malcreados da familia de Bragança. » Forão.

Encetou o governo com o grande crime da dissolução da Assembléa Constituinte, quando apenas formulára um projecto de Constituição. E o apparatus de força que desenvolveo, mostra que receou resistencia ao seu desatino.

Logo depois, rodeando-se de preferencia de absolutistas e de portuguezes, authorisou a crença de que era seu proposito, quando morresse D. João VI de quem era herdeiro, reunir os dous paizes sob o mesmo sceptro: sou dos que acreditarão e ainda acreditão que este plano existio, mas foi abandonado diante da resistencia armada de algumas provincias e do desenvolvimento que foi tendo o espirito publico e os ciumes da autonomia nacional.

Exercia por si proprio o governo, intervindo na administração sem nenhuma hypocrisia de constitucionalidade.

---

(1) D. Pedro 2º — Condessa d'Aquila — Princeza de Joinville.

Impunha a sua vontade sem rebuço.

A escolha do Senador Vergueiro foi um dos incidentes curiosos deste governo francamente pessoal.

Vergueiro, em 1828, era o chefe da opposição liberal na Camara dos Deputados, quando foi contemplado em lista triplice eleita por Minas, ficando 4.<sup>o</sup> votado o Presidente da provincia que fôra candidato.

Então porém, adoece gravemente e estava a expirar : uma conferencia de grande numero de summidades medicas o tinha desenganado.

Apresentada a lista triplice, diz o Imperador : « Antes de escolher quero ouvir o Ministerio sobre esta questão : — morto um dos tres, podemos considerar eleito o 4.<sup>o</sup> em votos, para ser escolhido ? » — Não, senhor, segundo os precedentes, a morte de um dos eleitos, antes da escolha, annulla a eleição.

— Bem : eu tinha promettido este logar a João José Lopes (o Presidente) e sei que Vergueiro está a expirar : si morto elle, pudessemos completar a lista, diria que esperassemos. Mas, si em todo o caso tem de haver segunda eleição, escolho o Vergueiro e será J. J. Lopes o seu successor.

Vergueiro, de cuja boca ouvi esta historieta, a elle narrada pelo Marquez de Caravellas, sarou e foi Senador 32 annos : mas a principal moralidade do caso é, que J. J. Lopes devia ser Senador, só por ser primo da Marqueza de Santos : era completamente inepto <sup>(1)</sup>

Se assim procedia o Rei, o homem ainda mais se mostrava desregrado e captivo de suas paixões. Contavam-se delle mil anedoctas de encontros em logares suspeitos : muitos dos boatos erão talvez falsos ; mas é

---

(<sup>1</sup>) Vide nota A.

certo que mais de uma vez desceu da posição em que devia conservar-se. José Alves Pinheiro, chefe da opposição liberal que na freguezia da Gloria vencía sempre as eleições, referio-me que certo dia o Imperador passando á cavallo disse para elle: — hei de metter-te este chicote (mostrando o instrumento). O ameaçado teve a cautela de evitar segundo encontro com o valentão.

A dissolução da Constituinte, os caprichos do governo pessoal, o enforcamento de rebeldes, os desatinos do homem o perderam no espirito da população.

E o que mais concorreu para o seu descredito foi o escandalo da mancebia com uma mulher casada que separou do marido e fez depois Viscondessa, Condessa e Marqueza, e Dama da Imperatriz. Impoz á sua mulher legitima a humilhação da presença na corte da amazia; e esta era teúda e manteúda com inteira notoriedade, em um palacete comprado para ella a poucos passos do portão da Quinta Imperial.

Um de seus despropositos, que tambem mostra a subserviencia de seus ministros, foi o modo como reconheceu a filha bastarda que fez Duqueza.

No livro respectivo de assentos baptismaes, na freguezia do Engenho Velho, está grudada na ultima folha uma declaração original, nestes termos (salva a redacção, porque cito de memoria):

«Nós abaixo assignados, F. Ministro de... F. Ministro de... etc. (todo o Ministerio) declaramos se fôr necessario juraremos que a innocente Maria, cujo assento de baptismo a fol. a declara filha de paes incognitos, é filha de S. M. o Imperador; o que sabemos por declaração que nos fez o mesmo Augusto Senhor, accrescentando que na occasião tivera motivos para deixar fazer o assento daquella forma. (Data e assignaturas)».

Eu vi e li este triste documento.

É claro que perante as nossas leis a Duqueza de... continuou a ser bastarda, o que tem pouca importância: mas, como a vida dos que governão interessa á Historia, por isso registrei a tola declaração dos Ministros daquelle tempo: muito favor faço á sua memoria, não declinando os seus nomes.

A' vista de tantos desconchavos, a opposição liberal crescia todos os dias, e era opposição ao Imperador.

Não se pleiteava a subida de um partido ao poder: queria-se a queda de D. Pedro I e reforma da Constituição, tornando-a mais democratica.

Os liberaes mais illustrados, Vergueiro, Costa Carvalho, Vasconcellos, Honório Hermeto, Evaristo, etc., erão monarchistas: desejavão organizar o governo constitucional á Benjamin Constant; mas o grosso do partido era republicano.

Na madrugada de 7 de Abril, apenas constou a abdição do Imperador, tres dos principaes agitadores, Ezequiel Correa dos Santos, Antonio Borges da Fonseca e outro que não me occorre (<sup>1</sup>) forão á casa de Vergueiro, e dando-lhe a noticia perguntaram: — « A' quem agora devemos dar vivas? »

O sisudo Vergueiro passeou pela salla alguns minutos, silencioso; depois, parando em frente dos emissarios, disse em tom solemne: « Viva o Sr. D. Pedro II, Imperador Constitucional em menoridade. »

— Os senhores hão de arrepender-se, disseram os tres e não voltaram ao Campo. Garanto a authenticidade da occurrencia; mas não posso dizer si aquelles tres homens procederão espontaneamente ou si tinhão missão dos chefes da revolução. É certo, porém, que tendo ella sido promovida pelos mais exaltados democratras, os mo-

(<sup>1</sup>) Balbino J. da França Ribeiro: recordei-me depois.

derados monarchistas se apoderarão da situação e logo cuidarão nos meios de consolidar a monarchia.

No resto do anno houve diversos levantamentos de tropa, verdadeiros motins, anarchia resultante da insubordinação da soldadesca que ajudara os revolucionarios.

Em um unico desses movimentos me achei envolvido por algumas horas, e disso quero justificar-me. Eramos eu e o meu Epiphanio (ou antes elle e mais eu que me inspirava em suas idéas) eramos dos exaltados descontentes com a direcção dada á revolução; quizeramos a convocação immediata de uma constituinte para reformar a Constituição e decretar a monarchia federativa com autonomia das provincias; mas não eramos anarchistas.

Os motins militares, que se succederam de 12 a 15 de Julho, só no dia 14 á tarde pareceram assumir um character politico. Sem tel-o notado, nessa noite de 14, ainda alheio a tudo, e até pouco informado do que se passava, recolhi-me tranquillamente aos meus pobres lençóes e dormia um somno, como se dorme aos 20 annos, quando á 1 hora da madrugada me veio acordar o Epiphanio, arrastando um enorme sabre.

Disse-me que reunidos no Rocio alguns corpos para ir desarmar o da Policia, que se amotinára, havião fraternizado todos e marchado com o povo para o Campo, pedindo abolição da chibata, convocação da Constituinte e deportação dos contra-revolucionarios.

Estivemos no meio delles o resto da madrugada e para não travar lucta com alguns exaltados chegamos a assignar a representação pedindo deportação, que era um desproposito: mas logo de manhã, descontentes com o que observamos, nos retiramos calados.

Parece que alguns dos mais exaltados, tendo alliado a tropa, foram convidar o Epiphanio para pôr-se á frente do movimento, mas este não era serio, e por

falta de direcção foi desfeito facilmente pelo Governo da Regencia.

Quanto a mim, pouco a pouco me fui emballando com as promessas dos moderados, que a menoridade seria um ensaio de governo do paiz por si mesmo e nos conduziria sem abalo á democracia, e fiquei quieto, sem abandono de aspirações.

Reproduzindo-se na cidade desordens parciaes, organisou-se a Guarda Municipal provisoria, composta de voluntarios que rondavam ao mando dos Inspectores de quartirão: alistei-me e fiz algumas rondas como soldado. Deste serviço a unica recordação que me ficou é que achava enormemente pesada a espingarda reúna que me distribuíram, e tinha ás vezes terriveis accessos de somno.

Voltando á vida privada, fecho o anno de 1831, narando uma aventura trivial, unica de seu genero em minha vida, mas que teve consequencias de certo valor moral.

Occupava eu um 3º andar á rua do Fogo (dos Andradas, depois) e no 1º vivia uma moça de cerca de 30 annos com um filhinho de 3 a 4: ninguem a visitava. Não era belleza, não me inspirou amor; mas moça, vizinha, mui polida, encontrando-nos ás vezes, quando eu subia... suudações de vizinho, um aperto de mão, uma visita, desejo de mais intimas relações, nada mais natural.

Esta pobre mulher era infeliz, e as causas de sua perda, aliás frequentes, constituem lição moral.

Contou-me longamente sua vida com muitos commentarios, ás vezes adubados de lagrimas; mas a historia se reduzia a poucos factos, deploraveis e não raros. Era filha natural do Conselheiro.... de cuja casa sahira seduzida por um tal L., que tinha fundado boa fortuna



com traficancias de Administrador improbo, em uma repartição da Côrte. Teve da amasia um casal de filhos e abandonou-a ; a menina morrerá.

A pobre mulher quiz voltar a seu pae que não a recebeo, mas dava-lhe uma mesada para viver. Tal o seu estado quando a conheci. Não se tinha prostituido ; e encontrando-me no seu caminho, formou um plano que só mais tarde percebi ; pretendeo interessar-me a ponto de casar com ella e rehabilital-a, legitimando os filhos que tivéssemos. Si eu tivesse comprehendido isto em tempo, retirar-me-ia lealmente : não podendo acceital-a por minha mulher, não lhe deixaria um momento essa esperança. Persisti em tental-a : e de leviandade em leviandade, partindo para Minas em Novembro (com licença) deixei-a grávida de tres mezes de uma menina, de que hei de fallar depois. Não sabia, ao partir, da gravidez.

Era mulher de boa educação, mas de extremos : tinha tanto de meiga e delicada quando estava tranquilla, quanto de louca quando tinha ciumes, o que era frequente.

Passei em Minas o anno de 1832: ia com licença visitar a minha gente no Serro ; mas encontrando meu pae em Ouro Preto, metteo-me elle em cabeça tirar em concurso uma cadeira de geometria, recentemente alli creada. A intenção do meu velho, que só mais tarde percebi, era arredar-me do Rio de Janeiro, onde como revolucionario poderia comprometter-me : a mim sorriu a idéa de ter uma posição, e lisongeava-me o pensamento de mostrar que sabia mais Geometria do que os meus examinadores dous padres do Caraça.

Regi a cadeira por tres ou quatro mezes ; e ao mesmo tempo declamava nas palestras (só palestras) como exaltado, o que desagradou aos moderados que governavão a provincia. Por minha parte, comecei a vêr que lá não tinha

futuro, e pois, com satisfação, de ambas as partes, em vez de demittir-me de Guarda Marinha deixei a cadeira, e fui passar no Serro o resto do meu anno de licença. No fim do anno recolhi-me á Côrte, e prosegui em 1833 com os estudos da Academia Militar<sup>(1)</sup> que terminei em 1837.

Em 1833 e 1834 voltei a uma certa actividade politica, não de clubs secretos como antes de 7 de Abril, mas de agitação publica. Os moderados que se mostravão tibios quanto á reformas da Constituição, vendo erguer-se um partido que abertamente pleiteava a restauração de D. Pedro 1º assustados se fizerão um pouco mais democraticas, affagavão os exaltados e os chamavão em auxilio da situação. Ao lado da Sociedade *Defensora* do Evaristo, funcionava a *Federal*, de que era o Epiphanio presidente e eu 1º secretario: agitavamos o espirito publico em sessões muito concorridas, ás vezes bem tempestuosas.

Desta situação resultarão as reformas constitucionaes de 1834 com algumas concessões ao espirito democratico e á autonomia das provincias.

Pouco depois, a 24 de Setembro falleceo D. Pedro 1º (4º de Portugal) deixando sem objecto o partido restaurador. E os successos posteriores provarão que si aquella morte se houvesse antecipado alguns mezes, não teriamos o Acto Adicional, depois tão sophismado. Uniudo-se os restauradores aos moderados começaram logo a desenhar-se as feições da reacção que tres annos depois produziu o forte partido conservador.

Não acompanhando esta reacção e desilludido a respeito de varios homens publicos, que eu tinha por puros patriotas, e se ião manifestando ambiciosos vulgares, desanimei.

---

(1) Hoje Escola Polytechnica.

Ainda em 1835 e 1836, já com alguma tibieza, protestei e luctei, na Assembléa Provincial do Rio de Janeiro (fui eleito para a 1.<sup>a</sup> legislatura) contra a authorisação para admittir noviços nos conventos, contra a suppressão da electividade dos postos da G. N., contra outros passos de reacção. Mas o meu desgosto era profundo: em 1837 recusei comparecer e não pretendi a reeleição.

Desde 1836 até 1848 não fui homem politico, sinão passageiramente de 1842 a 1844, isto é, desde a Rebelião de Minas, até a amnistia, porque todos os meus amigos e parentes estavam comprometidos. Com esta excepção, vivi vida de estudante, sem ambições, e enquanto fui solteiro inteiramente descuidoso do futuro. A minha lição, a convivencia com os condiscipulos, entre os quaes era geralmente bemquisto, um passeio á tarde com o inseparavel Epiphanio (chamavão-nos a corda e a caçamba), ás vezes visita a alguma das poucas familias, com quem tinha relações, leituras de recreio, eis o que me enchia o tempo: nunca jogo, nunca prazeres ruidosos, nunca rapaziadas e orgias.

Tirei em concurso em 1834, a cadeira de substituto da A. de Marinha.

Os meios pecuniarios erão escassos, mas nunca passei verdadeiras necessidades. Mais de uma vez continuei com os sapatos rotos até chegar o dinheiro fresco do fim do mez, ou prolonguei a duração da sobre-casaca até que uma nova coubesse no meu orçamentinho: mas nunca deixei de pagar o mez da casa, nunca me faltou o meu feijão e consegui não pedir 5\$ emprestados a quem quer que fosse. Vivia satisfeito, apesar de algumas contrariedades: a saude era boa.

No periodo que estou acabando de percorrer desenlaçou-se de um modo triste o meu pequeno e vulgar romance com D. J. Chegando á Corte em Novembro de

1832, legitimei no assento de baptismo <sup>(1)</sup> a menina que ella dera á luz em Maio e eu tinha consciencia de ser minha filha: não declarei o nome da mãe. A' esta fiz saber, dourando a pillula o melhor que pude, que não reataria relações sexuaes: mas offerecia-lhe a minha amisade, que sendo acceita me facilitaria o cumprimento do meu dever para com a nossa filhinha; já de Ouro Preto tinha escripto neste sentido.

A pequena falleceu dous annos depois, em Novembro de 1834; e estes dous annos forão para mim um periodo de grandes amofinações: a pobre mulher não se resignou á situação: fazia-me todos os dias scenas de exprobações, de queixas, de altivez: «eu a tinha ido inquietar, ella cedera por amor, repellia a minha amisade, queria tudo ou nada». E sendo muito pobre, recusava qualquer auxilio da minha parte: somente recorria a mim, quando absolutamente não tinha o que comer, o que mais de uma vez aconteceu. Pela minha parte não cedi.

Morta a pequena, persisti em offerecer a minha amisade e os auxilios que pudesse prestar, e continuando a repulsa e as scenas, foram escasseiando as visitas e retirei-me. Morreo a infeliz alguns annos depois, dizendo-se sempre minha victima. Não tinha razão: eu commetti com ella o erro de começarmos a fundar uma familia sem legitimidade; mas o peccado foi commum e reciproco: não a illudi nem lhe fiz promessa que não cumprisse. O seu plano de dar-me uma porção de filhos e por elles chegar á rehabilitação casando commigo, tinha certo fundo de honestidade, mas evidentemente eu não devia prestar-me.

O muito que tinhão de mortificante as minhas relações com a mãe, concentrava mais e mais na filha a

---

<sup>(1)</sup> Na freguezia da Candelaria.

minha ternura paterna. Senti desde então e sinto que a paternidade é o que dá calor á minha vida : si eu não tivesse filhos, já teria morrido de misanthropia, ou talvez enlouquecido. A perda da minha Ermelinda deixou-me o coração terrivelmente vazio : chorei muito, lamentei-me com os amigos e desabafei a magua em versos, cuja composição me occupava e consolava.

Estas ultimas palavras, que quasi involuntariamente me foram sahindo da penna, motivão um reparo, que talvez terá seu tanto de ridiculo. Tendo eu feito versos em toda a minha mocidade, que terminou no prosaismo do casamento aos 26 annos, como é que estou terminando uma revista daquelle periodo *poetico*, sem ter dado noticia alguma das minhas *poesias*? E' que sou o primeiro a não fazer caso dellas, tanto que não as guardei em collecção e nenhuma imprimi. Talvez que nem me seja applicavel o preceito de Horacio.

*mediocribus esse poetis*

*Non homines, non dii, non concessere columnæ ;*

porque as minhas versalhadas hajão ficado abaixo da mediocridade. Entretanto, si guardasse todas as cousas que rimei e metrifiquei, poderia classifical-as em tres series.

1.<sup>a</sup> serie : avulsas. Composições com que *brilhei* entre muitas moças, em reuniões familiares : charadas, glosas, lettras variantes para modinhas, saudações e baptisados, anniversarios e casamentos. Destas *brilhaturas* não ha vestigio escripto, nem na minha memoria.

2.<sup>a</sup> serie : Os muitos versos, em que chorei com mais sinceridade do que estro poetico, a perda de minha filha. Desta serie conservo uma *Epistola* que me está causando umas tentações de transcripção, motivo porque estou escrevendo este periodo.

3.<sup>a</sup> serie: As adorações á minha noiva, nos dous annos e mais que se interpuzeram entre o primeiro encontro e o *recebo a vós*.

Esta serie não se perdeu: copiei tudo n'um caderninho, com a melhor calligraphia que pude e fiz presente á minha bella, que ainda o conserva, ha quasi 34 annos. Destes versos só direi que minha mulher os acha muito bonitos.

Agora, a tentação de que fallei: transcrevo ou não transcrevo a minha *Epistola* em oitavas! á Camões!...

Tinha chegado ha 7 ou 8 dias a este logar da minha Autobiographia e fiquei até hoje perplexo: transcrevo ou não?

Por um lado, bem sei que não sou poeta. Por outro lado, escrevi aquillo sob a pressão de uma dôr tão funda, tão verdadeira que o *facil indignatio versum* deve ter tido alguma influencia na composição.

Theophilo me disse: «de todos os teus versos é o melhorsinho». Ora vá lá: vejão a pagina seguinte.

Mas si ler isto alguém que seja juiz competente, faça-me um favor: pare no fim da 1.<sup>a</sup> oitava, e si abrir um sorriso de desdem ou mofa, não continue: salte as paginas *poeticas*, que deixo excluidas da numeração (<sup>1</sup>).

O sentimento, bem ou mal expressado na ultima oitava, era muito verdadeiro: resignei-me, mas perdurou a saudade.

Perdi depois outros filhos, uma da mesma idade, mais interessante, outra já com cinco annos: senti muito, talvez mais. mas a saudade da minha Ermelinda não ficou extincta.

Parecia-me ter o coração comprimido: preocupa-

---

(<sup>1</sup>) Em 1893. Si fôr publicado este livro, em nenhum caso se imprima a *Epistola*. Decididamente não sou poeta.

va-me uma necessidade vaga, mas imperiosa de amar e ser amado.

Tal era o estado do meu espirito quando em Abril de 1835 fui pela primeira vez visitar em sua fazenda a meu tio Joaquim Maia e conhecer sua familia. Fazia então 13 annos a filha mais velha, que logo amei e que me amou : dous annos e meio depois, foi minha mulher, e é hoje a mãe de meus quinze filhos, dos quaes sómente seis estão vivos.

Si dissesse que foi este o meu primeiro amor, não sei si diria a verdade. Em Ouro Preto, em 1832, gostei muito de uma moça de boa familia, mas estimei retirar-me : si lá ficasse a teria pedido em casamento. Aqui no Rio, em 1834, tive a outra vivissimas sympathias e della me ausentei estudadamente.

Não que eu fosse adverso ao casamento : mas muito pobre condemnava-me ao celibato por um dilemma a cujo rigor logico me escravizava. Si caso com moça pobre trago para casa a miseria ; si rica, hão de pensar que a procuro por causa do dinheiro. As duas noivas, de quem fugi, tinham alguma fortuna, e tambem outras duas, nesta Côrte, cujos paes parecerão desejar-me para genro.

E com prazer registro que todas quatro encontrarão soffriveis partidos : não lhes fiz falta.

Gostei muito de minha prima e ella de mim, mas o terrivel dilemma ainda algum tempo me acanhou, porque o pae tinha no municipio de Valença uma boa fazenda com cafesaes e cannaviaes. Mas, depois de algumas perplexidades, rendi-me e em Maio de 1837 lá fui pedir a moça.

Entre o ajuste e a realisação do casamento medeião seis mezes do céo aberto que costumão ser estes preludios : fiz muitos versos, que foram os ultimos.

Hesitações, enleios, mania poetica, vida de estudante e de solteiro, tudo isso terminou no dia 30 de Novembro de 1837.

1837—1848

VIDA DOMESTICA. — OS ESCRAVOS: CONFISSÃO EM TORTURAS. — RECURSOS PECUNIARIOS. — EPISODIO DO BEIJA-MÃO — REBELLÃO DE MINAS. — MEMORIAS SCIENTIFICAS. — OFFICIAL DE GABINETE. — MEU PERFIL MORAL.

Disse-me um dia o Visconde de Uruguay que o homem, emquanto não se casa, por muito merito que tivesse, não lhe parecia *homem completo*. Sou da mesma opinião: penso que o celibatario não desempenha a sua missão; que o casamento e a prolifcação são deveres para com a sociedade. O sabio, o verdadeiro Sacerdote, o Estadista, certos entes privilegiados, podem no celibato prestar grandes serviços á humanidade; mas são excepções.

E tenho notado, o homem que *não se completa*, que não tem que preoccupar-se com familia, com o futuro dos filhos, quasi sempre se torna sem prestimo, egoista, maxime na velhice: agora mesmo enumero mentalmente entre as minhas relações notaveis exemplos.

Assim pensando, logo que venci ou arredei a objecção da escassez dos meios pecuniarios, ou antes, quando um amor verdadeiro matou aquelles escrupulos, tornou-se-me o casamento uma necessidade; e quaesquer que fossem depois os transtornos da vida ou as sombras do quadro, nunca tive um instante de arrependimento.



Verdade é que não me julgo infeliz : as contrariedades têm sido passageiras ; e o typo geral da minha vida, no interior, tem sido — paz domestica — uma mulher dedicada sem tolos ciumes e cujo procedimento me honra as barbas — filhos que me respeitão e amão.

Não tenho razão de queixa.

Pequenas divergencias, como as ha em todos os casaes, tivemol-as nos primeiros annos ; mas erão apenas da parte da minha Dona algumas impaciencias, ou mau humor causado por perturbações de saude ; de minha parte a falta da prudencia e tino necessarios a um chefe de familia. Tudo isso desappareceo e já temos bastantes annos de harmonia perfeita, graças a Deos.

O ponto fraco, o senão, a sombra do quadro em minha tranquillidade domestica, era os escravos, a difficuldade de bem organizar o serviço. Eu não tinha captivos e no meu orçamentinho não cabia a verba — aluguel de criados — Ninguem mesmo, nesse tempo, pensava em criados livres. Dos escravos que minha mulher recebeo em dote trouxemos tres ; mas erão inhabeis, chucros ; e nós não tivemos habilidade para educal-os ; d'ahi mau serviço.

Reconheci depois que a minha Dona era em demazia exigente, o que dependia da sua educação de filha de fazendeiro. A theoria do roceiro é esta : pertence-me o trabalho do escravo, desde o raiar da aurora até o toque de recolher : neste tempo, toda a inercia, toda a ociosidade é um furto.

A Dona tinha a melhor vontade de bem organizar o serviço da casa : mas era uma criança de 15 annos — e eu com os meus 26 nada entendia do negocio, e achei-me completamente inhabil para o mister.

Demais, queria muito bem a minha mulher e irritava-me contra os escravos, sempre que ella se queixava

delles, o que era frequente : parecia-me que ella tinha sempre razão, e nem sempre a tinha.

Daqui resultavão tão repetidos castigos, que a lembrança desse estado de cousas, ainda hoje, tantos annos passados, me desgosta.

Pouco a pouco fomos reconhecendo o erro, e por uma reacção natural cahimos, principalmente eu, no extremo opposto : soffro da mazela mau serviço, desordens e muitas vezes finjo não as ter percebido, só para não fazer uma observação desagradavel ao Sr. Calixto, ao Sr. Daniel, a qualquer dos carapinhas que ahi temos.

E, facto notavel, somos menos mal servidos com esta relaxação, do que no tempo da severidade.

Este assumpto — rigores com os pobres negros — me traz á lembrança um facto occorrido na fazenda de meu sogro alguns annos depois do meu casamento, que me foi util lição. Como se vê, o caso não faz parte da minha autobiographia, mas é um episodio tão commovente e curioso, que não resisto ao desejo de contal-o com seus pormenores. A impressão que me causou foi profunda.

Recolhendo-nos, toda a familia, de uma excursão de alguns dias, faltou na ceva um capado e procedeu-se a interrogatorios, averiguações e varejos : não havia feitor, nem tinha ficado em casa pessoa livre. A busca descobriu um pouco de toucinho fresco, e não sei si tambem carne, na senzala de um negro, que ficou condemnado e teve de confessar o crime e denunciar os cumplices, debaixo de vergalho. O pobre começou por negar ; mas ardendo-lhe as costas, confessou e denunciou com taes pormenores, que removeo todas as duvidas.

Começou então uma tremenda trovoadade relho : mais de 20 escravos foram castigados, e todos afinal confessarão o crime. Deo-se pancada toda a tarde : era horrivel.

Incomodando-me esta scena, sahi a pé, metti-me por um caminho de matto-virgem, fui seguindo até o ponto em que nada ouvisse do que se passára em casa e lá fiquei até á noitinha, achando á minha volta felizmente restabelecido o silencio e a paz.

Não tinha eu tomado parte na averiguação : nunca me intromettia no governo da casa de meu sogro ; pelo que ouvi, pensei que o furto do capado estava bem averiguado : mas parecendo-me excessivo o castigo, eu soffria cruelmente com o espectaculo e fugi.

Mas a grande impressão, a impressão estupenda, que no fim de quasi 30 annos ainda me causa arrepios, foi ver, ao cabo de tres dias, vir entrando pelo terreiro, por seu pé, o capado que tinha faltado na ceva !...

Vinha magro, carnes flaccidas, como as de um obeso que promove emmagrecimento artificial, coberto de feridas, algumas cheias de bichos depositados pela mosca varejeira. O pobre animal, escapando-se do cercado, tinha sido perseguido pelos cães, e já, com algumas dentadas, se entranhára espavorido pelo matto, do qual sahio dias depois em deploravel estado. Era um phantasma que vinha confundir a *perspicacia* com que fôra averiguado o furto.

Não inflinjo censura ao meu sogro, que não era cruel com os escravos ; mas naquella occasião era já um velho adoentado, desgostoso da vida por transtornos que soffrera, muito inerte, quasi idiota. Seu filho Joaquim, moço de 18 ou 19 annos, era o homem da casa : foi quem averiguou, sentenciou e executou. Tinha braço robusto.

Tive alguma culpa da injustiça feita : tinha um certo ascendente sobre o meu cunhado ; e si o fosse ajudar na averiguação, talvez reconhecesse a inanidade das provas que o convencerão e poderia evitar a sevicia.

Em vez disso, só cuidei de poupar a minha sensibilidade egoistica, fugindo para o matto.

Aliás, isto de extorquir confissões á dôr physica é velho. Quantas não arrancou a tortura da Inquisição ?

Roma mettia em tormentos os escravos para revelar o que soubessem dos crimes processados ; mas exceptuarão, no tempo da Republica, as deposições contra os senhores, que não erão admittidas.

Leio em Tacito, que a Roma dos Cesares sophismou curiosamente esta lei : para que os escravos pudessem, em tormentos, depôr contra seus senhores, um official publico os comprava !

Na historia moderna não faltão absurdos semelhantes : em Minas a Administração dos diamantes, monopolio da Corôa, quando apprehendia um garimpeiro, açoitava-o até denunciar os seus cúmplices. Fosse faculdade dada pelo regulamento, que era draconiano, ou simplesmente uso, é certo que meu pae assistio a uma dessas execuções e atrocissima : o garimpeiro morreo dos açoitos, sem denunciar pessoa alguma. Era um forte character.

Com os escravos quasi todos procedião do mesmo modo, e alguns com os filhos. Eu vi um pae chamar o filho, rapaz de 14 ou 15 annos, e ir-lhe dando com um chicote e clamando — « ha de dizer porque apanha » : o pobre menino assombrado, louco, foi revelando as suas travessuras, nem uma das quaes merecia castigo tão severo. A' cada revelação dizia o carrancudo pae : « não é isso ; ha de confessar... » e mais chicote. Desatinado, lembra-se afinal o coitado, que ao sahir da missa de madrugada, se ausentára um pouco de junto do pae, que no adro da Igreja esperava a familia, e por elle fôra visto regressando. « Ah ! já confessa !... » mais relhadas. Suppoz o precipitado velho, que o menino em vez de ouvir missa fôra a algum passeio illicito, e enganava-se !

A scena do capado foi a ultima neste genero, de que tive noticia. Foi-me lição, que talvez não aproveitou tanto quanto devia ; mas em minha casa, nunca se disse, castigando um escravo : «ha de confessar, ha de denunciar!...» Ficarão outros corollarios do facto da escravidão : malditos sejam os que entre nós a introduzirão !

Volto aos meus apontamentos do primeiro decennio da vida de *homem completo*, isto é, casado.

Meus meios disponiveis, nos primeiros annos forão muito escassos, bem que minha mulher me trouxesse um dote que é a principal base da pequena fortuna que possuímos: era uma fazendinha de café, com 225.000 braças quadradas de boas terras ( $\frac{1}{10}$  de sesmaria), 14.000 pés de café e seis escravos. (1)

Dos escravos vierão tres para o nosso serviço. O cafezal, de tres ou quatro annos, pouco produzia ; só no 3º anno (1840) deu-me 1.204 arrobas.

A fazendinha não tinha edificações nem machinas e precisava de braços ; enquanto não pude comprar escravos, alugava aos domingos parte da escravatura de meu sogro, ao qual ficou subordinado o meu feitor. Assim desenvolvi lentamente o pequeno estabelecimento, sem emprego de crédito : tive sempre medo de ter credores. E si não os procurava para fins agricolas, menos para antecipar e consumir rendimentos futuros.

Resultou destas disposições que nos primeiros annos de casado vivi mui pobremente, gastando o meu soldo de 1º Tenente da Armada, ordenado de Substituto da Academia e producto de explicações em casa.

Com a morte de meu sogro, a fazendinha tomou nova face : meu cunhado Joaquim associou-se a mim,

---

(1) Vide nota B.

unindo o que lhe tocou em terras (75.000 braças quadradas) e alguns escravos, e foi administrar.

Dahi em diante o progresso foi notavel. A estes elementos de minha parca fortuna hei de voltar no capitulo seguinte, urgido por acontecimentos desse periodo, e para um fim moral que tenho muito em vista: depois o exporei.

Faziamos e recebiamos poucas visitas: quasi não iam a divertimentos. Até 1839 Jorge, quando desembarcava, fazia-nos companhia: nesse anno retirou-se doente para Minas e lá falleceu em 1841. Até o fim de 1841 Ernesto, estudante de Medicina, Theophilo. Deputado por Minas (nos mezes de sessão) erão commensaes.

No fim do anno casou-se Theophilo, formou-se o Ernesto e forão-se, ficando eu e a minha Dona cada vez mais isolados, e, infelizmente, sem filhos.

Tiveramos em 1838 uma menina (Rosalia) que poucos mezes viveu; a segunda (Elisa) nascida em 1843 morreo em 1845; um menino nascido por esse tempo (Jorge) morreo de hemorragia umbilical. Tres vezes no periodo que me occupa, ficamos sem filhos depois de os ter tido: o terceiro caso deu-se no fim do periodo, 1848.

Pertence ao anno de 1839 um facto a que dei talvez mais importancia do que elle merecia, e que por vezes depois me trouxe contrariedades: encontrei-me pela primeira vez com o Imperador e beijei-lhe a mão como geralmente se usava, com raras excepções, uma das quaes era o Deputado Theophilo Ottoni. Mas, cousa curiosa, provindo as contrariedades da differença entre o meu procedimento e o de meu irmão, entretanto, foi por conselho d'elle, que eu beijei a mão ao Imperador.

Nunca me tinha encontrado com S. M. L., e annunciando-se certo dia que no seguinte iria elle assistir ás lições, ao jantar, presentes Theophilo, Jorge e Ernesto

puz em discussão si eu devia sujeitar-me ao estylo. O primeiro opinou que sim, os outros, que não ; e eu segui o conselho da minoria. Era obscuro, não tinha nem desejava posição politica; official subalterno da Marinha ia achar-me entre velhos generaes, meus mestres, meus superiores, alguns devéras respeitaveis e que todos seguião o estylo do beija-mão ; singularisar-me, em tal situação, seria inflingir censura áquelles velhos, reputando indigno de mim o que elles praticavam : segui a turba. Não me arrependi : mas depois, quando me achei envolvido no movimento politico, toda a allusão á differença de procedimento dos irmãos Ottoni, humilhava-me terrivelmente ; quasi me reputava no papel de corteção e adulator, cousas que eu nem saberia ser, si o quizesse.

Acabarei com o episodio do beija-mão, antecipando sobre os seguintes periodos de minha vida.

Em 1860 tive contra Theophilo uma queixa que não externei si não na intimidade, mas que era muito fundada. Occupava-me na direcção da estrada de ferro D. Pedro 2º e tinha sahido da Côrte por alguns dias, quando um enfezado inimigo pessoal, crendo ou fingindo crer que eu me sujeitava ao beija-mão só depois que exercia o emprego, atirou-me pela Imprensa este grosseiro insulto. Estando eu ausente, Theophilo a cuja posição politica muito convinha então um manifesto sobre o beija-mão, tomou para si a censura (censura quanto á abstenção), dizendo que o artiguista se equivocára : e firmou a sua bandeira, terminando com a declaração de que S. M. I. não podia levar a mal *ver diante de si um homem em pé*.

Phrase que fez magnifico effeito e é em verdade bella em seu energico laconismo.

Mas isto tudo importava em provocar a confrontação entre o seu e o meu procedimento : si elle só

estava em pé, considerava os outros de joelhos. Mas para que vir dizel-o quando a questão era commigo, a minha ausencia era curta, e não havia a menor necessidade de responder por mim? Talvez no açodamento em que armou a popularidade, não vio que me desconsiderava. Queixei-me a elle proprio e procurei esquecer.

Escrevendo a biographia delle, depois de morto (17 de Outubro de 1869); muito hesitei si devia tocar no incidente do beija-mão; tinha em si pouco valor e avivava em meu animo a queixinha exposta; por isso o supprimi.

Publicada a biographia, fui interpellado acerca da omissão no *Jornal do Commercio* de 22 de Janeiro deste anno, por uma penna sisuda, cuja intenção me pareceo suspeita (nisto enganava-me) e depois de alguma hesitação, resolvi supprir a lacuna e a fiz nos seguintes termos (*V. Jornal do Com.* de 26 de Janeiro);

### « O beija-mão

« Pretendia não responder a um artigo anonymo, que « *dizendo-se escripto em Itajubá* interpellou-me ante-hontem « acerca do objecto da epigraphe supra.

« Mas ouço que a interpellação tem encontrado em palestras certo éco e commentarios mais ou menos *cari-dosos*. E não desejando ser julgado peor, *nem melhor* do que sou, resolvi explicar-me.

« Omitti o ponto em questão na biographia do Senador Ottoni; e o correspondente *que se diz Mineiro*, contesta-me o direito da omissão.

« Foi ella sem duvida voluntaria: acreditei que não prejudicava a memoria de meu irmão, mas visto que o *piadoso* correspondente teme que o facto se preste a inter-



pretações desairosas a meu character (Deos lhe pague) pretendo convencel-o de que na biographia não tratei do beija-mão, *unicamente porque não quiz.*

« Minha opinião a respeito desta formalidade anachronica coincide com a de T. Ottoni neste ponto que é o essencial :

« *O estylo é reprehensivel e deve ser abolido.*

« A regencia e o regente Feijó o extinguirão depois da revolução de 1831 ; mas o segundo regente o restabeleceu, praticando um acto que eu não conheço palavras capazes de qualificar devidamente. Encontrando o Imperador em logar de grande concurrencia e publicidade, prostrou em terra ambos os joelhos e beijou-lhe a mão !

« O regente do Imperio !

« Mas em seguida todos os homens que tinham posições officiaes, ou para não condemnar o acto do chefe do poder executivo, ou temendo que a differença de procedimento parecesse descortezia para com o monarcha, ou por outros motivos, adoptaram o estylo, que pouco a pouco generalisou-se.

« Nenhum homem de sentimentos nobres, comtudo, deixou de condemnar o acto do regente ; e esta opinião é tão geral que em verdade causa espanto não tenha ainda um ministerio aconselhado a S. M. I. que se recuse ao beija-mão.

« Fazes o que censuras, dir-se-me-á talvez ; e é verdade : entretanto, formulando a censura, não fico na posição daquelles que *sómente em particular e em escriptos anonymos* condemnão o que em publico approvão e practição.

« Voltarei a esta face pessoal da questão : mas antes, visto que tomei nota da critica, supprerei a lacuna da biographia.

« O Senador Ottoni explicou-se sobre o beija-mão nestes termos :

« Para avaliar com criterio um facto qualquer diz a « boa hermeneutica que se devem considerar attentamente: « o tempo e as circumstancias sob os quaes occorreu.

« *Judicis officium est, ut res, ita tempora rerum querere* « *quæsito tempore, tutus eris.*

« O restabelecimento do beija-mão em 1837 desenhava « as feições de uma politica nova no paiz, e que nunca « foi minha.

« Sobre este objecto disse o Dr. Justiniano Rocha a « pag. 32 de um interessante pamphleto publicado em « 1856 com o titulo — Acção, reacção, transacção, *verbis* « *ibi* :

« *Appellamos para a recordação dos que então viviam e* « *se achavam na capital do Imperio. Elles que digam que* « *sensação immensa produzio na cidade, de exaltação em uns,* « *de indignação em outros, de surpresa em todos, quando se* « *soube que na festividade da Cruz, á porta da Igreja, diante* « *de numerosissimo concurso, havia-se o regente inclinado e* « *beijado a mão do Imperador.»*

.....

« Na sessão de 10 de Maio de 1838, impugnando as « tendencias retrogradadas do ministerio de 19 de Setembro « de 1837 citei, por exemplo, o restabelecimento do beija- « mão que estivera em desuso durante todo o tempo da « menoridade, e que me parecia, como ainda hoje me « parece, um uso oriental improprio do cidadão de um « paiz livre.

« As poucas palavras que eu disse nesse sentido « forão abafadas pelos gritos de ordem e pelos insultos « da policia ou do partido ministerial que preponderava « nas galerias. Repelli com energia tão indecorosa mani-

« festação, e, offendido em meus brios e dignidade, julguei  
« que devia dar prova da sinceridade das minhas opiniões  
« não me sujeitando jámais ao uso que uma vez e tão  
« solemnemente condemnára. » (1)

« Voltarei a mim, que prezo a solidariedade de opiniões e aceito a de responsabilidade com o illustre morto.

« Achei-me em presença de S. M. Imperial, pela primeira vez em 1839, a bordo da não *Academica*, onde, militar e professor, occupado exclusivamente com a minha profissão e sem me ter pronunciado sobre o beija-mão, o vi praticado por todos os meus collegas e camaradas, por meus mestres, por meus superiores ; acompanhei-os, crendo que em tal situação um procedimento singular infligiria censura a mais de uma cabeça branca, que eu estava no habito de respeitar e que o merecião.

« Julguem e confrontem sem esquecer o

..... *ut res, ita tempora rerum*  
*Quærere.*

« Repito que não quero ser julgado peor, *nem melhor* do que sou.

« Vá ainda sem subscripto. Meu procedimento até hoje tem provado, e o de hoje em diante continuará a provar, que não é a mim que cabe a pecha de, segundo disse o velho *Mercantil*, *preparar nas festividades da idolatria asylo para o ocio da velhice.*

C. B. OTTONI.

Rio, 25 de Janeiro de 1870. »

---

(1) A transcrição é da circular pamphleto de 1860, ou do artigo a que me referi a pag. 64 : hesito.

Resultou do incidente maior repugnancia, e penso no meio de libertar-me de tal pratica, sem fazer o papel de arrependido ou despeitado. Não descobrindo a incognita do problema, limito-me a evitar o Imperador: ha já oito mezes que me vi obrigado a explicar-me sobre o beija-mão e não mais me encontrei com S. M. I. Estimarei conservar-me longe de tão poderoso Senhor. <sup>(1)</sup>

Em 1842, por causa das rebeliões de Minas e S. Paulo, estive preso a maior parte do anno. O Governo conhecendo minhas opiniões e minha intimidade com Theophilo julgou-me compromettido nos movimentos politicos de Minas. Enganava-se: eu persistia em concentrar-me na vida privada; mas desdenhei justificar-me.

Em 1843, tendo cahido os rebeldes, e estando perseguidos meu pae, meus irmãos, meus amigos, agitei-me, auxiliei quanto pude a reacção em favor dos vencidos, quer escrevendo para a imprensa, quer prestando informações a alguns Deputados e Senadores que querião protestar contra os abusos da victoria, que em verdade forão clamorosos. Trabalhei até á amnistia de 1844, e de novo me recolhi á minha obscuridade.

A minha prisão, para a qual procurarão pretexto em um excesso de licença de poucos dias, aliás justificado devidamente, causou-me grande irritação contra o Ministro da Marinha, Marquez de Paranaguá, o mesmo casmurro que em 1830 me privára de ir estudar direito em S. Paulo. Por isso houve quem attribuisse a sentimento de vingança um *Juizo critico* que sobre a Geometria delle publiquei em 1845 e que, modestia a parte, matou o livro. Não duvido que fosse a vingança um dos meus motivos: mas não foi o unico nem o principal. Escrevi conscienciosamente o que pensava do tal compendio que

---

(1) Só deixei de evital-o depois de abolido o beija mão, em 1872.

em verdade tinha pouco merito e fora imposto á Academia, onde em 1844 fui empossado na cadeira do primeiro anno. Este *Juizo Critico* foi a minha primeira publicação scientifica: existe um exemplar em uma das minhas gavetas, com outras publicações.

Dei ao prélo em 1846 segunda memoria scientifica— *Theoria das maquinas de vapor* — escripta por encommenda do Ministro Hollanda Cavalcanti, depois Visconde de Albuquerque, e adoptada para o ensino. Eu nada sabia do assumpto, nem tinha visto uma maquina de vapor em acção: mas, aceitando a encommenda, estudei, cingindo-me, principalmente, á obra de Tredgold.

Este opusculo hoje não tem valor algum: para não vexar-me de o ter composto, preciso recordar a epocha— 1846 - quasi a infancia das maquinas modernas.

No mesmo anno, 1846, fui chamado por Hollanda Cavalcanti, Ministro da Marinha e da Fazenda, para auxiliar-o no gabinete, e conservei a posição em 1847 e primeiros mezes de 1848 com o Ministro da Fazenda Alves Branco, Visconde de Caravellas, e o seu successor.

Não tinha eu ingerencia alguma na politica; minha missão era de estudo administrativo: examinava os negocios que o Ministro tinha de resolver, relatava o pro e o contra, emittia o meu parecer e submettia tudo á decisão, ou verbalmente, ou deixando na pasta relatorio escripto.

Estes dous annos de gabinete ministerial derão-me boa reputação, e a alguns respeitos tenho consciencia de que a merecia. Fui muito assiduo no trabalho; muito liso e honesto no procedimento; e os Ministros que auxiliei, bem como outros depois, fizeram menção honrosa de meus *estudos administrativos*.

Ora, ahi está um grande louvor em bocca propria, que não quadra a um homem que se tem na conta de

modesto; mas lendo-o e relendo-o, nada suprimo: escrevi sinceramente o que penso.

O apreço em que Hollanda tinha a minha coadjuvação, o bem que de mim dizia nas rodas politicas, concorreo, *juvante Theophilo*, para a inclusão do meu nome na lista dos deputados liberaes de Minas em 1848, o que inaugura nova phase em minha vida, objecto do seguinte capitulo.

Terminarei este dizendo *sine ira aut studio* o que penso do então deputado eleito, e lançando um olhar no horizonte da minha vida privada, então escuro e triste.

De minha imperfeita instrucção faz idéa clara quem me tiver lido até esta pagina.

Soffro de hesitações, de falta de iniciativa, de nimia desconfiança.

Tremi sempre de assumir responsabilidade por outros: a minha, sempre a desejei bem definida e limitada, e essa, a desempenhei bem ou mal, mas muito conscienciosamente.

Tenho no character alguma altivez; nunca me curvei sinão diante do merito bem reconhecido; nunca dei um passo nem uma palavra como deputado, com vistas em interesse pessoal.

Infatigavel no trabalho, aborreço a ociosidade.

Reconheço que me faltam absolutamente qualidades essenciaes ao commando: por isso tive sempre horror á idéa de ser Ministro. (1)

Tenho em alto gráo, disso me gabo, a *consciencia do dever*.

A vida domestica neste periodo só teve de notavel a dolorosa perda de meus filhinhos. Tinhamos melhorado muito de recursos pecuniarios; estavamos abrigados da

---

(1) Vide nota C.

necessidade, mas viviamos com economia para acautelar o futuro; a harmonia entre marido e mulher era completa; a infelicidade, mas essa muito pungente, era a morte dos filhos.

Tinham sido cinco, sem contar dous maus successos; e em 1847 só existia um pequeno tão cachetico que não dava esperanças de ser criado; falleceu em 1848.

Rosalia, a 1.<sup>a</sup> Elisa e o 2.<sup>o</sup> Jorge, cada um dos tres era só, quando o perdemos; e não creio possa haver dor maior, que a de ver morrer o filho unico; fica-se annihilado, embrutecido, sem animação para cousa alguma. Na terceira vez que tal me aconteceu até me parece hoje que eu começára a ficar máo homem, grosseiro com minha mulher, quasi estúpido.

Sem filhos em 1848, onze annos depois do meu casamento, sem esperança de tel-os, sentindo que me erão uma necessidade do coração na vida retirada que vivia, desgostoso e misantropo; as lutas politicas em que me lançou a eleição para deputado, foi-me utilissima distracção. Vou a esse periodo de minha vida.

## VI

### 1848—1855

SITUAÇÃO POLITICA EM 1848: RETROSPECTO.—O GOVERNO  
PESSOAL — MEU PAPEL NA CAMARA : CONVITES PARA  
MINISTRO. — MEUS LIVROS E ESTUDOS. — VIDA PRI-  
VADA.

Desejando registrar e *criticar* o papel que representei na Camara dos Deputados em 1848, começarei por dar uma idéa do estado da questão politica nessa epocha : farei um ligeiro retrospecto, referindo-me somente á minha memoria.

Como já notei, os vencedores de 1831 se tinham dividido em moderados ou monarchistas, e exaltados ou democratas ; os primeiros conseguirão apoderar-se do governo e dominar a sociedade do tempo.

Em 1834, como observei á pag. 50 os moderados fizeram-se um pouco mais liberaes do que erão por convicção, para attrahir a alliança dos exaltados contra a então projectada restauração de D. Pedro I.

Contra essa conspiração ligarão-se todos : uns vião com olhos de patriotismo sincero, que a volta do homem seria uma calamidade publica ; outros temião simplesmente ser apeados do governo, talvez alguns erão *cuidosos de futuro castigo*.

Morto D. Pedro I tudo aqui começou a barulhar-se, e a reacção contra as conquistas liberaes recrutou logo



bons contingentes : 1.º toda a gente da restauração que perdera o objecto ; 2.º todos os corcundas que se tinham unido aos moderados e não subirão postos ; 3.º todos os descontentes por qualquer motivo.

Esta reacção foi ganhando terreno e produziu forte partido conservador, que subio ao poder em 1837 com o 2º Regente P. de Araujo Lima, e que com algumas modificações tem vivido até hoje e actualmente governa.

Cumprê observar que os governos da menoridade até a queda de Feijó erão, em geral, governos honestos e patriotas. Monarchistas, os ministros d'então não se descuidavão de consolidar a instituição monarchica : mas, constitucionaes sinceros, governavão por si, tinham o menino imperador *procul a negotiis* ; cercavão-n'o de prestigio mas não de adulação e baixezas ; e tratavão seriamente de o fazer instruir e educar, continuando n'isto o programma do pae — *sejamos, eu e o mano Miguel os ultimos malcreados da familia de Bragança*. Disse-se depois, não o affirmo eu, que Frei Pedro, Bispo de Chrysopolis, seu professor de mathematicas, lhe inspirou um codigo de maximas politicas á Machiavel. Si foi isso verdade, não estava na intenção de quem o nomeou mestre do Imperador : o frade só era conhecido por duas qualidades — rezar muito e saber muito calculo differencial e integral.

Com a elevação de Pedro de Araujo Lima, depois Marquez de Olinda, inaugurou-se nova politica, delle 2.º Regente, a quem aliás não faltarião adhesões. O simbolo visivel do novo espirito foi o acto aviltante do Regente, pondo em terra os dous joelhos, á porta da Igreja da Cruz dos Militares, perante grande e solemne concurso de pessoas de todas as classes, para restabelecer o beijamão, abolido desde 1831.

O programma occulto do ambicioso era endeosar o

Imperador, curvar-se a todos os seus caprichos, para conservar indefinidamente as lantejoulas do poder. Toda a vida posterior do Marquez foi pautada por esta aspiração.

Não sou injusto com este funesto homem, o mais funesto de todos á politica do Brazil : em prova narrarei um episodio de sua incipiente vida politica em 1824.

Causou sempre surpresa um Decreto que nesse anno promulgou D. Pedro I demittindo-o de Ministro do Imperio e motivando assim o acto : « Attendendo ao que me representou, allegando falta de aptidão intellectual para o cargo.» Não sei que alguém tenha dado na Imprensa explicação deste exquisito Decreto : mas eu a conheço por tradicção dos antigos Conselheiros d'Estado, entre elles o Marquez de Baependy, cujo filho, Conde do mesmo titulo, e pessoa mui sisuda, mais de uma vez a tem exposto em conversação.

Reunido o Conselho d'Estado, disse o Imperador que o Araujo Lima queria por força deixar o ministerio, mas que só allegava razões futeis, e recusadas ellas, insistia; que não o podia entender. -- Exija V. M. I., suggerio um dos Conselheiros, que elle declare por escripto os motivos. Foi acceito o conselho, e o homem não tendo motivos reaes allegou incapacidade ; era, pelo contrario, muito intelligente.

Agora, o porque embirrava em sahir, a epocha e o seu character explicão perfeitamente. Campeava então a Confederação do Equador, dominando algumas provincias do Norte, e conspirava-se no mesmo sentido nesta Côrte, na Bahia em diversos pontos. Ganhassem os revolucionarios uma batalha, e estava em terra a monarchia : o exito era muito duvidoso. Ora, o meu Araujo Lima queria achar-se com os vencedores, realeza ou republica : não podia comprometter-se na crise.

O partido conservador era numeroso em 1837, quando subio com o 2.<sup>o</sup> Regente; mas não poudo organizar-se e affirmar na legislação as suas tendencias, senão depois que eliminou de sua direcção aquelle typo de duplicidade e feio egoismo, e inspirou-se nas idéas dos Uruguay, Euzebio, Paraná, Itaborahy, etc., e mais tarde Cotegipe, Rio Branco, João Alfredo e outros. A fortissima organização deste partido data de 1841.

Em 1840, os liberaes em minoria no parlamento, conquistarão o poder conspirando com o Imperador menino para a antecipação inconstitucional da Maioridade: forão assim os fundadores do governo pessoal e da omnipotencia do Monarcha. Em verdade, um menino de 14 annos, recebendo em segredo os emissarios de homens da estatura politica de Limpo de Abreo, Andradas, Hollanda, Jequitinhonha, Theophilo Ottoni etc., chamado por elles como um salvador para derribar o governo legal, por força considerou-se um genio: e não faltarão ministros que o confirmassem na presumpção.

O partido conservador contribuiu para o mesmo fim, quer alguns individualmente curvando-se aos caprichos imperiaes, quer o partido collectivamente dando ao poder uma força incontestavel que avassalou o parlamento. Com as leis que promulgarão todo e qualquer ministerio podia dissolver a Camara e tinha a certeza de fazer eleger outra que unanimemente o apoiasse. E como o Imperador nomêa os ministros, foi para elle a omnipotencia organizada, não para o partido que a organisou.

O imperial e imperioso moço, em 1841 despedio caprichosamente os ministros da maioridade e chamou os conservadores, os quaes com igual capricho abateo em 1844, chamando ministros que alliciasssem os liberaes então proscriptos. Acreditou talvez que os conservadores,

tendo vencido as rebeliões de Minas e S. Paulo (1842), estavam por demais poderosos; e S. M. I. que não é cruel, para não ter de abater cabeças de papoulas, gosta de impedir que ellas cresçam. A ninguem permite S. M. que se erga em influencia acima de certo nivel.

O programma de Alves Branco, em 1844, exprime bem aquella idéa: era, disse o presidente do Conselho, *parcere subjectis et debellare superbos*. Com effeito nessa occasião o Deos de S. Christovão *deposuit potentes de sede, et exaltavit humiles*.

Durou de 1844 até 1848 uma situação que se disse liberal, mas em que o Imperador *reinou, governou e administrou*, como recentemente disse no Senado o Visconde de Itaborahy. Os partidos luctavão, olhos fitos em S. Christovão, a espera de um aceno que lhe entregasse as pastas.

Em principio de 1848, estando eleita uma Camara, em grande maioria liberal, o Imperador parece que a temeu e começou a fazer negaças á situação com ministerios hybridos que proclamavão — moderação, justiça e tolerancia etc., tendencia que oscillou um pouco com a proclamação da Republica em França e no fim do anno firmou-se chamando ao poder os conservadores.

Tal era, si bem a apreciei, a direcção da nossa politica, quando pela 1.<sup>a</sup> vez tomei assento na Camara, Maio de 1848.

Para uma das mistificações houve idéa de alliciar-me, ou logo depois ou ainda antes de 3 de Maio, não me lembro bem.

Limpo de Abreu chamado para o ministerio, e indo apresentar-se ao Imperador em Petropolis, ao embarcar disse a Theophilo: «previna seu irmão, que eu não aceito pasta sem tel-o por collega.» Mas voltando Ministro não fallou mais em tal e pouco depois offerecerão-me o logar de Inspector Geral do Thesouro. Parece que o Impe-

rador não me julgou apto para Ministro, no que tinha razão ; mas o que foi tolice foi julgarem-me despeitado e quererem engambellar-me com o emprego do Thesouro, que recusei.

Sinceramente eu não me julgava preparado para altos cargos politicos ou administrativos. Com excepção da minha especialidade, mathematicas elementares, eu era e me reconhecia muito ignorante : por defeito de educação, e depois por incuria e falta de iniciativa, deixei de adquirir instrucção solida.

A tribuna me intimidava tanto, que estava resolvido a ser deputado mudo, proposito de que a custo me demoveo o Theophilo. E nunca esquecerei a principal razão que me allegou : dizendo eu que me sentia pequenino perante as intelligencias superiores, com quem ia concorrer, accudio : « *Ahi está o teu engano ! que estás dizendo ? as intelligencias superiores somos nós mesmo.....* » Assim informado que eu era uma dellas resolvi estreiar na tribuna.

Os conservadores estavam representados, mas os liberaes tinham grande maioria. Eu tinha sido eleito por Minas, em chapa do partido e escrutinio de lista ; e pois me julgava no dever de acompanhar a deputação mineira. Luctava partido contra partido, e nem um dos dous repellia a omnipotencia imperial : a opposição suspirava sempre por um capricho do rei, que mudasse a situação. O thema principal dos debates era as franquezas provinciaes e a compressão organizada pela lei de 3 de Dezembro de 1841.

Neste terreno luctei, luctei muito, tornei-me tagarella e fundei certa reputação de argumentador ; mais depois, reflectindo sobre aquelles debates, eu mesmo os julguei estereis e mesquinha a minha declamação. Discorredor logico, eu o fui certamente : domina-me o espirito geo-

metrico, mas faltava-me a base de conhecimentos solidos sobre os assumptos debatidos. Si eu formasse outro conceito do meu tirocinio parlamentar, iria procurar os annaes de 1848 para copiar aqui algum trecho de discurso ou expôr alguma das questões que tratei, mas a impressão que conservo daquella epocha diz-me que não val a pena tal busca. Recebi cumprimentos que então muito me linsongearão ; mas fiquei, como a maior parte dos audazes, abaixo da reputação.

Entretanto, parece que a gente do governo avaliou-me como parlamentar em mais do que eu me estimo, porque pouco depois o Visconde de Macahé offereceu-me a pasta da Marinha.

Grande foi o meu embaraço ; tinha um medo horrivel da responsabilidade e julgava-me sem a illustração necessaria ; mas os liberaes de Minas exigião que eu acceitasse.

Encontrei o meio termo na idéa de pôr condições á acceitação. Não podia servir com Manoel Felizardo, nome muito antipathico aos meus amigos.

O Conselho d'Estado era embaraço a toda a politica liberal ; pedi a nomeação de Vergueiro, Limpo de Abreu e algum outro do partido, dispensando do exercicio outros tantos conservadores.

A escolha de Paulino, depois Visconde de Uruguay, para Senador (estava em 2 listas triplices) deveria ser considerada como expressão de falta de confiança da Coroa no Ministerio. Motivei estas condições e talvez outras em uma carta ao Visconde de Macahé, cuja minuta não possuo : estava com muitos outros manuscriptos em uma pasta que em 1866 me foi furtada da bagagem, na mudança que fiz do Rodeio para a Côrte.

As minhas condições arredarão-me do ministerio, o que muito estimei.

Continuando na lucta, em Junho fui de novo convidado pelo velho Paula e Souza, que deixando as mistificações do principio do anno, organisou um ministerio liberal genuino.

A' Paula e Souza, velho respeitavel, grande illustração, verdadeiro liberal, eu não me atrevia a pôr condições; na conferencia que tivemos em seu gabinete, acabava de pôr-me á sua disposição, quando interveio Theophilo com ponderações que tudo desfizerão, sendo convidado para a pasta o Antão, que acabava de deixal-a.

O caso é que, emquanto eu acudia ao chamado de Paula e Souza, os collegas de Minas em palestra na ante-sala da Camara murmuravão, fazendo côro com o conego Marinho, que julgava Minas melhor representada no Gabinete por seu compadre Antão, do que por mim. Ouvindo-os, Theophilo partio a correr, em um tilbury, para evitar que eu acceitasse a intrigada pasta. Fiquei tão satisfeito, que nem um dos deputados soube estivesse eu informado da occorrença.

O ministerio Paula e Souza, como se sabe, pouco durou, e teve de entregar o poder aos conservadores. No interim, a lucta na Camara continuou no mesmo tom: ninguem atacava directamente o governo pessoal e eu fazia como os outros. Mas não cortejava o Imperador, nem o procurava, sinão em desempenho de dever official. Um incidente parlamentar occorrido por esse tempo demonstra o meu espirito de isenção. Referiram-se na Camara actos de descortezia praticados em S. Christovão pelo Dr. Jobim, Medico do Paço, contra os Ministros: illogicamente se queixarão de Jobim, não do Amo. Tomei a defeza do Doutor. « Não acreditava procedesse elle como « se dizia: si pudesse crel-o, não o censuraria, mas pediria « aos meus amigos Ministros conta da dignidade do Poder « Executivo. » Os ministros presentes, silenciosos, fitarão

as vistas nos bicos das botinas. O incidente deve constar dos Annaes da Camara.

Com a quéda de Paula e Souza, ascenção dos conservadores, dissolução da Camara, revolta de Pernambuco, repressões exaggeradas, a minha fama politica passou a ser de Imprensa e achei-me collaborador do *Correio Mercantil* dirigido por Paranhos que por algum tempo depois da mudança de situação continuou a ser liberal.

Na Imprensa, tenho consciencia de que não representava mal o meu papel: escolhia os assumptos, e pois possuia-me delles; demais sempre demonstro melhor escrevendo do que fallando. O *Mercantil* prestou muito bons serviços e eu não entibiei, sinão depois da amnistia de Pernambuco, quando a repressão moderou-se e começaram os primeiros symptomas da celebre *conciliação*.

A *conciliação* foi o meio de ir abatendo o partido conservador, como a *justiça e tolerancia* tinha sido em 1848 agua na fervura dos liberaes; mas cessando as violencias e esfriando a lucta, foi-se apagando o meu entusiasmo, e de todo me retirei da politica, para a qual em verdade tenho pouco geito.

Na vida privada, avultava ainda no principio de 1851 o máo estar de que fallei ao terminar o cap. anterior (Pag. 71). Sem filhos, o mundo nada valia a meus olhos. Nas maiores agitações da vida, posteriormente, cada dia de lucta ou de desgosto se me apagava do pensamento, ou achava grande lenitivo, recolhendo-me ao seio da familia, e cercando-me dos meus pequenos. Mal de mim, sem este lenitivo.

No decurso do anno (1851) começou nova éra: a observação que fui fazendo, que o meu Christiano, nascido em Maio, era robusto e se desenvolvia bem, foi-me verdadeira aurora de dia feliz. Nada poupei de meios hygienicos para fortifical-o, e é hoje um rapagão de quasi 20



annos, estudando na Belgica. Tive por este tempo outro elemento de felicidade a que dei importancia, talvez exaggerada : *fui morar em casa propria por mim construida.*

Era aspiração que eu affagava desde menino, e que muito antes seria satisfeita, si eu quizesse empregar crédito : preferi esperar que a fazendinha produzisse ; e empregados os rendimentos dos primeiros annos em montal-a e comprar escravos, afinal cuidei de formar peculio para satisfacção d'aquelle intenso desejo ; e a 31 de Agosto de 1852 dormi a 1.<sup>a</sup> noite na casa da rua da Bella Vista n.<sup>o</sup> 49 (1), construida em terreno por mim comprado, e cuja chacara foi, em grande parte, plantada pelas minhas mãos.

Comecei então uma existencia completamente feliz, e a minha tranquillidade não era perturbada pela minima saudade da posição politica, que occupava passageiramente..

Meu filho, com mais de um anno de idade, andava e fallava com desembaraço, era sadio e vivo.

Tinhamos recursos, e seguro o pão da velhice e a educação dos filhos, cujo numero foi logo augmentando. Minha mulher me parecia mais moça e mais bella : creio que nos amavamos como na lua de mel.

A 31 de Agosto de 1852, installando-a em nossa assejada casinha, o meu coração expandiu-se, pouco mais ou menos, como o de Jupiter em face de Venus, na situação de que dizia o velho Camões :

» De modo que d'alli, si só se achara,  
outro novo Cupido se gerára. »

Em verdade fiquei convencido que dessa alegria proveio a minha Virginia, que hoje com quasi 18 annos,

---

(1) Depois de 57.

e agora mesmo ao escrever estas linhas, estou ouvindo executar ao piano uma musica de Norma.

A paz domestica, o bem estar privado bastavão-me ao coração : mas cuidava tambem seriamente de meus deveres officiaes. Regendo a minha cadeira do 1º anno da Academia de Marinha, ambicionei fundar alguma reputação scientifica.

Ensinava-se pelos livros do velho Bezout, notaveis no seu tempo, mas ora imprestaveis, em vista dos progressos da sciencia.

De tudo o que eu conhecia da bibliographia mathematica, o que mais me satisfazia era a Arithmetica e Algebra de Bourdon, e a Geometria de Vincent : erão as tres materias que eu ensinava.

Compilando-os e modificando a exposição e os methodos no sentido de minhas observações no tirocinio do magisterio, emprehendi escrever novos compendios para o meu 1º anno, e n'elles trabalhei desde 1849 até 1853 ou 1854.

Prestei, sem duvida alguma, bom serviço ao ensino das mathematicas elementares ; mas não me ficou orgulho de Autor : já disse que compilei Bourdon e Vincent. Entretanto, não exaggeremos a modestia : quem confrontar a compilação com os escriptores compilados ha de encontrar algumas differenças de exposição e methodo, que me parecem melhoramentos. Exemplo, a theoria dos triangulos, §§ 54 a 61 da Geom., 21 a 36 da Trigonometria ( 3ª edição). Eu era entusiasta dos autores a que me acostei ; e de Vincent era e sou profundo admirador. Aquella abundancia na deducção de cada theoria, aquella lucidez logica me causarão estremecimentos de prazer.

Formulando os novos compendios, estava eu longe da idéa de colher d'elles vantagens pecuniarias : assignalo este ponto por um sentimento que as almas nobres hão

de comprehender. Não cria mesmo que a extracção chegasse a dar-me lucros, como deo : por isso, nada quiz despender com a publicação dos primeiros mil exemplares ( só da Arithmetica ) e acceitei para isso a proposta da Casa Laemmert, que se appropriou da maior parte dos lucros da edição : pagou-se da impressão pela venda, e do resto deo-me metade do producto liquido. As edições seguintes derão-me excellente remuneração.

Conservo ainda a propriedade <sup>(1)</sup> da Algebra em 2ª edição e da Geometria em 3ª, e o motivo porque em 1862 vendi a propriedade da Arithmetica, tendo esgotado a 2ª edição de 5.000 exemplares, constitue um episodio que não é sem interesse.

O Imperador tem muita ambição de glorias litterarias, e bastante propensão para pedagogo : dizem alguns que tambem tem ciume de toda a pessoa que sobresahe em qualquer especialidade. Ora, meus compendios forão bem acceitos e adoptados em quasi todos os estabelecimentos de instrucção secundaria e superior ; da Arithmetica esgotou-se em 1861 a venda de 6.000 exemplares de duas edições e era tempo de dar 3ª. Mas na mesma occasião soube que a alguns moços, em audiencia de S. Christovão, S. M. I. notava defeitos nos meus livros. E considerando o *pezo official* desta critica, ponderando a subserviencia com que entre nós se pende dos labios imperiaes, receei a abolição do uso dos meus compendios, e pelo de Arithmetica acceitei Rs. 4:000\$000 que me offerecia Laemmert.

Enganei-me na previsão ; ou o *Imperial critico* mudou de parecer, ou delle não fizerão caso ; pelo que está o comprador extrahindo a 5ª ou 6ª edição e tem arrecadado

---

(1) Alienei-a mais tarde, depois de vender 9.000 exemplares de cada uma.

boas patacas, que lhes fação bom proveito. Fui punido de minha desconfiança, mas era logica. Conta-se que um Director da Faculdade de Medicina, vindo de conferenciar com o Imperador sobre uma reforma de estatutos, dissera embasbacado : — *El esta! O Imperador sabe mais medicina do que eu!*

Pelo mesmo tempo, encetei outra ordem de estudos, que depois me forão uteis. Reflecti que se approximava o anno da minha jubilação, 1854, deixando-me no vigor da idade, 43 annos; e que nunca tinha utilizado as noções de engenharia adquiridas no curso de pontes e calçadas, aliás muito incompleto, da antiga Academia Militar.

E como já então tomava corpo a idéa da construcção de uma estrada de ferro do Rio de Janeiro para o interior, volvi para ella o meu pensamento e desde 1850 mandei vir da Europa livros sobre caminhos de ferro, dos quaes fiz minha principal leitura nas horas vagas dos deveres domesticos e officiaes. Do resultado destes estudos darei noticia no capitulo seguinte, destinados aos dez annos que empreguei na direcção da estrada de ferro D. Pedro II.

Do actual periodo não tenho mais facto notavel a expôr : mas quero, por me ser a recordação muito agradavel, descrever a existencia feliz e tranquilla, de que comecei a dar idéa a pag. 81.

Durou ella os ultimos quatro annos dos de que se occupa este capitulo e ainda dous ou tres do seguinte : forão 6 a 7 annos de puro e completo bem estar. Infancia, vida de estudante, primeiros annos de casado, agitações revolucionarias de 1831 a 1834, parlamentares de 1848, o decennio da estrada de ferro, as luctas posteriores, os prazeres do amor proprio, — nada iguala a paz d'alma, a intima satisfação em que vivi aquella meia duzia de

annos de tranquilla obscuridade. Nada tambem iguala o prazer que me causa esta recordação, na attenta revista que estou passando á minha vida. Para não retirar já os olhos de tal quadro, quero ainda compendial-o, accrescentando alguns toques ao que fica exposto.

*Familia.* Minha mulher, adoentada nos primeiros annos de casada, tinha robustecido e remoçado. Meus filhos ião-se creando vigorosos: são deste periodo Christiano, Virginia, Elisa que depois perdi, Ermelinda e Julio. Gozavamos de completa paz domestica.

*Meios e recursos.* Não é consideração para desprezar-se: não eramos ricos, mas viviamos na fartura e sem preocupação alguma sobre a educação dos filhos, ou o pão da velhice.

*Parentes proximos.* Contigua á minha casa, no Engenho Velho, morava minha mãe já viuva, quasi octogenaria, com suas filhas Eduwiges, Rosalia e Felizarda, tres velhucas solteiras, feitas segundo o coração da boa velhinha, muito religiosas, muito inoffensivas, dadas ao trabalho, amando a quantos a cercão: tinham-me (e teem, as duas que ainda vivem) sincera amisade, que era e é correspondida.

Não longe de nós, na rua do Bispo, vivia Theophilo, um coração de ouro, uma intelligencia lucida, cujo conselho me era necessidade em todas as circumstancias de certa gravidade. Sua mulher nunca quiz intimidade com os parentes do marido..... Mas, Theophilo!..... boa alma! grande coração!

Os outros irmãos estavam ausentes, em Minas.

*Relações.* Tinhamos amisade a não muitas familias, mas dignas de estima. E eu não tinha inimigos. Ter quem me amasse, não ter quem me odiasse, erão os principaes elementos do meu bem estar.

Era elle completo: o dia se me deslisava suavissimo,

principalmente antes de começarem as lidas da estrada de ferro (1855).

Dar a minha lição na Academia ; conversar um pouco com os meus geometras favoritos Bourdon e Vincent ; para variar ler uma pagina de Perdonnet ou de outro escriptor de caminhos de ferro ; por desfastio, um folhetim, um romance ou uma poesia ; eis, pouco mais ou menos a 3ª parte do meu tempo.

Ver a minha chacarinha, cuidar das minhas plantas ; dar um passeio á tarde com os meus pequenos para robustecel-os ; de volta ir beijar a mão á minha mãe ; ir ver a miudo o meu Theophilo ; visitar alguma familia de amisade etc. etc., eis a segunda 3ª parte, destinada a alimentos do coração como a 1ª aos da intelligencia.

Recolher-me, repousar em familia, tranquillo e satisfeito com o meu dia ; assim o terminava (¹).

O decennio seguinte foi muito agitado, fundou-me alguma reputação, obrigou-me a extensas relações, fiz muita bulha ; mas esta lembrança não me affaga a alma deliciosamente, como a daquelles felicissimos 6 a 7 annos. Com o de 1858 começarão as grandes luctas, invejas, cruzamentos de interesses, que muito me atordoarão, para o que talvez concorreo o meu temperamento exaggerando a reacção. Lá chegarei.

Fecharei o capitulo com um *post scriptum* para definir e desenvolver o pensamento a que alludi nas primeiras linhas da pag. 61. Sinto necessidade de determinar com exactidão o estado de minha pequena fortuna em 1855, quando fui collocado na direcção da estrada de ferro D. Pedro II : tenho para isso os mais sérios motivos.

Desenvolvendo aquella empreza, tive de immobilisar, em dez annos, cerca de 24 mil contos de capital, tendo

---

(¹) Vide nota D.

estado sempre individualmente á frente da construcção com poderes delegados pela Directoria : para as empreitadas, encommendas de machinas, de trem rodante, de trilhos, meu voto foi sempre preponderante, e tive nesta administração todo o arbitrio de que precisava.

Pelo que si eu fosse corrompido ou mesmo pouco escrupuloso em receber *obsequios* dos empreiteiros e *commissões* dos fornecedores (quanta gente de gravata lavada as recebe!) teria fundado uma grande fortuna. Mas quero que meus filhos fiquem bem certos que o pouco que lhes deixarei é dinheiro bem limpo, resultado unicamente de meus recursos honestissimos e de meus habitos de economia.

Poderião chamar a isto um arroteo de probidade, que tem sempre alguma cousa de ridiculo, si ninguem tivesse pretendido macular o meu procedimento. Mas, além de insinuações anonymas, de miseraveis que bem conheço mas a quem, visto que se esconderão, não dou a honra de nomear, um homem de boa posição, o Conselheiro e depois Senador Sayão Lobato, fez sua a aleivosia de um meu inimigo pessoal que affirmava estar-me eu locupletando na estrada de ferro.

Era em 1862; o desgraçado por motivos abjectos, calumniava-me com escriptos anonymos que publicava com o consentimento de Sayão Lobato <sup>(1)</sup> no *Constitucional*, folha fundada e dirigida por S. Ex. E sabendo este que eu estigmatizara o seu infame procedimento, acceso em ira, gritou em rodas de Deputados, na Secretaria da Camara, que *podia fazer o inventario da minha fortuna illicitamente adquirida*: 300 contos accrescentava o calumniador.

Passou-se isto no dia 7 de Agosto de 1862: soube-o eu no dia 9, e reclamei pela imprensa no dia 10 e seguin-

---

(1) Visconde de Nicteroy.

tes, com algum azedume é certo, producto natural de uma indignação mais que legitima; mas declarei expressamente que si acaso S. Ex. assumisse a responsabilidade da imputação, *eu publicaria inventario documentado do que tinha quando entrei para a estrada de ferro, e do que então possuía.*

A resposta foi que não erã seus os artigos do Constitucional (eu bem sabia que erã de um seu preposto) mas que *não me dava satisfação.* Resposta que offereci á consideração dos homens de brio de todos os partidos: veja-se o *Correio Mercantil*, de 15 de Agosto de 1862.

Dizem que este Sayão Lobato é homem honesto: eu não sei si no sentido o mais genuino da palavra merece elle o elogio <sup>(1)</sup>; mas sei que tem lingua de vibora: nas suas palestras, não ha homem honrado senão elle; mulher honesta senão a sua. Cabe-lhe perfeitamente a apreciação de Saldanha Marinho, no *Diario do Rio*: « morde a tudo e a todos, exceptuando só a propria lingua, por medo de envenenar-se ».

Mas, tem sido Ministro, é Senador, Conselheiro d'Estado, homem de algum talento, bem que pouco aproveitado, e membro saliente de um partido politico: eis o que talvez dê uma certa authoridade á sua perversa palavra.

Nas polemicas causadas pela mofina politica do dominio progressista outros miseraveis lançarão-me insinuações do mesmo genero, mas disfarçando-as com cobardia, credora de desprezo.

E bem percebi que em alguns espiritos, ao menos até certo tempo, ficarão duvidas; mas não desci a justificar-me.

---

(1) Anos depois, a indecencia com que extorquiu de um moribundo o testamento, para empolgar-lhe a herança, deixou bem claro que o Catão era burlesco.



Tinha eu em vista o meu caso, quando na biographia de T. Ottoni, referindo-me á sua probidade escrevi :

« ..... tenho certas opiniões sobre a materia pro-  
« fundamente arraigadas. O cidadão que administra  
« com algum arbitrio fortuna publica, ou capitaes  
« alheios, deve sempre dar contas de si ; e não é fóra  
« de razão que, si o exige quem tenha tal direito,  
« torne patente o que possuia antes e o que possue  
« depois da sua gestão. Mas estas pungentes justifica-  
« ções, homem de brio não as deduz em quanto vivo,  
« nem em resposta ao detractor anonymo, nem pe-  
« rante os que fogem á responsabilidade das aleivosias  
« que propalão ou insinuão. »

Eis porque nunca me defendi em publico da infame e torpe calumnia.

Neste livro, porém deixarei registrado o *inventario documentado* que tinha offerecido ao Catão burlesco. <sup>(1)</sup>

No 5º capitulo desta autobiographia dei uma idéa da fazendinha que em 1837 foi o dote de minha mulher <sup>(2)</sup> e á qual em 1847, por morte de meu sogro, reunio meu cunhado Joaquim o que lhe tocou em terras e escravos, celebrando commigo uma sociedade. Do protocollo do Advogado Rebouças ha de constar a consulta que lhe fiz para celebração do contracto ; e o parecer delle assim como a escriptura talvez existão entre meus papeis velhos. Joaquim ficou com a gerencia do estabelecimento, sendo dono de um terço e pertencendo-me os dous terços.

---

<sup>(1)</sup> Junho, 14 de 1884. Morreo hoje. Quem me ler reflecta que escrevi as minhas queixas contra este homem, ha 13 1/2 annos, quando não era provavel que eu lhe sobrevivesse : estava vigoroso e era mais moço do que eu 4 annos. A sua morte impõe-me silencio ; mas não me obriga a modificar o que escrevi : não o calumniei.

<sup>(2)</sup> Vide nota B.

A propriedade prosperou; em 1852 tínhamos uma fazenda com 300.000 braças quadradas de boas terras; cerca de 90.000 pés de café, metade produzindo; 47 escravos; casa, engenho de pilões e as mais dependencias necessarias. A produção nesse anno foi de 2.653 arrobas de café.

Nada deviamos.

A empreza do Mucury foi causa de vendermos esta fazenda, com grande prejuizo de lucros cessantes. Quiz meu socio ir trabalhar na estrada da Companhia; e não querendo eu ir administrar o nosso estabelecimento rural, força foi alienal-o. Vendemos ao Visconde do Rio Preto os immoveis, a diversos o gado, animaes, carros etc., apurando cerca de 25 contos e retirando a escravatura. Com o producto da venda e um adiantamento feito pela companhia do Mucury, compramos a escravatura de Firmino Dias Moreira, de Nicteroy, e vendendo os velhos e as crianças com as mães, apuramos 100 escravos de flor, com os quaes foi o meu socio para Mucury, agora socios em partes iguaes. Tinha eu pois 50 escravos em principio de 1855, além de seis do serviço domestico.

Já consignei o facto de ter edificado em 1852 a chacara e casas que occupava no Engenho Velho (emprego de cerca de 26 contos de réis).

Tinha mais a minha propriedade litteraria, valiosa além de minha expectativa. Tenho vendido até o momento em que escrevo :

*Arithmetica* 6.000 exemplares em 2 edições a 2\$000 cada um; e o direito de reemprimir por 4:000\$000 á Laemmert.

*Algebra* 5.600 exemplares em 2 edições a 2\$000 restando da 2<sup>a</sup> 400 (1).

---

(1) Mais tarde concluida a venda da 2<sup>a</sup> edição e de mais 3.000 exemplares da 3<sup>a</sup> vendi a Nicoláo Alves o direito de reimprimir por 2:500\$000.

*Geometria* 7.000 exemplares em 3 edições a 3\$600 restando 2.000 da 3ª (¹).

Nos preços já estão abatidos os 20 % comissão de venda dos livreiros (²).

Não menciono entre as minhas posses 100 acções da companhia do Mucury, porque parece-me que não estavam feitas todas as entradas, e parte das realizadas era talvez do dinheiro adiantado pela companhia: omittindo essas acções, evito o risco de commetter uma duplicata.

Mas posso considerar muito liquida a posse destes tres artigos: chacara do Engenho Velho, 56 escravos, propriedade litteraria: avalio tudo em 90 a 100 contos de réis: ninguem me julgará exaggerado.

Mas prometti *inventario documentado*, e quero indicar onde pode qualquer S. Thomé ver as provas do que affirmo.

Da chacara e escravos do serviço domestico, podem verificar na Recebedoria, que paguei os impostos respectivos.

Da propriedade litteraria reza a escripturação dos livreiros da Côrte, especialmente Laemmert e Nicoláo Alves.

Dos 50 escravos, naquelle tempo em Mucury, citarei documento official e insuspeito.

O Commissario por parte do Governo para a liquidação da companhia do Mucury apresentou um relatorio que suava por todos os poros hostilidade á familia Ottoni: obedecia a seu amo Manoel Felizardo. Nesse relatorio, citado pelo da Agricultura em 1862, e impresso avulso, lê-se á pag. 91:

---

(¹) Annos depois, concluida a extracção da 3ª edição, vendi a Nicoláo Alves o direito de reimprimir por 10:000\$000.

(²) Vide nota E.

« Em 1852 fez a companhia um adiantamento de 40 contos ao conselheiro C. B. Ottoni e cidadão J. J. Araujo Maia pelo serviço de cem escravos por dous annos.

« O reembolso parece que se fez em serviço dos escravos e empreitadas : vi pelo Diario que em Fevereiro de 1855 tinha sido Maia debitado pela quantia de 11:426\$970, que ficava a dever dos 40:000\$000 adiantados.»

Em outras phrases, o Commissario pareceo insinuar duvida sobre a ida effectiva dos cem escravos para *Mucury* ; mas não é difficil verificar o seguinte, nos registros publicos do tempo.

A 13 de Fevereiro de 1852 partio d'aqui J. Maia no vapor *Mucury* com 35 escravos, despachados pela Policia.

No mesmo vapor embarcarão outros no porto de Itapemirim onde tinhamos começado a fundar um estabelecimento rural, dirigido por outro cunhado meu.

A 10 de Dezembro do mesmo anno embarcou neste porto a escravatura que fôra de Firmino Dias Moreira, com passaporte da Policia de Nicteroy e visto da da Côrte.

Estas parcellas devem sommar mais de cem, porque ião tambem escravos de minha sogra.

Na liquidação do negocio com a companhia figura só J. Maia, porque nessa occasião separamos a sociedade, vendendo-lhe eu a minha parte na escravatura.

Provada a posse da minha pequena fortuna em 1855, nem precisaria ter explicado a origem della, porque até então nunca tinha gerido propriedade alheia : mas, tendo depois assumido grandes responsabilidades, quero tudo muito claro e limpido ; por isso desci ás explicações expostas.

Assumindo a direcção da estrada de ferro, meus rendimentos forão d'ahi em diante, termo medio :

Gratificação da companhia .....	9:600\$000
Minhas aposentadorias.....	2:200\$000
Renda da propriedade litteraria, mais ou menos. ....	1:500\$000
Dita de outros bens, cerca de.....	3:000\$000
	<hr/>
Rs.	16:300\$000

Ora, as minhas despesas, de que tenho assentos, sendo anteriormente de 5 a 6 contos annuaes, com o augmento de recursos naturalmente crescerão, tendo em um anno excedido a 12 contos. O termo medio no decennio foi de Rs. 8:700\$000 : existem na minha gaveta os cadernos.

Toda a cidade é testemunha da modestia do meu tratamento : ninguem pode crer que eu despendesse mais.

Poupava pois quasi metade de minha renda ; e passo a inventariar a minha fortuna, no momento em que escrevo, Janeiro de 1871 :

Apolices geraes, valor nominal.....	26:400\$000
Ditas do emp. nacional de 1868, idem.	15:000\$000
130 acções do Banco do Brazil.....	26:000\$000
Casa da r. Conde d'Eu 101, seu custo..	31:000\$000
Dita da r. Bella Vista 49, seu custo....	26:000\$000
Dita da r. S. Pedro, Cidade Nova 42, seu custo.....	11:000\$000
Propriedade litteraria (estimação).....	10:000\$000
Terras no Mucury, seu custo.....	4:600\$000
Tres escravos, valem.....	4:500\$000
	<hr/>
Rs.	154:500\$000 (1)

(1) Si ler isto algum malevolo S. Thomé e duvidar, pode recorrer aos registos da epocha, Janeiro de 1871, publicos e de companhias : não encontrará em meu nome mais uma apolice, acção, escravos, alem dos mencionados : capitaes em giro, nunca os tive, sabe-o esta praça.

Não tenho credores nem devedores. E' justo sommar ao algarismo supra os prejuizos que tenho soffrido.

Perdi na venda do sitio do Rodeio.....	13:000\$000
» na quebra do Banqueiro Gomes.....	11:000\$000
» com uma fiança de M. C. da Rocha.	5:500\$000
» tres escravas moças que morrerão...	4:500\$000
	Rs. 34:000\$000

E' pois certo que nos meus dez annos de estrada de ferro, quasi dupliquei a pequena fortuna que antes tinha: mas confrontando os resultados com os recursos, o que me admira é que não tenha capitalisado maior somma. Evidentemente, não tive tino para fazer fructificar as minhas sobras de renda. O que possuo hoje é provavelmente o que meus filhos hão de herdar: é pouco, mas é dinheiro muito aceiado; perdôo aos miseraveis que me calumniarão.

## VII

### 1855—1865

ESTRADA DE FERRO D. PEDRO II: DECRETAÇÃO: CONSTRUÇÃO: CUSTEIO: EPISODIOS. — MORALIDADE DA GESTÃO. — A PROTECÇÃO IMPERIAL. — PROCEDIMENTO POLITICO NO DECENNIO.

No que tenho até agora escripto, consultei unicamente a minha memoria, sem examinar documentos nem papeis velhos, com excepção do protesto que fecha o capitulo precedente; pelo que posso ter commettido algum erro de datas.

Para o actual capitulo estou melhor preparado; porque quando me vi envolvido em grandes luctas, de 1858 em diante, comecei a registrar as minhas intimas impressões sobre a direcção da estrada de ferro, sobre os actos do governo a ella relativos, sobre os homens com quem me relacionava oficialmente. Esse canhenho é o que agora me serve de guia.

Deixei a empreza ha cinco annos já completos, e não pretendo voltar a ella, *ainda que me chamem*. Estou alheio á politica. Os homens, de quem tive maiores queixas, são quasi todos mortos, sendo o principal o Marquez de Olinda. Escrevo pois, em perfeita calma, sem odio, sem ambição, sem amor e sem calculo. Tendo registrado os factos, não corro o perigo de commetter inexactidões ou anachronismos. Si este capitulo fôr algum dia publi-

cado, os homens que se occupão com os negocios publicos talvez encontrem nelle algumas lições uteis. E' a historia administrativa dos primeiros dez annos da Estrada de Ferro D. Pedro II, da qual posso dizer sem immodestia, *magna pars fui*.

§ 1º — Decretação da Estrada de Ferro.

A discussão nas Camaras occupou em grande parte as sessões de 1851 e 1852 e terminou pela sancção da lei de 26 de Junho de 1852, que auctorizou a garantia do juro de 5 % aos capitaes para uma estrada de ferro partindo da Côrte, bifurcando-se além da Serra, dirigindo um braço para Minas, outro para S. Paulo. E além desta, outras vias ferreas ligando o interior a pontos do littoral.

Antes desta lei não houve projecto serio: ninguem tal considerou um privilegio dado annos antes ao Dr. Cochrane, e que só não foi letra morta para se lhe pagar mais tarde uma valiosa indemnisação.

A idéa dos principaes chefes conservadores era desde 1850 a concessão do privilegio aos Teixeira Leite de Vassouras, os quaes promoverião a organização da companhia.

Este pensamento envolvia interesse politico: aquella familia garantira ao partido conservador, nos seus annos chamados de vacas magras, de 1844 a 1848 a unanimidade do collegio eleitoral de Vassouras; cumpria remunerar-os. Mas devemos reconhecer que a preferencia era bem cabida. Foram os Teixeira Leite quem deu mais impulso á opinião para reclamar a lei de 26 de Junho. Erão uma familia rica, influente, considerada e seus creditos concorrerão para facilitar a associação de capitaes. Não parecião animados do simples desejo de ganhar dinheiro; mas possuidos da ambição da gloria de prestar



ao paiz um bom serviço. Contando com a concessão fizeram despezas, relacionarão-se com capitalistas inglezes, fizeram vir dous engenheiros, os irmãos Waring, que, á custa delles, futuros concessionarios, instituirão um reconhecimento de córte até a margem do Parahyba.

Entretanto, o Ministro Gonçalves Martins, depois Visconde de S. Lourenço, os arredou e abriu hasta publica para a adjudicação.

Nunca soube eu em que se baseou esta deliberação. Mauá e Pimenta Bueno obtiverão sem concurrencia a concessão de S. Paulo, Muniz Barreto a da Bahia, outros a de Pernambuco ; e todos venderão seus privilegios ás respectivas companhias : só não puderão conseguir o mesmo para o Rio de Janeiro os Teixeira Leite, que entretanto, tinham mais titulos do que qualquer dos outros !

Na hasta publica fizeram propostas :

Dr. Cochrane, que pretendia preferencia por causa do privilegio que annos antes obtivera ;

O Visconde de Barbacena, fundando-se em um rapido exame de terreno, pelo engenheiro Austin ;

Theophilo Ottoni associado a J. B. Fonseca. Não tinham estudos : mas propunhão construir a parte facil, 65 kilometros até a raiz da serra, e ir estudar os prolongamentos para o interior.

Não me lembro si houve mais propostas ; e das tres que menciono digo o que me diz a memoria, não me recordando si forão publicadas, ou si tive dellas conhecimento por palestras ou artigos de jornaes. Mas creio não ter-me enganado.

O governo desprezou todas as propostas e affectou o negocio á nossa Legação em Londres, que em 1853 contractou com uma mesa de banqueiros o lançamento da companhia no mercado inglez. Esta directoria pro-

visoria mais tarde pediu e obteve a rescisão do contracto, allegando a alta de juros, resultado da guerra do Oriente ( 1855 ) e desconfio que tambem assustados com as grandes difficuldades da Serra do Mar, que mandarão examinar pelo engenheiro Chappmann. Nasceu-me esta idéa de ter ouvido ao Dr. Joaquim, chefe da familia Teixeira Leite, que os seus engenheiros (os irmãos Waring), regressando do reconhecimento tecnico que instituiram, haviam dito : « *si não fôr possível na cordilheira um desenvolvimento accessivel ás locomotivas, construiremos uma estrada de ferro athmospherica.* »

Este dito prova que fizeram um ligeiro reconhecimento e não estudos definitivos, mas que acharão difficuldades temerosas.

Rescindido o contracto com os banqueiros, adjudicou a nossa Legação em Londres ao empresario Ed. Price a construcção da primeira secção do Rio a Belém, por conta do Estado, reservando ao governo a faculdade de organizar uma companhia e transferir-lhe os onus e os direitos do contracto derivados.

Este contracto continha clausulas verdadeiramente ruinosas, que habilitavão o empresario a fazer o que bem lhe parecesse e desarmavão de toda a fiscalisação por parte do governo e portanto da companhia subrogada em seus direitos. Sergio de Macedo, nosso Ministro, era um homem honesto e intelligente, mas não tinha ao seu lado auxiliar tecnico ; e disse depois que procedeu em virtude de declaração que lhe fez o Ministro do Imperio, nestes termos : « o Imperador quer que a questão se resolva, seja como fôr. » Price especulou com este empenho de prompta solução.

A este tempo a base da lei de 26 de Junho de 1852 ( garantia de 5 % ) estava alterada Decretada a Estrada de Ferro da Bahia ao Joazeiro, e tendo sido impossivel

organisar a companhia, porque constou que tal linha não tinha futuro, votou a Assembléa Provincial a garantia adicional de 2 %; e desde então nenhuma outra companhia dispensou os 7 %. Garantia exaggerada que tem feito grande mal ao desenvolvimento dos nossos caminhos de ferro.

Com tal favor a prosperidade das empresas torna-se quasi indifferente aos accionistas, bastando-lhes que a renda pague o custeio, para auferirem de seus capitaes um juro impossivel na Europa. Mas os da Bahia nem isto obtiverão: aberto o trafego ha bastantes annos, offerece sempre deficit, preenchido a custa dos 7 % que oneravão o Thesouro (1).

Com a garantia de 7 % forão organisadas as empresas do Recife, da Bahia, de S. Paulo e afinal a de D. Pedro 2º de que passo a occupar-me.

#### § 2º — Organização da Companhia Nacional.

Chegando a noticia do contracto Price, o Governo Imperial resolveu organisar aqui uma companhia, e a 10 de Maio de 1855 publicou os actos organicos da empresa, estatutos, contracto com o governo, etc., e por editaes convocou subscriptores de acções, declarando que pelo facto da subscrição serião considerados acceitos pelos accionistas os actos publicados, ficando a companhia definitivamente organisada.

O capital decretado foi de Rs. 38.000:000\$000, sendo logo emittidos Rs. 12.000:000\$000, em subscrição rapidamente realisada.

O espirito publico favoneava muito a nascente com-

---

(1) Annos depois de escriptas estas linhas decretou-se um prolongamento ainda mais esteril: por longo tempo, talvez indefinidamente, a Bahia pesará sobre o Thesouro: cara provincia!

panhia, que entretanto erguia-se sob máos auspícios. Recebia logo na origem os onus do contracto Price, defeituoso, onerosissimo, que devia dar e deu logar a grande perda de capital e a muitas luctas e desordens. E as regras de direcção impostas á empresa erão mal combinadas, pagando tributo á nossa inexperiencia.

Muitos dos defeitos do contracto para a primeira secção forão por mim reconhecidos e assignalados pela imprensa, antes de organizada a companhia: os defeitos organicos desta, só mais tarde a experiencia nos foi revelando.

Não se pode desconhecer que para a facilidade da subscripção das acções concorreu grandemente uma idéa de agiotagem: os accionistas subscriptores, nada sabendo da empresa em que embarcavão os seus capitaes, tinhão de eleger cinco directores, e ninguem havia entre nós bem habilitado para tal direcção.

A melhor cabeça do ministerio, a grande intelligencia do Marquez de Paraná estava paralysada pela descrença delle, que julgava a estrada de ferro uma utopia e com reluctancia cedia á pressão, primeiro dos Teixeira Leite, depois da opinião publica.

Esta descrença era geral entre os nossos Estadistas. Vasconcellos que ainda vivia em 1849, quando já se fallava no projecto, dizia zombando: « construam; os trens carregarão no 1.º do mez tudo o que ha no interior para transportar e ficarão ociosos por 29 dias. » O Visconde de Itaborahy era tambem incredulo.

Os actos da concessão forão discutidos no gabinete do Ministro do Imperio, Conselheiro Pedreira, entre este, o Presidente do Conselho e a commissão que nomearão para distribuir as acções e considerarão Directoria Provisoria. Commissão composta de negociantes, dentre os quaes só o Dr. Caetano Furquim de Almeida

entendia da questão : esse era um espirito cultivado, muito activo, e estudando sempre de preferencia questões industriaes.

Ao Dr. Furquim ouvi dous incidentes do debate, que são caracteristicos da descrença do Marquez de Paraná.

O primeiro referia-se á fixação do capital. Não havia estudos technicos nem orçamentos : mas Furquim que tinha alguma erudição na especialidade, e conhecia praticamente o terreno e as distancias, procurava avaliar, tanto por legua na planicie aquem da Serra, tanto na Cordilheira, tanto além, etc., e todos os calculos excedião a 40.000:000\$000. Paraná arbitrariamente e sem base, propunha garantir só 30.000:000\$000.

A's observações até certo ponto autorizadas do Dr. Furquim nada oppunha : passeiou pela casa pensativo ; e calado chegou á mesa, escreveu em uma tira de papel Rs. 38.000:000\$000 e lançando-a entre os discutidores disse : «ahi está, meus senhores : não dou mais. »

Foi, pois, a determinação do capital um puro arbitrio : mas, ou acaso ou adivinhação do grande talento do Marquez, seria elle sufficientissimo, sem os excessos do contracto de Londres, para a primeira secção. Estudos posteriores o demonstrarão.

O segundo incidente, mais importante, é relativo á reversão ao Estado no fim do privilegio. Para isto, creava-se no projecto um fundo de amortisação, dotado com uma annuidade derivada da renda e equivalente a  $\frac{3}{10}$  % do capital : calculou alguém que esta annuidade com juros compostos de 6 % reproduziria o capital no prazo de 90 annos da concessão ; e assim o declaravão os estatutos, o que bem caracteriza o fundo de amortisação ; bem que lhe derão o nome de *fundo de reserva*.

No debate entre o governo e a commissão nomeada,

disse um negociante, membro della: « Como! pois havemos de fazer a estrada com o nosso dinheiro, e depois dal-a ao Estado? é iniquidade! »

— Está bem, acudio o Marquez de Paraná: deixo-lhes a propriedade plena e perpetua; mas reduz a garantia a 33 annos: era por 90 no projecto.

— Antes isso, replicou o interpellante.

E assim se fez.

O Marquez, como descrente que era, só cuidava de escassear os favores: por isso commetteu o erro de prescindir do principio da amortisação, que tão util seria para o futuro, si a Companhia perdurasse. A annuencia da commissão foi filha da inexperiencia.

Mais adiante narrarei uma occorrença curiosa nascida desta suppressão da amortisação. Por ora, só acrescentarei que o calculo, a que se referião os Estatutos, era deploravelmente errado: a annuidade de  $\frac{3}{10}\%$  reproduziria o capital, não no prazo de 90 annos da concessão, mas em pouco mais de metade. <sup>(1)</sup> (Juro 6%).

A companhia organisou-se; e reunidos os accionistas, elegerão a seguinte Directoria:

Christiano Benedicto Ottoni  
Dr. Roberto Jorge Haddock Lobo  
Dr. Jeronymo José Teixeira Junior  
Dezembargador Alexandre Joaquim de Siqueira  
Commendador João Baptista da Fonseca.

Devia accrescer um presidente de livre nomeação do governo; escolherão o Visconde do Rio Bonito (João Faro) que rejeitou o cargo: ficou este vago; e tive eu de assumir a presidencia, por ter sido designado para Vice-Presidente: era tambem attribuição do governo.

(1) Correctamente, em  $52\frac{1}{4}$  annos.

Nenhum de nós cinco tinha habilitações sufficientes para dirigir uma empresa de caminho de ferro ; mas não ha vaidade em dizer que só o meu nome tinha uma certa significação : era eu o *torto em terra de cegos* ; reinei.

Alheio a todos os debates anteriores e ás decretações de 1855, concentrado no feliz asylo domestico de que dei idéa nas pags. 56 e 61 a 62 ; mas lendo, estudando e tendo adquirido algumas luzes theoricas, logo que o projecto começou a ser realidade, quiz apresentar-me, e para isso publiquei no *Jornal do Commercio* uma série de artigos, sob as iniciaes C. O., analysando o contracto de Londres, em verdade defeituosissimo : este trabalho produziu a minha eleição, não solicitada.

Resisti mesmo algum tempo á apresentação que faziam do meu nome : sendo militar activo, como tal inelegivel, assim o declarei pelo *Jornal do Commercio*. Mas, afinal a pressão dos amigos e o meu amor proprio lisongeado fizeram-me requerer reforma e acceitar a candidatura. Os meus collegas desde o principio cabalavão, principalmente o Haddock Lobo. Fui o mais votado.

Rememorando a minha esquivança e a espontaneidade da minha eleição, não é meo fim ostentar modestia e desinteresse. Eu desejava trabalhar na estrada de ferro (já estava jubilado como Lente da Escola de Marinha) e obter remuneração do meu trabalho : mas a posição a que aspirava era a de engenheiro. Tinha os conhecimentos theoricos mais necessarios, mas nenhum tirocinio : queria ir praticar nos estudos da segunda secção, fazer-me especialidade e mais tarde assumiria posição na direcção technica da empresa. Elegendo-me os accionistas, designando-me o governo para Vice-Presidente, e não provendo o cargo de Presidente, contrariarão a minha vocação, dando-me o primeiro logar, para o qual estava mal preparado.

Mas cultivando a consciencia do dever, fiz tudo o que pude para bem desempenhar as obrigações da minha nova posição, occupada a principio interinamente, mais tarde sendo nomeado presidente effectivo. Servi até a encampação da empresa em Julho de 1865 e mais seis mezes por delegação exclusiva do governo imperial.

Um facto occorrido na eleição dos directores é caracteristico da cegueira dos accionistas. No primeiro escrutinio ficarão sem maioria absoluta Caetano Furquim de Almeida e João Baptista da Fonseca, entre os quaes correu o segundo escrutinio. Era o primeiro muito intelligente, instruido, representante da familia Teixeira Leite que com elle promoverão mais do que ninguem a decretação da estrada de ferro; o segundo era um negociante probo mas sem instrucção. Foi eleito João Baptista da Fonseca!!! (1)

Das circumstancias expostas resultou que, installada a Directoria, todas as esperanças se concentrarão em mim, que assim assumi grande responsabilidade. Era completamente inexperiente; minhas leituras e noções principalmente technicas: a organização, a direcção, a administração erão lições por aprender. Si commetti erros, si prejudicarão elles o capital da companhia devo ser desculpado: puzerão-me, segundo um dicto vulgar, na posição do barbeiro novo que aprende na barba do tolo.

### § 3º — O espirito da direcção.

Já disse no § 2º que a experiencia me foi mostrando os defeitos com que foi organisada a companhia. O maior delles foi confundir-se a deliberação com a acção: creou-se uma directoria de seis membros, um nomeado pelo

(1) Aliás, cavalheiro muito digno da estima dos homens de bem.



governo e cinco eleitos pelos accionistas ; e a este corpo collectivo forão distribuidos todos os poderes de direcção e de administração. A deliberação e a execução, as grandes e as pequenas questões, uma emissão de acções, a nomeação do engenheiro chefe ou a escolha de um continuo ou a compra de uma vassoura, tudo ficou dependente da maioria de votos da directoria. Seria difficil, si não impossivel a unidade de vistas entre os seis : e quando exigisse cada um quinhão igual na administração, como era seu direito, seria infallivel a desordem, maximè estando todos cegos quanto ao mechanismo que ião pôr em acção. Deu-se o facto em 1858 e produzio quasi um anno de administração ridicula e anarchica : mas isto pertence ao paragrapho do custeio.

Nestes ultimos annos tenho formulado a pedido tres projectos de Estatutos para emprezas de caminhos de ferro, uma das quaes (o ramal de Valença) está em actividade. Estabeleci systema muito diverso : deixo aos directores a deliberação, a disposição dos fundos, a suprema fiscalisação, as grandes questões : a execução, a livre nomeação e demissão do pessoal, o impulso aos trabalhos, o custeio pertencem a um gerente, com amplos poderes, continuando indefinidamente emquanto bem serve, e de nomeação e demissão da assembléa dos accionistas.

Os Directores eleitos não tinham habilitações especiaes ; mas, com excepção de Haddock Lobo, parecerão animados do mais sincero desejo de acertar. Por isso, na primeira phase da nossa administração, emquanto só presidiamos ou antes assistiamos á construcção da primeira secção, contractada anomalmente em Londres, achavamo-nos os cinco quasi sempre em boa harmonia : e sendo eu, como já notei, o torto em terra de cegos, os collegas quasi sempre louvarão-se em mim, que assim me achei no centro da administração e carregando com a

principal responsabilidade. Nesta posição procurei executar lealmente os Estatutos, nunca prescindindo do parecer dos collegas.

O exceptuado, quanto á boa intenção, Haddock Lobo, era um ambicioso sem merito e sem lealdade, mas de audacia infatigavel : espreitava sem descanso toda a occasião de prejudicar-me na opinião dos collegas e do publico ; queria a todo o transe deslocar-me e substituir-me na presidencia, o que deu lugar a scenas que ainda hoje me desgostão. Nossas brigas cessarão ha oito annos e Haddock Lobo morreu ha alguns mezes : pelo que não se deve duvidar da imparcialidade com que o aprecio : matando-lhe a pretensão, prestei serviço real a meu paiz.

A boa harmonia em que eu vivia com os outros durou com algumas sombras até as vespervas da installação do trafego na 1.<sup>a</sup> secção, em principio de 1858 : ver-se-á em um dos §§ seguintes como se rompeu tal harmonia.

Por emquanto, nossa missão era : 1.<sup>o</sup> Fiscalisar a execução do contracto Price ; 2.<sup>o</sup> Fazer estudar, orçar e construir os prolongamentos através e além da Cordilheira ; 3.<sup>o</sup> Mais tarde, custear a linha e o trafego.

Quanto á 1.<sup>a</sup> secção, estavamos unidos e firmes no proposito de fiscalisar a construcção e obter obras solidas, pelas quaes pagavamos o triplo do que valião : luctámos muito e nada conseguimos ; o contracto nos desarmava.

Para a continuacção dos trabalhos além de Belém forão aceitas as seguintes bases por mim propostas :

1.<sup>o</sup> Contractar de preferencia engenheiros americanos, conhecedores das grandes linhas de fortes declives, nos Alleghanys.

2.<sup>o</sup> Não empreitar obras, sem estudos definitivos e orçamentos prévios, concluidos sob a nossa direcção.

3º Proscrever o contracto em globo e adjudicar as construcções por séries de preços especificos.

4º Abrir concorrência em hasta publica.

Os contractos em globo, sem estudos definitivos, com faculdade de alterar as condições technicas, como os têm feito os inglezes para obras no Brasil, de ordinario duplicação o custo: os da nossa 1ª secção o triplicarão. A hasta publica, além das suas sabidas utilidades, devia livrar-nos de imposições de Price. Tinha este, pelo seu contracto, preferencia para ser encarregado dos estudos de traço em toda a linha: foi-me preciso grande esforço e alguma astucia para annullar aquella estipulação, que seria sem duvida alguma ruinosa.

No futuro custeio da linha, em verdade nem pensavamos nos primeiros dous annos e meio, de Agosto de 1855 até Fevereiro de 1858, quando se inaugurou a primeira secção.

A possibilidade da subida da Serra em limites razoaveis de certo estava nas sombras da duvida: eu mesmo era quasi incredulo, o que não pouco concorreu para rejeitar por anno e meio a presidencia effectiva: sómente a acceitei e ainda com condições, depois de traçada e orçada a segunda secção, e approvados os planos pelo governo imperial. Era Ministro, quando acceitei, o Marquez de Olinda.

Nossa gestão nos primeiros annos foi muitas vezes embaraçada pela tibieza e falta de apoio do governo, cujas tergiversações só mais tarde consegui comprehender e explicar. Era Ministro do Imperio (não estava creada a pasta da Agricultura) o Conselheiro Pedreira, e tinha a seo lado o engenheiro inglez Lane, em quem depositava grande confiança. Ora, este Lane, depois tornou-se claro, estava feito com o patricio Price, para bigodear-nos. Parece que era plano delles, assenhorearem-se os dois da

estrada de ferro, um como engenheiro, outro como empresario geral, eliminando a Directoria. Parecia dizer um ao outro como o Boticario ao Medico no epigramma de Bocage : « *Unamo-nos, meu Doutor, e demos cabo do mundo.* »

Pedreira, todo fé no seu Lane, não podia confiar em mim, que em verdade tacteava, embaraçado pela minha inexperiencia. Lane chamava-me, não sem fundamento, *engenheiro amator*.

Entretanto, causando-me por vezes difficuldades, consequencia das inspirações do seu homem, o Ministro não era franco, simulava confiança, e fallava em nomear-me presidente effectivo, nomeação que repelli até a sahida de Pedreira do Ministerio. Daqui nascião tergiversações que mais de uma vez me desesperarão.

O negocio do fundo de reserva, que comecei a expôr nas pags. 101 e 102 offereceu um verdadeiro typo de leviandade.

Resolvendo Paraná, como expuz, prescindir da reversão ao Estado, mandára supprimir no projecto de Estatutos as disposições correlativas ; mas, por equivoco da Secretaria, que escapou a Pedreira, deixarão subsistir o artigo que creava *um fundo de reserva, dotado com a annuidade de  $\frac{3}{10}$  % do capital, para reproduzil-o no prazo da concessão.*

Com esta estipulação forão publicados os Estatutos com o edital chamando subscriptores de acções e declarando que ficavão elles (Estatutos) approvados pelo facto da subscripção. Entretanto, na copia authentica mandada á Directoria apenas installada, omittirão caladamente o artigo do fundo de reserva.

Fu ignorava então as circumstancias anteriores : mas era claro, á vista do Edital, que os accionistas havião adquirido o direito de derivar da renda a dotação annual do fundo de reserva, igual a  $\frac{3}{10}$  % do capital.

Reclamei ; trocarão-se explicações ; arredada a idéa da amortisação sustentou a Directoria que subsistia o direito a um fundo de reserva, que por transacção com o governo consentiamos em reduzir á terça parte  $\frac{1}{10}$  %.

Durou mezes a reclamação ; Pedreira não atava nem desatava ; mas quando nos resolvemos a tratar directamente com o Marquez de Paraná, Presidente do Conselho, obtivemos o nosso fundo de reserva.

Annunciando ao Ministro do Imperio a promessa que acabava de fazer-nos o seu collega, vim a saber que a reluctancia nascia de um erro de algarismos.

— Ora, meu amigo, disse elle, os Srs. queriam uma contribuição para fundo de reserva que depois de emitido todo o capital, subiria a quasi oitocentos contos por anno !

— Como oitocentos contos ?  $\frac{3}{10}$  % de 38.000:000\$000 são 114:000\$000 ; tal seria o maximum.

— Oh ! como pôde ser isso ? eu calculei por vezes com o Imperador e achámos sempre Rs. 798:000\$000. Venha cá, meu amigo, mostre-me como se faz a conta !

Em vez de  $\frac{3}{10}$  % do capital, calculavão  $\frac{3}{10}$  do rendimento, orçado em 7 % do mesmo capital.

Miserias ! O Ministro do Imperio nem soube calcular a annuidade para amortisação, nem sabia o que quer dizer  $\frac{3}{10}$  % de uma quantia determinada.

Mas não admira : o governo entre nós, todas as posições politicas estão nas mãos dos legistas, que em geral não são fortes em Arithmetica. Um antigo Ministro, hoje fallecido, tratando venda de terras a um empresario de colonisação, promettia cedel-as pelo preço minimo da lei.

— Que é meio real por braça quadrada, observou o pretendente.

— Creio que não, objectou o Ministro, creio que a lei não falla em meio real.

— Falla, pois não ! Si V. Ex. tem aqui a lei, podemos verificá-lo.

— Não a tenho ; mas li-a esta manhã em casa : o artigo não diz *meio*, diz *zero virgula, cinco* ! (Tableau).

Mas, si a duvida era que julgavão o fundo de reserva exaggerado, porque não me fazia Pedreira esta objecção ? Calava-se, ladeava, não dizia sim nem não, até que nos resolvemos appellar para o Presidente do Conselho. Esta falta de franqueza nascia de não ter confiança em mim : não podia tel-a, jurando nas palavras do seu Lane.

Mas então, porque teimava em conservar-me na Vice-Presidencia ? Porque queria a fina força nomear-me Presidente effectivo ? quando eu todos os dias lhe pedia : « nomeie o seu presidente e deixe-me no logar de simples membro da Directoria !... »

O Conselheiro Pedreira é um homem talentoso, illustrado, honesto ; mas de character summamente leviano, e, segundo a expressão do Visconde de Inhomirim, de dedicação sem limites ao Imperador. A explicação das suas tergiversações é simplesmente esta : S. M. o Imperador lhe *aconselhava* que me conservasse ! S. M. I., disse no Senado o Visconde de Itaborahy, Presidente do Conselho, *reina, governa e administra*.

Mas, porque me sustentava o Sr. D. Pedro 2º ? Creio poder assignalar as causas depois de diuturna observação e reflexão : 1º Por falta de melhor : ninguem tinhamos bem apto para o cargo ; e os meus artigos, bem como os meus primeiros passos na direcção inspirarão confiança ; a opinião publica me proclamava o homem para a estrada de ferro. 2º porque não gostando o Imperador das minhas opiniões democraticas, aprazia-lhe que eu continuasse alheio á politica ; a empresa absorvia-me todo. 3º Mais tarde, era eu tambem affa-

gado para servir de figa a meu irmão Theophilo Ottoni, a quem S. M. I. se mostrava desaffectedo.

Sem prestar-me para figa, ostentando sempre solidariedade politica com meu irmão, mas dedicando-me á minha occupação official, cresceu-me verdadeira ambição de atravessar a Serra e acabar o tunnel grande, principalmente quando se propagou a crença da sua impraticabilidade. Por isso permaneci no posto, a despeito de todas as contrariedades.

Passo ao desenvolvimento pratico da nossa gestão.

§ 4º — **Construcção da primeira secção:**  
**contracto Price.**

Na minha critica do contracto de Londres, publicada no *Jornal do Commercio* e a que já me referi, notára-lhe os seguintes defeitos e inconvenientes :

1º Não existião estudos technicos serios nem orçamento : referirão-se a uma planta que com tal ou qual exactidão apenas assignalava os pontos extremos. O perfil longitudinal dos planos de Londres era imaginario porque Austin, o engenheiro que lá se associou a Price, ou antes o alliciou para embaçarem o Conselheiro Sergio de Macedo, apenas tinha feito um reconhecimento a cavallo, com bussola portatil e barometro de algibeira. Era, aliás, um habil engenheiro. Estipularão no art. 10 do contracto a apresentação de planos definitivos ; mas o empresario não executou esta clausula.

2º O custo kilometrico excedia ao triplo do termo médio de grande numero de linhas semelhantes.

3º O declive de 1:45, tolerado no contracto, era absurdo em terreno tão fracamente accidentado. Não se empregou tal declive.

4º Faculdades excessivas de mudar o alinhamento,

escolher materiaes, planejar estações, etc., sem submetter plano algum.

5º Fiscalisação nulla: só erão permittidas objecções *no progresso da construcção*; e dada divergencia, só poderia ser arbitro um ex-presidente do Instituto de Engenharia civil de Londres !...

Na execução que durou quasi tres annos, Price e seus Agentes usarão e abusarão daquellas faculdades anomalas; e para augmentar seus lucros, que ainda em uma construcção regular serião avultados, derão-nos uma linha defeituosissima, que quasi toda foi necessario reconstruir: nivel sujeito a inundações; esgotos insufficientes; construcções de pessimo tijolo, que na humidade se desfazia, e secco, pulverisava-se os fragmentos entre os dedos, o que eu proprio verifiquei; emprego de madeiras brancas, sem escolha; para estações miseraveis pardieiros, etc.

Objectei, resisti, luctei, mas fui bigodeado em tudo e por tudo. Não somente o contracto desarmava a fiscalisação; mas ainda mais me exautorava a funesta confiança do Conselheiro Pedreira no seu engenheiro, e as tergiversações com que me entretinha.

No primeiro anno de construcção, não tendo engenheiros nossos, nos louvavamos na supposta fiscalisação do tal Lane, então ainda não apreciado devidamente. Exigiu a Directoria apenas installada, a apresentação dos planos do que rezava o art. 10 do contracto: Lane os dispensou em nome do governo imperial. Objectavamos a cada obra mal feita; e a resposta invariavel era «Mr. Lane approvou».

Não tinha taes poderes o engenheiro do governo, pois que este transferira á Companhia os direitos e deveres derivados do contracto de Londres: mas, em falta de engenheiros nossos, e crendo o governo igualmente



interessado na bôa construcção, iamos fechando os olhos á intervenção indebita, sem aliás medir bem o alcance e a natureza das relações officiaes entre Price e Lane.

Tirou-se este ponto a limpo, á chegada dos nossos engenheiros em meado de 1856. Declarando a Price, em officio, que por conta do Coronel Garnett, nosso Engenheiro chefe, correria dalli em diante a fiscalisação, tive em resposta, tambem official, que só reconhecia a fiscalisação do Sr. Lane, nomeado por Decreto de 10 de Outubro de 1855 *Superintendente da estrada de ferro e engenheiro chefe por parte do governo.*

Tal Decreto não fôra publicado, nem communicado á Companhia ; nem havia direito de promulgar-o. Pedi copia á Secretaria do Imperio, que me respondeu — *Não existe Decreto com tal data, relativo a negocios da estrada de ferro.*

Entendi, pois, sinceramente, que Price forjava um embuste, e não foi sem ironia que lhe pedi a apresentação da copia do acto alludido, do qual ninguem no paiz tinha conhecimento.

A replica foi que não tinha copia, mas vira o Decreto original em mão do Sr. Lane que o apresentou para autorisar-se como fiscal unico da construcção.

Existia com effeito o famoso Decreto, lavrado no gabinete do Ministro, entregue a Lane depois de assignado pelo Imperador, não mandada copia para o registro da Secretaria, nem communicado a pessoa alguma. Segredo entre Pedreira, Price e Lane. <sup>(1)</sup>

Ficou então explicada a posição de Lane, o pouco caso que de mim fazia Price e mil anomalias que me atordoavão. E o famoso Superintendente, depois não me

---

<sup>(1)</sup> Nota, em 1884. — Leio hoje com pezar o que escrevi sobre o Conselheiro Pedreira, depois Visconde do Bom Retiro ; porque tratando mais de perto, depois que sou seu collega no Senado, observei um espirito de justiça e uma bondade que attrahem sympathias : mas disse a verdade.

restou duvida, estava feito com o patricio para bigodear-nos. Em certa occasião de grave divergencia relativa a avaliação de obras feitas para pagamentos, propuz, por intermedio do Barão de Mauá, que Price apresentasse documento firmado por Lane; e ouvi do Barão, estas palavras: « *Price disse-me que as approvações de Lane-lhe são onerosas.* »

Estava eu assim exautorado: devia demittir-me? Talvez; mas si o fizesse se consolidaria a liga dos dois, que tomarião conta da segunda secção e seguintes; e além de dois ou tres mil contos, que demais nos custou a primeira secção (sem fallar nas reconstrucções) até Belém ensacarião nos prolongamentos mais oito ou dez mil contos de lucro liquido. Demais, tendo conseguindo installar a fiscalisação dos meus engenheiros, esperava que as cousas melhorarião. Continuei, pedindo sempre de balde que nomeassem o seu Presidente, repellindo a nomeação que me era offerecida e fazendo estudar a minha segunda secção.

O chefe, Coronel Garnett era um homem intelligente e culto, sabendo da profissão, mas fazendo do cargo sinecura e quasi limitando-se a escrever relatorios. A' frente dos estudos technicos na Serra, ficou o 1.º Ajudante Major Ellison, muito habil, activissimo, verdadeiro autor de todo o projecto da estrada de ferro de Belém em diante. Era auxiliado por alguns outros, mais ou menos habeis.

Quanto á fiscalisação da primeira secção a cargo do Coronel Garnett, em nada melhoramos, porque elle era de uma fraqueza deploravel e depois vim a saber que se embriagava. *Inter pocula*, obtiverão os Agentes de Price duas ou tres concessões que me exasperarão; uma dellas foi o pagamento de Rs. 100:000\$000 pelo excesso de largura da ponte do mangue, construida para via dupla.

Mas não podia eu attribuir o facto a improbidade, e demais muito temia a desorganisação do nosso corpo de engenheiros, sem os quaes Price nos daria a lei, monopolizando a construcção de toda a linha, para o que trabalhou por alguns annos.

Não tínhamos então no paiz engenheiro nacional capaz de bem resolver o problema da passagem da Cordilheira : e deixal-o entregue a Price e Lane, seria sacrificar enormes cabedaes. Verifiquei depois que só na subida da Serra, 28 kilometros, dos quaes 25 em rampa de 1,8 %, a perda seria de 4 a 5 mil contos, cerca de meio milhão esterlino ; tal a differença entre os orçamentos inglezes e os nossos.

Satisfeito, pois, com o modo como via proseguir-se no estudo da segunda secção resignei-me quanto á 1.<sup>a</sup>, aliás procurando sempre estimular e activar o meu Garnett.

Quasi nada consegui : a construcção até Belém ficou uma miseria : mas não me arrependo : defendia interesses de maior importancia e alcance.

Omitto mil incidentes de desordens, luctas, polemicas, a que derão logar este Price e os seus agentes, e que ainda hoje me desgostão. Pelo exposto, póde-se fazer idéa de tudo : passemos para o melhor clima da segunda secção e seguintes.

#### § 5.<sup>o</sup> — Linha da Serra e prolongamento além della.

Em Janeiro de 1857 consegui apresentar ao governo os planos (planta, perfil longitudinal e transversaes, orçamento) dos 28 km. que transpõe a Serra, de Belém até a sahida do grande tunnel. Eu não teria aptidão para fazer por mim este trabalho tecnico ; mas possuia as luzes precisas para apreciar-o ; e tendo presidido ao

trabalho, acompanhado os engenheiros, passando muitas vezes o dia com elles nas picadas de exploração, podia attestar que aquelles desenhos não erão papel pintado, mas representavão fielmente os accidentes do terreno, como na execução foi verificado.

Com este resultado cahirão as minhas apprehensões quanto á subida da Serra: adquiri fé. Mas nas minhas relações com o governo só via difficuldades; e muitas me suscitou o amigo Lane.

Entretanto, pouco depois, estando eu ausente, em visita de inspecção dos estudos além da Serra, o Ministro Pedreira, sem consultar-me, atirou na imprensa o Decreto que me nomeava presidente effectivo da companhia.

Grande embaraço para mim: por um lado servia eu desde a installação, tinha assumido grandes responsabilidades e feito planejar a parte principal da segunda secção, chave da estrada de ferro, sendo assim natural que presidisse á execução; por outro lado, nada obteria sem forte apoio e confiança inteira do governo; e com esta não podia contar, continuando Pedreira a jurar nas palavras e ver pelos olhos do seu Lane.

Estava muito hesitante e perplexo; quando uma pergunta do meu Theophilo rompe a tréva das minhas duvidas.

— Tem a companhia capital emittido sufficiente para a segunda secção?

Não tinha. Dos Rs. 12.000:000\$000 da primeira emissão, o contracto Price tinha absorvido grande parte e era destinado a absorver mais da metade. Os 28 km. da Serra deviam custar oito a dez mil contos; e tendo as acções baixa na praça era difficillima uma nova emissão.

Requeri, pois, que a terça parte do capital decretado, isto é, Rs. 12.666:666\$666 fosse levantada por emprestimo em Londres, em nome do governo que desti-

naria a juro e amortisação os 7% que offerecera em fórma de garantia, não havendo assim augmento dos onus do Estado.

As bases da operação devião pois ser estas (e foram) :

Valor real arrecadado : Rs. 12.666:666\$ (o equivalente em lib. sterlinas) ;

Juro e taxa de emissão : o que se ajustasse ;

Amortisação : a differença entre 7% e o juro convencionalado ;

Valor nominal e prazo da extincção da divida : o que resultasse dos dados precedentes.

Continuei a assignar-me Vice-Presidente, e disse ao Ministro : « Irei agradecer ao Imperador a assignatura do Decreto ; mas pedir-lhe-ei licença para deixar o titulo na secretaria até que se resolva o emprestimo pedido. »

Deu-me S. Ex. esta resposta typica : « Vá, vá ; mas como amigo lhe previno que o Imperador não gosta que lhe ponhão condições. »

O Ministerio de então nada resolveu : mas os seus successores, Marquez de Olinda e Souza Franco, em Maio do mesmo anno, 1857, assumirão para commigo o compromisso, e só então acceitei a presidencia effectiva.

Parece evidente que sem este emprestimo a estrada de ferro não transporia a Cordilheira : pelo que seja-me licito accentuar este, um dos maiores serviços que prestei no decennio da minha gestão.

A lei passou nas Camaras e só teve execução no anno seguinte : podia mesmo soffrer maior demora ; o capital da primeira emissão não estava esgottado.

Souza Franco, Ministro da Fazenda, louvou-se em mim para minutar as instrucções á Legação em Londres ; o que fiz com inteira lealdade : tenho por timbre não abusar da confiança em mim depositada.

Por isso, e por ser Souza Franco um homem instruído, muito espanto me causou uma pergunta d'elle nessa occasião. Acabavamos de assignar o contracto entre a companhia e o governo, e elle as instrucções para a operação financeira, e disse-me: «Ora bem; agora que tudo está feito, diga-me com franqueza si o thesouro não foi sacrificado em alguma clausula?»

E esta!....

Entre a approvação dos planos pelo governo e a adjudicação das obras, em Março de 1858, medeiarão 14 mezes, que forão agitadosissimos por incidentes curiosos, intrigas e luctas.

As obras erão pesadissimas: dos 25 kilometros em rampa, quasi 5 k. erão em 13 tunneis, tendo o maior 2.236 metros e havendo no resto aterros e cortes colossaes. Disse destas obras o engenheiro Law: «Só o systema de derivações de aguas pluviaes e nativas é bastante para estabelecer a reputação de um engenheiro.»

Emprezarios não tinhamos com a pericia pratica necessaria.

A empreitada por serie de preços era novidade: de seus resultados não podião fazer idéa, por inexperiencia, alguns homens energicos e activos, que poderião aventurar-se.

Nestas circumstancias remettemos cópias de nossos planos para New-York, Lisboa, Pariz e Londres, convocando de toda a parte concurrentes para a nossa hasta publica que teve logar em Agosto e mallogrou-se: não tivemos proposta accetivel.

Price conhecia os planos, quer daqui, quer em Londres, para onde se retirou: mas não fazia proposta porque a sua idéa fixa era matar a pretensão da adjudicação no Rio de Janeiro e avocar o negocio para Londres onde estava certo de contractar em globo, á

moda da primeira secção, sem concurrentes. Contra esta aspiração assestei todas as minhas baterias, declarando sempre que si a trica vingasse eu abandonaria a empreza.

Annunciada segunda hasta publica para Fevereiro de 1858, fizeram os meus engenheiros diligencias para attrahir, como attrahirão, a firma Roberts, Harvey & C., de que eram socios Harvey, empreiteiro antigo e perito, Roberts (<sup>1</sup>), engenheiro habil, e J. Humbird, preciosa especialidade em construcção de tunneis. Mas eu, rejeitando imposições, mantive para a hasta publica a minha liberdade, só promettendo imparcialidade e justiça; animei outros proponentes e pedi ao Barão de Penedo diligenciasse para que nos viessem propostas inglezas.

Science Price desses passos e julgando ver nelles o mallogro da minha idéa de adjudicação cá, escreveu ao nosso Ministro uma carta, que elle me remetteu em original, e cujo transumpto era este: « A obra que o Sr. Ottoni quer executar deve custar dois milhões esterlinos: pelo Morro Azul se póde transpor a Serra com despeza de milhão e meio: estou prompto a empregar este trabalho si despedirem os engenheiros americanos, com os quaes não posso entender-me. » (Deixei-a no archivo da Companhia.)

O traço por Morro Azul (feitos pelos meus engenheiros, dizia Price) não existia; era um méro embuste: o contracto por milhão e meio ou dois milhões, em globo, era o seu sonho: a despedida dos americanos era a minha expulsão, e deixaria a estrada nas mãos do Medico e Boticario a que alludi na pag. 108.

(<sup>1</sup>) O mesmo que muitos annos depois estudou a expensas do governo alguns dos nossos portos e o rio de S. Francisco.

Recolhidas as propostas em Fevereiro de 1858 e constando que os directores estavam propensos a tratar com os americanos, todos os interesses que se agrupavam ao redor daquelle milhão e meio ou dois milhões de Price, erguerão-se voz em grita, fizerão gemer os prelos moverão mil intrigas e fizerão agitar por todos os cantos da cidade a questão da segunda secção da estrada de ferro. Forão os principaes auxiliares :

Lane, que em relatorio official aconselhára ao governo não approvasse os nossos planos, porque o projectado tunnel grande não se faria em 20 annos (concluiu-se em 7) nem pelo dobro do orçamento.

Haddock Lobo, que nada sabendo da questão, gritava — *Morro Azul* — por toda a cidade como meio de eliminar-me.

A redacção do *Jornal do Commercio* que em artigos editoriaes representou um papel inconveniente.

A obra foi adjudicada, concluida, e custou cerca de dez mil contos em lugar dos dois milhões esterlinos do heróe Price; era sómente os 28 kilometros de Belem á sahida do tunnel grande, sem desappropriações nem estações, nem telegrapho. Quem quizer póde verificar o custo na escripturação da estrada de ferro.

A empreitada por serie de preços, por mim inaugurada em 1858, foi depois applicada ao resto da segunda secção, 18  $\frac{1}{2}$  km. da sahida do grande tunnel até á Barra do Pirahy e mais tarde aos 89  $\frac{1}{2}$  km. da Barra até Entre-Rios, que tambem adjudiquei. O mesmo systema continúa até hoje, com razão, a ser preferido.

Prosegiu o trabalho agitadissimo por mil incidentes ora de desgostos, ora de luctas ou de prazeres do amor proprio. Narrar todos esses incidentes seria longo e hoje sem interesse.



No fim de dez annos, em 1865, tinha eu construido o seguinte :

Linha provisoria sobre o grande tunnel.....	5	kil.	} 140 1/2 km. concluidos e em trafego.
Primeira secção.....	61	»	
Linha da Serra.....	28	»	
Resto da segunda secção.....	18 1/2	»	
Terceira até Desengano.....	22	»	
Ramal de Macacos.....	5	»	
Terceira secção, do Desengano a			

Entre-Rios..... 67 km. leito construido faltando a superstructura das pontes e assentamento de trilhos.

Tal o estado em que deixei a estrada de ferro quando em Dezembro de 1865 fui obrigado a deixar o cargo que me parecia exautorado por um acto do Governo.

Hoje, depois que se julga com calma, crê-se em geral que estas obras ficarão baratas, tal é a magnitude das difficuldades vencidas: fui mesmo censurado mais de uma vez por sacrificar a solidez á economia; mas tal não ha. Os preços da terceira secção, da Barra a Entre-Rios, me satisfazem; é a linha de bitola larga mais barata que existe no Brasil, e não creio que possa alguém fazer por menos trabalho igual. Os preços da segunda secção forão manifestamente onerosos: pagamos tributo á ignorancia em que jaziamos, á falta de pessoal perito e á minha inexperiencia. E querião os Inglezes mais meio milhão esterlino!... por isto póde-se fazer idéa do custo das obras que elles executão em nossas provincias com seus contractos em globo, celebrados em Londres.

Antes de proseguir, seja-me licito consignar que o meio milhão poupado na Serra foi o segundo dos meus

grandes serviços (desculpe-se a immodestia) prestados á estrada de ferro de D. Pedro 2º, tendo sido o primeiro o emprestimo de Londres. Houve terceiro, igualmente ponderoso, de que depois me gabarei.

§ 6º — Custeio e administração: episodios.

Com a conclusão da primeira secção, e abertura do trafego, a harmonia entre nós, membros da Directoria, que já andava abalada, soffreu grande quebra e foi pouco a pouco desaparecendo. Os directores julgavão-se humilhados porque até alli todos os negocios tinham corrido pelas minbas mãos, e quiz cada um delles mostrar que a casa cheirava a homem.

Já em principio de 1856, propondo-se na assembléa de accionistas um augmento de gratificação para os membros da Directoria, foi combatida a proposta (e cahiu) allegando-se que sómente seria justificavel o augmento para o presidente que era só quem trabalhava. Primeiro germen de ciume.

Installado o custeio, para cuja gestão todos se julgavão aptos, quiz cada um a sua quota de exercicio administrativo, o que aliás era seu direito á vista dos Estatutos.

Demais, ia ser nomeado um batalhão de empregados, e cada director tinha a sua lista de afilhados. A este respeito a impossibilidade de nos entendermos foi tão completa que afinal adoptámos o seguinte expediente: formada a lista do pessoal a nomear para sete estações e para a conservação da linha, escolheu cada um de nós um, por ordem, do 1º até o 6º, revesando outra vez do 7º em diante e assim até esgotar a lista.

Sobre o processo da gerencia do trafego, achamo-nos em divergencia radical: eu entendia deviamos installar

um gerente, responsavel á directoria, com amplos poderes, nomeando e demittindo livremente o pessoal, continuando emquanto bem servisse, e assim fundando tradições administrativas. Os meus cinco collegas unirão-se em um pensamento diverso: cada mez um de nós regeria a empresa, aliás submettendo á approvação da Directoria todas as resoluções de certo alcance. Systema absurdo: o director de mez, em 30 dias apenas começava a tomar pé nos negocios, e logo tinha de retirar-se para vir outro tactear outros trinta dias: nem tinham poder bastante; não podião nomear um continuo ou escrevente sem o voto da maioria dos collegas.

Achando-me isolado e reconhecendo que pela lettra dos Estatutos estavam elles no seu direito, sujeitei-me, mas protestei nunca servir o meu mez: repartia-se o tempo por cinco, não por seis; e fiquei eu especialmente occupado com a construcção de Belém em diante.

Durou este processo administrativo onze mezes que exhibirão o mais triste espectaculo de anarchia, de patronatos, de contradicções e de estulticies.

Mil incidentes, no decurso destes onze mezes, concorrerão para mais e mais desunir-nos e destruir a confiança mutua: não os narro, bem que tenho minuciosos apontamentos; mas cumpro um dever de consciencia confessando que por vezes reconheci, depois dos conflictos, que me havia faltado a prudencia necessaria para evital-os.

De divergencia em divergencia, em Janeiro de 1859 estavam quatro dos cinco directores pronunciados contra mim <sup>(1)</sup>, e excogitando deliberações que me suscitassem embaraços. Nestas vistas, demittirão o Coronel Garnett, o que me causou grave receio de ver desorganizada a direcção technica da construcção; mas pelo que tocava ao

---

(<sup>1</sup>) Tres: Teixeira Junior uniu-se a elles no ultimo momento.

individuo, não podia affligir-me, apreciando-o eu, como expuz a pag. 114 deste livro. Conseguindo então segurar os dous irmãos Ellison e mais alguns ajudantes, deixei ir o tal Coronel, que em verdade não nos fez falta.

Facto mais grave foi assignarem vencido o relatório de Janeiro os meus quatro adversarios, simulando duvidas sobre a construcção da segunda secção, sob a minha especial superintendencia.

Era impossivel continuar tal estado de cousas ; maioria hostil ao presidente que não tinha poder algum sinão o que lhe delegasse o corpo collectivo. Expondo confidencialmente o meu embaraço ao governo, a quem era eu responsavel, lembrou o Conselheiro Nabuco, Ministro da Justiça, que um accionista propuzesse a eleição de uma commissão especial para exame da administração ; e perante ella se chamasse a terreiro a questão do Director do mez. E assim o fiz, prestando-se a propôr a moção, a meu pedido, o accionista Dr. L. de Castro Carreira. No desenvolvimento deste incidente e antes mesmo de instalada a commissão, acharão-se os quatro Directores exautorados pela Assembléa Geral e demittirão se, sendo eleitos os successores, a meu contento.

A commissão especial eleita, tendo examinado todos os trabalhos e a administração, emittiu um parecer que esclareceu muitas questões e deu muitos conselhos uteis, entre elles a abolição do tal Director de mez : mas a minha idéa sobre a gerencia, qual a expuz no principio deste paragrapho, não foi acceita. Propoz a commissão e os accionistas approvarão, que em cada semestre a Directoria designasse por eleição um dos seus membros, que como *seu Delegado* dirigisse o serviço, dobrando-se-lhe a gratificação. Não era difficil tornar-se esta medida em pomo de discordia: elegerem seis homens, por escrutinio um dentre si, a quem os vencimentos de duplica. Tivesse

eu a ambição de ser Delegado, e ahí teríamos a desordem em casa.

Sujeitei-me ao vencido, fazendo logo proposito de deixar aos collegas a delegação para o trafego: mas a pedido dos novos Directores, com os quaes estava em boa harmonia, servi o primeiro semestre, no qual muito me desvelei por estabelecer praticas uteis e melhorar o serviço: o que pude conseguir consta do relatorio respectivo.

Nos annos seguintes, de 1859 até 1865, em que foi dissolvida a companhia, caprichei em conservar a harmonia com o Delegado e auxiliá-lo: por isso, apesar das grandes brigas de Marques de Leão com Campos Porto, de Campos Porto com Drummond, de Drummond com o Dr. Galvão e mais tarde commigo, a administração marchou e não fez máo papel.

Devo accrescentar que de muito auxilio nos foi o engenheiro belga Capitão Vlemieux, nomeado Inspector do Trafego, o qual servio com muito zelo, actividade e intelligencia nos seis annos a que me vou referindo.

Nos quasi oito annos que decorrerão desde a inauguração da primeira secção, em Março de 1858, até a minha retirada em Dezembro de 1865, o trafego, a construcção dos prolongamentos, as empreitadas, as relações com o governo e as questões de depositos de fundos derão logar a curiosos episodios: registrarei alguns, o que me dá occasião para apreciar diversos dos nossos homens, com quem tive relações officiaes.

A) *Marquez de Olinda*. — Foi Ministro, de cujas mãos recebi em Maio de 1857 o titulo de presidente da companhia, como expuz no § 5º. Estive nas suas boas graças cerca de anno e meio; cahi dellas em Novembro de 1858; porque foi condemnado o meu procedimento em um conflicto com Bayliss, representante do empresario da 1ª secção. Estando em serviço a linha até Queimados, e con-

cluido o trecho dalli até Belem, recusava Bayliss entregal-o, sob pretextos frivolos e para fins de extorsão: e insistindo eu em abrir o transitio, trancou a linha com uma cancella, acima da qual içou a bandeira ingleza, e collocou-se pessoalmente abaixo della, entre os trilhos.

No receio de conflicto, porque o homem tinha grande pessoal de trabalhadores inglezes, pedira eu o apoio da força publica e foi commosco (toda a Directoria), no trem, o Chefe de Policia da Provincia com vinte policiaes. Entretanto, temendo reclamação diplomatica, o Marquez deu ordens reservadissimas (depois o soube) ao Chefe de Policia, nestes termos: « *Não empregue força em caso algum* ».

Eu porém, não me resignei a soffrer a desfeita do Godemi; e tal pressão exerci sobre a autoridade que a bandeira foi arreada, a cancella arrombada, e Bayliss arredado da linha para dar-nos passagem.

Parece que Olinda propoz a minha demissão e que o Amo delle não annuiu: o que é certo é que dalli em diante jurou-me odio, e não perdeu occasião de tentar prejudicar-me, até que em 1865, outra vez Ministro, tanto me intrigou com Paula e Souza, Ministro da Agricultura, que surgiu um conflicto e tive de retirar-me. Nessa occasião dizia Manoel Felizardo, seu intimo, a José Antonio Ayrosa, que m'o referio: « O Christiano tinha uma conta velha com o Marquez; saldou-a ».

Já por vezes me tenho referido á protecção imperial, que alguns annos me sustentou: terei ainda de voltar a ella.

B) *Sergio de Macedo*. Succedendo este ao Marquez de Olinda no Ministerio, eu não melhorei, porque Sergio se resentira da analyse e criticas que fiz pela imprensa ao contracto de Londres por elle celebrado. A idéa de que o Ministro me era hostil muito animou a dissidencia dos quatro directores de que já fallei, e creou-me mil embaraços.

Foi este Ministerio que tentou fazer-me a desfeita de glosar a despeza feita com a inauguração da 1.<sup>a</sup> secção: ouviu o Conselho de Estado e resolveu o Conselho no sentido da glosa. Eu porém resisti, refutei a consulta, que foi reconsiderada, revogando a resolução o ministerio seguinte.

O que melhor caracterizou a má vontade de Sergio contra mim foi encartar na estrada de ferro, dando-lhe commissões, e depois querer nomear Engenheiro Fiscal, um tal Francisco Primo, meu inimigo, que, havia annos, me injuriava com escriptos anonymos. Chegou mesmo a assignar a nomeação interina: eu porém declarei que nem por uma hora tal homem fiscalisaria meus actos, preferindo demittir-me; e posta assim a questão — ou elle ou eu — o mesmo Sergio o desnomeou e escolheu quem eu indicára. Sempre porque *mandou quem podia*.

C) *Paranhos*. Era Ministro de Extrangeiros, com Sergio; e deu-se entre nós um pequeno incidente, cuja succinta narração talvez amenise um pouco esta historia de luctas. Amigo de F. Primo e em boas relações commigo, disse-me um dia S. Ex. quando se agitava a questão da escolha do Engenheiro Fiscal: « E' verdade que F. Primo está dominado por impressões desfavoraveis á sua gestão; mas eu posso modificá-lo ». Eu respondi: « Então, quer apadrinhar-me? Ora, Conselheiro, deixe-se disso ».

Antes, e logo que vagára o cargo, tinha eu pedido, em carta ao Visconde de Abaeté, Presidente do Conselho, a nomeação do Capitão Viriato de Medeiros, e nessa carta allegára eu: « O Capitão Medeiros, por cujo conselho o governo approvou os planos da 2.<sup>a</sup> secção, tem o seu amor proprio interessado em tirar delles bom resultado, e deve por isso ser o melhor Fiscal ».

Despedido F. Primo e nomeado o Cap. Viriato de Medeiros, diz-me o meu Paranhos, requintando de amabi-

lidade: « O Imperador fez em Conselho uma observação muito cheia de verdade.

— Qual?

— Disse que o Cap. Medeiros... (a phrase textual da minha carta ao Visconde de Abaethé): não é muito bem dito?

— Sem duvida, respondi, e abundei na homenagem ao bom senso do Imperador.

D) *Sayão Lobato*. <sup>(1)</sup> Em 1861, e já desde o fim de 1860, constava-me de boa fonte que os emprezarios americanos da Serra estavam arruinados e prestes a fallir: fizeram-n'os saber elles mesmos, e tive de considerar si os deixaria quebrar, abandonar o serviço, e adjudical-o a outros, ou si devia vir-lhes em auxilio. O primeiro expediente trazia, além da perda de tempo (com a primeira adjudicação despendemos mais de um anno) enormes prejuizos de dinheiro. Aterros collossaes, não acabados nem preservados das enxurradas, irião pelas grotas abaixo. Tunneis principiaados desabarião. Tudo se estragaria, e o simples facta da quebra dos empreiteiros aconselharia a seus successores pedissem mais altos preços. E' evidente.

Estudava eu pois o minimo sacrificio a fazer para não parar o serviço, quando subio o Ministerio a 2 de Março. Logo depois fui intimado verbalmente pelo Engenheiro Fiscal, da parte do Ministro da Agricultura, Manoel Felizardo, que S. Ex. não julgava a companhia autorisada a celebrar a novação do contracto, sem prévia licença do governo imperial: sendo clarissimos os poderes que tinhamos pelos Estatutos, desprezei a intimação e prosegui no estudo. Não estava elle terminado, quando encontrei casualmente Sayão Lobato, Ministro da Justiça, que, depois de informar-se das circumstancias, disse-me

---

(<sup>1</sup>) Visconde de Nictheroy.



com a sua ordinaria carranca, e dogmaticamente: « *E' melhor deixal-os quebrar e procurar outros empreiteiros.* » Desorganisavão o serviço da estrada de ferro só para prejudicar-me na opinião publica!

Calei-me, precipitei o exame da questão, reformei o contracto, concedendo para o que restava fazer do tunnel grande um augmento de preço especifico: passou de 22\$620 a 25\$000 por jarda cubica.

O meu acto foi approvedo pelo governo sem reparo algum: mas Sayão Lobato desde então declarou-se meu inimigo.

O Imperador, apenas informado, mandou chamar-me <sup>(1)</sup> e interrogou-me por uma bôa hora sobre o negocio, evidentemente preparando-se para a sabbatina em que fez calar as objecções dos dois. Não me perdoarão elles.

*E) Manoel Felizardo de Souza e Mello.* Já comecei a apreciar-o: era um homem todo meluria, de trato ameno e delicadissimo; mas parece que não me tinha perdoado o desaforo de recusar ser seu collega no ministerio, em 1848 (V. cap. 6º). O facto que muito bem caracterisou a sua duplicidade foi o da adjudicação da 3ª secção, da Barra do Pirahy até Entre Rios. Estavão os planos submettidos á approvação do governo imperial.

Esta linha, previa-se, faria concurrencia ruinosa ás estradas União e Industria e Mauá, e daria prejuizo á de Cantagallo; pelo que, unidas as tres empresas ao então poderoso Banqueiro Souto, credor da primeira por cerca de 2.000:000\$000 pleiteavão a suppressão da 3ª secção: a E. de F. de D. Pedro 2º não devia dar um passo além da Barra do Pirahy.

Além do empenho dos quatro potentados — Souto,

---

<sup>(1)</sup> Em Juiz de Fóra, por occasião da inauguração da E. União e Industria.

Ferreira Lage, Barão de Mauá e Visconde de Barbacena, recommendavão a medida certos temores financeiros: julgavão alguns, e entre elles o illustrado Visconde de Itaborahy, que a empreza era grandiosa de mais para os nossos recursos.

Ou porque entrasse sinceramente nestas vistas acanhadas, ou porque tambem quizesse pregar-me peça, Manoel Felizardo, Ministro da Agricultura, annuo aos desejos dos quatro, resolveu a mutilação pedida, e chegou a annunciar-me verbalmente a deliberação: não devia eu lançar um trilho mais além da Barra do Pirahy.

Resisti, declarei que me retiraria; S. Ex. escolhesse o meu successor para executar a medida que eu julgava funesta.

Estava a questão por decidir, e os planos sem approvação, quando occorreu um incidente muito notavel. O Imperador, encontrando-me em Macacos, chamou-me a um gabinete em que se achava com seus Ministros Paranhos e Manoel Felizardo, e entre este e mim estabeleceu debate e controversia que durou quasi duas horas...

Tres dias depois fui autorizado a encetar a construção, dizendo-me então o Ministro: «A opinião que eu tinha externado era individual: fiz meu o parecer da maioria do ministerio, que é da sua opinião.»

Eu engoliria esta pilula, si não tivesse havido a sabbatina de Macacos. Mais uma vez, *mandou quem podia.* (1)

F) *Os Teixeira Leite.* E' familia numerosa, rica, muito influente no municipio de Vassouras e circumvisinhos: a pressão que exercerão sobre o partido conservador e

---

(1) E' este o terceiro grande serviço a que alludi na pag. 140: 1º Emprestimo de Londres; 2º eliminação dos contractos inglezes; 3º resistencia á mutilação da estrada de ferro decretada.

seus chefes foi o que mais contribuiu para ser decretada a estrada de ferro.

Um dos activos propugnadores da decretação foi o Conselheiro Sayão Lobato, ou convencido pelos Teixeira Leite ou a elles subserviente, por causa do grande numero de votos que lhe davão nas eleições politicas. Prestou esta familia ao paiz assignalado serviço que segunda vez commemoro com prazer, lamentando que fosse mal considerada pelo governo, como fiz ver no paragrapho da decretação.

Honrarão-me os Teixeira Leite, sustentarão-me em todas as minhas luctas; e sou-lhes tão reconhecido que dando-se depois motivos para esfriamento de relações com alguns d'elles, houve-me com prudencia para evitar, e evitei, conflictos ou polemicas.

Com pezar causei-lhes um grande desgosto. Da sahida do tunnel grande para a margem do Parahyba traçarão os engenheiros duas linhas: uma, tocando a cidade de Vassouras, com subidas e descidas, tres pontos culminantes e obras mui pesadas; outra, a que se executou, descendo sempre pelos valles do ribeirão de Sant'Anna e rio Pirahy, mais curta, mais barata, de custeio mais economico.

Defendendo a sua cidade, os Teixeira Leite sustentavão devia preferir-se o primeiro traço, embora mais oneroso: mas eu opinei pelo segundo e o fiz adoptar, crendo que o excesso de custo e a maior despeza de custeio seriam um onus perpetuo sobre o paiz, em favor sómente de Vassouras. Contrariei-os com pezar, mas cumpri o meu dever.

A proposito consignarei aqui um dito do Commendador F. J. Teixeira Leite <sup>(1)</sup>, que me faz honra e a elle ainda mais. Observarão em um palestra: « O Ottoni

---

<sup>(1)</sup> Depois Barão de Vassouras.

pronuncia-se tanto pela linha do Pirahy, que adoptada a de Vassouras, terá de retirar-se.

— Nesse caso, accudio o Commendador, dispensamos a estrada de ferro em Vassouras. »

Nem todos os membros da familia tinham igual longanimidade: ficarão alguns resentimentos, mais tarde aggravados por outras causas; mas não fizeram explosão; e, tudo ponderado, a recordação destas relações tem para mim muito mais de agradavel do que de penosa.

G) *Barão de Mauá*. Tomou parte na campanha contra a 3ª secção, de que fallei no episodio *E* e trocamos na imprensa alguns artigos de polemica, que nada teve de odiosa nem de virulenta. Minhas relações pessoaes com o Barão limitarão-se sempre a uma cortezia benevola, e nem um obsequio lhe devi em tempo algum. A Theophilo fez grandes finezas e erão ligados em intima amizade.

Relações officiaes tambem não as tive, salvas as que tinham por objecto o deposito dos fundos da companhia em C/C no banco Mauá, Mac Gregor & C. Para a preferencia deste deposito figurarão os empenhos, como figurão mais ou menos em tudo entre nós; e eu mesmo não fiquei isento da critica, sendo o Theophilo o meu empenho. Aliás, o banco parecia muito solido, e em verdade não nos deu prejuizo.

De 1855 a 1858 as chamadas feitas sobre as acções emittidas erão recolhidas ao banco contra o qual saccavão para os pagamentos.

Em 1858, passando o Brasil os fundos do emprestimo de Londres, não foi sem apprehensões que deixamos ir tão grandes sommas para o Barão de Mauá, que começava a mostrar-se muito aventureoso em especulações. Ficarão no Thesouro Rs. 2.000:000\$; forão Rs. 3.000:000\$

para o Banco do Brasil; e ainda restarão 7.600:000\$ recolhidos á nossa C/C no Mauá. Não estavam dissipadas as apprehensões, quando em Dezembro do mesmo anno (1858) deu se um facto mui digno de ser narrado.

Souza Franco, Ministro da Fazenda, escreveu-me que o Thesouro não devia garantir 7 % de fundos que vencião menos em certos depositos, havendo outros que abonavão os mesmos 7 %. O Banco do Brasil pagava  $6 \frac{1}{4}$ , o Mauá 7 %, e estes juros erão creditados ao Governo á encontro da garantia.

A vista deste aviso a Directoria resolveu passar os 3.000:000\$ do Banco do Brasil para o de Mauá; mas os Directores fizeram em sessão mil protestos, *que a segurança não era igual, mas que lavavão as mãos porque erão compellidos pelo Governo*. Si não me falha a memoria forão esses protestos consignados na acta da sessão.

Entretanto, a verdade era que cedião a empenhos.

Tomada certa noite esta resolução, annunciarão de manhã os jornaes a queda do Ministerio; pelo que, tomado de zelo pela liberdade de espirito dos *coactos*, com toda a ingenuidade suspendi a execução do resolvido, e convoquei sessão extraordinaria da Directoria para de novo deliberar *visto que cessava a coacção*. Ninguem compareceu: « já está assentado, diziam, que impertinencia! »

Cerca de um anno depois, no fim de 1859 ou principio de 1860, soubemos de grandes perdas soffridas pelo banco Mauá em algumas fallencias da praça, e nos sobresaltamos: constou mesmo que o Conselho Fiscal desaprovava algumas operações do Banco.

A questão foi agitada na minha Directoria, já a segunda, não me lembro por iniciativa de quem, e o debate foi notabilissimo. Todos tinhão vivissimas apprehensões, mas ninguem concordava em tomar medida alguma: dizião que qualquer pressão sobre o Banco, prejudicando a

o seu credito, podia comprometter, em vez de salvar, os nossos capitaes.

Daqui surgiu uma lembrança que tudo conciliava: pedirmos ao governo imperial, reservadamente, que para as urgencias do Thesouro fosse reclamando dinheiro da estrada de ferro, para diminuir o deposito. Mas, confessando todos que estavam assustados, todos recusarão esta como outra qualquer medida. *Nem um dos ratos ia collocar no pescoço do gato o guizo que julgavão necessario.*

Nesta situação, salvei a minha responsabilidade, propondo a medida só em meu nome, em officio reservado; e em parte annuo o Governo. Mauá soube-o e ficou resentido, bem que não fizesse explosão; mas eu cumpri o meu dever, indubitavelmente.

*H) J. Teixeira Junior.* E' actualmente Ministro da Agricultura, e no jogo da politica nos proximos annos tomará de certo posição notavel: é o que mais me estimula a consignar aqui o papel que representou na estrada de ferro: foi membro da primeira Directoria, seu Secretario e depois Vice-Presidente. Nos tres annos e meio decorridos da installação até a crise descripta á pag. 118 a 120 esteve sempre em harmonia commigo nas votações: provão-o as nossas actas, registradas em um livro, primeiro por elle mesmo como Secretario, depois por seu successor João Baptista da Fonseca. Ainda na sessão ultima, quando assignarão *vencido* o relatorio, esteve a meu lado.

E' certo que nas grandes questões, que podião determinar crise, ninguem conseguia saber a opinião d'elle, antes que os outros se pronunciassem: antes de votar queria saber quem tinha maioria. Teixeira Junior unido aos outros dois fazião commigo maioria de quatro, e assim vivemos. Mas logo que viu tres votos pronunciados contra mim, ajuntou-lhes o seu como *coup de grâce*, certo

que me derrotava. Perdeu no jogo e teve de demittir-se como os outros.

O Visconde de Inhomirim, informado desta attitude do meu homem, comparava-o com o urso dos gelos da Russia, que segue indefinidamente o viajante, enquanto póde galopar ; si cahe, devora-o.

Ao retirar-se, Teixeira Junior praticou para commigo um acto de suprema deslealdade. O homem que por tres annos e meio me dera o apoio do seu voto (quem duvidar póde ir ver as actas da Directoria) no acto de demittir-se assignou um manifesto recheado de improperios em que dizião que *desde a installação da Companhia eu atraçoava os collegas.*

Passados tres annos, em 1862, unindo-se a Drummond que dizia ter queixas de mim, e a todos os adversarios que me suscitavão jogo de interesses contrariados, pretendeu Teixeira Junior ser de novo eleito Director da companhia, dizendo ter por fim *averiguar de abusos que lhe constava terem-se introduzido na administração.*

Consegui derrotar a pretensão : mas, não querendo embarçar o *exame dos abusos*, pedi aos accionistas, publicamente, em sessão, que nomeassem a elle, Teixeira Junior e os seus dois melhores auxiliares na cabala para a commissão de contas :

Forão eleitos e recusarão !

Sem meu conhecimento, porque o livro das transfe-rencias estava no Banco Mauá, tinham conseguido simular compra de mais de 4.000 acções improvisando accionistas que na Assembléa Geral lhes darião ganho de causa. Mas, dizendo os Estatutos — Só tem voto quem era accionista trinta dias antes da convocação — anteci-peia, de modo que o prazo fatal abrangesse as trans-acções imaginarias, que assim inutilisei. Gritarão muito, derão muito dinheiro a ganhar ao *Jornal do Commercio*,

fizerão-me dar outro tanto ao *Correio Mercantil*: mas o meu acto passou em julgado, e era estritamente legal.

Levantou-se, em seguida, na Camara dos Deputados, a que ambos pertenciamos, um debate sobre as questões expostas; mas alli o Dr. Teixeira Junior desmoralizou a sua propria acção, confessando que a minha firmeza por occasião da empreitada para a segunda secção salvára quatro a cinco mil contos: pelo que muito o censurarão os alliados da cabala derrotada.

Desde então cessou entre nós toda a hostilidade; salvamos a cortezia; mas não nós reune estima reciproca. Do meu character faz elle talvez juizo desfavoravel, sabe Deus si com razão em algum ponto: eu o reputo o typo do egoismo e da ambição, essencialmente desleal. Deus me perdoe, si estou em erro.

I) *Domingos Theodoro de Azevedo Paiva*. — Typo opposto ao precedente. Tive muitos collegas na Directoria da estrada de ferro: com alguns briguei: com outros vivi em boa harmonia; de certo numero delles fui amigo: mas entre todos sobresahe Domingos Theodoro de Azevedo Paiva, um velho liberal de Minas, que havia já alguns annos residia na Côrte. Eleito Director em uma vaga, foi dos que servirão até a encampação: sustentava-me nas maiores luctas; dava-me optimos conselhos de moderação e prudencia; auxiliava-me em tudo e por tudo. Sabia em todas as circumstancias demonstrar firmeza, sem que jámais attrahisse odios: tal era a sua bondade, seu humor sempre igual, sua cortezia e affabilidade para com todos, sua probidade, seu character inoffensivo, seu desinteresse.

Verdadeiro typo do homem honrado e sincero; do amigo leal, do cidadão desinteressado e patriota; ter conquistado a confiança de tal varão é uma das minhas glorias.

J) *Carneiro Leão e Humbird*. A estes, associados, foi



adjudicada em hasta publica a construcção dos 18  $\frac{1}{2}$  km. do grande tunnel até á Barra do Pirahy.

Nicoláo Neto Carneiro Leão, irmão do Marquez de Paraná, era um fazendeiro importante, cujas terras a linha adjudicada atravessava na extensão de alguns kilometros : do seu character tinha e tenho a melhor idéa.

Jacob Humbird era o imprezario do tunnel grande, industrial de uma pericia, de uma energia, de um tino, que o constituição, a meu ver, um empreiteiro-typo.

Quando abrimos concorrência para os 18  $\frac{1}{2}$  km., a obra do tuunel estava em meio, si é que tanto : e sendo esta a chave de toda a empreza, considerava eu de muita importancia fixar no paiz o Humbird, interessando-o em outra empreitada. Sorriu me tambem vel-o associado a Carneiro Leão, por ser um brasileiro notavel por sua intelligencia, posição, fortuna e character.

As apprehensões sobre o famoso tunnel não estavam de todo dissipadas : tinha elle 2.200 e trinta e tantos metros e exigio quatro poços de 37,101,73 e 107 metros, tudo em granito, ora massiço, ora decomposto ou estratificado ; ora secco, ora com terriveis infiltrações. A associação entre os dois foi muito bafejada pelo Major Ellison, nosso engenheiro chefe, amigo de ambos, e agradeu-me pela razão exposta. Mas logo que tive certeza de que entrarião em licitação comecei a receiar que a amizade entre os dois e o engenheiro os fizesse considerar-se homens necessarios e exaggerar os preços especificos da sua proposta.

Contra este perigo acautelei-me com alguma astucia : tendo ouvido que alguns membros da familia Teixeira Leite tinhão idéa de licitar, mas hesitavão, escrevi reservadamente ao Dr. Joaquim Teixeira Leite, chefe da familia, pedindo a sua intervenção para que não deixasse de vir a proposta dos seus parentes. Não lhe fiz mysterio

dos meus motivos: «desejava preferir Carneiro Leão e Humbird; mas temia que em falta de concorrência me impuzessem elles preços altos.» Isto feito, insinuei por meias palavras soltas em palestras deante dos interessados, que os Teixeira Leite tinham direito á preferéncia, tanto por tanto; attribuo a esta cautela terem sido os preços especificos deste contracto, que foi o segundo, menores que os da Serra. Os da 3.<sup>a</sup> secção foram ainda menores: effeito da concorrência e da lealdade com que nos haviamos na adjudicação.

Preferida a série de preços da firma Carneiro Leão e Humbird, nas negociações das clausulas do contracto occorreu um incidente de importancia para uma apreciação ulterior: por isso o exponho.

Circumstancias topographicas, dizião-me os engenheiros, permittião modificações do alinhamento que devião reduzir o orçamento, em algumas centenas de contos. Bem o sabia o habilissimo empresario Humbird, que por isso pedia um contracto em globo, calculadas a cubações do orçamento pelos preços da sua proposta.

O Major Ellison não repellia a idéa e observava que o contracto em globo dá menos trabalho aos engenheiros e diminue a despeza da direcção technica; o que é exacto.

Carneiro Leão dizia-se indifferente á forma do contracto, em globo ou por preços: entrava no negocio, affirmava, sem vistas de lucro, sómente para ter acção sobre os trabalhadores nos limites de suas lavouras.

Ouvindo os tres, certo que o contracto em globo nos seria mais oneroso, mas observando que Ellison parecia tergiversar, interpellei-o solemnemente, dizendo: «quero a sua opinião na qualidade de engenheiro em chefe da companhia.» Respondeu:

«Ah? si me interroga como engenheiro, não hesito

em dizer que o interesse da companhia aconselha de preferencia o contracto por serie de preços na forma da proposta».

Assim se fez : as contas finaes demonstrarão uma economia de quasi 600 contos, que, dado o contracto em globo, irião para as algibeiras dos emperezarios.

Muito hesitou Carneiro Leão para assignar o contracto, e declarou-se inimigo capital do Major Ellison, que dizia *tel os trahido* : « animára-os para o contracto em globo e na ultima hora opinou contra.»

Presumia Carneiro Leão (presumia, não affirmava) que Ellison queria ter parte nos lucros, e recuou, porque isso não lhe foi offerecido. Ficou bem averiguado que entre empreiteiros e engenheiros não houve pacto immoral : mas si eu celebrasse o contracto em globo, o engenheiro iria estudar no interesse dos empreiteiros as reduções de custo e naturalmente receberia paga pelo seu trabalho, eu o creio. Mas, uma vez que me informou com lealdade, ajudando-me a poupar a differença em questão, não posso dar valor á presumpção de que olhasse para as mãos dos contractadores.

A lucta entre os dois durou todo o tempo da construcção e produzio varios incidentes que me incommodarão. Colloquei-me entre elles, fazendo justiça em cada caso a quem a tinha e não fiz esforço para conciliar-os : ao Ministro da Agricultura que me interrogava sobre estas brigas, respondi : « ..... por fim de contas uma inimizade entre engenheiro e empreiteiro não é nenhuma desgraça. »

Antes de passar ao § seguinte, gabar-me-ei um pouquito. Acabo de fallar de 500 ou 600 contos poupados, que o meu paiz me deveu a mim e a mim só ; sommo este algarismo ao meio milhão esterlino economisado na Serra, e a 120 contos de multas que impuz a Roberts

Harvey & C. por demoras de construcção ; alguns outros contractos pequenos e varias desapropriações que dirigi salvarão tambem algumas dezenas de contos. Tudo junto, cobre algumas duzias de vezes as gratificações que recebi nos dez annos de minha gestão.

Talvez seja immodestia : mas confesso que commemoro estas circumstancias com grandissima satisfacção.

### § 7º — Moralidade da gestão.

No fim do cap. precedente expuz uma imputação infamante a mim dirigida por um miseravel, que não se atreveu a assumir na imprensa a responsabilidade da sua aleivosia ; e disse eu quanto basta para reduzir a torpe calumnia ao seu justo valor.

Nem uma outra accusação semelhante me foi dirigida em tempo algum : mas a que levantou Viriato de Medeiros em 1864 contra o engenheiro em chefe da companhia Major A. Ellison Junior, virtualmente me compromettia. Era eu responsavel pelos abusos que não cohibisse, podendo ; e até certo ponto me fiz solidario com o engenheiro autorisando por despacho meu o pagamento das contas de construcção organisada sob sua direcção technica e por elle rubricadas.

Concluiu-se em 1863 a empreitada de Roberts, Harvey & Cº da construcção da linha desde Belem até (exclusive) o grande aterro que precedeu o tunnel grande (¹). Durára o trabalho mais de cinco annos, tendo se todos os mezes avaliado approximadamente o serviço feito para os pagamentos mensaes na forma do contracto : fez-se afinal a medição geral e conta total para liquidar e pagar o saldo.

(¹) Este fôra em 1861 separado da empreitada e adjudicado a J. Humbird, individualmente.

Subia a importancia total, si bem me lembro, a cerca de oito mil contos estando por pagar um saldo de tresentos e tantos. Em toda a duração deste trabalho, com excepção do primeiro anno, foi engenheiro fiscal do governo o Capitão Viriato de Medeiros, que nunca fez o menor reparo sobre o modo como erão organizadas as contas de construcção, seu processo, fiscalisação e pagamentos.

Entretanto, concluidas em 1864 as medições e contas fiscaes, que dependião da approvação do governo, porque o Estado garantia os juros do capital empregado, oppoz-se Medeiros a esta approvação, e affirmou que se tinham pago de mais e abusivamente cerca de trezentos contos de excavações imaginarias. Fundava-se na falta que accusou de perfis transversaes que representassem aquellas cubações, estando exactos os calculos, dizia, das que constavão dos perfis apresentados.

Formulou a accusação contra o engenheiro, erguendo ao setimo céo a minha probidade e pondo-me no papel de illudido em bóa fé pelo supposto malversor: pretendia que eu me fizesse neutro entre o accusador e o accusado. Sobre os caracteres de ambos direi o que penso, antes de desenvolver a questão suscitada.

Viriato de Medeiros era um moço de bóa educação, talento mediocre, alguma pericia como engenheiro, orgulhoso, irascivel e de character profundamente sceptico: ouvi-lhe por vezes com desgosto esta declaração: « não creio em nada, trabalho só para ganhar dinheiro. » Todavia não o tinha eu, nem o tenho, por improbo.

O Major Ellison era malcreado; mas immensamente superior a Viriato em talento e experiencia, tino profissional e conhecimentos technicos: igualmente orgulhoso e irascivel, mas sabendo dominar-se quando convinha,

emquanto o outro, sempre que se irritava era estouvadissimo.

Entre os dois se estabeleceu pouco a pouco uma inimizade que chegou á ultima exarcebação, chegou até a ameaças de desforço material. Começára por ciumes de profissão e se aggravára por mil incidentes, cujos principaes expuz em um folheto com a epigraphe — *Um Brasileiro em Londres* — de que tenho um exemplar na minha gaveta: não foi contestado.

O odio figadal entre os dois é ponto perfeitamente averiguado; e a explosão, dados os caracteres descriptos, devia ser violenta. Seria Ellison venal e corrupto, como lhe imputou o seu inimigo? Era aqui homem novo; viéra ao Brasil só para ganhar dinheiro; e nunca me descuidei de observar e fiscalisar seo procedimento; direi sobre elle todas as minhas impressões.

Antes da accusação, no decurso do serviço que o Fiscal do Governo julgava sempre justo e perfeito, por tres vezes tive de estudar factos d'elle Ellison que precisavão de exame e syndicação.

O primeiro facto é o que se referiu ao contracto em globo com Carneiro Leão V. Humbird, como expuz no § antecedente, episodio J. Leia-se o que escrevi (Pag. 138 e 139) e se verá que a queixa do empreiteiro não envolvia imputação séria.

O segundo facto occorreu por esse mesmo tempo 1861. Tratando-se da novação do contracto com Roberts, Harvey & C<sup>o</sup> que estavam em más circumstancias, exigio a Directoria a apresentação do balanço dos empregarios, e nelle encontrou o Major Ellison credor de 30 contos que dizia ter emprestado aos patricios em hora de apuro. Foi por isso muito censurado e eu mesmo recommendei em officio que o facto não se repetisse. Mas, si fosse um acto de improbidade, é claro que Ellison não compro-

metteria o seu nome: e de mais Carneiro Leão, já então seu inimigo dizia saber da transacção que tinha sido leal e honesta.

O terceiro facto, que um momento me agitou, foi uma certa hesitação por elle mostrada quando tratei de impôr á firma Roberts, Harvey & C<sup>o</sup> uma multa de 120:000\$ por demora das obras. A questão pendia de um laudo de Ellison, que algum tempo pareceu tergiversar: mas, instado por mim deu o parecer que salvou os 120:000\$.

Nunca tive noticia de outro algum facto, que o expuzesse á censura de quem quer que fosse.

Si o meu engenheiro fosse venal ... não hesito em modificar a phrase, si o meu engenheiro era venal, o unico meio que teve de prevaricar, unico mas segurissimo, era abonar-lhe o empreiteiro Humbird, de quem era amigo, uma porcentagem dos seus lucros. Si o fizesse, como verificá-lo?

A falsificação das contas e cubações, denunciada por V. de Medeiros era claramente impossivel. A linha empreitada estava dividida, e cada divisão de cerca de kilometro e meio tinha o seu engenheiro residente, morando no lugar, acompanhando diariamente o trabalho, fazendo as medições, organisando as contas que erão obrigados a escrever de seu punho. Remettidas ao escriptorio da direcção technica, erão examinadas e conferidas pelo 1<sup>o</sup> Ajudante do Engenheiro Chefe, por elle assignadas e rubricadas pelo chefe. Entregues aos emprezarios, recebem estes o dinheiro: directamente da companhia, nunca pelo intermedio dos engenheiros. Das cubações se dava copia (na Secretaria da Companhia) aos sub-empreiteiros para seus ajustes de contas com os empreiteiros principaes. Logo, o viciamento das contas e cubações exigia cumprimento de todo esse povo, algumas dezenas de pessoas. Destes, alguns sub-empreiteiros quebrarão e sahirão bri-

gados com engenheiros e empreiteiros ; alguns engenheiros residentes se retirarão tambem mal com Ellison que era muito arrogante com os subordinados ; e de uns ou de outros nada transpirou ; a inverosimilhança não póde ser mais completa. (1)

Demais, sendo a base da accusação a falta de alguns perfis transversaes, releva notar que Viriato de Medeiros não tinha exigido que os guardassem ; e reunidos na ultima hora (muitas centenas) a collecção acaso se achou truncada. Quasi todos os que faltavão apparecerão depois : representavão excavações que estavam á vista, não contempladas nos primeiros perfis : mas *porque vinhão tarde*, Medeiros embirrou em recusal-os. Em suas respostas, o engenheiro da companhia explicou satisfactoriamente todas as differenças pelo que me ficou robusta convicção de que o Cap. Viriato de Medeiros calumniou o Major A. Ellison Junior. Assumi pois lealmente a defesa do accusado.

Não appareceu entre os Directores e accionistas uma só voz que echoasse a do Cap. Medeiros : a Assembléa Geral da Companhia approvou sem debate as contas da construcção. Mas o Governo Imperial precisou de um anno para pronunciar-se ; e antes de fazel-o tentou, ao menos tentarão dois ministros, illudir a questão. Eu, porém, consegui compellil-os a ser explicitos. Repare-se o que têm de curioso e anomalo os seguintes incidentes.

D. Leite Ribeiro (1), Ministro da Agricultura, em 1864, disse-me um dia na Camara dos Deputados : « Examinei a papelada da estrada de ferro : Viriato não provou

---

(1) Poucos annos depois V. de Medeiros, engenheiro chefe da estrada de ferro paulista, foi accusado de malversações pela Directoria, nos mesmos termos em que elle accusára o Major A. Ellison Junior : e a sua defeza pela imprensa, de que guardo um exemplar, consistiu nas allegações supra : copiou o nosso methodo de direcção technica. Si a defeza vale para um valia para o outro.



nada ; mas o Ellison não me satisfez com as suas explicações. »

— E V. Ex., perguntei, pretende exigir do accusado que prove a innocencia ?

— Oh ! não... a prova incumbe ao accusador ; mas...

Ficamos na reticencia : pouco depois o Ministro adoeceu e retirou-se para Juiz de Fóra, havendo então jornal que diagnosticou a molestia uma *Ellison-Ottonite*.

Sucedeu-lhe na pasta Jesuino Marcondes, que depois de longa procrastinação, mandou chamar-me um dia á sua casa e disse-me :

— O Ministro quer decidir a questão de modo que importe a demissão do accusador e do accusado, mas signifique plena confiança no presidente da companhia : redija o aviso.

— Obrigado, Sr. Conselheiro ; mas não posso acceptar a commissão, porque não sei redigir o sim e o não.

— Como o sim e o não ?

— Pois de que se trata ? denunciou Viriato uma grande ladroeira. Provou-a ? porque ha de ser sacrificado ? Não provou-a ? Com que direito se ha de punir o accusado ? O favor que peço a V. Ex. é eliminar-me de toda a communição confidencial sobre este negocio : espero as ordens do governo imperial. Ficou bem claro que eu me demittiria, si não dessem por justificado o meu engenheiro.

Dias depois cahi das nuvens, encontrando-me com Furtado, Presidente do Conselho e Dias Vieira, Ministro da Justiça. Narrando-lhes, porque me interrogarão, a minha conversa com Marcondes, responderão que nada estava resolvido ; que aquella idéa exquisita era só do

---

(1) Depois Visconde de Araxá.

Ministro da Agricultura ; e por se opporem a ella os collegas, ficára a questão por decidir.

Instei então por um despacho, que algumas semanas depois foi dado, nestes termos em transumpto : « Não tendo o accusador provado a accusação são approvadas as contas apresentadas ».

Julgo conhecer a explicação dos mysteriosos dislates que proferiram Leite Ribeiro e Marcondes, aliás um bom talento o primeiro, e o segundo um homem sensato, e de intelligencia regular. Tinha eu, em conversação com o Imperador exposto francamente as impressões que resumi á pag. 143 e 144 : creio que S. M. I. presumindo que eu tivesse sómente meia franqueza e crendo tirar domingos dos dias santos, ficou com má idéa do Ellison ; e como por outra parte a accusação era estulta, aconselhou a demissão de ambos. Orgão da idéa imperial, talvez Marcondes attribuiu a opposição de Furtado á amisade que me tinha ; e quiz, apresentando a minuta do aviso por minha letra, dizer-lhe : « Veja que o nosso amigo concorda ».

O que em tudo isso me espanta é que Leite Ribeiro, Marcondes, o Imperador, qualquer dos tres, acreditasse um momento que eu me havia de sujeitar áquella *sublime idéa* de fulminar o accusador e o accusado.

A decisão foi justissima ; e quem mais pugnou por ella no Gabinete foi o Presidente Conselheiro Furtado, homem honesto, illustrado, um dos caracteres mais puros que têm figurado em nossa politica : amigos e adversarios o reconhecem.

Tendo assim cahido a unica imputação de improbidade que foi levantada contra um alto funcionario da estrada de ferro, posso gabar-me que nos dez annos de minha vida que ora passo em revista, presidi a uma administração moralisada. Observação que muito me lisongea.

## § 8º — A protecção imperial

Eu não costumo visitar o imperador ; esquivo-me do Paço o mais que posso. Antes de assumir a direcção da estrada de ferro nunca lá tinha ido, sinão em desempenho de algum dever official, como as deputações da Camara. Ao contrario, no decennio da estrada de ferro o tive de procurar repetidas vezes, não só quando circumstancias do serviço ou de cortezia a isso me obrigavão, mas algumas vezes espontaneamente ; devia fazel-o, porque era notorio quanto o Imperador favorecia e fazia auxiliar o desenvolvimento da empreza.

Nesses numerosos encontros, S. M. I. tratou-me sempre com tantas distincções, que talvez hoje a minha esquivança será considerada lá no Paço — *uma ingratição*. — O Imperador foi quem fez nomearem-me Presidente da companhia ; sustentou-me nas minhas crises que não forão poucas ; em minhas divergencias com seus ministros, obrigou-os mais de uma vez a ceder. Veja-se o § 6º deste capitulo, episodios A, B, D e E. Era Elle quem fazia tudo : *reina, governa e administra*, declarou ha pouco no Senado o Visconde de Itaborahy.

Estas circumstancias honrão-me, até porque na politica as minhas opiniões democraticas, nunca renegadas, não podem agradar-lhe.

Mas tinha elle a peito a construcção da estrada de ferro para a qual não tinhamos então pessoal preparado, nem para dirigir, nem para planejar, nem para executar : e a minha especial applicação a este estudo, a analyse que fiz do contracto de Londres para a primeira secção, a minha eleição quasi em triumpho pelos accionistas, a dedicação com que encetei o trabalho, tudo isto me constituo, como já disse, *o torto em terra de cegos* ; e não é immodestia affirmar que S. M. I. me considerava *o homem*

*necessario*. A protecção, pois, que reconheço ter recebido, não era dictada por sympathia á minha pessoa, mas por motivo mais alto e mais digno do Imperador, e de mim.

Em 1859, tendo as luctas dos especuladores inglezes e seus alliados produzido geral incredulidade, quanto á subida da Serra, um cortezão, querendo mostrar-me quanto S. M. I. confiava em mim, referiu me o seguinte incidente. Em palestras com os Semanarios, observou um destes que era pena deixarem-me enterrar tão grandes capitaes, para depois confessar a inexequibilidade da construcção. «*Deixem-n'o*, respondeu o Imperador, *si não fizer a estrada é homem perdido* ». Dilemma que define a situação. (1).

Entretanto, uma occurencia politica foi causa de muito se refinarem nas demonstrações de apreço com que eu era honrado: refiro-me á lucta que se travou por esse tempo e durou até 1864 entre a provincia de Minas e o Imperador; ella, apresentando em todas as eleições para o Senado Theophilo Ottoni, primeiro da lista, com suffragios de ambos os partidos; elle, caprichando em não o escolher. Contava-se então muita anedocta, fazendo paralelo entre os dois irmãos: o Imperador, dizião os cortezãos, honrava sempre o meu nome; a cada eleição de Senador, si fallavão em candidatura minha, dizia: «*é muito digno* ». Era claro que si eu viesse em lista triplice com Theophilo, seria escolhido, para servir-lhe de figa: por isso, enquanto meu irmão não tomou assento no Senado, nunca fui candidato.

N'isto e em tudo, evitei sempre o papel de Valido Imperial. Regra geral: quando me achava em divergencia com o Ministro, não punha os pés em S. Christovão.

---

(1) Nota em Março de 1885. — Acabo de ouvir ao ex-ministro Thomaz Coelho estas palavras: «O Imperador apreciando o desenvolvimento da estrada de ferro, disse-me um dia: «Satisfaz-me, até porque eu era dos incredulos: pensava que a estrada esbarraria na Serra.»

A 2 de Fevereiro de 1862 o *Jornal do Commercio*, alludindo na « Chronica da Semana » a um pequeno debate entre mim e o Barão de Mauá, escreveu : « quando se pode impôr ao governo uma vontade ha razão para rir-se dos arrancos dos pequeninos ». Reclamei, exigindo da lealdade da redacção declarasse quaes os meios de que julgava que eu dispunha para impôr ao governo a minha vontade. A minha reclamação não teve resposta pela imprensa : em carta, o gerente da folha Adet declinou da solidariiedade com o folhetim — Chronica da Semana, — e esta não voltou aos prélos. Tanto se temia qualquer allusão ao governo pessoal do Imperador ! Está junta a correspondencia com o Adet.

No mesmo anno, 1862, sendo o Theophilo contemplado em uma lista triplice por Matto-Grosso, resolvido o Imperador a escolher Paranhos, mas parecendo começar a ceder do capricho para o candidato de Minas, resolveu conceder-lhe uma Carta do Conselho, que elle recusou. Por esta occasião tive com o Visconde de Albuquerque, Ministro da Fazenda, uma conferencia que, não escreveria si elle fosse vivo, porque foi confidencial : é muito significativa.

Mandou-me chamar-me e disse : « Você (havia entre nós alguma intimidade) ha de me ajudar a convencer o Theophilo que é uma asneira esta recusa da Carta do Conselho.

— Não, Sr. Visconde, dispense-me de intervir neste negocio.

— Porque então ?

— Porque eu não darei a meu irmão o conselho que V. Ex. deseja.

— Essa não está má ! E o Sr. não é Conselheiro ?

— Sou ; mas assevero que posto na posição de meu irmão recusaria como elle ; portanto não devo aconse-

lhar-lhe a acceitação. A minha posição, quando me fizeram Conselheiro, era muito differente.

— Sem duvida, quer vm. me dizer como o Theophilo que o Imperador é inimigo delle: é uma injustiça. Olhe: eu quizeria que vocês ouvissem uma conversa que tive com elle hontem. Dizia-me: « Queixa-se o Ottoni que eu sou seu inimigo!... eu não sou inimigo de ninguem: o irmão, que não anda com essas cousas, ainda ha de prestar ao seu paiz grandes serviços ».

— Sr. Visconde, attenda-me: si alguém, seja quem fôr, pensar em erguer-me para servir de figa a Theophilo Ottoni, vejão bem o que fazem: na hora da figa, se acharão enganados commigo.

Foi demorada a conversação que extracto: mas a ultima declaração foi textual e pareceu espantar o Visconde que terminou dizendo-me: « bem, bem; mande-me cá o Theophilo ».

Mas tinha o velho um espirito tão recto que no dia seguinte dizia a Theophilo estas palavras: « Você não tem amigo como seu irmão ».

Procedendo com esta sobranceria, era-me claro, e *a posteriori* ficou demonstrado, que a minha posição na estrada de ferro havia de ser inexpugnável, enquanto durasse o dilemma — *ou faz a obra ou é homem perdido*: resolvido o problema S. M. I. seria um rei constitucional, deixando toda a acção aos ministros responsaveis. Posição, esta ultima, cuja orthodoxia é incontestavel.

Em principio de 1865, Maio, subio de novo ao ministerio o Marquez de Olinda, que não me tinha perdoado a desobediencia de que fallei na pag. 126. Começou logo a prevenir contra mim o espirito do Ministro da Agricultura Paula e Souza e tanto intrigou que em Dezembro, já encampada a empreza, e administrando-a eu em nome do governo, praticou o Ministro um acto que de todo

me exautorou ; nomear para meu primeiro auxiliar e substituto legal um homem que eu informára não possuir as habilitações necessarias ao cargo. Dei a minha demissão.

O negocio foi objecto de correspondencia que durou mais de um mez : sem duvida alguma S. M. I. via bem o alcance da nomeação em que aliás não lhe fui fallar. Mas o tunnel grande estava concluido, e o Imperador Constitucional reina, não governa. Não ha que dizer a isto.

Minha demissão foi dada a 8 ou 9 de Dezembro, e a 17 teve logar a inauguração do tunnel grande e das estações de Ypiranga, Vassouras e Desengano, á qual ainda assisti por não ter tomado posse o meu successor. Para a festa, pretendi convidar o Major Ellison Junior, verdadeiro autor da obra, e foi-me isso vedado pelo Ministro. Ellison tinha-se demittido, depois de triumphar do Viriato, e fôra substituido pelo irmão William Ellison.

Consistindo a inauguração em organizar-se um trem imperial á disposição do Imperador, que era quem designava os convidados, appellei para S. M. I. ; não lhe tendo nunca pedido favor algum, pedi este (verbalmente) : um logar no trem imperial para o auctor da notavel obra que se ia inaugurar. Respondeu-me : « Ah ! isso é do Ministro ! ».

Inaugurou-se o tunnel a 17 ; a 18 mandei para o jornal e sahiu a 19, uma correspondencia em que expuz com referencia ao ministerio esta pequenina questão de convite do engenheiro ; e terminei por estas palavras : « Obedeci, mas desejo se saiba que na recusa não teve parte o ex-Director ; isto é do Ministro. »

As palavras sublinhadas levavão sobrescripto, mas o publico não entrou na confidencia.

A desfeita que me obrigou a retirar-me, o indeferimento á ultima hora de um pedido tão simples, e alguns

outros signaes do tempo que observei na mesma occasião tudo prova só estas duas cousas, a saber : que o tunnel grande estava acabado e que o rei é constitucional.

Contraste curioso ! O mesmo Ministro que me exauctorou e quasi enxotou-me, assignou um aviso louvando meus *grandes serviços* ; e o mesmo ministerio presidido pelo grande actor Marquez de Olinda, fez-me por Decreto, *Dignitario da Ordem do Cruzeiro !!!*

### § 9º — Procedimento politico no decennio

A bemaventurança de paz domestica e sentimento de bem estar, que descrevi com alguma complacencia no cap. 6º deste livro, pags. 81 a 86, erão completos em 1855, quando me chamarão á direcção da estrada de ferro : estava então de todo separado do bulicio politico, e assim continuei até 1861, accrescendo agora mais um motivo ; é que a empreza a que me dediquei absorvia toda a minha actividade. Comtudo, fóra do parlamento, não tendo tomado posição na imprensa, não tendo solidariedade nem responsabilidade politica, conservava sempre minhas opiuiões democraticas e as principaes relações que cultivava na Côrte e em Minas erão liberaes.

Bastava não ter-me modificado, para me hostilisarem alguns conservadores intransigentes ferrenhos, minoria de partido, como Sayão Lobato, Manoel Felizardo e alguns outros. Dahi me provierão bastantes embaraços.

Voltei á Camara dos Deputados em 1861, eleito pelo 3º Districto de Minas, que comprehende a zona mais directamente favorecida pela estrada de ferro que eu construia : mas não foi este elemento o que mais concorreu para a minha eleição ; o partido liberal acceitou e sustentou a chapa composta do meu nome, do Dr. Lima Duarte e Conde de Prados. Pelo que me julguei obri-



gado, como em 1848, a auxiliar os liberaes da Camara em tudo o que não contrariasse fundamentalmente as minhas opiniões.

Governava o Gabinete de 2 de Março — Caxias, Manoel Felizardo, Sayão Lobato, etc.

A minha posição foi de opposicionista decidido, mas de linguagem cortez e moderada e pouca frequencia na tribuna: não continuei a tagarellice e as virulencias de 1848. Nunca me retirei das votações: dei o voto para a queda do ministerio Caxias a 24 de Maio de 1862, e em sustentação de Zacarias que cahio a 29 do mesmo mez.

Annos depois um tal Silveira Lobo (principios de 1868), guerreando-me por medo de que eu entrasse com elle em uma lista triplice e fosse escolhido Senador, recordou as circumstancias que acabo de expôr e muito me injuriou a proposito de minha moderação em 1861. Mas esta critica, si não fosse de má fé, seria estulta: na posição em que me achava, com o empenho de honra da segunda secção da estrada de ferro, sustentado (era notorio, quaesquer que fossem os motivos) pelo Imperador, insultar os Ministros seria collocar-me imprudentemente no papel de valido imperial; atiladamente, si eu o fosse. Não fiz concessão de principio, não faltou aos liberaes o meu voto em questão alguma, nem a minha palavra quando necessaria: tendo assim procedido, censurar a minha cortezia e moderação de linguagem, só um tolo como Silveira Lobo! Ainda hoje creio que procedi como devia.

A crise de Maio de 1862 deu em resultado o Ministerio dos velhos (30 de Maio) Olinda, Maranguape, Abrantes, Albuquerque, presidido pelo primeiro. Os liberaes apoiarão este gabinete, unidos á dissidencia dos chamados conservadores moderados: Zacarias, Saraiva, Sá Albuquerque, Dantas, etc.

Esta liga, formando quasi metade da Camara, tornava difficil qualquer situação; mas o Marquez de Olinda illudio a difficuldade. Mystificou os conservadores por todo o tempo de sessão com palavras banaes e promessas vagas; aproveitou o intervallo para desmontar e remontar a maquina policial que fazia as eleições, habilitando-se assim para dissolver a Camara e installar no poder a famosa liga, que afinal com a ascensão de Zacarias em Janeiro de 1864 ficou definitivamente organisada.

Fallava-se em liga ou partido progressista desde as eleições de 1860; e nós liberaes que não a repelliamos, naturalmente accetámos o ministerio encarregado de mystificar os contrarios: os verdadeiros liberaes forão ainda mais mystificados.

Nabuco, principal fundador do mesmo partido, formulára o seu programma que foi discutido em grandes reuniões em casa do Senador D. Manoel Mascarenhas; mas não foi publicado, talvez porque não foi acceito por todos, sem restricções. Lembro-me de que Theophilo Ottoni queria a formula de Thiers — o rei reina, não governa; Felix da Cunha pedia a electividade dos postos subalternos da Guarda Nacional; eu combati esta anachronica declaração — o partido progressista não quer reformar a constituição. Houve outras reservas.

Comtudo, adherimos á proposta liga, e eu acompanhei os liberaes no apoio que derão aos ministerios de 30 de Maio de 1862 (Olinda), de 15 de Janeiro de 1864 (Zacarias) e de 31 de Agosto do mesmo anno (Furtado). Continuei porém cada vez menos tagarella: ministerial, tinha mais um motivo para frequentar pouco a tribuna; dizia a mim propio: « *Pas trop de zèle!* ».

Devo comtudo accrescentar que de todos os organisadores de ministerios por aquelle tempo, o unico que possuia a minha confiança completa e inteira era Fur-

excusar-se ; mas de lá voltou com carta branca para organizar e logo publicar—*um ministerio de moderados*. Organizou-o, é o 12 de Maio : Nabuco e Saraiva acceitarão pastas, e mais tarde Silveira Lobo, um dos homens menos *moderados* que tenho conhecido.

Antes de proseguir, narrarei um incidente, que a meu ver explica todos os misterios e complicações da crise ; foi referido no Rio da Prata pelo Duque de Caxias a F. Octaviano, por este a T. Ottoni, a quem o ouvi eu.

Indo o Duque a S. Christovão no *lendemain* da famosa criação, perguntou-lhe o Imperador :

— O que me diz do novo Ministerio ?

— V. M. permite-me dizer livremente o meu juizo ?

— Pois não ! diga ...

— Senhor ! custou-me a crer que fosse aquelle o ministerio, li duas vezes ; parecia-me fabula.

— Mas porque ?

— Depois do que eu tenho ouvido a V. M. I. a respeito do Ferraz, custava-me a crer que elle fosse Ministro.

— Pois a sua surpresa não foi maior que a minha, quando vi a lista nos jornaes.

— Oh ! não comprehendo !... V. M. é quem nomeia os ministros !...

— Sim, mas hontem dei carta branca ao Marquez. Veio dizer-me que todos julgavão necessario o Ottoni ; que este recusava e só queria ser Presidente do Conselho. Então disse-lhe eu : « Vá Sr. Marquez, organise como puder um ministerio de moderados e publique-o logo : *livre-me do Ottoni.* »

A repugnancia de S. M. a este nome explica tudo.

Ninguem ha de suspeitar, que eu ou Theophilo inventasse o que fica exposto ; nem posso crer que Caxias

ou Octaviano alterassem a verdade : entretanto pareceo aquelle—*livre-me do Ottoni*—tão extraordinario, tão odioso, tão impolitico, que resolvi fazer uma verificação.

O Visconde de Sapucahy é um homem illustrado, sisudo, de caracter fraco mas cheio de bondade, dedicadissimo ao Imperador, de quem tem recebido notaveis signaes de apreço. Dizendo-me um dia em conversa, que se achava no Paço na tarde de 12 de Maio de 1865 ( não sei si de visita, ou como Camarista de semana ) narrei-lhe minuciosamente o incidente, para ouvil-o ; e eis a resposta que obtive : « Não, Sr. Ottoni, seu mano não era homem impossivel no reinado : quando o Marquez trouxe a carta branca para formar o ministerio, o Imperador passeava pensativo, e dizia — Si o Marquez não organisa, não tenho remedio se não chamar o Tau-maturgo. »

Contestação que equivale a uma confirmação.

Como, a vista de tudo isto, seriamos ministeriaes?

O gabinete não representava pensamento politico ; elles o confessavão, exhibindo o seguinte programma, a que aliás não forão fieis : « Conservarião o statu quo ; cuidarião de debellar a guerra ; depois ajustariamos as nossas contas. » Governarão ou desgovernarão até o fim de Julho de 1866.

O futuro historiador do nosso chamado systema representativo, estudando nos Annaes do Parlamento as circumstancias da subida e da descida dos Gabinetes, ha de ler com assombro os incidentes da crise ministerial solvida no dia 3 de Agosto.

Dos demissionarios, um disse que sahia por doente, outro porque um collega teimou em sahir.

O da Fazenda, Conselheiro Carrão : « Srs., eu navegava em um golpho inçado de torpedos de todas as procedencias. »

E o da Agricultura Paula e Souza: «... não sei o que mais deva admirar, si o milagre da duração até agora do ministerio, si a longaminidade da Camara que o sustentava.»

Anarchia de idéas, consequencia logica do capricho imperial que inspirára a organização.

A de 3 de Agosto foi presidida por Zacarias, que não é um cortezão como o Olinda, mas não era chefe de partido nem dispunha na occasião de elementos precisos para bem servir. Suas declarações que constão dos Annaes se resumem no seguinte: «Por tres vezes pediu escusa, fazendo ver a S. M. I. que não estava em posição de organizar um ministerio duradouro; mas o Imperador insistiu e convenceu-o que devia aceitar.»

Este discurso foi criticado, porque *descobria a coroa*, e eu mesmo colloquei a censura nesse terreno; hoje estou persuadido que Zacarias quiz de proposito deixar sobre a cabeça do Imperador a responsabilidade moral pela esterilidade que previa de seu gabinete.

Este, em relação á guerra, prestou melhores serviços que o anterior; na politica interna a anarchia de idéas continuou, e juntarão-se muitos actos de vingança e perseguição a uns, de nepotismo e abusos em favor de outros. Houve verdadeiro escandalo com a compra de escravos para assentar praça: foi por vezes meio de premiar capangas eleitoraes, principalmente nas compras para a marinha.

A quéda deste ministerio, que em Julho de 1868 entregou o poder aos conservadores, teve motivos que as chronicas não registrarão: registro-os eu, testemunha e um tanto actor na scena. Silveira Lobo que até então tinha hostilizado todos os ministerios, excepto unicamente o de que foi membro, começou por sustentar Zacarias, mas em 1868 estava em conspiração. Contava derribal-o e

herdar a presidencia do Conselho ; chegou a mandar consultar pelo Dr. Macedo, ao Martinho, ao Tavares Bastos e a mim, si appoiariamos um ministerio novo, composto exclusivamente de liberaes puros. A conspiração prosperou e parece que tinha cumplices na praça ; o que sabendo Zacarias aproveitou o pretexto da escolha de Salles Torres Homem para o Senado, dissolveu o ministerio e recusando aconselhar o Imperador sobre successor, fez que fosse chamado o Visconde de Itaborahy, que dissolveo a Camara.

Silveira Lobo, o chefe desta conspiração, é um personagem curioso de observar-se. Catão inculcando sempre as proprias virtudes, vendo a roda de si somente corrupções ; censor eterno atrabiliario e virulento, não sabendo criticar sem injurias e dasaforos ; entretanto, em 10 ou 12 annos que foi Deputado, até á escolha de Senador, nunca lhe escapou uma palavra que podesse soar mal aos ouvidos imperiaes ; os Annaes da Camara o provão. Em 1868, seguro da cadeira no Senado, e sendo-lhe frustrada a nova ambição da presidencia do Conselho, escreveu contra o Governo Pessoal a mais violenta philippica e assignou com todas as lettras — Francisco de Paula Silveira Lobo <sup>(1)</sup>. — Veja-se o *Jornal do Commercio* de 17 de Agosto de 1868.

Naquelle tempo, em que o governo fazia sempre as eleições, o ministerio achou meio de punir a minha opposição.

Morto o Marquez de Itanhaem, como já Theophilo era Senador, fui pela primeira vez candidato, guerreado por Silveira Lobo, manifestamente por medo que eu o preterisse na escolha. Entregarão-lhe a provincia ; o Catão designou Presidente *ad hoc*, que empregou contra

<sup>(1)</sup> Nota em 1883. Declarou-se republicano, no Senado ; o que foi objecto de risota.

mim todos os recursos, sem a minima escolha : ainda assim tive 1.015 votos de cerca de 2 400 eleitores.

Esta eleição deu causa a muitas miserias que não merecem aqui menção : eu declarei previamente que accetaria a sommação das votações como si fosse sentença das urnas ; satisfeito de não haver prostituido o meu character para captar a protecção dos poderosos do dia. Excluido, não me queixei, mas continuei em opposição : não havia porque mudasse.

Os assumptos politicos, de que por vezes occupei-me agora, como á respeito das minhas tagarelices de 1848, acho que não vale a pena expol-os : mas o que melhor podia discutir era a questão das vias de communicação ; e nesse terreno assestei as minhas principaes baterias.

Respondião-me que eu fallava por despeito. Exporei uma das questões que me preocupava e preocupa e que a meu ver está recebendo uma solução viciada. Calei-me desde que deixei o parlamento, cansado de ouvir articular *a minha suspeição*.

A estrada de ferro de D. Pedro 2º tendo gasto mais de vinte mil contos com os 108 kilometros até o barranco do Parahyba, e tendo decretados cerca de 300 kilometros margeando este rio (cerca de metade construidos até o presente anno, 1871) estava e está pedindo, para realizar seus destinos, prolongar-se e ramificar-se pelos valles do interior, do Rio Grande e mais aguas do Oeste, tributarias do Rio da Prata, do S. Francisco que corre ao Norte banhando extensos territorios de cinco provincias. Entre estas vastas regiões e os 300 kilometros marginaes do Parahyba se interpõe em toda a extensão a serra da Mantiqueira e suas dependencias.

Resulta destas disposições topographicas, que o problema das communicações projectadas era indeterminado ; tendo o ponto de partida de ser escolhido nos 300 kilo-

metros, de Cachoeira a Porto Novo do Cunha. O obstaculo a transpor desenvolve-se por toda essa extensão; os valles demandados igualmente: qual seria a direcção preferivel, e qual o ponto de partida? eis o problema.

Considerações de distancias, de orçamentos, de serviço dos centros existentes, de augmento de producção, de navegações interiores, de communicações internas com o Norte do Imperio, taes os dados complexos da questão.

Nos estudos necessarios para resolvel-a devia esperar-se grande choque de interesses territoriaes, parciaes, de localidades, de partidos, de influencias pessoaes. Fôra pois necessario collocar na direcção destes estudos uma intelligencia e character capaz de erguer-se acima de todas as parcialidades para consultar o maximo interesse geral.

Pedia eu, pois, e cheguei a apresentar ao ministerio um memorial neste sentido, que se nomeasse uma commissão de estudos, visto que não temos um corpo de pontes e calçadas ao nivel das grandes necessidades da nossa viação. Não me derão attenção; pensaram talvez que eu ageitava posição para mim; e tenho motivos para suspeitar que o Imperador foi desse parecer.

E' certo que eu me considerava ao nivel da tarefa, e estimaria prestar ao meu paiz tão grande serviço; mas nada pedi e não era o unico apto. Podião adoptar a idéa e nomear quem melhor a fosse executar.

Sem estudos especiaes, e julgando somente pelas cartas e pelas distancias entre alguns centros, a linha preferivel parece ser a que ligasse a Barra do Pirahy á povoação do *Bom Jardim* em Minas, e dahi demandasse, quer as vertentes do Rio Grande, quer o valle do Rio das Velhas, confluyente navegavel do S. Francisco.

Mas a direcção em que, segundo parece, vão construir a linha do centro, de Entre Rios por Juiz de Fôra e



Barbacena, imporá ao transito geral um augmento de mais de cem kilometros e atravessará até muito além de Ouro Preto terras esterilissimas.

A solução está viciada, porque a submetterão ao Commendador M. P. Ferreira Lage: a estrada União e Industria, a fazenda Normal alli perto, as dos seus accionistas e parentes, o collegio de Barbacena que sempre lhe dá votos, taes os seus pontos objectivos. Os engenheiros hão de subordinar tudo ás suas vistas.

Peza-me tudo isto; mas calo-me; para que fallar si sou suspeito? Julgão que tenho saudades da direcção da estrada de ferro, á qual entretanto, como já disse, não pretendo voltar, ainda que me chamem.

Fallando deste meu thema de opposição em 1865 a 1868 estendi-me até a actualidade. O desproposito da nomeação de Ferreira Lage é dos conservadores: os coitados de 12 de Maio nada fizerão senão mandar um engenheiro, e esse mal escolhido, começar alguns reconhecimentos technicos.

Sem sahir do assumpto — estradas de ferro — mencionarei um pequeno serviço extra parlamentar que prestei por esse tempo á estrada de ferro de D. Pedro 2º e ao paiz, em 1866.

Estavão concluindo as construcções que eu deixára adjudicadas, adiantadas, e com o leito prompto, cerca de 202 kilometros até Entre-Rios, e manifestamente não tinham intenção de dar um passo além. Fallavão das linhas decretadas, 61 1/2 kilometros de Entre-Rios a Porto Novo do Cunha, e 150 kil. da Barra do Pirahy á Cachoeira; linhas estudadas, traçadas, orçadas pelos engenheiros da companhia a que eu presidira.

A inercia do Governo era da maior notoriedade, e o meu successor na direcção da empreza escrevia em seus

relatorios que o *Brazil* ainda não tinha creado necessidades que exigissem tão dispendiosas vias de communicação.

Nestes termos convidei pela imprensa os interessados para levantarem os capitaes precisos e organizar duas companhias que se encarregassem das construcções, mediante contracto com o Governo. Uma que denominei — *Companhia Mineira* — se incumbiria dos 61  $\frac{1}{2}$  kilometros de Entre-Rios a Porto Novo; a outra — *Companhia de Campo Bello* — dos primeiros 90 kilometros da Barra do Pirahy para cima a terminar em Campo Bello, estrada para o Sul de Minas Geraes.

Frustrou-se a 2<sup>a</sup> tentativa; mas a 1<sup>a</sup> deu um bello resultado e muito honroso a mim: os negociantes, fazendeiros, capitalistas, commissarios de café, todos os interessados na projectada via de communicação, ligarão-se; e o capital emittio-se com facilidade, sendo a condição de todos os subscriptores — que fosse eu gerir a empreza.

O Governo Imperial, depois de alguns mezes das costumadas procrastinações authorisou a incorporação, mas com clausulas impertinentes, e tendo o Director da estrada de ferro Dr. Sobragy, de quem muito dependeriamos, manifestado a mais estulta má vontade. Entretanto, as discussões da imprensa e da Camara e o facil levantamento do capital tornarão tão clara a necessidade do prolongamento, que o Ministro (Dantas) por vezes affirmou na tribuna fal-o-hia á custa do Estado, si a companhia não se incorporasse. Em vista do que, e dos embaraços que me suscitavão mesquinhas animosidades, dissolvi a companhia, e com effeito pouco depois encenterão-se os trabalhos por conta do Thesouro.

Foi, sem duvida alguma, resultado das minhas diligencias, e do debate que iniciei na Camara dos Deputados.

Mais tarde encetou-se tambem a construcção da quarta secção, da Barra do Pirahy, por Campo Bello, para Cachoeira.

Basta correr a vista pelas discussões da epocha para ver que não sou visionario quanto aos effeitos da minha — *Companhia Mineira*. — Os accionistas nada despendirão, sahindo do meu bolso as despezas com impressões, publicações, circulares, etc. Tinha tambem declarado que quaesquer concessões do Governo serião feitas directamente á companhia, não a mim para ceder-lh'as, como costumão os encorporadores.

Com a dissolução da Camara em 1868 terminou a minha vida parlamentar, que segundo me parece, não recomeçará. (1)

---

(1) Nota em 1880. Enganei-me: acabo de tomar assento no Senado.

## IX

1868—1871

PROGRAMMAS DE OPPOSIÇÃO: MINHA DISSIDENCIA. —  
VIAGEM Á EUROPA E EGYPTO. — RADICALISMO:  
MANIFESTO REPUBLICANO. — ABSTENÇÃO POLITICA. —  
GUERRA DO PARAGUAY. — VIDA PRIVADA.

Ao terminar este capitulo se achará em dia esta minha historia, porque escrevo já em 1871: este trabalho tem occupado muito agradavelmente os meus ocios nos ultimos 10 a 11 mezes; e continuado até o momento actual, desde já prevejo que hei de sentir a falta desta occupação, até porque a minha vida d'ora em diante vai ser provavelmente bem monotona; aproveitemos uns restinhos da minha franca intervenção em acontecimentos politicos.

Apeado Zacarias, annunciando-se o gabinete Itaboraahy, reunirão-se na tarde de 17 de Julho os progressistas no escriptorio de Silveira Lobo, os historicos em casa de Tavares Bastos, resolvendo sobre a attitude a assumir na Camara. A' esta ultima reunião apresentou-se uma deputação da 1<sup>a</sup>, orador Saldanha Marinho, pedindo que nos unissemos todos em manifestação parlamentar contra o inimigo commum: assim foi accordado, designando-se logo alli os oradores contra o ministerio, entre os quaes me inscreverão.

Prestei-me a tudo: no discurso (18 de Julho), acceitando

como motivo real da crise o pretexto da escolha Torres Homem, censurei a politica imperial e sustentei que o ministerio descera com dignidade: poderia á este respeito concentrar o meu pensamento na citação do verso de Bocage:

*Soube morrer o que viver não soube.*

Um dos membros do ministerio cahido, ao sahir da Camara, disse ao Dr. Lima Duarte: « não gosto do Christiano, mas depois deste discurso, mil votos que eu tivesse, lhe daria ». Desde então, nestes tres annos, tenho estado no meu canto; mas acabo de ser informado que por duas vezes insultos anonymos, que me são lançados no *Jornal do Commercio* sahem da penna d'elle (1), que tem tanto de talentoso quanto de desleal e perverso.

Poucos dias depois, a 25, si bem me lembro, celebrou-se em casa de Nabuco uma reunião magna, para a qual convidarão liberaes de todos os matizes: querião combinar os meios de opposição.

Um incidente curioso desta noite foi a bella arrogancia com que o Zacarias alludio ás conspirações que o fizerão precipitar a queda do seu gabinete. Queixou-se alguém timidamente, que elle não aconselhasse ao Imperador a chamada de um liberal, ao que respondeu: « E' verdade que, consultado pelo Imperador, recusei apontar-lhe nomes: eu não podia indicar os conservadores; mas, *si era possivel um ministerio liberal, ahi estava o meu!* »

Fallou-se muito em reformas, em imprensa, em lei de eleições, em caballas: querião organizar uma *opposiçào governamental*.

---

(1) Esta perfidia continuou por alguns annos; depois reagi fortemente.

Pela minha parte, tomando a palavra, procurei mostrar a inefficacia de todos os programmas apresentados: e sustentei que a unica bandeira capaz de concentrar os esforços de todos os matizes liberaes seria a guerra ao Poder Moderador, cujas exorbitancias erão a meu ver a principal causa da anarchia das idéas e dissolução dos partidos: *eu pediria abolição daquelle poder, ou pelo menos grandes restricções de suas attribuições.* E accrescentei que, desprezada esta idéa, me consideraria desligado de todo o compromisso partidario e livre para seguir no futuro o caminho que me parecesse direito.

Combaterão-me Sinimbú e Macedo; e a minha voz não encontrou echo: devo confessar que o proprio Theophilo não me approvou completamente; disse-me: «si antes tivéssemos conversado, você não iria tão longe.»

E' que Theophilo estava resignado a contemporisar com Zacarias, Nabuco e Saraiva, aos quaes com effeito se unio no Senado, em 1869. Eu, porém, não estava resolvido a acompanhal-o: pela 1.<sup>a</sup> vez deixei de seguir as suas inspirações. Nesta sessão de 1869 transigio com o ministerio conservador a opposição liberal para deixar passar o orçamento que ia sendo votado quasi sem debate.

Por esta transacção felicitei sarcasticamente o Theophilo, que me respondeu, abauando tristemente a cabeça: «parece que com effeito se entenderão: e quer você saber qual foi a concessão feita pelos ministros? foi separar do orçamento o artigo relativo aos bens dos Frades!» Theophilo não adherio á transacção.

Voltando a 1868. Emquanto os liberaes organisavão a sua *opposição governamental*, fui dar um gyro pela Europa e Egypto, visitar as grandes obras então em construcção, canal de Suez e tunnel do Monte Cenis, e achei-me aqui de volta a 31 de Janeiro de 1869.

Nessa excursão muito reflecti sobre a minha posição e procedimento futuro: longe da scena e dos actores, alheio a tudo, vendo raras vezes jornaes de cá, não recebendo uma carta que tratasse das cousas publicas deste paiz, tive tempo de pensar maduramente, e não deixava de fazel-o: passeiando só, isolado em um quarto de hotel, ou em um trem entre desconhecidos, perguntava a mim proprio: o que devo fazer?

Dos partidos monarchicos estava e estou desilludido, separado, livre de compromissos. Partido republicano não havia e menos um chefe prestigioso capaz de dirigir-o para evitar desatinos. Seria eu esse chefe? devia hastear a bandeira? Evidentemente não possuo as aptidões, o geito, o tino que a posição exige.

Mas, caso me julgasse eu, ou julgasse a outrem na altura de crear e dirigir o novo partido, convinha precipitar a propaganda? Creio que não, por tres razões: 1<sup>a</sup> a população tem tendencias aristocraticas e monarchistas: no partido em opposição por alguns annos, começão a formigar as declarações de republicanismo; mas logo que sobe e chovem titulos, fitas, empregos e postos da Guarda Nacional desaparecem os democratas; 2<sup>a</sup> a mudança brusca da forma de governo traria a divisão do Imperio, pela qual não desejo ser responsavel; 3<sup>a</sup> não comprehendendo republica com escravidão domestica, é preciso começar por libertar os negros.

A consequencia destas reflexões devia ser recolher-me á vida privada e só tratar de educar meus filhos: tal era a minha disposição; mas não me concentrei no meu lar tanto quanto devia. O desejo de não ostentar divergencia com Theophilo Ottoni, e o meu *scribendi cacoethes* por vezes me arrastarão a ligeiras manifestações e a collaborar para a *Reforma*, orgão do Centro Liberal.

Era esta a minha attitude, quando alguns moços sin-

ceros uns, outros especuladores, distinguindo-se entre os primeiros H. Limpo de Abreu, filho do Visconde de Abaethé, promoverão em fins de 1870 a fundação de um club radical e andarão com uma lista promovendo assignaturas: dei a minha. O radicalismo parecia-me a formula conveniente para propagar idéas democraticas, sem nada precipitar.

Na 1.<sup>a</sup> reunião propoz alguém que o Club se declarasse republicano; que publicasse um manifesto; que creasse um jornal com o titulo — *A Republica*. Procurei embarçar esta deliberação; mas achando-me em fraquissima minoria, retirei-me resolvido a lá não voltar.

Ausente, fui nomeado membro da comissão redactora do *Manifesto Republicano*: recusando, por carta dirigida ao relator Saldanha Marinho, redigirão o documento e vierão á minha casa ler-m'o, teimarão impertinentemente em sollicitar a minha assignatura, que recusei com firmeza.

Pedirão então com forte empenho e grandes palavras de consideração e de amizade que eu fosse assistir no Club á leitura do Manifesto; e eu commetti o erro de annuir a este pedido.

Acabada a leitura, verificou-se que não estava assignado o Manifesto; propuzerão que assignassem todos os presentes, não só os membros da Comissão.

Ou estes tinham medo da responsabilidade e pedião capotes; ou armavão um *guet-apens* para extorquir a minha assignatura, ou tinham ambos os intuitos.

Resolvido que assignassem todos, acudio-me logo a idéa que a recusa e solemne retirada produziria um certo escandalo, que havia de parecer uma cortezia a S. Christovão; apenas me occorreu este escrupulo, peguei na penna e assignei.



O planosinho foi combinado entre Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva e Aristides Lobo: fique-lhes a gloria.

Não voltei ao Club, cessei de pagar as mensalidades, não sou collaborador da *Republica*, não compareço a reunião alguma de republicanos, não sou da politica militante.

E a assignatura do manifesto não deixa de concorrer para moralisar a minha abstenção: pelo menos, ninguem poderá suppor que eu estou calado, á espera de um aceno imperial.

No correr do triennio, que estou recordando, concluiu-se com a morte do Dictador Lopes a guerra do Paraguay; pelo que a occasião é opportuna para registrar o meu juizo sobre esse grave incidente de nossa vida nacional.

A Historia patria só poderá apreciar devidamente o acontecimento, depois da morte dos principaes actores da scena; terá para julgar esclarecimentos sufficientes nos actos do Governo, nas ordens do dia do exercito, nas publicações da epocha. Si, pois estou em erro no parecer individual que passo a expor, este erro a ninguem illudirá.

Não acompanho os enthusiasmos pelas nossas glorias, julgo ao contrario provado pelos factos, que não somos uma potencia militar, exceptuada a provincia do Rio Grande do Sul.

O 1º elemento do nosso triumpho foi o pezo bruto do numero; alem do auxilio dos alliados, recrutavamos em uma população de 9 a 10 milhões de almas, enquanto o inimigo representava cerca de meio milhão. Exhaurio a população viril e no fim da campanha só armava meninos: por força havião de succumbir.

Um 2º elemento foi a inhabilidade de Lopes, grande scelerado, que mostrou na resistencia suprema energia,

mas não era cabo de guerra, ao nível da vasta empresa que tentou. Tinha largos recursos militares, accumulados de longa mão, mas enfraqueceu-se dividindo-os e mandando invadir, de um lado o Rio Grande do Sul, de outro Matto Grosso, sem possibilidade de apoio reciproco entre estas alas e o centro.

Generaes, tinhamos bem sufficientes para fazer frente aos de Lopes: entre elles, o honesto, o patriota, o valerosissimo Osorio, que a monarchia chrismou *Marquez do Herval*. Os soldados o adoravão; mas a officialidade, entristece-me dizel-o, não o auxiliou com a mesma dedicação, como depois ao Duque de Caxias. Este era Ajudante de Campo do Imperador, muito seu querido, um dos chefes do partido conservador!...

A campanha recebeu grande impulso da instituição dos voluntarios da patria: houve por algum tempo verdadeiro enthusiasmo. Cortou-o o ministerio de 1865 e não soube reerguel-o o de 1866, de sorte que no fim de 2 ou 2 1/2 annos de lucta a aspiração pela paz se foi tornando geral, havia quasi desanimo. O Visconde de Itaboraahy, voltando da Europa em 1867, não fazia misterio de suas tendencias pacificas: e estou certo que, subindo ao poder em 1868, tentaria pôr termo á lucta por algum arranjo diplomatico, si não a cortasse bruscamente a morte do Dictador Lopes.

Passou por certo, no tempo, que o nosso inimigo, uma ou duas vezes, em seguida a serios revezes, esteve disposto a negociar a paz: disse-se mesmo que então não seria difficil obter as condições—arrazamento de Humaytá—livre navegação dos rios—solução das questões de limites—pagamento das despezas da guerra. E que a grande difficuldade era a pretensão de depol-o a elle Lopes, estipulada pelos alliados e á que não se resignava o Dictador.

Esta guerra pessoal pareceo a principio, apesar de pouco regular, necessaria. Mas era contra o direito das gentes, logo que se vio a nação paraguaya identificada com o seu tirano, e logo que os revezes o enfraquecerão, tornou-se, creio, aspiração impolitica.

Ninguem conta sériamente no Brazil com a amizade da Confederação Argentina, e fôra elemento de segurança para nós deixar-lhe na rectaguarda o Lopes.

A idéa de proseguir até exterminal-o, afinal era só do Imperador: disse elle ao Dr. Macedo e depois ao B. de Penedo (ouvi a ambos) que mais quizera abdicar, do que ratificar ajuste com Lopes, *quaesquer que fossem as condições*. Por servilismo, os partidos monarchicos cantavão em prosa e verso a gloriosa tenacidade do patriotismo imperial.

Ao ouvido, porém, muitos dizião que S. M. I. era levado por um motivo pessoal dynastico; Lopes ousára pedir em casamento a princeza Leopoldina. Não posso dar por averiguado este facto, mas foi affirmado por varias pessoas que parecião ter razão de saber.

Eis em resumo o meu juizo sobre a guerra: Em factos parciaes, de parte de soldados e officiaes, tivemos numerosos rasgos de valor, de dedicação, de patriotismo; mas a campanha nos foi enorme calamidade, não compensada por gloria militar equivalente, nem por augmento de segurança em nossa fronteira.

Ao terminar este capitulo que põe em dia estas minhas memorias auto-biographicas, observo que desde o fim do 6º (1855) nada mais disse da minha vida privada e de minha familia. Percorri dezeseis annos de actos officiaes e de factos publicos em que tive mais ou menos parte, e nada da minha gente, dos que me cercão, dos que me amão!

Este reparo me faz uma impressão penosa, analoga

á saudade da ausencia. Mas o facto é natural. Nos 16 annos, a minha vida publica foi testemunha de variados e importantes acontecimentos, que darião materia, si os desenvolvesse, para muito mais longos escriptos; a vida privada foi tranquilla, quasi uniforme, com raros accidentes graves; e semelhante existencia não dá assumpto para longos arrazoados. Comtudo, supprerei a lacuna.

Si este livro fôr algum dia publicado, os leitores não acharão na minha vida domestica (ao menos até hoje) dramas ou romances, mas talvez terá alguma utilidade o exemplo de uma família, que procurou sempre cumprir seus deveres, de uma esposa por largos annos dedicada aos seus, de um pae, que morrerá felicissimo si deixar bem collocados na sociedade seus filhos e filhas, honrando-lhe a memoria pelo seu procedimento.

Está bem mudado o pessoal de parentes, que me cercava em 1855.

Perdemos em 1859 minha mãe, a innocente velhinha que retratei com tanta complacencia nas paginas 16 e 17.

Em 1862 falleceo minha irmã Rosalia, a bella e meiga moça de que fallei na minha pag. 15.

Em Outubro de 1869 perdi o meu Theophilo: na sua biographia que publiquei poucos mezes depois, assim me exprimi: «... Fulminado no primeiro momento, acordando no deserto do desanimo, sem norte e sem bussola, sinto-me agora, graças a Deos, entrar no periodo da saudade resignada...»

Da irmandade existem: na Côrte, Dr. Ernesto, Eduviges, Felizarda e Maria Isidora; em S. Paulo, Dr. Eloy com dous filhos; em Minas, Augusto com cinco. Vivemos em bôa harmonia.

De portas a dentro, accrescem-me dous filhos em pequena idade, minha sogra D. Theodosia Maia, que me estima como seu filho, e minha cunhada viuva D. Theo-

dora com dous filhos, identificados connosco como se fossem minha descendencia. Tenho assim hoje doze pessoas de familia: são outros tantos a querer-me bem.

A paz domestica continúa: casados, ha 34 annos, ambos de cabellos brancos, eu e a minha Dona realizamos a aspiração do terno Tibullo

..... *Nos, Delia, amoris*  
*Exemplum cana stemus uterque coma.* (1)

Perdemos neste periodo dous filhos, Elisa, meiga menina de 5 annos, e Adolpho que viveo 3, em estado de profunda cachexia. Existem seis, cujo futuro muito me preoccupa, são:

1º — *Christiano*, 20 annos completos: estuda engenharia civil na universidade de Gand; tudo me annuncia nelle um moço sisudo e um homem de bem.

2º — *Virginia*, 18 annos tambem completos. E' muito applicada, tem as prendas proprias do seu sexo, e um dom especial para fazer-se amar de quantos a cercão. Preoccupa-me muito o seu estabelecimento.

3º — *Ermelinda*, quasi 16 annos. Deixando o collegio, continúa a dar lições em casa: tem além das prendas da irmã, uma soffrivel voz que muitas vezes me deleita.

4º — *Julio*, 14 annos. Concluiu o 4º anno do Externato Pedro 2º e prepara-se para estudar direito. E' mais vadio e menos obediente que o irmão, mas não lhe vejo defeito que a idade não corrija.

(1) Traducção em 1882, no 60º anniversario de minha Dona:

Só nós podemos, querida,  
realizar, sejamos francos  
o exemplo, o sonho, a chimera  
do amor de cabellos brancos.

5º — *Virgilio*, 7 annos ; 6º *Theodosia*, 5 ; duas crianças que occupão grande logar em meu coração, e são presentemente a alma e vida desta casa.

Eis os meus seis filhos, cujo numero já não pode crescer e Deos permitta que me sobrevivão todos.

Vivemos sem luxo, mas com decencia. Meus regalos são : ouvir Virginia tocar, ou Ermelinda cantar alguma peça de musica, ensinar a Julio a sua lição de Geometria, e concorrer com os outros velhos de casa para fazer de cada um dos dous pequenos um *enfant gaté*.

Estou em dia. De hoje em diante, escreverei de longe em longe, quando tiver o que dizer.

Novembro 10 de 1871.

X

**Julho 8 de 1872**

TYPO GERAL DO NOSSO GOVERNO REPRESENTATIVO. EMAN-  
CIPAÇÃO DOS ESCRAVOS : LEI DE 28 DE SETEMBRO  
DE 1871.

Therra. cent. 17<sup>o</sup> Hygr. de 8. 86.5 constituez hoje  
uma atmospherã de contacto tão desagradavel, que não  
deixa vontade de pôr o nariz fóra das vidraças : bom dia  
para dedicar algumas horas a estas paginas despreten-  
ciosas, em que vou registrando a minha vida.

No cap. antecedente deixei uma lacuna sensível :  
tinha intervindo activamente, no decurso do anno de  
1871, nos debates da Imprensa relativos á lei de 28 de  
Setembro que iniciou a emancipação dos escravos : era  
natural expor então as principaes peripecias desta refor-  
ma. Mas o assumpto, por sua importancia, merecia capi-  
tulo separado, que nem sei porque demorei até hoje. Passo  
a supprir esta lacuna ; mas para bem comprehender-se o  
espírito que presidio á reforma, é necessario que preceda  
uma vista d'olhos geral sobre a direcção da nossa politica  
depois de 16 de julho de 1868.

Erguendo nessa data os conservadores e dissolvendo  
a Camara, o Imperador não podia negar aos ministros que  
erguia, os meios para fazer approvar o seu acto pelas  
urnas eleitoraes, na comedia de governo representativo  
que se vae exhibindo no paiz : entregou-lhe pois o barão  
e cutello dos cargos policiaes, da Guarda Nacional, das

fitas e titulos ; meios que, empregados sem a menor cerimonia, trouxerão uma Camara unanime. Os liberaes, protestando contra as violencias das authoridades, bem parecidas com as que elles proprios tinham empregado, abstiverão-se de lutar.

Não foi sem reflexão que eu disse : « O Imperador entregou ao ministerio o baraço e cutello. » Quando á S. M. I. parece necessario que haja moderação, alguma liberdade de voto, representação de varios interesses e opiniões, fiscalisa muito todas as nomeações, maxime as dos presidentes das provincias, pelos quaes influe em toda a hierarchia administrativa. Recusa os chefes de partido muito pronunciados, prefere nomes novos, para os quaes uma palavra dos labios imperiaes na audiencia de despedida será um oraculo : e lá vão elles, proclamando a magnanima protecção, com que os vencidos nunca devem deixar de contar.

Ha, porém, outras phases, em que o Imperialismo se ostenta escrupulosamente constitucional, deixando funcionar livremente a maquina governamental, que os conservadores montarão para eternisar-se no poder, mas só tem servido para consolidar a omnipotencia do depositario do Poder Moderador.

Uma destas phases de constitucionalismo se accentuou nos primeiros tempos do novo dominio conservador : a Camara unanime dava ao ministerio grande força, porque perante ella não se podia pensar em mudança de gabinete, nem era cousa admissivel uma nova e immediata dissolução.

Nas ultimas Fallas do Throno do dominio dito liberal, muito se preconisava a necessidade de reformas na legislação ; mas era notorio que o Imperador tinha a peito especialmente duas idéas : o exterminio de Lopes no Paraguay, e a libertação dos escravos no Brazil.



Tendo registrado o meu juizo sobre a primeira, tratarei agora da segunda com mais alguma extensão, porque tem sido o problema culminante nestes ultimos tempos, porque terá immensa influencia sobre o futuro deste paiz, e porque pretendo justificar a minha intervenção nos debates.

Para apreciar a iniciativa da emancipação, e o methodo preferido, é necessario fixar idéas sobre a massa da população escrava, sua relação com a dos livres, a condição dos captivos, a disposição do espirito dos Senhores, as consequencias provaveis, não só politicas, e philosophicas, mas tambem economicas, da abolição.

Concordão as melhores opiniões em dar ao Brazil pouco mais de 8 milhões de habitantes livres; parece-me o algarismo exaggerado, mas, não tendo estudos proprios a oppor-lhe, acceital-o-hei. E feita a distribuição em proporção das deputações, devem tocar ao mais 3.600.000 livres ás provincias da Bahia, Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo, que são as quatro de maior população escrava.

O numero total dos captivos é avaliado muito variamente, em falta de arrolamento especial. A commissão da Camara em 1871 estimava-os em 1.500.000, calculo a que adheri porque quasi coincide com o termo medio de seis avaliações diversas, por mim citadas em uma memoria que publiquei, durante a discussão da lei de 28 de Setembro, a saber.

1 Senador Souza Franco.....	1.800.000
2 Dr. José Norberto.....	1.609.999
3 Senador Pompeo.....	1.750.000
4 Sebastião Soares.....	1.400.000
5 Dr. Candido Mendes.....	1.150.000
6 Secretaria do Imperio.....	1.191.000
Termo medio das 6 avaliações.....	1.483.000

A estatística citada em 6º lugar distribue a escravatura pelas provincias de modo que toção á

Rio de Janeiro.....	30 %
Bahia .....	15 "
Minas Geraes .....	14 "
S. Paulo.....	7 "
Rio Grande do Sul.....	7 "
Pernambuco.....	6 "
Alagoas .....	4 "
As outras 13 provincias.....	17 "

A nem uma das treze chega a tocar 3 % do total.

A quota attribuída a Pernambuco basea-se em informações de 1839, as do Rio Grande do Sul são de 1864. ambas têm diminuído sensivelmente a sua população escrava. S. Paulo pelo contrario a tem augmentado, e tambem Minas e Rio de Janeiro. E' de notoriedade a corrente de remessas de escravos do Norte para a Côrte, e todos aqui ficção entre as tres provincias productoras do café.

As quatro maiores quotas sommão 66 %, algarismo que pelas causas mencionadas deve hoje erguer-se a 75 %.

Temos pois em quatro provincias com menos de metade da população livre, tres quartos da escravatura, 1.125.000: em dezeseis ditas com o resto, ou mais de metade dos livres, apenas um quarto dos escravos, 375.000, havendo só tres dellas, Pernambuco, Alagoas e Rio Grande do Sul, cujo numero exceda a 40.000.

A primeira conclusão obvia destes dados estatísticos é que em 16 provincias com mais de metade da população livre o problema da libertação dos escravos é relativamente facil e pode esperar-se a emancipação sem grande abalo da fortuna publica e sem notaveis perigos para a segurança dos livres.

Não assim no Rio, S. Paulo, Minas e Bahia, onde

a relação entre escravos e livres pouco excede a 1/3, accrescentando que aquelle numero 1.125.000 está pela maior parte concentrado nos districtos productores do café e assucar, em muitos dos quaes o numero dos captivos é superior ao dos livres.

Uma 3<sup>a</sup> consequencia é que a provincia do Rio de Janeiro, tendo por si só mais de 30 % da escravatura, bem que possua menos de 10 % da população livre, devia ser, como foi, a que mais profundamente se sentisse abalada, ao ver encetar-se a grande reforma.

Uma tal agglomeração de negros não tem exemplo nas antigas colonias hespanholas, inglezas, francezas, holandezas, nenhuma das quaes de per si era tão sobrecarregada. Somente se assemelhava ao nosso caso o do Sul dos Estados Unidos, onde, porém, a abolição foi um resultado, tão violento, quanto necessario, do cataclisma da guerra de secessão.

E' tambem de importancia para o assumpto o estudo da condição em que jazião os escravos no Brasil.

Não tem aqui a instituição o character odioso que tinha na antiga Roma, onde os Senhores tinham sobre os miseros *jus vitae et necis*.

Nossa legislação os protege : declara puniveis as sevicias que soffrem : dá-lhes em certos casos o direito de pleitear judicialmente a sua libertação : não admitte a obediencia cega, pois pune os crimes que commettem por mandado dos senhores : sujeitando-os á penalidade, considera-os homens, não cousa.

Com taes preceitos não estão os nossos costumes em desharmonia, fallando em geral e não escurecendo as excepções. A este respeito a confrontação com os Estados Unidos é toda em nosso favor.

Catholicos, o geral dos Brasileiros crê na unidade da especie humana, considera os negros descendentes de

Adão e Eva, nossos irmãos em Christo, embora escravos nesta vida : dá-se-lhes certa educação religiosa : é-lhes permittido o casamento. Ninguem entre nós, como entre os Americanos, despendeo saber e erudição para mostrar que a raça negra é distincta, inferior, destinada fatalmente ao captivo.

Um destes livros, com grandes deducções philosophicas e ethnographicas me foi offerecido por um dos meus engenheiros : nunca esquecerei o desgosto que me causou a leitura.

A ogerisa aos mestiços é outro ponto, em que estamos longe da selvageria americana. Alguma repugnancia aos mulatos nasce principalmente da possibilidade de descenderem de escravos. Mas concorrem e convivem todos nas assembléas, nos festins, e ninguem estranha seja o homem de côr, quando tem merito, elevado ás mais altas posições sociaes. Nos E. U. nem sentar-se á mesa, nem irem juntos em um vehiculo publico, nem trocarem signaes de cortezia.....

Ouvi a Sergio de Macedo, algum tempo Ministro do Brasil em Washington, o seguinte incidente, que é caracteristico. Convidado por um amigo para passar um dia na casa de um rico plantador de algodão, ao chegarem, disse-lhe o companheiro :

— Devo prevenil-o de uma circumstancia : a dona da casa é uma bella moça, de educação fina, e parece da mais pura raça branca : mas nós, que lhe conhecemos a ascendencia, sabemos que tem mistura de sangue africano : comtudo, o marido que muito a ama, *costuma admittil-a á mesa com os amigos, que o toleramos. Não o leve a mal.*

Pareceu-me incrivel tal desproposito : mas dias depois interroguei o Major A. Ellison Junior, americano do norte, muito intelligente e orgulhoso de seu paiz :

— Major, referio-me Sergio esta anecdotia : devo crel-a?

— Dadas as circumstancias, as cousas devião passar-se como elle referio: são os costumes da terra.

Nada semelhante é possível no Brasil.

O senhor tem o direito de castigar corporalmente o seu escravo: mas a lei só tolera castigos moderados; e na pratica as sevicias são excepções, comquanto infelizmente não raras. Accessos de ira, medo de insurreições, avareza ou má indole, qualquer destas causas tem feito bastantes vezes exaggerar os castigos, abusando de uma faculdade, em si perigosa. E a proposito direi que sempre condemnei o direito que se arrogarão os nossos Fazendeiros de fundar cada um na sua herdade um cemiterio e sepultar os escravos que morrem, sem fiscalisação alguma de authoridade civil ou ecclesiastica.

Entretanto, repito, as cruezas são excepções: a regra é a brandura, e mesmo o demonstrão alguns estilos, geralmente admittidos. Assim, o escravo que fugio, voltando *apadrinhado*, não se castiga; seria um insulto ao padrinho. O que commette um crime, só quando este é muito grave, deixa de aproveitar-se do mesmo recurso. Começado o castigo, para que cesse é sufficiente dizer alguem, de casa ou estranho — « Basta por esta vez; perdoe » E' melindre de civilidade não recusar o perdão.

Esta ultima reflexão faz-me occorrer mais uma confrontação entre os nossos costumes e os americanos. Em viagem com o engenheiro Garnett, passavamos por um terreiro, onde o Fazendeiro, de braços cruzados assistia a uma dessas execuções de justiça domestica.

Intervim em favor da victima; e o senhor apenas ouviu a minha voz, com um gesto fez cessar a pancadaria, e voltando-se de chapéo na mão, nos disse com summa polidez: « Queirão perdoar, meus senhores; si eu os tivesse visto, teria interrompido o castigo, antes mesmo de o pedirem; o rapaz não apanhará mais; fiquem certos.»

Trocados cumprimentos, picamos as bestas e diz-me o meu coronel americano, aliás homem illustrado: « Si fosse nos E. U. a resposta infallivel seria — não é da sua conta, o negro é meu escravo »!

Esboçando assim o character da escravidão no Brazil não me inspiro em um patriotismo mal entendido para desculpar o que era condemnavel; e menos me faço apologista da instituição: nunca o fui.

Sobre o meio menos prejudicial de extingui-la, tenho hoje opinião feita, que externei pela imprensa, enquanto se discutia nas Camaras a lei de 28 de Setembro.

Talvez erro, mas convicção sincera, cujos elementos pretendo consignar neste capitulo, para justificar-me de ter tentado embaraçar a passagem da lei.

No 2º cap. desta autobiographia ( pag. 22 ) escripto em meiado de 1870 deixei consignada a perplexidade do meu espirito sobre esse gravissimo problema. Até então, e ainda um anno depois era elle sómente estudado no Conselho de Estado, em rigoroso segredo.

As Fallas do Throno em 1867 e 1868 tinham aventado a idéa sem desenvolvimento, e nada se fazia para esclarecer a nação. O ministerio Itaborahy eliminou o assumpto dos discursos da Coroa.

A verdade é que a emancipação *não era uma aspiração nacional*, como pretenderão, por falso patriotismo uns, outros por adulação ao Imperador, que *tomou a iniciativa com a responsabilidade de seus ministros*; disse assim no Senado o Conselheiro Zacarias.

Em these, ninguem no Brazil sustentava a instituição: sómente a reputavão um mal de difficillima extirpação.

Tavares Bastos, advogando pela imprensa a emancipação, Silveira da Motta, iniciando no Senado projectos que a preparavão, não attrahião sobre si animosidade

publica, mas é certo que taes propagandas erão geralmente consideradas *generosas utopias*.

Não se pode escurecer que sérias difficuldades asoberbavão os espiritos. Por um lado todo o trabalho, toda a producção estava dependente do braço escravo; por outro lado nem uma tentativa de colonisação tinha produzido resultados serios. E é tambem de presumir que o escravo libertado em geral se recusará a trabalhar, ao menos por algum tempo: a liberdade para elles é o direito de ficar em ociosidade.

Por causa destas difficuldades, não no pensamento de perpetuar a instituição servil, é certo que em 1866 a emancipação não era *uma aspiração nacional*.

Não era tambem *aspiração imperial*: o que provo com os seguintes factos. Pimenta Bueno, depois Visconde de S. Vicente, era um Senador instruido, publicista de alguma notoriedade, sem ter escripto sobre a escravidão, não tendo acompanhado a iniciativa do seu collega Silveira da Motta, no silencio de seu gabinete formulou uns projectos que vierão a ser a base de todo o estudo e da lei promulgada.

Mas, guardando absoluto segredo, foi levar os seus apontamentos a S. M. I. em 23 de Janeiro de 1866.

« *A materia é tão grave, dizia o memorial, que eu não teria animo de tomar a iniciativa como Senador, sem subordinal-a préviamente á sabedoria de V. M. I.* »

Guardados, memorial e projectos, no gabinete imperial, não houve delles a menor noticia; não forão submettidos ao Conselho d'Estado; e os Ministros d'então, que servirão até 3 de Agosto disserão depois que não tinham tido conhecimento de tal iniciativa.

A aspiração gerou-se no animo do Imperador em

Agosto de 1866, ao receber uma mensagem da Junta Franceza de Emancipação, na qual figuravão nomes como Guizot, Broglie, Mont' Alembert, Laboulaye etc. O mesmo paquete que trouxe a carta, levou a resposta imperial <sup>(1)</sup>, subscripta pelo Ministro da Justiça, sem estudo, sem audiencia do Conselho d'Estado, que só foi convocado em Fevereiro de 1867, sem deliberação do Ministerio, e parece que até sem sciencia dos outros ministros.

*L'Etat, c'est moi.* O Imperador respondeo que *apenas melhoradas as penosas circumstancias de então (guerra com o Paraguay), o governo imperial consideraria como objecto de primeira importancia a emancipação dos escravos que não passa de questão de forma e de opportunidade.*

Imprimindo assim á iniciativa o cunho de sua individualidade, o Sr. D. Pedro II tinha manifestamente dous fins : 1º mandar á Historia o seu nome, como libertador dos negros no Brazil ; 2º firmar o seu poder pessoal e a crença de que só d'elle póde vir o bem. Duas ambições, uma nobilissima, outra muito egoistica, que ambas concorrerão para viciar o estudo da gravissima questão, que se levantava.

Seis mezes depois da carta dos Sabios Francezes foi convocado o Conselho d'Estado, e só então sahirão da gaveta os projectos S. Vicente, que forão a base das discussões. Mas começando estas em Fevereiro de 1867 nas sessões secretas do Conselho d'Estado, até 1870 não se publicou um parecer, não se instituiu exame algum publico, não foi decretada nem proposta ás Camaras medida alguma preparatoria, como devia ser o arrolamento da população escrava.

Apenas as Fallas de abertura do parlamento, em 67 e 68 aventarão a questão em termos vagos, sem allusão

<sup>(1)</sup> Nota em 1888. O Dr. Nabuco declarou em um artigo de jornal, que possui a minuta, pelo punho do Imperador.



alguma a uma solução preferida. Nas Fallas de 1869 e 1870 este topico foi omitido por imposição do V. de Itaborahy e seus collegas sabidamente adversos á emancipação. E não foi outra a causa principal da queda do Visconde em 1870, sendo ainda sustentado pelas Camaras.

Nesse anno os conservadores que formavão a camara unanime, eleita em 1868, se achavão divididos; e percebendo os dissidentes a divergencia (era muito notoria) entre a Corôa e os Ministros na nascente questão da emancipação, fizeram acto de adhesão á iniciativa imperial, elegendo uma commissão especial para estudar a materia. Esta commissão, dirigindo-se ao governo, ponde obter, com a condição de guardar segredo, communicação das actas do Conselho d'Estado e apresentou seu parecer acceitando a base alli predominante, liberdade dos ventres, com trabalho forçado para os que nascessem, sendo conservados até os seus 21 annos em poder dos senhores dos paes.

A commissão parlamentar accrescentou uma idéa, que depois o Imperador acceitou e fez incluir no projecto proposto em 1871: faculdade deixada aos senhores de optar entre os serviços até 21 annos, e a entrega das crianças de 8 annos ao governo mediante indemnisação.

Medida, que ao meu ver, peiorou a solução; mas não antecipemos.

Apeado Itaborahy, e completo o fiasco do gabinete S. Vicente, que dizia ter por programma conciliar os partidos em beneficio da emancipação, ergueo o Imperador a combinação [Paranhos, que com algumas modificações ainda governa, hoje 29 de julho de 1872.

Era ministerio sabidamente palaciano. Paranhos (1) tinha boa alma, bella intelligencia, cultura d'espírito e

---

(1) Visconde do Rio Branco.

professava *dedicação sem limites* a S. M. I. como de si disse Salles Torres Homem <sup>(1)</sup>. E para ficar o gabinete bem caracterizado, fez parte delle Candido Borges Monteiro <sup>(2)</sup> que ostentava, não *dedicação*, mas *obediencia cega*.

Organisado este ministerio em Março de 1871, em Maio o Imperador retirou-se para a Europa, ao passo que os seus ministros propunhão o projecto, hoje lei de 28 de Setembro. Disse-se então, e geralmente se acreditou, que era proposito imperial não voltar ao Brazil si a lei não fosse votada pelas Camaras.

Ameaça de orphandade, que de certo contribuiu para o resultado.

Tal é o historico da medida, com que foi encetada a emancipação dos escravos : é tempo de apreciar-a em seu valor intrinseco.

O futuro historiador que houver de julgar-a, precisará colligir para seu estudo as seguintes publicações :

1º — *Elemento servil*. Parecer e projecto de lei iniciado na camara em 1870. — Um folheto.

2º — Trabalho sobre a extincção da escravatura. — Idem.

3º — Pareceres do Conselho d'Estado nas sessões secretas de 1868, publicados em 1871. — Idem.

4º — Debates da Imprensa e da Tribuna, no mesmo anno.

Para annexar áquelles dados alguma cousa de objecções extraparlamentares á Politica Imperial, citarei o meu parecer, impresso em folheto, durante a discussão da lei.

E' nobre o pensamento da libertação dos ventres : o

---

<sup>(1)</sup> Visconde de Inhomerim.

<sup>(2)</sup> Visconde de Itauna.

principio — ninguém mais nasce escravo — inicia realmente a libertação; e é eficaz porque estanca a fonte unica que depois da extincção do trafico africano alimentava a escravidão. Deste typo geral da lei não é licito murmurar; mas contem ella dous defeitos capitaes, que me fazem augurar mal os seus effeitos. 1º Abandona á sua sorte os actuaes escravos; 2º deixa as crianças que diz libertar, escravos de facto até 21 annos, onde quer que assim o queirão os senhores dos paes.

O abandono da actual geração de escravos é completo: a disposição relativa a um fundo de emancipação nem parece cousa seria, tanto os recursos consignados estão em desproporção com o objecto a que se destinão. N' passado quasi um anno da promulgação da lei, e não ha um acto, uma palavra, cousa nenhuma que indique a intenção de encetar sisudamente a libertação da escravatura que existia na data do famoso Acto.

No debate, a todas as objecções dos senhores de escravos que não se resignavão á abolição, respondião na imprensa e na tribuna: «Socegae; não tocamos na propriedade existente». Monsenhor Pinto de Campos na Camara, Sayão Lobato no Senado, na Imprensa João Mendes de Almeida, escriptor do ministerio, todos procuravão *aquietar* os senhores de escravos proclamando que ficava a geração presente entregue á sua sorte.

Este character de reforma determina um perigo para a sociedade, e mancha as glorias dos emancipadores de 1871.

Não se pode negar o perigo. Por cinco annos prometteo a palavra imperial a liberdade aos miseros negros, cujo triste desengano á ultima hora não pode deixar de exacerbar o seu odio natural aos brancos. Mas elevando a questão a uma altura maior do que a da nossa segurança, uma exclusão semelhante revolta a philosophia,

a religião, a humanidade! E o Sr. D. Pedro II que inicia a emancipação, *addiando as difficuldades para uma epocha em que elle não reinará*, bem mostra que teve em vista a sua gloria pessoal, não o futuro da patria.

Este character odioso da solução adoptada não podia escapar ao Conselho do Estado, onde ha muita illustração; mas deliberando em segredo, porque não se tratava de preparar a opinião do paiz para a reforma, mas de impol-a para maior gloria do iniciador, a base das cogitações devia ter sido esta — até onde é possível a imposição? — D'ahi a idéa de garantir aos senhores de escravos a sua propriedade actual, deliberando só para os nascituros: entretanto salvarão o principio do fundo de emancipação, *para Inglez ver*.

Para realisação de tal programma, a lei de 28 de Setembro é logica; mas vejamos que futuro nos prepara ella, *suppondo* (o que eu não creio) *que se execute sem perturbações*.

Passaremos oito annos até 1879 a matricular ingenuos filhos de mães escravas: presumia a commissão parlamentar de 1870 que a 1.<sup>a</sup> turma a completar 8 annos será de cerca de 27,000 que os senhores terão o direito de entregar ao governo, mediante indemnisação pecuniaria. Cada um dos annos seguintes completará 8 nova turma pouco menor, decrescendo em lenta progressão. Admita-se que metade prefere a entrega ao governo.

Não fallemos do immenso onus pecuniario imposto ao Thesouro, justamente quando a producção diminue, porque os braços escasseão. Mas o que ha de fazer a administração publica de 12 ou 14 mil orphãos que receberá annualmente? Fundará asylos para educal-os? Mandal-os-ha para os arsenaes, onde já hoje são precisos grandes empenhos para admittirem *um menino pobre*? Não, de certo.

Hão de reproduzir a galanteria da distribuição de *africanos livres* (os apprehendidos na importação) cujos serviços adjudicavão aos amigos, aos protegidos, aos capangas eleitoraes, á tratantes que em geral os reduzião á escravidão.

Ou talvez organisarão companhias para especular com os serviços das miseras crianças, cujos paes permanecem na escravidão. E pois que individuos ou companhias só cuidarão de seus lucros, dos famosos ingenuos remidos pelo governo aos 8 annos, os que chegarem á maioridade isolados, sem familia, sem educação, sem peculio, não serão mais do que viveiro em que se recrutem as quadrilhas de ladrões . . . ou os exercitos imperiaes.

Não nos será muito mais util o destino e condição da outra metade dos nascituros conservados em poder dos senhores dos paes até a idade de 21 annos.

Na infancia serão mais felizes que os pupillos do governo: comerão o pão e respirarão a atmospherá da escravidão; mas não terão idéa de uma existencia melhor, e não lhes faltará o que constitue a primeira necessidade dos tenros annos, o regaço da mãe; mas depois da puberdade, quando forem fortes e souberem que são livres, *ingenuos*, a concorrência no trabalho forçado com os irmãos e paes captivos, ha de anarchisar os estabelecimentos ru-raes, e ser talvez origem de muitos crimes.

Que não o seja: figuremos o caso mais favoravel. O que é aos 21 annos o ingenuo da lei, declarado repentinamente cidadão, analphabeto, sem officio, sem peculio, sem familia, inçado dos vicios da senzala em que permanecem seus paes, aborrecendo o trabalho até alli forçado, e cheios de odio, justamente os de melhor caracter, contra os que conservão no captiveiro os paes e as mães?

E dizer que cada anno lançará na sociedade 20.000,

18.000, 15.000 individuos naquellas condições ! que se pode esperar delles ?

Tudo isto se refere ao caso de executar-se a lei, como nella se dispoe. Mas, si as suas consequencias previstas e imprevistas forçarem novas medidas e acceleração do processo, por que meio se chegará á abolição ? Por ora, parece que ninguem pensa em tal futuro, e eu não tenho a pretensão de ser propheta : mas creio que, si não tratarem seriamente de libertar os paes, ao passo que emancipão os filhos, isto é, si continuar sacrificado e proscripto o *principio da familia*, podem temer-se grandes desordens economicas e sociaes. Permitta Deos que eu não seja mais do que um terrorista visionario !

Um pequeno incidente, a que assisti no Senado, characterisa bem a condição dos futuros cidadãos, preparados pela lei. Interrogado sobre os castigos corporaes o Marquez de S. Vicente, 1º author do projecto, respondeu que *os filhos dos ventres livres ficarião sujeitos aos mesmos castigos que seus paes escravos.*

Afflicto com tal declaração, o Presidente do Conselho entendeu modificar o seu pessimo effeito, *dando-lhe outra redacção.* Disse : « obrigados a servir até á maioridade aos senhores de seus paes, os ingenuos da lei ficarão sujeitos a correções ; mas a este respeito *a lei confia na humanidade dos senhores.* »

Só desta, pois, dependerá não serem surrados os moços livres.

Não faltou quem estranhasse a minha opposição á lei de 28 de Setembro ; alguns me considerarão um defensor disfarçado da escravidão. Engano e injustiça.

Emquanto não tive opinião feita (e só a tive em 1871) em quanto o meu espirito oscillou nas perplexidades, de que fallei na pag. 22 deste livro, eu nunca combati nem applaudi os imperiaes enthusiasmos emancipadores : erão

mesmo as incertezas, em que fluctuava, uma das razões porque estimei deixar de assumir responsabilidades politicas. Mas, a opinião que sustentei em 1871 é convicção profunda : se é erro, é de intelligencia.

Parto das minhas impressões sobre colonisação : nada espero dos colonos que são importados a tanto por cabeça. Immigração expontanea, não a temos quasi, nem sei quando a teremos.

Conclue que a necessidade é libertar os braços existentes, fixando-os no paiz. E é impossivel fixal-os e tornal-os uteis destruindo o principio da familia, principal defeito da lei.

Para não desorganisar o trabalho, cumpre considerar a emancipação como questão economica, antes do que philosophica. Como problema economico, qual a base accetavel ? confesso que a este respeito me inspirei em um artigo anonymo do Jornal do Commercio : o seguinte pensamento parece-me um raio de luz : *A escravatura representa um capital rendoso, e todo o capital productivo tem em si proprio meios de amortisação.*

Um imposto sobre os proventos do trabalho escravo, ao qual se annexarião os que já hoje se derivão dessa fonte, formaria um fundo robusto de amortisação ou de emancipação.

Para facilitar os calculos, o novo imposto devia ser ad valorem, uma porcentagem do valor de cada escravo : equivaleria a abandonar o senhor uma quota dos lucros que lhe dá a escravatura, para remil-a. Nada mais justo.

Libertar gradualmente os escravos, por familias, nunca truncando-as ; estabelecendo preferencias proprias para moralisal-as ; os que tivessem mais filhos, os que empregassem peculio em compra de terras, os que celebrassem contractos de serviços com seus antigos senhores, etc., etc. ; sorteando depois de esgotadas as preferencias.

Exigir dos libertos, que tenham occupação e meios de vida: collocar os que não os tivessem, em colonias agricolas, dando-lhes terras gratis.

Estas disposições, e uma boa lei de locação de serviços, e outras medidas accessorias, poderião garantir a emancipação completa antes do fim do seculo, convertendo a escravatura em classe de trabalhadores livres. Parece-me que 1899 deve ser o limite mais remoto, que devião ter em vista os legisladores; não legar ao seculo seguinte a instituição servil.

Veja-se o projecto substitutivo offerecido pelo Deputado Perdigão Malheiros, que é um juriconsulto de nota; e tambem o meu pamphleto — *A emancipação dos escravos: parecer de C. B. Ottoni*.

Dir-se-ha que um tal plano seria repellido pela massa da população, composta em grande parte de senhores de escravos; ao que respondo que o plano preferido tambem não foi acceito pela opinião, mas imposto com a Cominação — *se não votarem, não voltarei ao Brasil*. Eu disse um dia depois de votada a lei ao Conselheiro Teixeira Junior, um de seus collaboradores: «o trabalho forçado, ou escravidão de facto até 21 annos tira quasi todo o merito moral á libertação dos ventres.» Respondeo-me — é verdade; mas sem essa concessão a lei não passaria nas Camaras. — Tanto é certo, que foi imposta.

Eu não tinha obrigação de envolver-me no debate: mas a minha abstenção desde 1868 nunca foi completa, todas as vezes que um acto do Governo, uma occurrencia importante, um debate notavel me attrahia a attenção, eu cedia ao *scribendi cacoethes*; de vez em quando lá levava á *Reforma* o meu artiguinho.

No caso de que agora trato, deixei-me arrastar á velleidade de escrever dous ou tres artigos anonymos, aos



quaes as pennas pagas pelo ministerio responderam com as palavras : *escravagistas, egoistas, adoradores do bezerro de ouro*, e outros desaforos semelhantes.

Irritado por estas grosserias, resolvi moralisar a minha opposição, assignando os escriptos ; e logo morali-sei tambem as pennas ministeriaes, que começaram a argumentar, e abstiveram-se de insultos aos adversarios.

Assim arrastado, accompanhei os debates até a votação da lei no Senado. Faço votos que venha a verificar-se, são todas as minhas apreciações e criticas filhas de um espirito acanhado, timorato e terrorista. Assim seja.

---

Nota em Fevereiro de 1889. Nem todas as minhas previsões eram de visionario : vejam-se os ultimos capitulos deste livro e o Appendice.

11 de Novembro de 1873

RADICALISMO E REPUBLICANISMO. — ELEIÇÃO DE 1872.—  
 INCONFIDENCIA : TIRADENTES, CLAUDIO MANOEL DA  
 COSTA.—USUFRUCTO DA E. DE F. DE D. PEDRO II.  
 — CONTRACTO PARA O RIO GRANDE. — VIDA PRI-  
 VADA.

Nos dous annos decorridos depois dos acontecimentos até aqui expostos conservei-me na posição de que já dei idéa : sem compromisso com partido algum, sem assumir responsabilidades de Jornalista, sem affixar a pretensão de salvar a patria, mas sempre interessando-me pela causa publica e externando pela imprensa o meu parecer, quando isso me parece necessario ou conveniente. Não tenho podido sujeitar-me á abstenção completa a que estava resolvido em 1868.

Neste periodo assumi algumas responsabilidades politicas que pretendo registrar, tendo hoje um motivo especial para por em dia estas memorias. O motivo é que julgo-me em vespervas de assignar com o governo imperial um contracto para estudos e construcção de uma estrada de ferro no Rio Grande do Sul.

Esta empreza, se se realizar, me imporá grande responsabilidade moral e pecuniaria : póde comprometter ou consolidar a pequena reputação que tenho de homem energico e cumpridor de seus deveres ; e póde diminuir ou augmentar a minha modesta fortuna. Em todo o caso

crear-me-ha uma existencia differente da actual, habitos de actividade, necessidade de viagens, novas relações.

Será materia para outro ou outros capitulos, se os escrever: os factos de que passo a occupar-me, sendo anteriores, em nada se ligão nem dependem do projecto em questão; mas comecei por mencional-o, porque desejoso de retractar-me neste livro, tal qual sou, *nem melhor nem peor*, quero que meus futuros leitores conheção sob que impressão escrevo.

A minha posição entre os monarchistas e os republicanos é a mesma que descrevi nas pags. 175 a 177. A *Republica* dirigida hoje por Francisco Cunha, do Rio Grande, que só conheço de nome, e por Quintino Bocayuva, mais de uma vez tentou attrahir-me á sua solidariedade, ao que constantemente me esquivei, sem todavia collocar-me em hostilidade com ella. Esta attitude, eu a desejava definir em publico, e para isso deparou-me occasião um republicano dissidente dos seus, que na *Reforma* de 3 de Julho deste anno disse ter-me eu despedido do Directorio, porque o partido ia mal. Respondi pela mesma folha no dia 4 nos seguintes termos:

« Peço licença á redacção da *Reforma* para rectificar em suas columnas um engano de facto que nellas hoje notei com referencia ao meu nome.

« Diz o artigo a que alludo:

« A principio o Sr. C. Ottoni fez parte do directorio republicano. As cousas andarão ruins e o Sr. Ottoni não quiz mais ser director. »

« Nunca fiz parte do directorio a que se allude; e julgo não dever auctorisar com o meu silencio a illação que deduzem da minha supposta retirada.

« O engano provem talvez de ter eu assignado o manifesto; mas então não havia directorio nem partido organizado.

« Fui membro do *Club Radical* que depois resolveu declarar-se *Club Republicano*. Ainda o era quando a comissão encarregada de redigir o manifesto o apresentou e a reunião deliberou que assignassem todos os presentes.

« Não hesitei, porque tendo-me sido mostrado previamente o manuscrito, reconheci, depois de uma leitura muito reflectida, que nos pontos capitaes estava elle em harmonia com as minhas opiniões e impressões.

« Do directorio, que depois nomearão, repito, nunca fui membro.— C. B. Ottoni. »

Respondou a *Republica* no dia 5. fazendo-me muitos cumprimentos e allegando que eu fôra membro da comissão redactora do Manifesto. Ao que repliquei, como se vê do seguinte artigo que sahio no dia 6 na mesma *Republica*:

« O nosso illustre correligionario Sr. Christiano Ottoni remetteu-nos, para serem publicadas, as seguintes linhas :

« Agradecendo á redacção da *Republica* as palavras  
« obsequiosas com que hoje me honra, peço-lhe licença  
« para rectificar um engano que noto no pequeno artigo  
« a mim relativo. Não fui, como se diz, *um dos membros*  
« *da commissão redactora do Manifesto*: tinha sido nomeado,  
« é certo ; mas, não estando então presente, declarei logo  
que soube da nomeação que não a acceitava.

« Esta declaração foi feita verbalmente e *por escripto*  
« ao Sr. Conselheiro Saldanha Marinho, relator da com-  
« missão.— Julho, 5.— C. B. Ottoni.»

« Pedimos desculpa ao nosso illustrado correligionario por esse ligeiro engano, aliás muito justificavel, porque nem á assembléa de republicanos que o elegeu membro dessa commissão, nem particularmente a nenhum dos nossos amigos constou jamais a renuncia do cargo : e tendo apparecido o nome do nosso illustre correligionario entre os

membros da commissão que assignarão o Manifesto em primeiro lugar, o nosso engano era mais do que plausivel. <sup>(1)</sup>

« Essa circumstancia, porém, é de minimo valor. Redactor ou não do manifesto republicano, o essencial para nós e para o paiz é que tendo-o assignado o nosso illustre correligionario por achal-o de accordo com as suas opiniões e impressões, o seu nome ficou valendo para a idéa republicana no Brasil o mesmo que elle vale para nós individualmente.

« O paiz tem tanto que esperar da alta capacidade do nosso illustre correligionario, o partido republicano tanto se honra de ver a sua pessoa nas fileiras dos defensores da bôa causa, que a solidariedade politica estabelecida pela sua assignatura no Manifesto constitue para nós, mais um élo de honra, constitue uma fagueira esperanza para a nossa patria e uma força poderosa para o nosso partido que se orgulhará sempre de poder entrar em batalha sob o commando de um tão illustre chefe. »

Houve ainda tiroteio entre a *Republica* e seu correligionario dissidente, que não sei quem era : mas eu não voltei a carga porque pareceu-me que em relação a mim a questão estava bem posta. Os cumprimentos da *Republica*, *compromettem-me quantum satis* para que saiba a Monarchia que não deve contar commigo : as minhas resalvas limitam a minha responsabilidade e conservão-me fóra da milicia politica.

A democracia ganha terreno ; mas... chame amanhã S. M. I. ao poder os liberaes, fação elles ou não fação alguma reforma, abram a cornucopia das commendas, baronatos e patentes da G. N... e adeus mesquita republicana. Para assistir depois a um espectáculo semelhante, não devo afadigar-me.

(1) Vide pag. 176 e 177.

Em 1872 tive occasião de fazer-me eleger de novo Deputado por Minas ; mas pareceu-me que tendo tido pouca actividade politica desde 1868 seria immodestia apresentar-me : recusei a candidatura, que aliás me apparecia sob os melhores auspicios.

Dissolvida a Camara, o ministerio, não só para demonstrar imparcialidade, mas principalmente para excluir o Dr. Pinto Moreira, que havia atacado com vehemencia o Presidente do Conselho, ordenou que deixassem eleger liberaes pelo segundo districto, onde estavam elles em notavel maioria. Taes forão as instrucções dadas ao Presidente nomeado Senador Godoy, o qual mandou á minha casa seu irmão uterino Brigadeiro Pinheiro Guimarães, aconselhando que me apresentasse. Foram eleitos Martinho Campos e Ignacio Martins, e por falta de meu nome que concentraria os votos, repartirão-se por dous ou tres moços novos que pleitearão : a favor da divergencia, surgiu eleito um conservador, Dr. Camillo de Figueiredo.

Por esse tempo, quebrei mais uma vez a minha abstenção da imprensa, publicando na *Reforma* uma serie de artigos, vingando a memoria do sympathico Tiradentes deprimida por Joaquim Norberto em um livro que publicou com investigações historicas da conspiração mineira de 1789. Fôra elle, com relação ao illustre enforcado, de escandalosa parcialidade, que tenho consciencia de haver confundido. Este trabalho de critica não soffreu contestação.

No escripto publicado limitei-me a tratar de Tiradentes, mas impressionou-me outra observação que aqui consignarei como episodio de certo interesse.

Claudio Manoel da Costa, um dos conspiradores, talvez o mais illustrado, foi encontrado morto na prisão em Ouro Preto, e officialmente declarado suicida. Certa

voz publica ou tradição passou de um seculo a outro denunciando assassinato, e a historia não tinha bem esclarecido este ponto. J. Norberto declara tel-o resolvido verificando o suicidio: mas a sua demonstração parece, contraproducente, provar o assassinato.

Basêa-se no *corpo de delicto* feito sobre o cadaver, e publica textualmente esse documento. Descreve a posição do corpo, pendurado de uma estante que não tinha altura sufficiente, os pés tocando o chão: diz que para realisar o estrangulamento precisára o infeliz esticar a corda, empurrando a estante com o braço erguido verticalmente, e que *nesta attitude foi achado* o supposto suicida.

Ora isto é simplesmente impossivel: si tal fizesse o preso, no momento em que perdesse os sentidos, e certo antes da morte, o braço cahiria ao longo do corpo por effeito inevitavel da gravidade. Qual a força que conservou erguido o braço até a rigidez cadaverica, que occorre algumas horas depois da morte? A mentira do corpo de delicto é manifesta, e não vejo que pudesse ter outro fim senão o de encobrir o crime.

Se Claudio Manoel da Costa foi assassinado, como creio em vista do exposto, os auctores do crime foram agentes da Justiça d'El-rei: outra auctoridade não seria occultada ou disfarçada; mas os fabricantes do corpo de delicto foram ineptos.

Era a melhor intelligencia d'entre os conjurados, poeta, economista, jurisconsulto: diziam-n'o encarregado de redigir o codigo das leis da projectada republica; teriam receio do que elle poderia escrever na prisão ou no degredo? Esta morte é pois um dos mysterios tenebrosos dos carceres do despotismo. <sup>(1)</sup>

Antes de se me deparar a oportunidade da em-

---

<sup>(1)</sup> Vide Nota F.

preza do Rio Grande, fiz outra tentativa industrial, que não produziu effeito: não a omitto porque assumi a responsabilidade de uma proposta.

Em Janeiro deste anno, 1873, tres capitalistas, Mesquita, Dr. Marques de Sá e F. Figueiredo, convidarão-me para associado a elles fazermos uma proposta, em concorrência com outra do B. de Mauá, para contractar o usufructo da estrada de ferro de D. Pedro II, e conclusão dos prolongamentos decretados.

Tomava então corpo o descredito da gestão da empreza por agentes do governo; ia-se generalizando a convicção da necessidade alli do interesse e acção individual. Dahi a proposta do B. de Mauá, de cujas bases, suspeito eu, tiveram noticia os meus tres socios capitalistas por um meio pouco curial. Disserão elles conhecer as feições geraes, não os algarismos da proposta, com a qual iamos concorrer.

Propuz que associassemos tambem o engenheiro Herculano Penna, e depois de alguns estudos, propuzemos os cinco as bases seguintes:

Usufructo da estrada de ferro. Emprego da renda liquida nas construcções. Emissão em acções do mais capital necessario. Prazo de nove annos para ligar os trilhos á navegação do rio S. Francisco. Continuação do usufructo até amortizar a emissão com o juro de 7%. Entrega afinal ao governo.

Pediamos 16 annos: segundo nossos calculos, esperavamos que a renda liquida do 16º e parte da do 15º seria lucro liquida.

Como se vê era uma empreza vastissima de grandes esperanças e não menores perigos. Eu e o meu amigo Penna contavamos poder melhorar a administração, reduzir a despeza de custeio, desenvolver a renda, dar grande impulso á construcção, fundar gloria e fortuna.



Mas o quadro tinha reverso: muitas previsões podiam falhar e a produçãõ decahir na crise da transformaçãõ do trabalho. Assumir taes responsabilidades na minha idade já avançada era talvez temeridade; não estou longe de crer que desprezando a proposta, o governo obsequiou-me.

Quando a apresentámos, dizia-se que a do Mauá estava aceita; mas ou fosse o boato falso, ou as nossas condições mais vantajosas embaraçassem a adjudicaçãõ, o governo guardou silencio.

As medidas do novo Director parecem indicar a intenção de conservar na empreza o *statu quo*.

Até a presente data, a ultima responsabilidade que assumi, quer em fórma de proposta ao governo, quer por meio de manifestaçãõ pela imprensa, refere-se ao assumpto a que alludi no principio deste capitulo, estradas de ferro no Rio Grande do Sul.

O poder legislativo votou Rs. 40.000:000\$000 para duas grandes linhas, communicando com a fronteira argentina as duas cidades de Porto Alegre e Rio Grande, com ramaes de ligaçãõ entre as duas, cerca de 1.500 kilometros. No debate parlamentar ficou averiguado que os recursos commerciaes destas linhas serião por poucos annos escassissimos; e por serem os seus principaes fins administrativos, politicos, estrategicos, foi preferida a construcçãõ a expensas do Estado.

Dahi nasceu-me a idéa de uma proposta de empreitada, associando-me a um engenheiro e a um capitalista; cujas bases deviam ser e foram:

Fixaçãõ pelo governo dos pontos obrigados. Apresentaçãõ de planos e orçamentos, demonstrando o custo medio kilometrico. Adjudicaçãõ por esse preço, se não preferir o governo construir por administraçãõ ou abrir hasta publica, garantindo-nos no ultimo caso preferencia

tanto por tanto. Pagamento dos estudos, por preço kilometrico fixado no contracto.

Eis os motivos de minha deliberação. Estou ha cinco annos ocioso, e sinto alguma disposição para o trabalho, que póde ainda aproveitar á minha familia. Nos meus dez annos de estrada de ferro de D. Pedro II pouco me occupei com o custeio: estudos, adjudicação, construcção e questões connexas, foram a lição que me ficou melhor estudada.

Não faço esforço para voltar á milicia politica; não quero ser empregado publico; não acceito posição dependente de caprichos ministeriaes ou imperiaes; não tenho geito para negociante ou fazendeiro: em que hei de empregar uns restos de actividade, a não ser em uma empreitada de caminho de ferro?

Demais, tenho fé que poderei fazer alguma cousa que seja util ao meu paiz, que augmente alguma cousita os meus recursos pecuniarios e ao mesmo tempo o valor moral do nome que deixo a meus filhos. Não hesitei pois.

Meus socios são dous amigos, em cuja lealdade confio: Dr. Caetano Furquim de Almeida e Engenheiro Herculano Velloso Ferreira Penna.

Não approvo, em principio, os estudos por empreitada; penso que, em regra, devem ser feitos por administração, á cargo do capital. Mas o governo tem estabelecido precedentes de adjudicação, e tive razão de saber que pretendia recorrer, no caso presente, ao mesmo expediente, como fez para os prolongamentos da Bahia e Pernambuco.

Apresentada a nossa proposta, e tendo eu conferenciado com o Ministro da Agricultura e com o Visconde do Rio Branco, Presidente do Conselho, verifiquei que reinavam nos espiritos grandes duvidas e idéas incorre-

etas a respeito da bitola preferida. A propaganda americana da bitola estreita, repercutindo no Rio de Janeiro tem pregado grandes exaggerações: chegou a sustentar um engenheiro que a de 1<sup>m</sup>,00 applicada ao mesmo leito da de 1<sup>m</sup>,60 pouparia mais de metade do custo; o que é perfeito desproposito. A verdade é que a bitola larga e a estreita tem cada uma a sua missão, conforme os accidentes do terreno, o destino da estrada, e a massa de transportes esperada.

Nestas circumstancias entendi que prestaria serviço á causa publica e á minha empresa, esclarecendo a questão e corrigindo os erros em voga. Se o fizesse em conferencias verbaes com os ministros, as minhas palavras poderiam ser disvirtuadas e alvo de intrigas: entendi pois moralisar a minha acção por meio da publicidade.

Na gaveta, em que guardo um exemplar de cada uma das minhas publicações, está o meu folheto — *Bitola dos caminhos de ferro* —, que inserto na *Reforma* e impresso em avulso ha dous mezes, não soffreu a minima contestação.

O successo deste pamphleto foi notavel: attribuo em parte a elle o decidido empenho que mostra o governo em reduzir a contracto a minha proposta, ainda em discussão, hoje 24 de Novembro de 1873.

— Dezembro 29. Vou fechar este capitulo. No dia 20 foi assignado o meu contracto, o qual se lê no *Diario Official* de 24. Tenciono dedicar-me em corpo e alma ao desempenho das obrigações contrahidas; mas não é fóra de proposito consignar aqui as minhas impressões acerca do espirito deste acto do governo, em relação a minha pessoa.

Que o Imperador continúa a *reinar, governar e administrar*, não ha a menor duvida: portanto S. M. I. *Quiz*

que tratassem commigo. Porque? Não por affeição pessoal: não lhe podem agradar as minhas opiniões politicas, nem o meu pronunciamento sobre a lei dos ventres livres, nem a minha ausencia do Paço. Ha mais de quatro annos não lhe appareço, nem o procurei nas vespervas do contracto, como o fazem a maior parte dos propo- nentes. Por isso, e visto o grande empenho de adiantar o projecto, posso concluir sem immodestia que foi preferida a minha proposta, porque nas altas regiões foi julgada a mais garantidora de uma prompta acção. Motivo honroso para ambas as partes.

Recebendo tal demonstração de apreço, abandono o proposito que tinha formado de nunca mais ir a São Christovão, e irei despedir-me, partindo para o Rio Grande. Pretendo embarcar no dia 20 de Janeiro de 1874.

— Não terminarei o que por ora tenho que dizer sem algumas palavras a respeito da minha vida privada. A unica alteração na familia é que ha 15 mezes casei minha filha Virginia com o Barão de Magdalena, e ha quatro mezes me fizeram avô.

Está felizmente bem casada tanto quanto me é possível prever o futuro, penso que será a minha Virginia uma mãe de familia respeitavel, respeitada e feliz. Deus a abençoê e aos que della nascerem. *Nati natorum et qui nascentur ab illis.*

E eu que os veja.

Igualmente, visto que vou envolver-me, pela primeira vez desde 1866, em empreza que dará lucro ou perda, quero aqui consignar, que a minha pequena fortuna inventariada a pag. 89 a 94 não teve augmento, e soffreu a diminuição sómente de Rs. 13:000\$000 por occasião do casamento de minha filha. Feitas algumas transformações de titulos, ora com lucro, ora com perda, sempre pouco

importantes, os tres predios que conservo e os titulos que hoje tenho, avaliados predios pelo custo, titulos pelos valores nominaes, sommão cerca de 140:000\$000. Regulo a minha despeza pela renda, como tenho feito em toda a minha vida.

Termino com o anno de 1873. Direi depois, se puder, da vida nova que vou encetar no proximo 1874.

## XII

### Junho de 1875

LUCTA ENTRE O PODER CIVIL E O ECCLESIASTICO : FANATISMO QUE DESENVOLVEM OS ULTRAMONTANOS : SUA INFLUENCIA DELETERIA NOS LAÇOS DA FAMILIA.

Não está terminada a primeira parte da minha empreza — planos e orçamentos da linha. — Concluíra-se, ha alguns mezes, os estudos de campo e proseguem activamente os de gabinete : depois de resolvida a adjudicação da construcção, á firma Furquim, Ottoni & Penna ou á outra, será tempo de registrar a minha vida desde a assignatura do contracto de 20 de Dezembro de 1873.

Entretanto, tendo por estes dias alguma folga, dedico-a a uma questão alheia a interesses materiaes, e que muito me preoccupa : quero fallar da lucta que se travou entre o poder civil e o ecclesiastico.

Nas paginas 29 a 31 deste livro consigui um defeito da educação religiosa que recebi, e que não pode resistir ao racionalismo, quando o moço cultiva a sua intelligencia.

Esta reflexão era muito sincera, porque a fé me parece util e necessaria : amplio em relação a ella o que Voltaire disse de Deus — Se não houvesse fora preciso invental-o.

Presentemente, observo na educação dada pelo catholicismo romano defeito opposto e mais funesta exaggeração de ascetismo, e de fanatismo. E como o que hoje mais alimenta estas tendencias é a lucta dos Bispos ultramontanos com o poder temporal, direi as minhas impressões sobre o grave incidente.

Primeiro, a questão em si, como creio bem comprehendel-a. O actual Papa Pio 9º é um homem habil e ambicioso: quando se agitou a questão da Unidade Italiana muito a favoneou elle; e como a propaganda se fazia em nome da liberdade, da independencia, do odio á dominação austriaca, Pio 9º era o primeiro liberal da Europa. Evidentemente aspirava á coroa da Italia Unida, com Roma por capital. Mas tomou-lhe a dianteira o rei do Primonte, cahio depois o poder temporal do papado; e essas decepções são a origem do *Syllabus*, documento enfesado e anachronico.

Em falta da influencia e preponderancia que lhe daria em toda a Europa o throno e os exercitos da Italia apoiando o seu poder espirital, já por si consideravel, projectou ampliar o seu dominio sobre as almas dos catholicos, contando arrastar outras nações a intervir em seu favor contra o rei *usurpador*.

Ligou-se aos Jesuitas, cuidou de educar o clero pelos seus seminarios, as sociedades, por meio das congregações docentes, preparando a todos para uma obediencia cega aos Bispos, que fundarião a sua dominação universal.

Da submissão dos padres são garantia as suspensões *ex informata conscientia*, arma tornada mais terrivel no Brasil depois que aboliram por lei o recurso á Coroa.

Em 1867 agitando-se esta questão na Camara dei um voto contra o recurso, do que hoje me arrependo, e faço penitencia, confessando o meu erro.

Eu via por esse interior muitos padres e vigarios estúpidos e immoraes : cria os Bispos sinceramente empenhados em moralisar o clero ; por isso concordei em deixal-os armados com as suspensões sem recurso. Não vi que a pretensão se filiava a um vasto plano de avassalamento das consciencias.

Seria fraca esta desculpa, se eu não tivesse já reconhecido que me faltão qualidades necessarias ao homem politico, a decisão, a previsão do futuro, a promptidão no encarar as questões por todas as faces : estou muito longe do que se chama— Um Estadista—. Hoje porém, que os Bispos do Syllabus desmascarão as suas baterias, bem vejo que muitos padres lhe resistirão, se tivessem recurso do *ex informata conscientia*. Em 1867 sem duvida tive a vista curta.

Peza-me isto, porque com a guerra á maçonaria, com o augmento da intolerancia religiosa, com a exaltação do fanatismo, grandes desordens se preparão : arreda-se alguma immigração util e introduz-se a zizania em grande numero de familias.

O nosso governo complica a situação, não se atrevendo a applicar-lhe o verdadeiro remedio, que seria a decretação da completa liberdade das consciencias e dos cultos ; pallião com processos de desobediencia, que de nada hão de servir.

Quando mesmo não seja abolida como convém, a religião do Estado, dos debates ultimos resalta a meu ver esta verdade : que o poder civil estará desarmado, emquanto não estabelecer : 1º o recurso á Coroa das suspensões episcopaes ; 2º o registro civil dos nascimentos e obitos , 3º o casamento civil ; 4º a secularisação dos cemiterios.

Porque tanto teme o nosso governo essas reformas ?



será porque ellas estabelece a liberdade das consciencias, e todas as liberdades se ligão e se auxilião mutuamente? Deploro tudo isto.

Os jesuitas, poderosos com a sua alliança com a Curia Romana e *pela importancia que a elles, Jesuitas, dão quasi todos os governos, em quanto lhes servem de instrumento*, têm conquistado grande preponderancia em todos os paizes catholicos; dedicão-se especialmente a preparar a mocidade para estender o dominio delles, Jesuitas, as gerações seguintes. Com sophismas metaphysicos, com exaltações de ascetismo, com exaggerações relativas á existencia alem da morte, vicião as intelligencias que conseguem dominar: o coitado a quem inspirão confiança de ordinario perde a virilidade, a iniciativa, quasi a dignidade do homem não procura distinguir-se nem é susceptivel de ambições nobres, porque *o que importa é salvar a alma*: desprende-se dos amores da familia, que são relações mundanas, só pensando *nos seus interesses immortaes*: obedece cegamente ao padre porque *é enviado de Deus*. E o fanatismo que assim desenvolvem produz más consequencias, mais extensas do que as de qualquer propaganda de atheismo.

Minha familia é catholica: nunca tentei nem desejo destruir as suas crenças; mas procurei sempre por meios directos e indirectos, arredar dos espiritos certos desvarios de fanatismo que muito me desgostão. Assim, nunca lanço uma duvida sobre a existencia de Deus, a immortalidade da alma, a idéa de premio e castigo além da morte, e a pura doutrina christã, que ninguem expoz em termos mais edificantes do que Ernesto Renan: á divindade do erucificado nunca alludo. E si um dos meus filhos ataca em presença da mãe ou das irmans algumas destas bases fundamentaes da religião, eu o reprehendo. Mas não posso deixar passar sem epigramma a agua de

Lourdes, a impostura das aparições de Nossa Senhora, a tolice da Immaculada Conceição, a petulancia da infalibilidade papal e outras asneiras semelhantes.

Mas, destas mesmas criticas me abstenho perante alguns parentes meus, fascinados pelos padres ultramontanos : sabendo que são sinceros em seus preconceitos, devo respeitá-los.

### XIII

**31 de Agosto de 1876**

EMPRESA DO RIO GRANDE BASES DO CONTRACTO : DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS : DESISTENCIA DE DIREITOS ; ADJUDICAÇÃO ; BALANÇO ; CUSTO KILOMETRICO DOS ESTUDOS. QUESTÃO RELIGIOSA.

Comquanto não tenha ainda o Governo adjudicado a construcção da *minha* estrada de ferro no Rio Grande está ajustada por accôrdo mutuo a eliminação da firma Furquim, Ottoni & Penna ; entreguei hontem na Secretaria proposta para vender aos engenheiros, que para lá vão, os nossos instrumentos e archivos, com o que daremos a ultima mão á liquidação da nossa empresa, limitada aos planos e orçamentos. E' pois chegada a oportunidade que assignalei no começo do ultimo capitulo, para continuar a registrar a minha vida desde Dezembro de 1873.

Todo o anno de 1874 e o de 1875 até Agosto foram dedicados principalmente, quasi exclusivamente aos trabalhos da empresa do Rio Grande, em execução do contractos de 20 de Dezembro de 1873.

Pretendendo consignar aqui o resultado de nossos estudos, e convicto de que temos dado um exemplo moralizador de empreitada conscienciosa, começarei por notar que em parte as bases do contracto não são conformes com as minhas opiniões sobre a materia.

Tratando na pag. 106 e 107 do impulso que dei á construcção da 2.<sup>a</sup> secção da estrada de ferro de D. Pedro 2.<sup>o</sup>, consignei os principios geraes, que em meu entender devem ser respeitadas, a saber :

1.<sup>o</sup> Estudos completos e orçamento feitos por administração á custa do capital, antes de qualquer contracto para construcção.

2.<sup>o</sup> Adjudicação das obras em hasta publica.

3.<sup>o</sup> Empreitadas, geraes ou parciaes, por series de preços.

Os estudos de traço e orçamento não são trabalhos que se possa razoavelmente empreitar, porque, 1.<sup>o</sup> é difficil orçá-lo previamente, 2.<sup>o</sup> é muito facil resumir o trabalho, com prejuizo da linha projectada, 3.<sup>o</sup> depende de confiança, porque a verificação posterior não se faz sem quasi outra tanta despeza. Mas, o Governo firmára o precedente, contractando os estudos dos prolongamentos da Bahia e Pernambuco e de uma linha para Matto Grosso; era evidente que assim procederia para os nossos projectos do Rio Grande. Pelo que não devia eu hesitar.

Para a fixação do preço kilometrico dos estudos não tomei por base os da estrada de ferro de D. Pedro 2.<sup>o</sup> que mais custarão por ser o terreno muito accidentado, e porque faltando no paiz pessoal perito, tivemos de pagar grandes ordenados. As tres linhas supramencionadas custarão (os estudos) Rs. 1:000\$000 por kilometro e attendendo eu a que o terreno no Rio Grande é mais descoberto e a alimentação mais facil, ainda que os salarios são mais altos, abati 15 % e pedi Rs. 850\$000 por kilometro.

Para a adjudicação em hasta publica, por series de preços o Governo se reservou faculdade e d'ella está usando. Se porem resolvesse adjudicar-nos a obra pelo orçamento, seria o contracto pelo preço medio kilome-

trico, demonstrado no mesmo orçamento. Eu não quizera ser empreiteiro por serie de preços porque este sistema estabelece a dictadura dos engenheiros, e em geral não tenho fé nas escolhas do Governo. Por isso nos limitamos aos estudos.

Cumpre notar que não se tratava somente de traçar e orçar uma linha, mas tambem de resolver questões conexas importantes no ponto de vista strategico, sobre as quaes o Governo hesitava, oscillando entre pareceres controversos dos generaes.

A 1.<sup>a</sup> questão era escolher entre duas linhas, da Cachoeira até Alegrete, cerca de 350 kilometros, uma passando por S. Gabriel, outra mais ao N. por Santa Maria da Bocca do Monte. Pela primeira direcção opinava com força o Conde de Porto Alegre, pela 2.<sup>a</sup> o Marquez do Herval e outros militares.

A melhoria do segundo parecer foi levada á evidencia pelo estudo de confrontação que instituimos e foi exposto longamente em relatorio apresentado sobre a questão preliminar.

A linha por Santa Maria é mais barata kilometricamente, mais curta, mais defensavel em caso de guerra, mais expedita em relação á fronteira do Uruguay, para a remessa de tropas e munições.

A 2.<sup>a</sup> questão a resolver era, se a construcção devia começar de Porto Alegre ou da margem direita do Taquary, como indicára o Marquez do Herval. Reconheceu-se que é facil estender até o Taquary a navegação da Lagoa dos Patos, evitando a construcção de quasi 80 kilometros de via férrea e a ponte sobre aquelle rio que havia de custar mais de 3.000 contos.

A 3.<sup>a</sup> questão dependente da 1.<sup>a</sup> era a determinação do ponto em que devia entroncar-se nesta linha a do Sul por Pelotas e Bagé. Um estudo economico e estrate-

gico da topographia indicou as immediações do Rio Santa Maria, antes de transpol-o.

Sobre estes tres pontos importantissimos as nossas informações firmarão as idéas do Governo, que approvou nossas indicações.

Estudamos igualmente a questão da bitola, opinando pela de 1<sup>m</sup>,44 entre os trilhos: mas, como em virtude do contracto traçamos tambem linha para a bitola de 1<sup>m</sup>,00, pela qual opina o principal conselheiro tecnico do governo, Dr. Buarque de Macedo, talvez por isso hesitação e nada está decidido. (1)

Resolvidas estas preliminares, dirigimo-nos á provincia, collocando-se á frente da direcção technica o habil e sisudo engenheiro Herculano V. F. Penna, com um corpo de engenheiros e desenhadores que chegou ao numero de 23, e praticarão no decurso de 1874 e 1875 as operações de campo e de gabinete, necessarias para podermos apresentar ao Governo, para cada uma das bitolas, plantas, perfis longitudinaes e transversaes, projectos de obras d'arte, typos d'estações e orçamentos de todas as construcções e do material rodante.

Nossos trabalhos forão muito bem acceitos; receberão louvores de todos os auxiliares do governo que os examinarão; ainda hontem tive a satisfação de ouvir ao Dr. Firmo José de Mello, nomeado Engenheiro chefe, estas palavras: « de todos os trabalhos deste genero, nem um me parece tão completo e tão consciencioso. » Buarque de Macedo, Conselheiro Locio e Ed. José de Moraes disserão o mesmo.

Acceitos e approvados os nossos planos, fomos chamados a Secretaria, e em nome do Governo perguntou-nos

(1) Preferirão afinal a bitola de 1<sup>m</sup>,00.

o Dr. Buarque de Macedo, se, resolvendo o ministerio adjudicar-nos as construcções, fariamos alguma redução nos preços, que julgavão altos.

Nossa resposta foi, que organizado o orçamento por conta do Thesouro e encomenda do governo que confiou em nós, não julgaramos licito accrescentar-lhe margem se não a necessaria para obter empreiteiros serios e conscienciosos; pelo que a unica verba em que podiamos admittir redução era — beneficio da empreza —, a qual era de 5 %.

Replicou-nos o Buarque: « Comquanto a sua resposta me cause embarços não quero occultar que sou da mesma opinião. »

Assim, a adjudicação a nós, sem hasta publica por preço kilometrico medio, ficou arredada.

Propuzerão-nos ainda adjudicar-nos a primeira secção *por uma tabella de preços que ajustariamos*, ficando livre ao Governo alteral-os para a continuação da linha. Não era admissivel, pois que não reduziamos os nossos preços.

Resolverão abrir hasta publica; mas ainda nos foi ponderado que a concurrencia podia ser prejudicada pelo effeito moral da clausula 20.<sup>a</sup> do nosso contracto, que nos garantia *preferencia na forma da proposta que o governo julgar mais vantajosa*.

E fomos convidados a desistir de tal vantagem.

Era um direito perfeito, de cuja desistencia podiamos fazer questão de indemnisações como fazião a maior parte dos engenheiros. Entretanto, por um lado era fundada a objecção de Buarque de Macedo, por outro, não nos seria airoso aceitar adjudicação por preços inferiores aos que tinhamos orçado, e sempre tivemos em vista, os tres socios e cada um dos tres, antes a nossa reputação do que quaesquer lucros. Não hesitamos pois: bem vendo que arredavamos toda a possibilidade de uma empreitada

que podia enriquecer-nos, desistimos do nosso direito de preferencia.

A desistencia foi feita em carta official dirigida ao Dr. Buarque de Macedo; é documento que nos honra, pelo que passo a transcrevel-o :

« Ill.<sup>mos</sup> Ex.<sup>mos</sup> Sr. Dr. M. Buarque de Macedo. Manifestou V. Ex. o desejo de ouvir-nos sobre a interpretação e melhor meio de executar a 2.<sup>a</sup> parte da clausula 20.<sup>a</sup> do nosso contracto que diz :

« Se julgar ( o governo ) conveniente abrir concorrência de empreiteiros, os signatarios do presente contracto terão em todo o caso preferencia na forma da proposta que o governo julgar mais vantajosa em relação ao preço, natureza das obras, garantias e o mais que convenha á prompta, regular e economica construcção da estrada. »

« Em resposta, temos a honra de declarar a V. Ex. :

« 1.<sup>o</sup> — que aberta porventura hasta publica, não concorreremos a ella, porque entendemos que disso não ficou dependente o amplo direito de preferencia definido na clausula transcripta.

« 2.<sup>o</sup> — que porem, dado o caso de se apresentarem propostas com reduccão no custo das obras, *quaes foram projectadas*, estamos e sempre estivemos resolvidos a não fazer uso do mencionado direito, como V. Ex. teve occasião de verificar na conferencia a que nos chamou, no dia 17 deste mez.

« Seja-nos licito exceptuar unicamente o caso em que a differença não exceda á verba — beneficio da empreza — no orçamento que apresentamos, caso em que desejavamos ser servidos.

« Abaixo deste limite, renunciemos á preferencia.



« Adjudicação sob fórma diversa da do contracto, em que V. Ex. nos fallou hypotheticamente, não nos conviria.

« Consideramos official esta carta, de que V. Ex. poderá fazer o uso que julgar conveniente.

« Rio, 18 de Janeiro de 1876 ( assignado ) *Furquim, Ottoni & Penna.* »

O Governo abriu hasta publica e já fez adjudicação sobre a qual nenhuma critica farei : seria suspeito.

Limitada assim a nossa empreza aos planos orçamentarios, procedemos a sua liquidação, e aqui vou registrar o resumo do balanço final, qual consta dos livros da firma Furquim, Ottoni & Penna, devidamente rubricados e authenticados. Ahi se verá o que devem custar estudos semelhantes em terreno analogo, e consignarei tambem a vantagem pecuniaria que colhi.

Eis o resumo do balanço :

Pelo reconhecimento preliminar entre Cachoeira e Alegrete, recebemos 356.39 kilometros a rs. 200\$.....	71:278\$000
Dendemos .....	46:506\$908
Lucro .....	24:771\$092
Pelos estudos da linha definitiva a razão de 850\$ por kilometro, comprehendidos os documentos relativos a ambas as bitolas, 1 <sup>m</sup> ,44 e 1 <sup>m</sup> , sendo diversas as extensões, recebemos.....	619:907\$915
E dendemos.....	288:080\$629
Lucro.....	331:827\$286
D <sup>o</sup> do reconhecimento supra.....	24:771\$092
Quantia dividida entre os tres socios.....	356:598\$378

ficando no activo do balanço instrumentos e utensilios no valor de rs. 5:047\$220. (1)

Dividida a quantia total, rs. 619:907\$215 por 850\$000 o quociente 729 é a verdadeira extensão média entre as duas bitolas que forão pagas por preços diversos.

E dividida por esta distancia a despeza real, rs. 288:080\$629, tocão a cada kilometro rs. 395\$172, em numeros redondos 400\$000.

Eis o que, quando muito, devem custar ao governo estudos semelhantes aos que fizemos, se souber escolher pessoal e organizar o trabalho. Não obsta allegar-se que no serviço publico nunca ha o mesmo gráo de actividade que o interesse privado desenvolve. Para contrapeso desta observação, notarei: 1º que estudamos duas bitolas, o que é um desperdicio: a questão da bitola deve ser resolvida, em cada caso, previamente, pelas considerações economicas que determinão o projecto; 2º que nos primeiros seis mezes da empresa, ausente o Dr. Penna, não podendo eu dispensar os serviços do engenheiro C. A. Morsing, tive de aceitar as suas condições, subempreitando lhe uma parte dos estudos, que lhe derão de lucro mais de sessenta contos. Se o Dr. Penna estivesse desde o principio á frente da direcção technica, a nossa despeza talvez não excedesse a 230 ou 240 contos, augmentando-se o lucro.

E' pois bem averiguado, a meu ver, que estudos sufficientes para um orçamento e adjudicação das construcções, devem custar menos de rs. 400\$ por kilometro, salvo em terrenos muito accidentados ou em circumstancias especiaes.

A minha quota dos lucros liquidos foi de réis 118:866\$126, que com o subsidio de rs. 8:000\$ por anno

(1) Apurou-se depois rs. 3:267\$600 que foram rateados.

que recebi durante o trabalho, pela conta de gastos geraes, elevou-se a cerca de 132 contos de réis.

Este augmento de posses faz-me voltar o pensamento ao que escrevi no fim do 6.<sup>o</sup> capitulo em Janeiro de 1871, e ao terminar o 11.<sup>o</sup> em Dezembro de 1873; quero que as origens do que possuo sejam muito transparentes. Da minha pequena fortuna anterior perdi em 1875 trinta contos com a fallencia do Banco Nacional, e treze em uma transacção sobre acções da Companhia de S. Christovão: pelo que, sem a empreza do Rio Grande estaria hoje reduzido ao que possuia em 1855, 90 a 100 contos de réis.

Tenho actualmente os mesmos tres predios mencionados na pag. 93, em titulos da divida publica réis 152:600\$ nominaes, 4 escravos, moveis, etc., tudo no valor de cerca de 230 contos, peculio que forcejarei por conservar para meus filhos.

Fortuna pequena, mais limpa: é minha idéa fixa que a minha gente não tenha de corar do meu procedimento.

— A questão religiosa que ainda agita fortemente os animos não tem deixado de preoccupar-me. Em 1875, publiquei na *Reforma* uma serie de artigos sob o pseudonimo de — Velho Catholico — nos quaes acompanhei o debate até a amnistia dos Bispos processados.

Pelo mesmo tempo sustentei longa correspondencia epistolar com o meu parente Dr. J. V. de Andrade, Medico muito intelligente e muito catholico, que entretanto condemna as demasias ultramontanas.

Tenho esta correspondencia em um volume encadernado, com o titulo — *Jesuitas e Ultramontanos*.

No presente anno, 1876, recrudescendo a lucta que mais e mais me impressiona, e regeitando a *Reforma* os meus escriptos por causa de especulações eleitoraes com

os padres de Minas, dirigi-me ao *Correio Paulistano*, e installei desde o 1º de Maio uma correspondencia sobre o assumpto, sob o pseudonimo — Velho Liberal. Tenho tambem estes artigos colligidos em um volume. <sup>(1)</sup>

— Continuo arredado dos partidos politicos; mas sempre me interessando pela causa publica e intervindo de vez em quando nos debates da Imprensa.

---

<sup>(1)</sup> Em 1877 a Maçonaria do Rio de Janeiro por mim autorizada, reimprimio os escriptos do *Velho Liberal*, em um volume com o titulo — *Liberdade dos Cultos no Brasil* — precedidos de uma advertencia por mim assignada.

## XIV

### Abril de 1877

REFORMA ELEITORAL : MYSTIFICAÇÃO DO TERÇO. ELEIÇÃO EM MINAS : MEU PROTESTO : PROPOSITO DE CANDIDATURA, MODIFICANDO O PROGRAMMA DE ABSTENÇÃO.

Fará talvez reparo quem ler estas memorias, que eu não tenha mencionado acontecimento politico dos occorridos desde 1872, senão incidentes da questão religiosa. E' que de todos os debates destes ultimos annos nem um me impressionou tanto como o desproposito dos Bispos do Syllabus e o magno problema da emancipação dos escravos, que continúa a preoccupar-me.

Entretanto, um incidente politico eleitoral de 1876 que determinou pronunciamento meu pela imprensa, obriga-me a tratar da novissima lei eleitoral, pela qual forão eleitos deputados, prestes a reunir-se.

A ultima reforma prescreveo que a lista de cada eleitor contivesse dous terços dos nomes a eleger, tornando assim provavel, ou ao menos possivel, disserão os reformistas, a eleição do terço restante pela minoria. O motivo allegado foi a conveniencia de serem representadas todas as opiniões : mas a meu ver, o verdadeiro resultado do novo processo eleitoral será acelerar a decomposição já começada dos partidos politicos. Sabe-se quanta verdade pratica exprime a maxima de José Clemente Pereira

em tempo de eleições, ficão suspensas as garantias da honra e da amizade — : ora, tendo cada partido aspirantes ás posições em numero superior ao dos eligendos, e sendo sabido que o *Governo vence sempre*, dizer á opposição — votae em dous terços, certa de que provavelmente elegereis um terço e nunca mais — é estimular a deslealdade entre os companheiros de chapa, querendo cada um empurrar os outros para o terço excluido. Factos deste genero são apontados na eleição do anno passado: não os exponho, por não me parecerem bem averiguados; limito-me a criticar a lei, em principios.

Para o partido em opposição é ella, creio, um pomo de discordia: para o do governo, que a acção official pode mais disciplinar, não só é incentivo para mais re-erudescerem na conquista das urnas, mas torna-lhes facil a missão de sophismar a concessão do terço á minoria.

Demonstra-se isto algebricamente. Seja  $e$  o numero de eleitores de uma circumscripção,  $d$  o dos deputados a eleger: admitta-se que a opposição conseguiu eleger um terço do eleitorado, e que os partidos estão descriminados e disciplinados.

Será na eleição secundaria

Numero das listas ministeriaes,  $\frac{2}{3} e$

» total dos votos correspondentes,  $\frac{2}{3} e \times \frac{2}{3} d = \frac{4}{9} ed$

Repartindo este numero entre os  $d$  deputados eligendos, tocão a cada um  $\frac{4}{9} e$  votos.

Ora, o terço opposicionista, ainda que vote á carga cerrada em uma chapa, só dará a cada candidato  $\frac{1}{3}$ , ou  $\frac{3}{9} e$  votos, numero sempre inferior ao dos candidatos da maioria.

Na ultima eleição, o conselheiro Paulino de Souza, chefe do partido conservador no Rio de Janeiro, applicou á sua provincia com energia e tino a distribuição de votos

á bico de penna, que deu em resultado a eleição da chapa inteira, excluída a opposição. A nova lei restaurára a eleição por escrutinio de lista e por provincia. Não duvido affirmar, que o mesmo processo ha de ser applicado nas eleições seguintes, se perdurar a actual lei, pelo partido que estiver no poder, *seja qual for*. <sup>(1)</sup>

Sendo assim a supposta concessão do terço uma mystificação e pomo de discordia, tendo sido regeitado o principio da eleição directa, que todos os liberaes e alguns conservadores julgavão necessario e essencial, o que mais parecia convir a verdadeiros democratas seria a abstenção completa. Mas, os liberaes resolveram pleitear (em 1876) na esperança de que alguns serião eleitos.

Não entrando em taes vistas, achando-me sem compromissos partidarios desde 1868, não dei um passo nem proferi uma palavra que significasse aspiração eleitoral. Soube entretanto que as indicações das influencias locaes, dirigidas aos chefes para a organização da chapa mineira, quasi todas adoptavão a meu nome, o que muito desagradou á Affonso Celso, meu rancoroso inimigo.

Affonso, que por molestia de Silveira Lobo e crescente inacção de *quem já e Senador* assumio a posição de chefe liberal em Minas, organisou a lista sem o meu nome e emitio-a. Era logico: nem eu me julgava com direito de queixar-me, nem pretendia fazel-o. Mas comecei a saber que muitos liberaes mineiros reclamavão contra a minha exclusão, e que o Affonso e seus principaes auxiliares a explicavão, pondo-me no papel de egoista e indifferente aos negocios publicos.

Não era sincera a allegação. Lafayette conservava-se desde 1868 em abstenção muito mais completa do que a minha: unicamente sahio della em 1870, para assignar o

(1) Previsão realisada em Minas pelos liberaes, em 1878.

manifesto republicano. A abstenção do V. de Prados era absoluta, declarou pelos jornaes que se retirava da vida publica. Ambos forão incluídos na chapa. Pela minha parte, quem discentio todo o anno de 1871 a emancipação dos escravos, por muitos mezes em 1875 e 1876 a rebeldia dos Bispos, quem foi tantas vezes collaborador, embora eventual, da *Reforma*, não se pode dizer indifferente aos negocios publicos.

Affonso me accusava de indifferentismo sem franqueza, porque não se atrevia a discutir os pontos de minha divergencia com elle e os mais chefes liberaes; e não se atrevia: 1º porque fazia a côrte ao Imperador, 2º porque bem sabia que os liberaes mineiros tendião mais para as minhas opiniões do que para as delle. A exclusão foi filha de odio pessoal.

Demais, as reclamações de Minas, em cartas e pela imprensa, muito lisongeavão o meu amor proprio: e tambem por isto (não omitto nem um dos meus motivos) resolvi reclamar contra as explicações que davão, em cartas e de viva voz.

Eis a minha reclamação inserta na *Reforma*:

#### Eleição de Minas

«Desde que se publicou uma chapa liberal para a minha provincia, tenho sido constantemente interrogado sobre o motivo porque nella não foi contemplada o meu modesto nome: a mesma pergunta se me faz, em cartas de Minas, onde a lista era, ha mais tempo, conhecida com a differença de um nome.

«Circulão a este respeito explicações menos correctas do facto; e alguns levão a benevolencia para commigo ao ponto de qualificar de injustiça a minha exclusão.

«Seja-me permittido, rectificando os boatos, responder pelas folhas diarias desta Corte a todas as interrogações.



«É verdade que tendo eu sido por oito annos, de 1860 até 1868, eleito successivamente pelo partido liberal mineiro e sendo desde essa epoca a presente eleição a primeira por elle pleiteada collectivamente, a minha não inclusão na chapa deve ter e tem causa sufficiente.

«Mas esta causa, a verdadeira, não está no dominio da publicidade: d'ahi os errados juizos que desejo rectificar, no só intuito de assumir as responsabilidades que me pertencem e protestar contra illações que possam prejudicar-me na opinião do meu paiz.

«Começo por declarar que não me queixo da omissão; pelo contrario a julgo prevista e logica.

«Mas considero um dever expor a divergencia politica que me conserva separado dos chefes que organisaram a chapa e dirigem a eleição.

«Em Julho de 1868, quando o partido conservador foi chamado ao poder por uma das aberrações usuaes da politica imperial, estava eu, assim como outros deputados de diversas provincias, separado havia tres annos dos que sustentaram os ministerios de 12 de Maio e de 3 de Agosto.

«Convidados então por nossos antigos correligionarios, teve logar a manifestação conjuncta de 17 do mesmo mez e anno contra o acto caprichoso do poder moderador.

«Comtudo, aquelle pronunciamento não era mais do que a proclamação da conveniencia de se unirem todos os liberaes contra o adversario commum; restava, para poderem exercer no paiz uma acção efficaz, regular as condições e programma com que se reorganisava o partido, que para isso celebrou a sua primeira conferencia magna no dia 25, convocados para a casa do Sr. Senador Nabuco todos os matizes da opposição.

«Não tenho direito nem necessidade de recordar o que outros disseram naquella assembléa constituinte do

partido, mas posso e desejo definir a posição em que me collocaram minhas opiniões, francamente manifestadas: foi esse o ponto de partida para o procedimento que tive ulteriormente.

« Em meu humilde parecer, o programma apresentado era deficiente e inefficaz: não o acceitei.

« Pensava e disse que a causa principal da anarchia de ideas em que nos debatíamos, residia nas attribuições outhorgadas pela constituição ao poder moderador.

« Concluia que a nossa bandeira e signal de reunião devia ser a restricção das faculdades desse poder, ou antes a sua abolição que já em 1834 fora votada pela camara temporaria, cahindo no Senado por um voto.

« Nada obstava se promovesse a reforma do systema eleitoral e de outras leis organicas; mas acreditava eu, bem ou mal, que o grito de guerra politico devia ser levantado contra o poder que desde a independencia vicia a acção e pratica das instituições que constituem o governo representativo.

« Accrescentei, muito explicitamente, que se os cavalheiros presentes me julgavam em erro, em ponto tão fundamental, deviam libertar-me de quaesquer compromissos anteriores.

« Devo crer que me illudia, visto o isolamento em que me achei; mas se estava em erro, era erro de intelligencia; e tendo procurado refutar-me todos os que depois de mim tomaram a palavra, entre os quaes os Srs. conselheiro Sinimbú e Dr. Macedo, tive a desgraça de não ser por elles convencido.

« Não era uma idéa nova, que me occorresse naquella occasião. Em 1865 protestei na tribuna contra as anomalias de 12 de Maio, em 1866 contra a evolução de 3 de Agosto; em ambas *julgava ver a acção deleteria de um poder*, que o Sr. Senador Nabuco chamou absoluto de facto,

acção que *desorganisava os partidos, anarchisava as idéas, e tendia a demolir os caracteres*, segundo expressão, tão incisiva quanto verdadeira, do Sr. Dr. Silveira Martins.

«Parecia-me depois de 16 de Julho, que o golpe de Estado devia desiludir os liberaes, para que atacassem o mal em sua principal origem.

«Parecia-me que o programma apresentado, podendo ser optimo em um jogo regular de governo representativo, era de todo inefficaz e frouxo em meio dos contrasensos de nossa politica.

«Inferi, porém, do debate, que para os chefes liberaes, em geral, é ponto assentado a permanencia da actual organização constitucional dos poderes e distribuição das attribuições respectivas; entretanto, não posso resistir á convicção de que assim nunca obteremos o gráo de liberdade que a lei fundamental parece ter querido garantir-nos.

«Sendo tão profunda e essencial a divergencia, voltei ás minhas velhas creanças democraticas; tendo cessado os motivos por que transigira algum tempo com instituições em que nunca tive fé.

«Por isso os chefes do liberalismo monarchico organisando uma lista de representantes de suas idéas, muito natural e logicamente não me contemplaram nella.

«Devo crer em honra, de todos nós, que a razão é a que expuz, nobre e digna, não a allegação que se propala: «não pedio, não era candidato, não desejava ser eleito.» Menos ainda acção de desaffecções pessoaes, dado que existam.....

«Ir requerer um logar aos organisadores não seria digno delles, nem de mim.

«Apresentar-me aos eleitores..... só o podia fazer em nome da idéa republicana; mas reconhecendo-me sem habilitações para chefe e fundador de um partido, natu-

ralmente me acanhei e resolvi não solicitar os suffragios, como não os tenho solicitado desde 1868.

« Os espontaneos que mais de uma vez me tem honrado, os que porventura ainda me honrarem, não tenho o direito de recusar, porque abonão a idéa, mais do que o individuo.

« Recolhido á vida privada como, sem ter identicos motivos, estive em todo este periodo o illustrado Sr. Visconde de Prados, que nobremente o confessa em sua circular; não me apresentando, não sendo ouvido, ou consultado como aliás era de prever que não fosse; a emissão de uma chapa sem o meu nome não significa, é sómente o que desejo deixar bem claro, que eu tenha renegado as minhas opiniões, ou as tradições historicas do partido liberal do Brazil.

« Tambem não me diz a consciencia que a minha abstenção possa, com justiça, ser attribuida ao *indifferen-tismo egoista*, que com toda a razão lamenta o digno Sr. Visconde de Prados.

« Assim, salva a minha responsabilidade, como a comprehendo, faço votos para que nas eleições triumphem os que melhor e mais efficaçmente puderem defender as nossas liberdades, o progresso e civilisação do Brazil, neste momento ameaçados por mais de um inimigo.

« Rio, 7 de Outubro de 1877.

(Assignado) C. B. OTTONI. »

Este protesto não podia deixar de irritar profundamente Affonso Celso, membro do ministerio de 3 de Agosto de 1866, que agora na imprensa, como anteriormente na camara, eu qualificava de instrumento subserviente *da acção deleteria do poder que desorganisava os partidos, anarchisava as idéas e tendia a demolir os caracteres*. Entretanto, sendo o mesmo Affonso Celso o Redactor principal, quasi o dono

da *Reforma*, publicou esta folha o meu artigo em secção editorial, com menção honrosa. e não appareceu contestação alguma.

A minha opposição ao ministerio de 3 de Agosto de 1866, assim como ao de 12 de Maio de 1865, de que aquelle foi continuador, tinha me attrahido o odio de Affonso Celso, membro de um e de Silveira Lobo que fez parte do outro gabinete; e estes dous amigalhões <sup>(1)</sup> fizeram-me por tal motivo violenta guerra na eleição para o Senado em 1868. E o Affonso, perverso como não é o seu matalote, continuou sempre a aproveitar toda a oportunidade que se lhe deparava para intrigar-me e injuriar-me em escriptos anonymos. Como pois calou-se ante uma condemnação fulminante da sua dignidade de homem politico?

A explicação deste silencio é simples: não podia discutir o Poder Moderador, sem desagradar ou ao Depositario desse Poder, ou a muitos liberaes de Minas, que pensavão como eu. Tinha segura a victoria material da minha exclusão das urnas: não ambicionou triumpho moral. Continuará ou não continuará em silencio; mas com certeza ha de dizer-me mais alguns desaforos em artigos anonymos, nas columnas pagas do *Jornal do Comercio*.

Os resultados desta eleição de 1876, em relação a mim, forão muito notaveis e obrigarão-me a modificar a minha attitude de abstenção politica. Não sendo candidato, tive cerca de 300 votos e recebi notaveis demonstrações de apreço de oito das principaes cidades da provincia, Caldas, Baependy, Trez Pontas, Juiz de Fóra, Curvello, Itabira, Serro e Diamantina. Em cada um destes oito collegios

---

(1) Nota em 1883—Hoje inimigos furiosos, querendo mutuamente devorar-se.

eleitoraes tive maioria absoluta dos suffragios ; e quatro delles, Curvello, Tres Pontas, Caldas e Serro, antes de se dissolverem, resolverão e assignarão felicitações a mim dirigidas, invocando a minha cooperação ; peças publicadas nos jornaes do tempo com as minhas respostas de agradecimento.

Os eleitores liberaes de Ayuruoca e Turvo, pelo orgão de um de seus chefes, declararão pela imprensa que baterão a chapa para evitar divergencias, pezarosos da minha exclusão. Em muitos outros collegios fui votado, inda que por minoria, e recebi numerosas cartas com explicações semelhantes á do Turvo.

Lisongeadado e estimulado por estas manifestações, modifico a minha abstenção, e formo desde hoje o proposito firme de apresentar-me ás urnas, na primeira eleição geral a que se proceder em minha provincia. Não hei de jurar bandeira perante os chefes de quem me separei ; não me humilharei ante os meus inimigos pessoaes Affonso Celso e Silveira Lobo ; não implorarei a protecção de outros chefes, apresentar-me-hei aos eleitores, e a minha circular está, posso dizel-o, minutada. Consistirá em uma para phrase das allegações que na pag. precedente acabo de registrar. Até então, o meu procedimento será o que tem sido nestes ultimos annos ; recolhido á vida privada, acompanhando com interesse os acontecimentos, intervindo pela imprensa uma ou outra vez.

Não sei quando retomarei a penna.

## Maio de 1880

SITUAÇÃO LIBERAL. — MINHA POSIÇÃO POLITICA. — REFORMA ELEITORAL. — ELEIÇÃO DE MINAS EM 1878. — ASSENTO NO SENADO.

O anno de 1878 me offereceo a oportunidade que eu esperava desde 1876 para levantar nova aspiração parlamentar. Condemnará esta aspiração quem tiver lido o que escrevi no fim do capitulo precedente? Eu não duvido que mereça censura em relação á pequena importancia, talvez inanidade dos serviços que poderei prestar a meu paiz: mas, se alguém que já tenha tido assento no corpo legislativo, collocando-se lealmente na minha posição, atirar-me a primeira pedra, eu me deixarei apedrejar.

E' certo que em consequencia de movimentos eleitoraes em que intervim no decurso dos dous ultimos annos, acabo de tomar assento no Senado a 8 deste mez, pelo que julga opportuno expor em resumo os principaes acontecimentos politicos deste periodo.

O partido liberal, pregando a eleição directa, tinha ganho algum terreno, devido em grande parte ao masculino talento e popularidade de Gaspar Silveira Martins, Deputado pelo Rio Grande do Sul.

Pairava no ar e infiltrava-se por todos os poros do corpo social a necessidade da Reforma Eleitoral, que o ministerio Caxias parecia desconhecer. O prestigio do

Gabinete baseava-se unicamente no grande nome do Duque de Caxias, presidente do Conselho, e nos talentos e illustração do ministro da Fazenda Barão de Cotegipe. Mas o Duque jazia no leito quasi moribundo; e o outro, presidente de facto, estava desmoralizado e gasto. Em 1875, depois de proclamar com energia a necessidade da eleição directa, subio ao ministerio para fazer votar a lei do terço, que não era mais do que a mistificação daquella necessidade. O Imperador era opposto á eleição directa, e Cotegipe entrou nas vistas imperiaes para que o seu partido não deixasse o poder — *para não ser*, disse elle, *o coveiro do partido*.

Tambem por esse tempo foi a sua reputação muito abalada por uma imputação que aliás, embora baseada em factos reaes, não tinha o alcance que se lhe deu. Era Cotegipe antes de subir ao poder commanditario de uma casa commercial que importava fazendas francezas, e tomou posição igual um conferente da Alfandega da Côrte. Em 1877, sendo o Barão Ministro da Fazenda, foi apunhada a casa commercial em contrabando com a cumplicidade do socio conferente; e daqui se originou grande celeuma contra o Ministro tambem socio do contrabandista.

Nas lutas violentas, em que por vezes andei envolvido, posso ter sido injusto por fazer juizos precipitados, mas nunca caluniei: fiel a este habito, e mesmo porque na verificação dos meus poderes como Senador tive motivo de queixa contra o B. de Cotegipe, consigno, expressamente a minha convicção de que na transacção referida nada havia de deshonesto. Prova-o o proprio descuido de não desligar-se da commandita quando subio ao ministerio; e prova-o tambem a firmeza com que demittio o conferente culpado. Entretanto, o seu prestigio ficou abatido, o que talvez concorreu para o descredito do seu ministerio, apeado a 5 de Janeiro de 1878.



Inutilizado Caxias, não aceitando Cotegipe para substituí-lo, o Imperador atordoado com a grita pela eleição directa, chamou a conferenciar o presidente do Senado Visconde de Jaguaray e o da Camara Conselheiro Paulino de Souza, ambos conservadores; e ambos lhe asseverarão que as Camaras votariam a desejada reforma.

A' esta S. M. se oppunha, havia 20 annos, dizendo sempre (tenho razão de o saber) que dependia de alteração da constituição e que não era prudente tocar-lhe. Se um dos presidentes ouvidos lhe fallasse em alguma mystificação da idéa, como a de 1875, parece claro que o partido conservador continuaria no poder: mas a dupla declaração tornava tão claro ser a eleição directa idéa vencedora na opinião, que o Imperador comprehendeu que não devia persistir na resistencia.

Sobre o modo de decretar a reforma, estavam os liberaes divididos: uns a fazião dependente de revisão da constituição, outros a querião decretar por lei ordinaria. Sendo S. M. I. do primeiro parecer, era eminentemente logica a chamada do Senador Sinimbú, entre os que opinavão pela reforma constitucional, o mais illustrado, o mais conceituado, o mais dedicado á monarchia e ao monarcha: tinha, além disso, nobres qualidades moraes.

Acceitou elle a missão e conseguiu reunir em roda de si todos os liberaes, incluídos os partidarios da decretação <sup>(1)</sup> por lei ordinaria, os quaes disserão subscrever á reforma constitucional *em deferencia aos escrupulos imperiaes*.

Acceito o programma e organizado o ministerio, tornou-se necessario dissolver a camara e fazer eleger outra, applicando pela segunda vez a lei de 1875, dita *do terço*.

Voltando-me a aspiração, devia eu perguntar a mim proprio se iria contrariar ou auxiliar o gabinete Sinimbú.

(1) E' nesta eleição que fui candidato pela minha provincia.

Tratando-se de uma reforma verdadeiramente democratica, pois tinha por alvo a pureza das eleições, unico meio no systema representativo, de governar-se a Nação a si propria, e conservando eu a posição politica descripta nas pags. 175 á 177, e 203 a 205, está visto que devia ser ministerial, ao menos *si et in quantum*.

Não me desculpo com o facto de ser Ministro da Justiça, Lafayette, signatario do manifesto de 1870. Mas muitos outros liberaes que se dizem republicanos, acompanhavão o Sinimbú.

A 1ª *Republica* (jornal) tinha morrido e publicava-se outra escripta por alguns moços dirigidos e inspirados pelo velho Conselheiro José Maria do Amaral. Este, inquieto com o vacuo que em roda de si começava a observar, talvez em parte pelo motivo que assignalei na pag. 205 in fine, queixou-se-me, o que deu occasião a um pequeno dialogo que bem define a minha posição: depois o registrei em uma carta politica que dirigi ao mesmo Conselheiro. Disse-me elle:

— O ministerio, dizem, quer fazer reformas liberaes approximando-nos da democracia: mas a nossa missão, a dos republicanos, não é concertar e remendar, mas demolir para edificar.

— Pois eu sou pelos remendos, respondi sem hesitação.

Mas não fui nem podia ser ministerial *quand même*; não fui pedir ao governo uma candidatura official: declarei pela imprensa que seria candidato; e chegada a hora expedi a minha circular baseada nos factos de 1876, como havia projectado.

Esta eleição desenvolveu incidentes que registrarei, porque devem concorrer para bem definir-se o espirito politico da situação, e tambem para ser apreciado o meu procedimento.

Prescindindo dos chefes, Lobo, Martinho, Affonso, Lima Duarte, Conde de Prados, etc., dirigi-me aos influentes na provincia, entre elles o Conego J. J. de Sant'Anna, presidente do directorio liberal em Ouro Preto, ao qual delegára o centro a tarefa de organizar a chapa. Tive resposta muito obsequiosa, que depois publiquei, e na qual se lia este trecho: «já me entendi com os collegas do directorio e o seu nome ha de entrar impreterivelmente na chapa que cuidamos de organizar».

Repliquei sem perda de tempo: «..... contemplado estou disposto a colaborar lealmente, até onde o permittir a fidelidade ás minhas crenças, com o partido que dellas mais se aproxima etc».

Soube tambem, que consultadas as influencias locais, vierão mais de 60 respostas, todas incluindo o meu nome entre os propostos para a chapa. Foi o que determinou a inclusão.

Mas Affonso Celso, chamado a Ouro Preto pelo Presidente Silveira Lobo, conferenciando com o directorio impoz-lhe como questão preliminar a minha exclusão: e assim fiquei, qual me tinha apresentado, candidato avulso e isolado.

Do debate com o directorio, referio-me um dos membros, Cesario Gama, um incidente curioso, que registrarei para amenisar esta narração.

*Affonso* — Como querem os Srs. eleger o Christiano, que assignou o manifesto de 1870? Nós ainda não nos declaramos republicanos!

*Cezario* — E o Lafayette? (era da chapa).

*Affonso* — Esse pela acceitação da pasta, retractou-se da assignatura.

*Cezario* — Nesse caso calo-me, porque o Ottoni não se ha de retratar! (Fez-me justiça).

Organisarão uma lista de 20 nomes, quando segundo

a lei cada eleitor devia votar em 14, e explicarão minuciosamente em circular como em cada collegio se devia distribuir os votos a bico de penna, para eleger os 20, sophismando a promessa feita á opposição.

Estas instrucções, assignadas por Affonso Celso e Conego Sant'Anna, realizarão a minha previsão de 1877 annunciada á pag. 230 deste livro.

O Ministerio não interveio na eleição : mas é certo que Sinimbú, Silveira Martins e Leoncio de Carvalho, então ministros, espontaneamente e sem minha sciencia previa, pediram por cartas á Silveira Lobo, verbalmente a A. Celso, não se oppuzessem á inclusão do meu nome na chapa do partido, como resolvera o directorio de Ouro Preto. Não forão attendidos.

Aquella acção espontanea era natural, por ser eu amigo dos tres, do 1º desde 1863 quando, Ministro da Agricultura elle, eu presidente da companhia de estrada de ferro nos achamos sempre em unidade de vistas e lealdade reciproca. E' mesmo provavel que vendo-me disposto a auxiliar o seu ministerio desejasse o Sinimbú arregimentar-me de novo no partido de que era chefe.

A lucta foi violenta. Silveira Lobo, presidente da provincia, Affonso Celso, chefe de partido, e alguns coitados que o adulavão, me hostilizarão *sem escolha de meios*. Martinho e os mais da chapa o adoptarão e fizeram bater quanto puderão. Pelo que, devo considerar grande victoria ter tido 1.214 votos, tendo o ultimo eleito, se bem me lembro, 1.500 ou 1.600.

Alliciações, promessas, ameaças, intrigas, erão fructos da estação ; mas muito me doeu uma calumnia infamissima relativa á minha vida privada, da qual fizeram arma eleitoral : só depois o soube eu, por cartas da terra, e por uma allusão muito insolente que sahiu no *Jornal* em artigo anonymo. Propalarão os miseraveis que, credor de

Theophilo Ottoni, por sua morte vexei a familia, que ficou com poucos recursos, cobrando capital e juros capitalisados.

Infamia que me opprimio, porque sinto orgulho de ter possuido amisade e confiança illimitada de Theophilo até a sua morte, sentimentos aliás que não se transmittiram á sua mulher nem a seu filho. Este, mettido na roda dos caballistas da chapa, duvido que ignorasse a indignidade ; mas pelo menos vio a allusão na imprensa : era seu dever de honra reclamar, sem esperar o meu protesto, ninguem melhor do que elle conhecia a infamia da calumnia. Entretanto nada fez, sem duvida com medo de alguma reprehensão do que elle chama em suas cartas, *o nosso venerando chefe* Affonso Celso.

Extranhando o silencio, dirigi-lhe a seguinte carta, em que de proposito omitti a qualidade de tio e amigo :

« Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Theophilo Ottoni. Vendo no *Jornal do Commercio* uma allusão torpemente calumniosa ás minhas relações com o pae de V. Exa. e sentindo a necessidade de protestar contra tal infamia, faço appello á honra de V. Exa. e requeiro que me declare, se do espolio do pae de V. Exa. eu recebi ou pretendi receber qualquer quantia, grande ou pequena, de que elle me fosse devedor. V. Exa. me permittirá fazer uso da sua declaração.

Sou de V. Exa. Attento venerador e criado — C. B. Ottoni. S. José do Rio Preto, 27 de Setembro de 1878 ».

Eis a resposta, em original :

« Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro Christiano Benedicto Ottoni.

« Accuso recebida a carta, que V. Exa. se dignou dirigir-me de S. José do Rio Preto em data de 27 do passado, e que hontem á noite chegou-me ás mãos.

« Em resposta cumpre-me declarar a V. Exa. que V. Exa. não recebeu, nem pretendeu receber do espolio de meu Pae quantia alguma, grande ou pequena, de que lhe fosse elle devedor.

« Satisfazendo ao appello de V. Ex., authoriso V. Ex. a fazer desta o uso que lhe convier.

« Sou De V. Ex.

« Attento Venerador e Criado

« THEOPHILO OTTONI.

« S. C. 1 de Outubro de 1878. » (1)

Não se aggrave a queixa que pezaroso formulo contra um filho do meu velho Theophilo: estou longe de attribuir-lhe a authoria da calunnia, e é talvez possivel que ignorasse o uso eleitoral que della fizerão. Conheço a origem da calunnia: é nome que não deve sahir do bico da minha penna. Mas em prova de quanto me doeu transcrevo ainda o protesto que lavrei pela imprensa:

« C. Ottoni ao publico.

« *Uma calunnia, bitola da perversidade de quem a propala.*

« E' principio que sempre cultivei e pratiquei, que as aggressões anonyms da imprensa não determinão, em geral, obrigação de responder-lhes; mas que ha excepções, impostas imperiosamente pelo respeito á opinião publica e zelo do aggreddido pela propria reputação.

« Ausente da Côrte desde o dia 20, lá onde me achava, em terra mineira, deparei no *Jornal do Commercio* de 27, com mais uma descompostura das que me

(1) Falleceu em 1882.

assaltão desde que tive o atrevimento de pleitear uma eleição em minha provincia.

« E entre as novas insolencias li, pezaroso, mas sem surpresa, o seguinte : « ... *bate moeda sobre as cinzas de um nome illustre, de que é portador infiel.* »

« Levanto da lama tal desaforo, porque é reproducção de uma calunnia, que ha dous ou tres mezes aqui se propala de ouvido em ouvido e cuja origem ignoro, mas cujos fins são transparentes : credor, dizem, de meu irmão o senador Ottoni, morto elle, fui inexoravel com a familia, a quem ficaram recursos escassos.

« Dous amigos meus, que declinarião seus nomes se fosse necessario, foram a este respeito interrogados, um em sua casa, outro em um bond.

« Considero tão sagrada a memoria das minhas relações com Theophilo Ottoni, o pae ; elevam-me ellas tanto a meus proprios olhos, que avisado pelos dous amigos a que me referi, tinha resolvido tragar em silencio a affronta emquanto rastejava nas sombras da maledicencia dos botequins.

« Hoje que a vibora da calunnia se atreve a mostrar a cabeça em publico, sinto necessidade de esmagal-a.

« Relações de devedor e credor podião existir entre Theophilo e Christiano Ottoni, sem a minima perturbação da intimidade em que viveram : ambos sabião tratar com sobrançeria questões de dinheiro.

« Mas a este respeito o que é verdade é o seguinte :

« Tive contas e transacções com a firma commercial Ottoni & C<sup>a</sup> e com a Companhia do Mucury, firmas extinctas dez ou mais annos antes da morte de seu fundador e gerente.

« Deste, no periodo não curto, que sobreviveu ás suas empresas, e bem assim de sua familia depois que o perderu, *é falso, completamente falso que eu tenha recebido,*

*ou pretendido receber qualquer quantia, grande ou pequena, de que me fosse elle devedor.*

« Desculpe o publico esta referencia a umas cinzas que venero ; não levo a allusão alem da estricta necessidade da defesa.

« Que eu não possua habilitações e qualidades sufficientes para crer-me ao nivel do nome que elle illustrou, sou o primeiro a reconhecê-lo ; mas a amizade intima, a confiança illimitada, a solidariedade perfeita, a *estima reciproca* que nos ligou até a sua morte, são o meu orgulho.

« Penso muitas vezes, quando me injurião certos desgraçados : « não. o homem, que Theophilo Ottoni tinha em bom conceito moral, e que já contava 58 annos quando o perdeu, não pode merecer os baldões que lhe atirão : » e assim aquella memoria amada me é escudo contra muitas miserias.

« Interroguem qualquer dos amigos de Theophilo Ottoni, que os tinha numerosos, prefirão aquelles que souberão até o seu pensamento apreciar o grande valor moral daquella amizade ; qualquer delles diga em que conceito tinha aquelle grande coração o seu companheiro, discipulo, ajudante e amigo dedicado.

Não invocarei, darei mesmo de suspeitos os outros irmãos, os filhos de Jorge B. Ottoni, que com o seu primogenito viverão, como vivem com o actual decano da familia, em intimidade fraternal, todos por um e um por todos.

« Não a estes, perguntem a Cerqueira Leite, a Martinho Campos, a Dias de Carvalho a qualquer dos amigos que não o atrainçoarão <sup>(1)</sup> em que conceito me tinha Theophilo Ottoni, o pae.

---

(1) Como S. Lobo e A. Celso.



« Quanto á insolente calúnia que tive de repellir, somente accrescentarei que me seria facil adduzir provas do que affirmo <sup>(1)</sup> mas, preferi vir ao publico de cabeça alta e offerecer-lhe a minha palavra : confio que será acreditada.

« Rio, 1º de Outubro de 1878.

( Assignado ) C. B. OTTONI. » <sup>(2)</sup>

Não tive resposta alguma.

No fim do anno de 1878 fez explosão a lucta surda, em que estavamos, havia alguns annos eu e A. Celso, elle nunca perdendo occasião de enredar-me em escriptos anonymos, eu retaliando muitas vezes, não pretendo escurecel-o. Consistio a explosão em uma polemica de artigos assignados, virulentissimos de parte a parte, mas a cujo assumpto principal não farei allusão, visto que foi cortado o debate sem chegar a conclusões, pela intervenção de amigos communs. Nesta polemica incidentalmente repizou Affonso a muito repetida imputação de egoismo e indifferença pela causa publica. Assim me qualificava o redactor principal da *Reforma*, jornal de que fui tantas vezes collaborador ! Tenho citado alguns de meus escriptos ; e agora mesmo lembro-me que em Maio de 1878 ali fiz inserir uma serie de artigos, em que estudei seriamente a questão do custeio dos caminhos de ferro pelo Estado.

Se em 1876 me afastei por alguns mezes da *Reforma* foi porque occupava-me de preferencia com a lucta entre os Bispos e o Poder civil ; e approximando-se a eleição regeitavão os meus artigos, dizendo o gerente da folha

(1) Allusão á carta authographica de pag. 246.

(2) Nota em 1884. Vide nota B.

A. N. Galvão : « Tenha paciencia : Affonso, Martinho, Lobo, Lima Duarte, todos pedem com insistencia que *nada se publique contra os padres até as eleições !*

A polemica assignada foi a ultima : nem um dos dous, atacou mais o outro, mas continuamos a detestar-nos reciprocamente com a maior cordialidade.

Pouco depois, vagando a cadeira de Senador pela provincia do Espirito Santo, fui eleito e a 6 de Fevereiro de 1879 escolhido. Annullado o meu diploma pelo Senado, de novo fui eleito e segunda vez escolhido a 6 de Setembro do mesmo anno, e reconhecido a 7 do corrente mez (1).

Na 1.<sup>a</sup> eleição A. Celso moveo-me a guerra mais desabrida : na 2.<sup>a</sup> sendo collega de Sinimbú no ministerio, absteve-se. Os que no Senado combaterão o meu reconhecimento disserão considerar-me candidato official imposto aos eleitores, debate em que devo jurar suspeição.

E' verdade que Sinimbú recommendou-me em carta ao chefe liberal da provincia, como me havia recommendado para deputado por Minas a Silveira Lobo então seu delegado e a Affonso Celso, depois seu collega no gabinete. O auxilio dado á minha eleição pelo Espirito Santo foi claramente um protesto de Sinimbú contra a desconsideração com que o havião tratado os seus *dous amigos* mineiros.

Os liberaes da provincia adoptarão energicamente a minha candidatura : não só não possuem homem mais habilitado mas, tambem protestavão por sua parte contra imposição feita (excluindo-me) aos liberaes de Minas pelos caprichos dos dous chefes, meus inimigos pessoaes.

Quem ler com attenção todos os debates que acompanharão a minha eleição, escolha e assento no Senado,

(1) Maio de 1880.

ha de extrahir de tudo o que em summa acabo de expor.

Quando fui reconhecido, estava já dissolvido o ministerio de 5 de Janeiro (Sinimbú) e organizado o de 28 de Março (Saraiva). Antes de proseguir darei idéa da direcção que ia levando a situação liberal.

A reforma eleitoral com retoque na Constituição passou na Camara, mas o Senado a regeitou in limine. O parecer approved das commissões de Constituição e Legislação é *um monstro politico*.

Sendo a idéa capital do projecto a conveniencia e necessidade da eleição directa, o Senado estaria no seu direito, adoptando qualquer das tres resoluções seguintes :

Negar a necessidade, regeitando o projecto.

Reconhecê-la, approvando-a ou emendando o que a Camara votara.

Declarar que cabia a medida nas faculdades ordinarias da legislatura. Não podião as commissões prescindir do exame da idéa capital, e foi o que fizeram.

O parecer, *assignado com restricções por cinco dos seus membros*, não contem uma palavra sobre a conveniencia ou necessidade da eleição directa. Da questão constitucional expõe as divergencias entre os membros sem chegar á conclusão collectiva. Levanta intempestivamente a pretensão de tomar o Senado parte nas reformas da Constituição, contra a Jurisprudencia de 1834. Conclue, votando contra, todos seis, cada um por seu motivo, nem um dos quaes se refere á reforma proposta, isto é, a eleição directa!

Sabia-se que o Imperador era adversario da reforma, a qual sem duvida alguma restringe o seu poder; que consentio por ver a idéa acceita por todos os liberaes e muitos conservadores; que só a admittia por meio de reforma constitucional. Cahindo esta, Sinimbú não podia

proponer a lei ordinaria, nem se presumia que em tal consentisse o chefe do Estado. Concluirão, que dado aquelle golpe, serão chamados elles conservadores : e o parecer sybillino não os impedia de fazer decretar a eleição directa reformando a Constituição : somente pleitearão a intervenção do Senado na Reforma. Enganarão-se.

Esta evolução, a meu ver, constitue a mais eloquente demonstração contra a vitaliciedade do Senado ; o partido que nelle se constituir em maioria, assumirá logo o character olygarchico.

O Imperador não se submettendo á imposição dos conservadores resignou-se á decretação por lei ordinaria, e para realisal-a chamou o Conselheiro Saraiva, que a isso se propõe.

Fecho este capitulo com o meu reconhecimento pelo Senado e ficando a occupar a minha cadeira entre as de dous velhos respeitaveis, Chichorro da Gama e Visconde de Abaethé.

Estou longe de fazer programmas que possam ter analogia com o bombastico :

*Fortunam Priami cantabo et nobile bellum.*

Conheço a minha pouca aptidão, e imperfeição de meus pequenos conhecimentos, e até a obliteração da memoria e alguma depressão de forças, resultado dos meus 70 janeyros. Mas procurarei cumprir os meus deveres o melhor que puder, e de tempos a tempos darei copia de mim.

## XVI

1885

SETE ANOS DE SITUAÇÃO LIBERAL: SEIS MINISTERIOS. — FINANÇAS PUBLICAS. — ESTRADAS DE FERRO: METHODO VICIOSO DE CONCESSÕES. — REFORMA ELEITORAL PROVA DE CENSO: ELEITORADO RESTRICTO. — ELEMENTO SERVIL: EVOLUÇÃO: CRITICA DO PROJECTO DANTAS. — VIDA PRIVADA.

Volto a este registro da minha vida, nos ultimos dias do anno de 1884. Em cinco sessões legislativas annuaes tenho occupado a minha cadeira no Senado; e desejo tomar contas a mim proprio do modo como hei cumprido os meus deveres.

Não vae nisto vaidade: sei bem que não tenho tomado posição saliente, nem tenho o direito de alardear triumphos de tribuna; pergunto mesmo, ás vezes, á minha consciencia, se não fui immodesto, acceitando candidatura para um cargo tão elevado e espinhoso. Mas uma reflexão me tranquilisa a este respeito: ponderando as circumstancias da occasião e as probabilidades dos candidatos, parece-me certo que, retirado o meu nome, formarião a lista triplíce outros, nem um dos quaes valeria, moral ou intellectualmente, mais do que eu. Nem tanto, ousou dizel-o.

Diz-me pois a consciencia que pelo menos não estou obstruindo lugar, que sem mim seria occupado por maior capacidade.

Por pouco que eu faça, sendo testemunha dos acontecimentos, podendo apreciar certos motivos ineditos, que alguns chamão *os bastidores da politica*, estas minhas memorias hão de ser subsidio para a historia do nosso governo parlamentar.

Dura, ha sete annos, a situação dita liberal, que tem organizado seis ministerios. Neste periodo, quatro grandes problemas, de immenso alcance para o futuro do paiz, têm occupado os espiritos: são, o das finanças publicas, a viação e immigração, a reforma eleitoral e a libertação dos escravos. Os outros progressos, de que resava o programma sustentado por dez annos pelos liberaes, com o estribilho — *reforma ou revolução* — achão-se de todo esquecidos.

#### § 1º Finanças.

A questão das finanças é temerosa: enorme divida publica, meio circulante depreciado, onerosas differenças de cambio, orçamento desequilibrado, deficit chronico; situação aggravada pelo receio de queda da producção na crise da transformação do trabalho, e pela ameaça de uma guerra com os Argentinos, que parecem desejal-a. E de plano confesso que para adiantar a solução deste complexo problema financeiro não tenho contribuido com o minimo contingente: nem um discurso, nem uma lembrança, nem um expediente. Quando pergunto a mim proprio: será possivel evitar a bancarrota? resgatar o papel moeda? equilibrar o orçamento? promover alguns melhoramentos? a resposta da consciencia é — *não sei*. Sinto-me pequenino ante a magna questão: limito-me a ouvir e votar, como em cada caso me parece mais acertado.

Assim impressionado, já se vê que estou disposto a desculpar os seis ministerios liberaes, que quasi nada têm feito para melhorar as finanças. Os dous primeiros, Sinimbu e Saraiva tiverão por programma quasi exclusivo

a reforma eleitoral, cuja decretação comecei a narrar no capitulo precedente e continuarei neste.

Os tres gabinetes seguintes -- Martinho Campos, Paranaguá, Lafayette -- inserirão na primeira linha de cada programma a questão financeira ; mas não a resolverão. Martinho, fallando só no deficit, tinha por fim contrariar e illudir a evolução que se formulava na opinião publica, pedindo acceleração da libertação dos negros, questão em que elle Martinho sustenta o *statu quo* com deploravel enfesamento. Paranaguá e Lafayette, parecendo ceder ao impulso imperial no sentido da emancipação, mostravão-se nesta questão muito tibios e timoratos e contra ella tambem se entricheiravão nos apuros do Thesouro e da Lavoura.

O sexto presidente do conselho Liberal, Dantas, que governa desde junho passado, acceitou a palavra de ordem do Imperador para accelerar a libertação, e teve por isso de deixar a questão financeira no segundo plano.

Em resumo, tem-se contrahido emprestimos, emittido papel moeda, decretado pequenos augmentos de impostos, e o deficit continúa chronico.

### § 2º Estradas de ferro.

A questão das estradas de ferro, ou viação aperfeiçoada, da qual depende a immigração e augmento da população, é assumpto de que eu julgava poder occuparme com uma certa proficiencia, porque é o em que tenho meditado mais seguidamente, ha bons trinta annos. Entretanto, sem confessar-me tão ignorante nisto como nas finanças, vejo-me obrigado por motivo diverso a consignar a minha esterilidade, o nada que fiz em favor da idéa.

Minhas opiniões sobre a melhor direcção dos melhoramentos a que alludo, forão consignadas neste livro a pag. 106, 107 e 220 ; e as desenvolvi no Senado em dis-

curso de 12 de Setembro de 1882, tratando da organização do serviço tecnico na Secretaria da Agricultura. Mas o Governo Imperial, com excepção da rede do Rio Grande, não tem seguido methodo algum nas decretações, parecendo cada concessão um presente a amigo ou a capanga eleitoral, para concertar-lhe as finanças ou arredondar-lhe a fortuna. Dahi vem que fico quasi sempre reduzido a criticar e censurar. (1)

Accresce que em consequencia dessa falta de methodo, e por não crear-se entre nós espirito de associação, quasi só vingão as estradas construidas á custa do Thesouro, e das quaes o Estado se faz gerente, atrophando os seus beneficios: não posso concorrer para desenvolvimento de tal sistema.

Na sessão de 14 de Julho de 1880, discutindo-se crédito para a estrada de ferro de D. Pedro 2º procurei mostrar os vicios e defeitos do custeio pelo Estado, idéa condemnada em todo o mundo. Observei:

o desenvolvimento do funcionalismo.

a falta de disciplina do pessoal, sendo cada empregado admittido por empenhos dos homens politicos.

a intervenção nas eleições, com preterição do serviço.

a falta do poder discrecionario, de que necessita um director de taes empresas.

a ausencia de effcaz responsabilidade pelas perdas e avarias:

o encarecimento do custeio e outros defeitos.

Considerando a indifferença com que me ouvião e prevendo (o que succedeo) que ninguem me responderia, conclui reconhecendo-me isolado e citando modestamente ao meu auditorio as palavras de Ovidio entre os Scytas:

*Barbarus hic ego sum, quia non intelligor illis.* (2)

(1) V. nota G.

(2) Nota G.



Depois, como só o Estado construe ou garante, as penurias do Thesouro interromperam as decretações: no dia 21 de Maio deste anno (1884) approvou o Senado um parecer da commissão de obras publicas, de que fui relator, regeitando quatro concessões que a Camara dos Deputados tinha approvado. Desde então quasi não se fallou mais em caminhos de ferro, nas sessões do Senado.

### § 3º Reforma Eleitoral.

Passando-se á reforma eleitoral, tenho de voltar a 1880, quando em seguida ao naufragio do projecto Sinimbú, subio Saraiva propondo-se a fazer decretar a eleição directa por lei ordinaria. Esta, sustentada principalmente por Dantas e Martinho, passou na Camara, e veio remetida ao Senado a 2 de Julho: creava um eleitorado restricto, impondo taes severidades á prova da renda censitaria, que quasi excluia todas as classes sociaes, menos o funcionalismo publico, os capitalistas e a propriedade immovel. E não lhe tirarão este character as emendas votadas pelo Senado, aliás pela maior parte bem pensadas, e algumas attenuando os rigores votados pela Camara dos Deputados.

Bem que se tratasse de lei ordinaria, sustentando alguns a necessidade de reforma da constituição, veio por vezes ao debate a questão de direito publico — intervenção do Senado nas revisões constitucionaes, contra a jurisprudencia firmada em 1834 — A' este respeito sustentei com profunda convicção, que se se tratasse de *jure constituendo*, conviria admittir a pretensão do Senado, e que mesmo mais me agrada do que o nosso, o processo da Constituição Franceza, revisão pelas duas Camaras reunidas, depois de reconhecida a necessidade pela maioria de cada uma dellas; mas isto com a condição, *sine qua*

*non*, de abolir-se a vitaliciedade, reduzir-se a trez annos o prazo das legislaturas, e renovar-se o Senado pela terça parte em cada legislatura. Vide entre outros, os meus discursos de 14 e 18 de Outubro de 1880.

Para a discussão da lei no Senado, acharão-se em *ente cordiale*, que causou surpresa. Saraiva, Presidente do Conselho e Cotegipe, chefe da opposição conservadora, que muito tinha concorrido para a queda do projecto Sinimbú. E' certo que em epocha anterior Cotegipe tinha opinado pela eleição directa; mas depois d'isso, em 1875, foi membro do ministerio que mistificou a idéa com a eleição sophistica do terço: porque agora a adoptava francamente?

Era sabido que o Imperador sempre contestou á legislatura ordinaria faculdade para esta reforma; e quando a admittio imposta por Saraiva, foi voz geral que S. M. I. *se tinha submellido*: conhecidos cortezãos referirão que Elle nas palestras com os Semanarios dizia — *estou vencido, não convencido*. — Daqui nasceu em muitos espiritos a suspeita de que o Imperador não era sincero com Saraiva; que acceitára a sua idéa na esperança de que o Senado a regeitasse, ficando batido 2.<sup>a</sup> vez o pensamento da eleição directa. Se Cotegipe assim pensou, é claro que resolveu ajudar o Saraiva por acinte a S. M. I., que ao dissolver o ministerio Caxias em 1877 o tratára a elle Cotegipe (é muito sabido) com notavel menos preço. Fui dos que tiveram esta suspeita; e externando-a em conversação com um intimo do homem, seu parceiro de volta-rete, respondeo-me: « Ora! morreu o Neves; elle até já mandou Lhe dizer que *ha de roel-a* » (a eleição directa).

E' este um dos incidentes dos bastidores parlamentares, a que alludi no principio deste capitulo. Mas acceitando o principio liberal da eleição directa, Cotegipe embora com a sua notavel illustração fizesse alguns retoques que melhorarão a lei, comtudo, partidista extremo do

principio de authoridade, abundou com o Saraiva na sustentação do ferrenho sistema de provas de censo, que exclue do voto numerosas classes e restringe o eleitorado.

O censo eleitoral da Constituição era rs. 100\$000, e foi por causa da depreciação da moeda elevada ao dobro suppondo-se que rs. 200\$ em papel equivalem aos rs. 100\$ primitivos. E' censo tão baixo que equivale a decretar-se: « pode votar quem tem o que comer sem mendigar, salvos os casos de exclusão especificados. »

*Renda*, diz o artigo, *obtida por bens de raiz, industria, commercio ou emprego*; e a palavra *industria* a meu ver comprehende os salarios dos officios. Admittir o voto do empregadinho publico, que tem de ordenado 200\$000 e negal-o ao ourives, relojoeiro, compositor que ganhão 6\$ e 10\$ por dia é manifesta iniquidade.

*Renda suppõe capital*, sustentou Cotegipe citando B. Constant; evidente absurdo, pois que para o censo prevalece como renda, o ordenado do emprego publico, e outro art. aceita como prova o aluguel do domicilio.

Entretanto, o sistema das provas foi organizado de modo que afóra os guardas livros e primeiros caixeiros e alguns chefes de estabelecimentos ruraes ou commerciaes, quasi só pode alistar-se quem possui apolices, immoveis ou emprego publico. Contra estas disposições reclamei com quantas forças pude; mas o principio iniquo foi approvedo, bem que combatido tambem por José Bonifacio e Silveira da Motta, boas authoridades em direito publico.

Attenuarão um pouco a injustiça, admittindo como prova de renda o aluguel do domicilio occupado, mas estenderão a concessão, na Côrte, apenas a quem pagar rs. 400\$ de casa: orá, suppor que não tem de rendimento rs. 200\$ quem não paga só de aluguel de um aposento rs. 400\$ é perfeito contrasenso.

Combati tambem, com outros senadores, a favor da maioria politica aos 21 annos, principio triumphante em 1882; e contra Cotegipe e Silveira Martins, auxiliei o Saraiva que sustentava a elegibilidade dos libertos, combatida illiberalmente pelos dous, e que triumphou.

Acompanhando os debates desta lei, voltei sempre a um pensamento que reputo capital, e que depois nunca cessei de advogar, quando vem a proposito: fallo da abolição do censo pecuniario, estabelecendo-se o de instrucção nestes termos: « E' eleitor todo o cidadão brasileiro que sabe ler e escrever, salvos os casos definidos em lei. »

Serviço á instrucção publica, homenagem á intelligencia!

Promulgada esta reforma com a data de 9 de Janeiro de 1881, soffreo logo no anno seguinte um retoque, que a meu ver não a melhorou. Havendo noticia de algumas simulações de contractos para base de alistamentos futuros, dispoz a reforma da reforma, que taes contractos só produzirão seus effeitos alguns annos depois da celebração. 2 a 4 annos em diversas hypotheses. Medida que pode ter evitado alguns abusos, mas com certeza privou de seus direitos á numero muito maior de cidadãos.

O 1º alistamento de eleitores produziu cerca de 145.000, numero mesquinho em uma população livre de 9 milhões.

Tiverão uma prova pratica desta mesquinhez em 1883, quando quizerão mudar o processo das eleições municipaes. A lei mandava eger os vereadores por voto unimomial: mas, descontentes quasi todos d'este principio, tentaram abandonal-o e o que pareceo mais curial foi a divisão de cada municipio por parochias ou por districtos, elegendo um vereador cada circumscripção.

E este processo foi reconhecido inapplicavel, porque muitos districtos municipaes ficarião com 4 a 10 eleitores!

Em summa, o alargamento do eleitorado parece hoje a nossa primeira necessidade politica; sendo para deplorar que não parecem sentil-a nem os chefes conservadores, nem os que se dizem liberaes. Sustentarei esta idéa sempre que for opportuno.

§ 4º — Emancipação dos escravos.

De novo correrei os olhos por este estadio de sete annos de situação liberal, servido por seis ministerios, para expor a marcha e o progresso da questão, hoje a mais incandescente de todas, a libertação dos escravos. O notavel impulso que este pensamento tem recebido nos ultimos seis mezes, a meu ver é devido a tres principaes causas: 1ª a constancia com que o Imperador affaga a idéa de concluir a libertação no seu reinado; 2ª o progresso que fez a evolução nos espiritos, tendo sido nestes ultimos annos muito eloquentes as manifestações da opinião publica; 3ª o facto de erguer-se uma nova geração de moços educados em idéas novas e isentos do peccado de conservar homens no captiveiro. Deste peccado, raros estavão puros, dos que como eu, em 1871 já tinhão transposto a virilidade.

A lei de 28 de Setembro de 1871 garantio· efficaizmente, para a maioridade, a liberdade dos que nascessem desde aquella data, embora commettendo a iniquidade de os deixar captivos de facto até os 21 annos.

Em relação aos escravos então existentes, firmou em these o principio da emancipação gradual com indemnisação; mas regulou-o tão mal e dotou-o tão mesquinamente, que passados treze annos, estudada a estatistica dos effeitos da lei, reconhece-se que a continuarmos assim, nem em 40 annos estará extincta a escravidão, vindo a ser uma immensa maioria dos escravos *libertados* pela morte.

Assim, a necessidade de novas medidas, que accelerem a libertação, se tem gravado profundamente nos espiritos de todos os homens que pensam e que o interesse pessoal não cega. O Imperador nunca cessou de se occupar com este problema, sabem quantos delle se approximão, e a meu ver o tinha tambem em vista, quando apeiou do poder o partido conservador, ferrenhamente opposto á libertação.

Sinimbú e Saraiva só se occuparão com a reforma eleitoral, que como vimos soffreu grandes difficuldades; ás perguntas relativas ao elemento servil respondião por esta formula: « o Governo não cogita dessa questão ».

Saraiva, porem, não a abandonava, como prova um aparte seu, dado na Camara, a alguém que estranhava o *não cogita* respondeu: « Não cogito, no meu actual ministerio ».

Tornou-se transparente que o Conselheiro Saraiva, deixando o poder, em 1882, ficou disposto a representar opportunamente na questão do elemento servil o papel de salvador que representou na reforma eleitoral. E é por isso que em todas as organizações seguintes, demittido o ministerio, a 1.<sup>a</sup> palavra do Imperador é — Chame o Saraiva. Este, porém, ainda não suppoz chegada a oportunidade.

O Barão de Cotegipe sem duvida alludia a estas disposições imperiaes, quando em Julho de 1882 dizia a S. M. I. que o novo ministerio encontraria apoio no Senado, *se não tentasse aventuras*.

A elevação de Martinho Campos (20 de Janeiro de 1882) tão enfesado defensor da escravidão domestica, como os mais casmurros conservadores, nada prova contra o que affirmo das disposições imperiaes. S. M. depois do Saraiva chamára o Visconde de Paranaguá, mas este não pôde organizar porque Dantas, Silveira Martins e outros

liberaes convocados pelo 1º declararam que receberião o ministerio na ponta das bayonetas. Incidente que ficou nos bastidores, mas teve nos grupos bastante notoriedade.

Nestas desuniões, Martinho, *leader* do ministerio em 1880, Presidente da Camara, eleito Senador, parecia impor-se. E o Imperador acceitando-o contemporisou, sem duvida contando gastal-o e tirar força moral á sua futura opposição á idéa affagada por S. M. I.

Depois de Martinho, e como sempre depois de nova recusa de Saraiva, subio o Visconde de Paranaguá (3 de Julho de 1882) que incluiu no programma o grande problema do elemento servil, mas tão timidamente, com uns termos medios tão sem côr, que nem vale a pena expol-os. Um pouco mais explicito foi Lafayette a 24 de Maio de 1883, sustentando o principio da localisação nas provincias por lei geral e o lançamento de novo imposto sobre o proprio elemento servil. Mas na proposta que fez sacrificou a idéa, taxando 500 rs. annuaes por cabeça o que em relação á magnitude do objecto é altamente ridiculo.

Lafayette, boa intelligencia e illustração, é um character profundamente sceptico: fingindo entrar nas vistas do Imperador, sacrificava-as aos grupos da Camara, de quem dependia a sua conservação no poder.

E' provavel que leião esta apreciação muitos que ainda o conhecerão: esses dirão se sou injusto.

Chego á organisação do actual ministerio Dantas, a 6 de Junho do corrente anno de 1884, que está a expirar: enceto este trecho a 31 de Dezembro. Mas, antes de occupar-me do programma e vistas do Gabinete, abrirei ainda uma vez a meus futuros leitores os bastidores da politica, para contar-lhes os *motivos ineditos*, que precipitarão a queda de Lafayette, e que se filião

á causa principal da impotencia e esterilidade do partido liberal monarchista : os seus notaveis não se entendem. Silveira Martins, Dantas, Affonso Celso, Martinho, Paranaguá, Silveira Lobo, (1) Sinimbú, Ignacio Martins, Lima Duarte, etc., combinados dous a dous e estudadas todas as combinações, ha de encontrar-se nellas toda a escala de sentimentos reciprocos desde a gelida cortezia até o desprezo e o odio; nunca cordialidade e solidariedade de amigos.

Os notaveis do partido conservador não estão muito mais unidos : fallo especialmente dos outros porque occupão a scena politica. Vamos á queda precipitada de Lafayette.

Em 1883, enquanto se fazia em Minas eleição para provimento da vaga deixada pelo Visconde de Jaguary (successor Lima Duarte) morreu o Visconde de Abaethé : e sendo logo averiguado que a nova eleição só teria logar em 1884, começaram a agitar-se pela calada Affonso Celso e seu irmão Carlos Affonso, para incluir na lista triplíce o 2º que em Dezembro de 1883 completava 40 annos. Causou-lhes por isso grande irritação a candidatura que surgiu, do Dr. Antonio Felicio dos Santos. Este aliás não tinha manifestamente no partido liberal posição que lhe desse direito a preterir o outro : Carlos Affonso tinha muito mais serviços. Mas, Martinho e Lafayette fizeram admittir o Felicio em odio aos Affonsos, que para não passar por derrotados declararão acceitar a chapa.

Feita a eleição era notorio que o Presidente do Conselho se esforçaria pela escolha do Dr. A. Felicio, e por isso precipitou a queda do ministerio Affonso Celso, auxi-

---

(1) Este declarou-se republicano; mas ninguem tomou a serio a declaração.



liado por seu irmão e seu filho, deputados. Foi escolhido Ignacio Martins.

Para a organização do novo ministerio foram ouvidos, 1.<sup>o</sup> o indefectivel Saraiva, depois Dantas, Sinimbú, Affonso Celso e segunda vez Dantas, que afinal acceitou a missão.

A cada um dos quatro apresentou o Imperador, como ponto capital de programma a accelleração da libertação dos escravos: resulta isto claramente das explicações na tribuna.

Saraiva respondeu (disse-o no Senado): « não me era licito tomar a responsabilidade do poder, sem que me occupasse especialmente da questão do elemento servil; sendo que em relação a este assumpto eu não poderia organizar, nas circumstancias actuaes, ministerio homogeneo... sem o apoio forte do seu partido ninguem póde no governo ter segurança de bom exito, ainda que o pensamento predominante seja uma aspiração nacional ».

Os outros tres tambem se recusarão. a saber:

Dantas, na 1.<sup>a</sup> consulta, pela mesma razão de Saraiva: não contava com apoio homogeneo do seu partido.

Sinimbú, porque nada quer alem da lei de 28 de Setembro: é uma opinião sincera e convencida: lamenta-o, mas faça-lhe justiça.

Affonso Celso, porque não lhe pareceu que a acceitação no momento servisse a sua ambição. Disse que em 1.<sup>o</sup> logar cumpria concertar as finanças.

Afinal acceitou Dantas o programma imperial, cuja idéa capital é a libertação desde já, sem indemnisação dos escravos que já completarão 60 annos, e successivamente dos que forem attingindo a essa idade. O projecto apresentado á Camara pelo Deputado Rodolpho Dantas, continha, alem da medida principal, providencias rela-

tivas ao trabalho dos libertos, e criação de novos impostos destinados a um largo augmento do fundo de emancipação. Era, pondo de parte quaesquer criticas, um passo serio para acceleração da liberdade dos negros.

O procedimento da maioria da Camara, em presença deste programma foi de tristissima duplicidade. Alguns liberaes dissidentes, unidos aos couservadores, formarão maioria contra o projecto; mas emquanto este se achava entregue ao estudo de uma commissão, multiplicavão moções de confiança em outros terrenos, querendo derubar o ministerio, sem pronunciar-se sobre a questão capital.

Forçou-os a isto um dos dissidentes, Dr. Penido, mais sincero do que os outros.

A dissolução de tal Camara foi um acto de moralidade politica. A nova está eleita, mas na data em que escrevo (fim de Janeiro de 1885) não ainda reunida.

As eleições se fizeram com um cortejo de irregularidades e tricas indecentes, que quasi fazem crer, ser o povo do Brazil incapaz de reger-se pelo systema representativo.

Mal posso prever o que sahirá da proxima sessão legislativa; mas seja me permittido allegar que nesta questão ninguem no Parlamento fez mais do que eu, e ninguem no Senado tanto, em favor da propaganda.

No 1º anno que tive assento, 1880, fiz altos esforços para demonstrar (v. discurso de 1º de Outubro) a necessidade de um augmento serio do fundo de emancipação e de outras medidas que a accelerassem. Disse então:

« Por cinco annos, de 1866 até 1871, choveram sobre  
« as almas dos miseros captivos, como manná sobre os  
« israelitas no deserto, a esperanza da liberdade, bafejada  
« do alto throno. Se depois disto, se depois da promessa

« formal da lei de 28 de Setembro, tal esperança não pa-  
« rece séria, crearemos uma situação cheia de perigos... »

Ninguém me respondeu: havia medo de tocar na questão.

Voltei á carga na sessão immediata, 1882 (em 1881 o parlamento não funcionou). Em discurso de 9 de Outubro procurei mostrar que o augmento votado pela Camara era ridiculamente mesquinho. Sustentei a necessidade de collocar-se o Governo na direcção do movimento emancipador: extranhei o silencio da Tribuna Vitalicia. A mesma indiferença: apenas respondeo-me o Visconde de Paranaguá, *pedindo que não insistisse pela opinião do Governo: ião estudar a questão, de que tratariam na sessão seguinte.* (Disc. de 30 de Junho).

Em 1883 insisti com muito maior vehemencia. Mostrei os defeitos da estatistica official, a nihilidade da emancipação pelo Estado, a falta de registro regular dos obitos dos escravos, os abusos na classificação e avaliação dos libertandos; e para evital-os propuz novo processo para determinar as indemnisações, processo de que falarei quando criticar o projecto Dantas.

Como sempre, a minha voz *clamou no deserto.*

Chegamos a 1884, agora discute-se, porque o Imperador conseguiu impor á um ministerio um programma serio de emancipação accelerada. Nos novos debates, seja tolerada a jactancia, ninguém no Senado se pronunciou com tanta energia, ninguém luctou tanto como eu; vejam-se meus discursos de 9, 21 e 30 de Junho, de 1 e 31 de Julho e de 26 de Agosto. O proprio Silveira da Motta, o mais antigo abolicionista da casa, não acompanhou a minha actividade.

A evolução, que sobre esta transcendente questão tem feito o meu espirito fica assignalada.

1º nas pags. 21 e 22 deste livro, escriptas em

1870; convicção da necessidade da reforma e perplexidade sobre o melhor meio.

2º nos debates de Imprensa, em 1871, em que firmei uma opinião differente da que vingou.

3º na exposição historica de pags. 183 a 201 destas memorias escriptas em 1872.

4º finalmente nos debates parlamentares que acabei de resumir.

Parece-me hoje demonstrada a indeclinavel necessidade de medidas radicaes, que acelerem a libertação e garantão a extincção completa do captiveiro antes do fim do seculo. Será, porem, o melhor meio o projecto suggerido a Dantas pelo Imperador? não o creio.

As duas idéas capitaes — libertação dos sexagenarios — largo augmento do fundo de emancipação — como estão reguladas, offerecem os mais serios inconvenientes.

Da vida relativamente curta dos escravos e da frequencia entre elles de affecções chronicas, resulta que os realmente maiores de 60 annos são pela maior parte invalidos, cuja sustentação á custa do Estado, disposta no projecto, é tristissima lembrança. E a tendencia natural dos libertos para a ociosidade fará que por qualquer cousa se considerem invalidos; um começo de opilação, um engorgitamento do figado ou baço, etc. Esta medida não supporta exame.

Disserão que ella puniria a fraude dos senhores que para escapar a acção da lei de 7 de Novembro de 1831 exaggeram a idade dos escravos africanos na 1ª matricula.

Mas, em 1º logar, a estatistica dos escravos matriculados parece provar que tal fraude, se teve realidade foi em pequena escala. Depois não é curial resuscitar as infracções da lei de 1831, que a de 28 de Setembro de 1871 manifestamente lançou na sombra e no esquecimento

reconhecendo escravos todos os que os senhores relacionassem, e não exigindo a declaração das idades.

Os pesados impostos, não só sobre o trabalho escravo mas sobre a massa geral da nação, igualmente não me agradão: se podemos supportal-os, são elles necessarios para equilibrar o orçamento.

Para a applicação do fundo de emancipação adoptarão uma idéa, que eu sustento desde 1871, a fixação do valor pelos proprios senhores, abaixo de um maximum determinado em lei: mas desvirtuarão o pensamento, omittindo um dos correctivos que devia ser a preferencia absoluta ao menor preço para a emancipação official, e annullando o outro correctivo — imposto *ad valorem* — com a taxa minima de 1 % que não é correctivo. Acresce que conservão o actual systema de classificações que tem dado em resultado clamorosos abusos e nepotismos em fraude do fundo de emancipação.

Resulta destas reflexões a descrença de que fallei no discurso de 26 de Agosto, em todo o systema de indemnisações pecuniarias: creio que é necessario procurar outra base. Julgo tel-a descoberto e proporei opportunamente o meu projecto substitutivo.

A disposição capital é a seguinte:

No acto da nova matricula, e em cada um dos annos seguintes, cada senhor de escravos escolherá de cada dezena completa, e da incompleta que tiver mais de cinco, um que libertará, podendo impor-lhe tempo de serviço não mais de 5 (ou 3) annos.

Cada anno, até 27 de Setembro, cada repartição matriculante examinará se alguns senhores deixarão de cumprir a lei, e supprirá a acção desses, libertando a 28 de Setembro os mais velhos, sem indemnisação.

Esta medida importa redução annual de cerca de 10 ½ % na população escrava, ou de 14 a 15 % sommada

a mortalidade e as manumissões particulares. Em menos de dez annos (em 5 ou 6) a redução será tal que facilitará qualquer providencia final.

Se, porém, a minha idéa não fôr aceita, como é provavel, ou outra mais efficaz que a do ministerio, votarei por esta, salvando a minha responsabilidade. Estou persuadido que, se os poderes publicos não demonstrarem por actos serios a intenção de accelerar a libertação, ella se fará violentamente, em meio de verdadeira anarchia e guerra civil, caracterisadas pelos assassinatos de senhores devidos ao desespero dos escravos, assassinatos destes no bacalháu, inspirados pelo medo aos senhores; insurrecções parciaes, matanças, horrores.

Queira Deus que eu seja um visionario. (1)

#### § 5º — Vida privada.

Para não tirar a estas memorias o character de autobiographia, concluirei este capitulo com uma breve noticia de minha vida domestica, da qual não tenho tratado, a não ser em fugitivas allusões, desde o meu 9º capitulo, concluido em Novembro de 1871.

O pensamento de escrever a minha vida seria inspiração de vaidade? Não me parece; mas é possivel que neste ponto eu me illuda a respeito dos meus proprios sentimentos. Entretanto, a voz da consciencia não me accusa de vaidoso: sei bem que não sou notabilidade politica nem scientifica; nem espero que meu nome passe á posteridade: demais os incidentes de minha vida não são tão notaveis, que devão prender fortemente a attenção dos que porventura me lerem. *Por que, pois, e para que escrevo?* Eu o expliquei no meu 1º capitulo escripto em Junho de 1870, ha quasi 15 annos.

(1) Vide 1.º Appendice.

Desde então até 1876 conservei o proposito, que julgava irrevogavel (*oh ! miseras hominum mentes !*) de nunca mais assumir responsabilidades politicas. Procurava matar o tempo, e evitar que me julguem peor do que sou os contemporaneos que me sobreviverem ; resultado, se o obtiver, util á consideração de que desejo gozem meus filhos. Mas não exaggeremos a modestia : eu creio que da leitura deste livro podem resultar certas vantagens :

1ª Alguns subsidios para a historia do nosso governo representativo.

2ª Historia completa da decretação e construcção da estrada de ferro D. Pedro II.

3ª Algum serviço á moralidade e ao principio da familia.

O pessoal que relacionei nas pags. 180 a 182 , tem soffrido alterações.

Morreo em 1881 meu irmão Dr. Ernesto Ottoni, um bom velho que vivia já de annos em estado de profunda anemia. E veio residir na Côrte Augusto Ottoni, um homem de bem na extensão da palavra, excellente chefe de familia, bom amigo, homem que me houro de ter por irmão.

Em 1877 retirou-se de nossa casa minha cunhada D. Theodora e seus dous filhos por ter ella comprado uma fazendinha em que foi residir : continua sem sombras a estima reciproca que nos liga.

Em 1879 falleceo meo genro Barão de Magdalena ; verdadeira desgraça, porque este casamento fôra felicissimo : Virginia e seus dous filhos menores vierão residir na casa paterna.

Casarão-se, em 79 Julio, já formado em direito ; em 1880 Ermelinda ; em 1881 Christiano, o engenheiro.

Estes dous ultimos casamentos forão tão felizes como o de Virginia ; mas o de Julio foi um desastre.

Sem que surgisse entre os esposos, graças a Deos, questão de honra, manifestou-se tão violenta incompatibilidade de indoles, que força foi separarem-se judicialmente. E sendo a causa e o thema das luctas a desigualdade de fortuna (Julio começava a sua vida e a mulher tinha alguma riqueza e expectativa de herança maior) apraz-me registrar aqui o procedimento sobranceiro e digno do marido que se julgou offendido: na separação dos bens do casal a parte que lhe tocou foi por elle doada integralmente <sup>(1)</sup> á Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro. E recolheu-se ao tecto paterno.

Continúa tambem a residir em nossa casa minha sogra D. Theodosia Maia <sup>(2)</sup> quasi octogenaria; é aqui, digo-o com certa ufanía, que ella encontrou a tranquillidade da velhice, e as affeições e respeito que merece.

Tenho ainda dous filhos a collocar: Virgilio que terá em Dezembro deste anno o seu pergaminho de Doutor em medicina; Theodosia com 19 annos, a quem desejo um bom marido.

E terei concluido a minha tarefa de *Pater familias*. <sup>(3)</sup>

A minha unica ambição pessoal é hoje ter uma velhice socegada, cercado das affeições dos meus, e deixar os meus seis filhos collocados e bem reputados na sociedade a que pertencemos. Amen.

E' provavel que eu retome a penna depois da sessão legislativa que vae começar no 1.<sup>o</sup> de Março proximo.

Fevereiro, 16 de 1885.

---

<sup>(1)</sup> Cerca de 45:000\$000.

<sup>(2)</sup> Morreo em 23 de Agosto de 1885.

<sup>(3)</sup> Nota á pag. H.



## XVII

### Março de 1886

EMANCIPAÇÃO DOS ESCRAVOS. — ANARCHIA ELEITORAL E PARLAMENTAR. — QUEDA DE DANTAS. — RETROCESSO DE ASPIRAÇÕES. — SARAIVA. — COTEGIPE. — A NOVA LEI DE 28 DE SETEMBRO.

Reservei para os ocios de Petropolis a continuação desta minha historia resumida da evolução abolicionista, que alguns considerão terminada com a promulgação da lei de 28 de Setembro do anno passado e que a mim parece — fogo por algum tempo coberto de cinzas. — Trouxe os Annaes da Camara e do Senado, que aqui têm sido uma das minhas principaes leituras: numerosos apontamentos que fui tomando, ser-me-hão auxilio á memoria de velho.

Mas antes de entrar nas apreciações das occorrencias parlamentares, que tiverão por desfecho a lei citada, sinto necessidade de voltar ao periodo de tempo, objecto do capitulo precedente, para caracterisar as eleições penultimas: da direcção dellas dependia essencialmente a phisionomia com que devia apresentar-se a Camara eleita.

Dessas eleições eu disse sómente (pag. 266): fizeram-se com um cortejo de irregularidades e tricas indecentes, que fazem descer do systema representativo no Brazil ».

Mas a direcção do movimento eleitoral merece mais demorada apreciação.

Dissolvida a camara, em 1884, por motivo da moção que condemnou o programma abolicionista do Gabinete, esse programma e não outro qualquer principio, devia ser o criterio eleitoral. Os homens publicos que sustentavam o ministerio tinham o dever de pleitear a sua idéa perante as urnas, sustentando candidatos (liberaes ou conservadores até então, pouco importa) que adherissem ao programma; e guerrear os candidatos esclavocratas.

O ministerio, nas nomeações de Presidente e Chefes de Policia, e na promulgação das medidas, que na quadra eleitoral cada dia lhe pedem, não podia deixar de ter em vista o mesmo objectivo, o triumpho da sua idéa.

Assim porém não se procedeu, se não no Ceará: em geral, apresentarão-se no campo eleitoral os velhos partidos: o conservador sabidamente infenso á libertação dos escravos, mas não repellindo de seu seio os poucos que se mostravam sympathicos á idéa, como Taunay, deputado por Santa Catharina, e S. Ribeiro, pelo Rio Grande do Sul; o partido liberal, contendo não poucos sustentadores da escravidão e tendo entre os seus chefes mais influentes Martinho, o esclavocrata confesso!

E pedirão ás urnas, uns a continuação da posse do poder, outros a queda dos adversarios e a propria elevação.

O pensamento capital, motivo da dissolução, ficou no 2º plano.

Não declamo. Em S. Paulo José Bonifacio, que se collocou lealmente na posição correcta que defini, achou-se isolado.

Moreira de Barros, o presidente da Camara, que demittindo-se tocára o 1º rebate contra o proprio Dantas, foi eleito, dizem todos, com favores do ministerio; pelo menos é certo que no seu districto não se lhe oppoz candidato ministerial, isto é, abolicionista.

Em Minas, o principal director das eleições pelo lado liberal foi Martinho, o esclavocrata, amigo intimo de Dantas, obtendo d'elle tudo o que pedia. E o pseudo liberal Martinho sustentou indistinctamente os *liberaes-liberaes* e os *liberaes-esclavocratas*; Penido autor da moção que fizera dissolver a Camara e Affonso Filho, o abolicionista *quand même*. Dizia assim á Dantas: « o teu programma é tolice trata-se só de fazer permanecer o nosso partido no poder ». E Dantas abraçava o amigo!

E das mãos d'elle accitou para Presidente do Rio de Janeiro, Cesario Alvim, fazendeiro, senhor de escravatura, candidato por um districto dos que a imprensa chamara com espirito *essencialmente agricolas*, Cesario Alvim <sup>(1)</sup> que na sua circular de candidato offerencia-se aos fazendeiros *para defendel-os* contra o programma Dantas.

Fallei das 3 provincias mais interessadas na questão: nas outras, com excepção do Ceará, foi o mesmo quasi em toda parte; disputou-se a posse do poder, não a libertação dos escravos.

Veremos as naturaes consequencias destas anomalias.

Manifestou-se a primeira na eleição do Presidente, quer interino nas sessões preparatorias, quer definitivo depois de constituida a Camara.

Em 13 de Fevereiro, presentes 105 deputados, aos quaes foi reconhecido o direito de suffragio para a mesa interina, tiveram votos

Moreira de Barros, <i>liberal esclavocrata</i> (!).....	56
Martins Francisco, liberal ministerial .....	45
Cedulas em branco... ..	5

---

106

(1) No governo da provincia mostrou-se excellente Administrador: mas a critica do texto fica em pé

Dos 56, cerca de 45 erãõ conservadores, que *votavãõ no liberal por ser amigo da escravidãõ!* Desproposito, que faz parecerem dislates as verdades que escrevo.

Tratando-se de mesa interina, e não estando a Camara constituida, aquella votaçãõ, embora com significaçãõ politica podia não ter força obrigatoria para o Ministerio.

Mas, aberta solemnemente a 8 de Março a sessãõ extraordinaria, que para o 1.º fôra convocada, procedeu-se no dia 11 a eleiçãõ definitiva do Presidente com este resultado

Liberal esclavocrata, Moreira de Barros.....	45
Liberal ministerial, F. de Moura.....	34
Cedulas em branco .....	3

Continuãõ a eliminar-se os conservadores, *votando no liberal por ser esclavocrata.* E este conchavo indecente entre um partido politico e o grupo dissidente do outro, tornou-se ainda mais claro na escolha dos dous 1.ºs. Vice-Presidentes, sendo eleito 1.º um liberal dissidente L. de Albuquerque, 2.º um conservador A. Prado, ficando em ambos os casos em minoria os candidatos ministeriaes.

Se o ministerio não tivesse sido cumplice, como foi, da anarchia eleitoral, de que resultava a anarchia parlamentar, tiraria a limpo a situaçãõ com muita facilidade e com vantagem para a idéa abolicionista.

Era logico demittirem-se dizendo ao Imperador: — «Senhor, a nova Camara dos Deputados pronuncia-se no mesmo sentido da dissolvida (era a verdade) e segundo todos os precedentes V. M. I. deve chamar ao poder o Presidente eleito.» Claro seriãõ os resultados da crise, assim installada.

Moreira de Barros, chefe de um grupo de 10 ou 12 não organisaria gabinete; e o poder iria ás mãos do partido conservador que o elegera Presidente. Subiriãõ

os conservadores sem a hypocrisia com que subirão em Agosto, responsaveis pela solução do problema do elemento servil; e os 34 *liberaes-liberaes*, em opposição, não terião outra bandeira: assim se formarião os verdadeiros partidos, unicos que têm actualmente razão de ser.

A idéa abolicionista ganharia terreno.

O ministerio porém animado sem duvida por Sua Magestade, fez ouvidos de mercador á eleição do Presidente: allegarão que faltavão ainda muitos deputados, podendo vir a modificar-se a phisionomia da Camara.

A continuação desta minha critica fica adiada para quando chegar com esta historieta a queda de Dantas.

O mez de Março foi empregado exclusivamente na verificação dos poderes; o projecto Dantas com o luminoso parecer da commissão especial, relator Ruy Barbosa, jazia nas pastas. Mas a 8 de Abril o governo pelo orgão do Ministro da Guerra, pediu que fosse incluído nas materias dadas para ordem do dia, e de facto o foi para a do dia 13. Mas neste e na hora do expediente, o Presidente Moreira de Barros, deixando a cadeira, tomou a palavra e mandou á mesa a seguinte moção:

« A Camara dos Deputados não accitando o systema de resolver sem indemnisação o problema do elemento servil, nega seu apoio á politica do Gabinete. »

Erão presentes 101 Deputados, incluído o Presidente, sendo 58 liberaes e 43 conservadores. Votarão pela moção 50, a saber 41 conservadores e 9 liberaes. Contra 50, dos quaes 48 liberaes e republicanos e 2 conservadores.

Assim o partido conservador continúa a hostilizar sem lealdade a libertação dos escravos, collocando-se sob o commando de um adversario politico. E os 9 liberaes dissidentes representão o mais triste dos papeis.

Segunda vez, em minha opinião, devia o ministerio retirar-se e aconselhar a chamada de Moreira de Barros,

cuja impotencia para organizar gabinete faria clarear a situação. O programma ministerial estava explicitamente repellido : mas S. M. I. sustentou os ministros, e os ministros se deixarão sustentar !!!

Forão vivendo ingloriamente o resto de Abril, ministerio e Camara : mas a 4 de Maio o Deputado A. de Siqueira, por ter sido na rua insultado com algumas vaias que elle mesmo disse partidas de meia duzia de maltrapilhos sem imputabilidade, propoz a seguinte moção :

« A Camara dos Deputados convencida de que o ministerio não pode garantir a ordem e segurança publica indispensavel a resolução do problema do elemento servil, nega-lhe a sua confiança. »

Presente 103, inclusive o Presidente que não vota, opinaram

Pela moção 43 conservadores e 9 liberaes....	52
Contra 3 conservadores e 47 liberaes.....	50

E desta vez S. M. I. accitou a demissão do seu ministerio abolicionista ! Contra elle nada poude a 11 de Março a eleição do Presidente, facto de tão alta significação politica ; nada, a moção de 13 de Abril, que condemnando explicitamente o programma estabeleceu incompatibilidade entre Ministerio e Camara ; mas prevalece o insulto á dignidade do poder executivo e dos cidadãos que o exercião, declarados incapazes de garantir a ordem e segurança publica !

Demais, era falsa a allegação : a paz publica não fôra perturbada. Manifestava-se natural agitação, tratando-se de reforma de tanto alcance : agglomerára-se o povo em roda da Camara e forão desacatados por algumas vozes dous ou tres deputados.

No tempo do ministerio Sinimbú, em certo dia, todos os ministros, excepto o Marquez do Herval, forão cruelmente insultados por alguns do povo, ao sahirem da Camara, e ninguem julgou em perigo a ordem e segurança publica. Tremeo a terra porém, porque os Srs. Moreira de Barros e A. de Siqueira ouviram algumas vaias !... A 20 do mesmo mez de Maio nos dizia a Falla do Throno :

« Durante o periodo da sessão extraordinaria a tranquillidade publica não foi alterada ».

Bem ponderados os factos politicos de 11 de Março, 13 de Abril e 4 de Maio, e confrontados com a evolução posterior, pode-se bem apreciar, creio eu, os limites do abolicionismo imperial. S. M. I. tem a nobre ambição de passar á historia como libertador dos negros ; mas quer antes de tudo consolidar o seu dominio ; e a este é muito util a conservação dos actuaes partidos politicos, ambos desmoralisados, divididos, impotentes. Por isso, vendo que nas eleições se disputava a posse do poder, não a grande reforma, S. M. I. estava muito contente com a situação.

Depois o povo agitava-se, tomava parte muito activa no debate, e S. M. I. julgando ver nas vaias um começo de revolução, teve medo. Estas duas considerações explicão tudo.

O partido conservador é notoriamente infenso á libertação e o partido liberal se mostrou incapaz de decretal-a. Bem o sabia Dantas, que acceitando um programma abolicionista e appoiando-se para as eleições em conhecidos escravagistas, mostrou tambem que o seu principal intuito foi evitar que o seu partido deixasse o poder. E' tempo de passar á evolução Saraiva.

Si o gabinete Dantas cahia por causa da votação da Camara devia o Imperador ou dissolver-a sustentando o

ministerio, ou entregar as pastas á maioria que o derrubou. Disserão Gregos e Troyanos que a Camara não podia ser dissolvida; não vejo o porque. A questão que se debatia, liberdade de um milhão de homens escravizados, tinha bastante importancia para authorisar duas dissoluções successivas; principalmente attendendo-se á irregularidade das eleições e á anomala composição da maioria que levantava a crise.

Qualquer das duas soluções — esclavocratas no poder — ou — dissolução —, seria a idéa abolicionista, que ficaria sendo o ponto capital da controversia entre os partidos: estes naturalmente se transformariam. Mas é que S. M. I. não quer: o que lhe agrada são os velhos partidos, que por desacreditados, dilacerados, impotentes, deixão sobrenadar o poderio imperial.

A posição de Saraiva era misteriosa. Recusando o poder em Junho de 1884, porque (disse) *faltava-lhe o apoio homogeneo do seu partido*, nos onze mezes de vida do gabinete Dantas guardou um silencio mefistophelico. Favoneando anteriormente a emancipação dos escravos em termos genericos e banaes, nunca annunciára a formula que preferia para a promulgação da lei. Mas a confrontação das declarações officiaes, nas duas crises, prova que Saraiva subio afinal com a idéa de cortar pelas aspirações abolicionistas e fazer conchavo com os adversarios da idéa, para ficar, fosse como fosse, na posição de Messias, author da reforma. E S. M. I. entrando nestas vistas suffocou uma parte das suas ambições libertadoras.

*Dantas* se punha á frente da opinião e movimento abolicionista, dizendo — *nem retroceder, nem parar, nem precipitar*. *Saraiva* disse — « venho resolver a questão com os fazendeiros porque sou fazendeiro ».

A Falla do Throno de 8 de Março ainda fallou no projecto que o governo julga util á extincção gradual da escla-



*vidão*. A 20 de Maio só pede *solução que tranquillise a lavoura*.

Este retrocesso está bem definido nas disposições capitães do projecto apresentado, e depois *aperfeiçoado* pelo conchavo com os conservadores.

Uma das medidas do progresso da opinião abolicionista era a queda do valor dos escravos, diminuição accelerada que muito devia facilitar a emancipação; mas o projecto, que deseja retardal-a, estabeleceu uma tabella de preços, cujo termo medio, rs. 572\$, é pelo menos o dobro do preço corrente medio. O Estado garante altos preços aos escravos que quer libertar, e que já no mercado valem muito menos!

Os escravos de 60 a 65 annos forão abandonados pela protecção imperial, ficando sujeitos a trez annos de serviço e limitada aos maiores de 65 annos a libertação gratuita. E' a segunda restricção das aspirações.

A duração da escravidão, estava na consciencia de todos, não podia chegar a 10 annos, menos em resultado das disposições do projecto, do que pelo effeito moral da propaganda, tornada official, e dirigida pelos poderes publicos. Mas o projecto Saraiva garantia á odiosa instituição 17 annos de vida, pois só a extinguiu pela annullação do valor declarado, deduzindo delle 6 % cada anno.

Em nada alterava esta ferrenha garantia os recursos propostos para libertações a dinheiro, porque esses nos 17 annos nem bastavão para uma terceira ou quarta parte da população escrava existente.

Postas em discussão estas bellezas, o conchavo com os conservadores representados por A. Prado ainda as refinou.

Conservou-se a disposição do projecto relativo aos velhos. Reduzio-se a 13 annos (melhoramento apparente) o prazo, astutamente marcado pela extincção do valor:

mas forão augmentados consideravelmente os preços garantidos. Foi a tabella de preços substituida por outra, cuja media é rs. 665\$ em vez de rs. 572\$ (1) e a redução do valor tornou-se muito mais fraca nos primeiros annos; o que garante, maxime nos primeiros cinco, preços em enorme desproporção com os correntes no mercado.

Ainda a pouco, a 14 deste mez de Março, a Camara Municipal da Corte libertou 173 escravos despendendo rs. 35:444\$000, indemnisação media rs. 205\$. Mas tendo publicado as relações com as idades, pude applicar-lhes os preços da lei, e verifiquei que por elles a libertação dos 173 custaria rs. 115:675\$000, media 668\$600. E é nesta proporção que se hão de pagar as libertações pelo fundo de emancipação: o desproposito é evidente. Li ha dias em um jornal esta noticia: « no municipio tal forão libertados.... escravos pela ultima quota do fundo de emancipação, *regulando os preços exactamente pela tabella da lei.* Ve-se que a trica — *Saraiva, Prado* — sustentar os preços para que não avultem as libertações — vae vingando.

Eis em resumo as disposições principaes da lei votada.

Garante preços relativamente altos, e embarça o decrescimento delles na proporção do descredito da instituição, o que era natural. Só consente em uma lenta depreciação, 2 % no 1º anno, 3 % no 2º etc.

Assegura á escravidão 13 annos de vida, ou antes 14, incluso o anno da matricula; pois só a considera abolida com a extincção do valor dos escravos no prazo estipulado.

São estes os resultados necessarios da lei, si executada como nella se contem: mas seus authores, tendo a intenção de mistificar a opinião ou evolução abolicio-

---

(1) Affonso Celso citou outros termos medios: erro no modo por que calculou.

nista, simularão auxiliar o movimento e apressar a extincção, por meio de um fundo de emancipação, formado da consignação vigente, e mais 5 % sobre todos os impostos, menos os de exportação.

O sophisma é até ridiculo. O fundo actual pouco excede a 1.000 contos annuaes, e o novo imposto foi estimado em 3.000 ; ora, com 4.000 contos, pagas as manumissões aos preços da lei, não se libertaria nos 13 annos mais de 10 a 12 % da população escrava, estimada presentemente em 1.000.000.

Isto não confessarão Saraiva nem Cotegipe, que são astutos ; mas o Conselheiro A. Prado por ser o menos apto dos homens do conchavo, disse no Senado que o sistema adoptado não era o da indemnisação pecuniaria, sendo este mero accessorio e auxiliar. Como tal, a sua insufficiencia é manifesta.

Na discussão da Camara, Saraiva pretendeu mostrar que o seu projecto extinguiu a escravidão em 10 annos ; e desta asserção falsa e não sincera deu a seguinte cerebrina demonstração :

» Mortalidade.....	2 %
» Manumissões annuaes.....	2 «
» Reducção do valor.....	6 «
	-----
» Dita annual.....	10 %

Só é verdadeira a primeira parcella ; a 2<sup>a</sup> é mais que o dobro de realidade ; e 3<sup>a</sup> é burlesca. A redução do valor *não liberta nem um escravo por anno.*

E' certo que uma parte da verba, cerca de 1.000 contos, era destinada não a pagamento de manumissões, mas ao serviço de um emprestimo a 5 %, o que ainda ficava longe de resolver o problema e complicava as finanças onerando o futuro. Esta projectada emissão deu lugar, na discussão do Senado, a uma verdadeira bernardice

de um Ministro. Querendo demonstrar, á Saraiva, a extincção em 9 annos, disse: « mil contos por anno, a 5 % servem um emprestimo de 20.000:000\$; em 9 annos são 180 mil contos a empregar em manumissões de escravos! » E calculou sobre esta base!

E o coitado parece que estava em boa fé, nesta celeberrima multiplicação por 9; porque apertado por apartes disse afinal — « parece que me enganei » e a meia voz para quem lhe estava perto « eu em calculos não sou forte. »

E é Ministro um homem tão ignorante! pobre paiz!

Contra o imposto adicional de 5 % se pronunciarão na Camara os principaes conservadores; ver nos Annaes os discursos de Euphrasio Correia, Belisario, A. Prado, Portella, D. Cintra, Duarte de Azevedo, Gomes de Castro, Andrade Figueira, Mendonça Sobrinho etc.; mas quasi todos fallando contra votarão a favor, porque a passagem da lei, fosse como fosse, lhes facilitava o assalto ao poder. Motivo unico!

Terminado o debate na C. dos Deputados, e ainda antes de approvada a redacção do projecto para ir ao Senado, Saraiva e seus collegas derão demissão dos cargos, *porque (disserão) tendo a lei sido votada com o concurso do partido conservador, não tinham esperança de reconstituir a antiga maioria liberal*; pelo que, nem quiz Saraiva dar conselho sobre a successão, como Zacharias em 1868.

Assim confessado o esphacelamento do partido liberal e sendo conservadores dois terços dos que votarão a famosa lei, a sua chamada ao poder era logica e desta vez não ha que dizer contra o tão fallado e verdadeiro governo pessoal do Imperador.

Alguns liberaes, entre elles Silveira Martins, tiverão a ingenuidade de crer que a queda antecipada de Saraiva daria logar a mais um ministerio liberal. Mas o que é

certo é que o partido cahio por ter-se mostrado incapaz de realizar a reforma que tentou ; e cahio facilitando aos adversarios a mistificação da idea, e a restricção das aspirações abolicionistas.

O ministerio Cotegipe que inaugurou o novo dominio conservador, fez passar no Senado a famosa lei, quasi sem discutil-a e deixando sem resposta a maior parte das objecções a ella oppostas : entre os oppositores, parece-me que não fui dos ultimos ; ao menos estive firme na estacada e multipliquei protestos e o mais que pude ; vejão-se os annaes do Senado, Setembro de 1885.

Na sessão de 21 ( pag. 160, dos Ann.<sup>o</sup> ) está um discurso de Cotegipe, que se faz notavel pela falta absoluta de fé e de lealdade com que simulou o desapparecimento da escravidão em 9 annos, por effeito da sua lei ; resumil-o-hei.

Avaliou a existencia em 900.000, o que não é desarasoado. Orçou a libertação pela idade de 60 annos, e a mortalidade nos 9 annos em 226.800, o que se pode aceitar como provavel.

Estimou o effeito das outras verbas, fundo de emancipação e liberalidade particular nos 9 annos, em 207.000, o que é muito exagerado ; mas acceite-se. Sommão as libertações e os obitos 433.800 ; e como toda esta conta de chegar não alcançou a metade da escravatura a emancipar, ampliou a bernardice do Saraiva na Camara, dizendo :

« Depreciação do valor, 54 %..... 486.000 libertados ! »  
Esta depreciação *não liberta nem um, a* não ser no fim de 13 annos.

O argumento é uma asneira tão grossa, que vista a robusta e lucida intelligencia de Cotegipe é impossivel crer que o exhibisse sinceramente. Não : fez pouco caso da capacidade do seu auditorio, e lhe atirou um sarcasmo pungente. Alludia á esperteza deste genero o Visconde

do Rio Branco, quando dizia entre os seus intimos (eu ouvi) «este Cotegipe é muito moleque».

A lei devia passar, para interromper a evolução abolicionista, que não causasse embaraço aos dominadores nas eleições: é a verdade. Em 1.<sup>o</sup> lugar e em todo o caso a posse do poder: em 2.<sup>o</sup>, si puder ser, alguma coisa util.

Promulgada a lei ha 6 mezes, até hoje só fizeram regulamento para a nova matricula, e não começaram a arrecadar os 5% addicionaes, tendo mesmo mando suspender as providencias que dera a Thesouraria da Bahia para começar a arrecadação. Dizem alguns que o ministerio pretende passar este imposto para a renda geral; se o fizer, claro é, parece-me, que devem tambem acabar com o antigo fundo de emancipação: mas, como não conheço as intenções verdadeiras do *moleque* Cotegipe, fica este assumpto para o meu seguinte capitulo, que provavelmente escreverei aqui em Petropolis, no começo de 1887, si for vivo como espero.

Em meu espirito é cada vez mais robusta a convicção, que si quizerem regular efficaamente por lei uma emancipação gradual da escravatura, só o poderão conseguir abolindo a indemnisação pecuniaria, e substituindo-a por algum tempo de trabalho obrigado dos libertados. Por esta idéa se pronunciarão na Camara alguns deputados, e no Senado Dantas, Nunes Gonçalves, Affonso Celso, Teixeira Junior, José Bonifacio, C. Ottoni, e conheço outras opiniões no mesmo sentido, não enunciadas na tribuna. O pensamento não é incompativel com a libertação final, por extincção do valor em 13 annos, resultado principal da lei. Mas não antecipemos.

Do anno de 1885 nada mais vejo que valha a pena registrar neste meu canhenho.

Petropolis, 26 de Março de 1886.

## XVIII

### Fevereiro de 1887

MOTIVOS POR QUE PONHO TERMO A ESTE TRABALHO. —  
MINHA DESCRENÇA E DESANIMO. — PROPOSITO DE  
SILENCIO. — LIGEIRA NOTICIA DA ULTIMA SESSÃO  
PARLAMENTAR.

Este capitulo será o ultimo da minha auto-biographia, não porque eu conte morrer este anno, mas porque do tempo, talvez pouco, que ainda poderei viver, não hei de ter, creio, o que contar, que valha a pena.

Depois e com vagar hei de rever o que escrevi; e si encontrar incorrecção ou lacuna que deva ser emendada ou supprimida, me occuparei d'isso em notas, como as que já lancei.

Faço ponto, porque a minha vida não offerece incidentes, nem provavelmente virá a offerecel-os, que mereção ser registrados.

No meu interior a uniformidade de habitos em que vivo, ha já alguns annos, não parece difficil de ser continuada; já no cap. XVI, § *vida privada*, só tive de mencionar alterações, por morte no pessoal que compõe a minha familia.

Quanto á vida publica, creio que devo considerar-me quasi morto, não tomar iniciativa no Senado, arredar-me da tribuna, ler e ouvir com attenção e votar conscienciosamente. E' por formar este proposito que julgo nada terei de accrescentar ao que tenho escripto.

É simples a explicação desta minha inercia e desanimo, reconheço a minha incapacidade; mais de uma vez nestas memorias tenho consignado o facto, que a minha instrucção litteraria e scientifica foi muito defeituosa e manca; e que por inercia, por falta de iniciativa, por falsa vergonha, deixei de aperfeiçoal-a com o estudo, quanto me era possivel, ficando por isso em uma ignorancia, que muitas vezes me causou vexame, em minha carreira parlamentar.

Accresce que, approximando-me aos 76 annos, sinto a memoria muito obliterada; em um estudo serio acontece-me por vezes comprehender bem uma exposição de principios, e quando se trata de combinal-os para deduzir as consequencias, parecerem-me estas arbitrarias, porque as premissas já estão esquecidas. Si insisto, lendo adiante e atraz, fazendo esforço de intelligencia, succumbo ao somno: somnolencia senil!

Sinto-me pois, incapaz de certos estudos, que seriam necessarios para tomar parte activa nas discussões do Senado. Leio para matar o tempo e recreiar o espirito; mas este só aprecia bem leituras de certa facilidade e amenidade, viagens, historias, bons romances, alguma poesia.

Para não deixar de confessar e lamentar todas as minhas misérias, acrescentarei que a minha audição se tem tornado muito imperfeita e não menos a minha voz, quer por fraqueza do orgão, quer por falta de sonoridade, consequencia da perda dos dentes.

Ora, como se ha de empenhar em debates publicos quem ouve mal e mal se faz ouvir?

Já eu tinha consciencia destas minhas fraquezas em 1886, conservando-me em silencio quasi toda a sessão: meu unico discurso de certo folego foi o que proferi a 9 de Outubro perante as Camaras reunidas em Assembléa



Geral. E a indiferença com que fui acolhido, no parlamento e na imprensa, parece provar ou deficiência da minha argumentação ou excentricidade das opiniões que expuz e sustentei: em qualquer dos casos, julgo ver na frieza com que me ouvirão e lerão mais uma razão para abster-me.

Comtudo, tendo ainda no anno que findou, tomado alguma parte nos debates parlamentares, direi o juizo que formei e formo da marcha da politica naquelle periodo.

Duas idéas principalmente dominarão os espiritos na constancia da sessão legislativa e continuação a impressionar a quantos se occupão com a causa publica, as finanças e a libertação dos escravos.

A renda do Thesouro tende a diminuir; e esta diminuição, parece claro, ha de accentuar-se mais á proporção que avultar a emancipação da escravatura.

Nesta crise de trabalho, a producção diminuirá, e antes da transformação completa eu não vejo meio de concertar as finanças e combater o deficit.

O Ministro da Fazenda Conselheiro Belisario, é um homem de talento, que bem o cultiva: de certo deseja ardentemente resolver o problema. Falla-se em grandes planos financeiros para equilibrar o orçamento e fazer desaparecer da circulação o papel-moeda, installando como instrumentos das transacções a moeda metallica e notas convertiveis em ouro á vontade do portador. Mas por ora a unica medida realisada (essa sem duvida razoavel e necessaria) foi a redução de 6 para 5 % do juro das apolices geraes, isto é, redução de cerca de 3.000 contos na despeza.

A transformação da circulação, tanto quanto a posso comprehender, parece-me um desideratum impossivel de obter-se, emquanto de todo não passar a crise da transfor-

mação do trabalho. O papel-moeda é uma divida do Estado: quaesquer que sejam os expedientes imaginados, a sua eliminação é o pagamento da divida, o que exige sacrificios absolutamente em desproporção com os recursos de que o Governo presentemente poderá dispor. Ou estou em grande erro, o que é bem possivel, ou a circulação metallica não será fundada sem um emprestimo colossal; e este com seus juros augmentaria em grande escala a despesa publica, justamente quando a renda tende a decrescer, e quando a decadencia da producção pela escassez dos braços não tolera lançamento de novos impostos na escala necessaria.

Esta decadencia me parece ineluctavel; os escravos libertados hão de sacrificar algum tempo á ociosidade; depois, os esforços colonisadores do governo pouco effeito produzem, em parte porque estão falseando a questão, si eu bem a entendo.

Da abolição da escravidão, creio, deve resultar a transformação dos grandes estabelecimentos ruraes e desenvolvimento da pequena lavoura: a grande difficilmente se conservará sem os escravos. Ora, o nosso Governo não pensa em dirigir e favorecer esta evolução natural; cuida antes em sustentar a grande lavoura, facilitando a introduccção de immigrants jornaleiros, mais do que de colonos que se tornem proprietarios territoriaes.

Disposições de que alguns governos da Europa derivão argumentos serios contra a emigração para o Brazil. E esta direcção falseada da transformação do trabalho não pode deixar de aggravar a crise.

De tudo parece resultar que o nosso Thesouro se encaminha, si não para a bancarrota ao menos para uma fortissima depressão do credito publico, que os homens mais illustrados e da melhor vontade não poderão evitar.

Estarei talvez em erro; mas é tão profunda esta

minha convicção e desanimo, que possuindo em 1876 (vide pag. 227 deste livro) em titulos da divida publica 152:600\$000, tratei de transformar a maior parte em predios que construi na Corte e em Petropolis, e daquelles titulos só existem hoje 53:000\$000, não fallando em 11:500\$000 que ultimamente herdei de minha sogra (tudo valores nominaes).

Dominado por estas apprehensões, não me sentindo capaz de ter uma idéa salvadora, não devo crear embaraços aos homens de boa vontade, liberaes ou conservadores, que tentarem resolver o temeroso problema. Do que infiro a necessidade de recolher-me ao silencio e dar no Senado votos eccléticos, sem considerações pessoaes. Tal o meu proposito.

Reforço-me nelle considerações relativas á segunda das grandes questões que considero capitaes, a libertação dos escravos: desta no pé em que se acha actualmente darei uma idéa succinta, segundo minhas impressões.

A lei vigente, de 28 de Setembro de 1885 apresenta, sem duvida, as seguintes feições caracteristicas:

Conserva o sistema anterior de preferencias na classificação e de applicação do fundo emancipador, derramado por todos os municipios do Imperio; bem que tal methodo tenha dado logar a vastas patotas e immoralidades denunciadas na Tribuna, no decurso do anno, até pelo Barão de Cotegipe. Saraiva disse no Senado: — *O Ministerio resolveu não se embaraçar com os abusos!!!* — Deu mais alimento ás traficancias augmentando o fundo de emancipação.

Para que este liberte o menor numero possivel de escravos, exaggerou os preços de indemnisação; os da lei são mais que duplos dos valores que no mercado os escravos podem obter.

Acceitando o principio da diminuição annual dos va-

lores taxados, sophismou-o, estabelecendo para os primeiros 5 ou 6 annos que poderá durar a instituição, taxas de depreciação ridiculamente baixas.

Em tudo a preocupação de restringir o numero dos emancipados e de affagar o interesse dos senhores.

Extinguindo os valores em 13 annos, pareceu favorecer a libertação fixando este praso ; mas o resultado real da disposição, si fôr executada, será forçar a escravidão a durar 13 annos, o que já ninguem julgava possível.

E' pois claro que a intenção da actual situação politica e da sua lei é prolongar a vida da odiosa instituição.

Fallando das intenções não pretendo deprimir o character de ninguem : sendo certo que alguns senhores de escravaturas se inspirão em motivos pessoaes, admitto que os homens illustrados, fundadores e defensores da situação, obedeção a serias apprehensões relativas á crise economica da transformação do trabalho, apprehensões de que não estou isento.

Direi mais : si eu acreditasse que com a execução fiel desta esquisita lei chegaríamos em paz ao termo dos treze annos, eu acceitaria este estado de cousas, como transacção entre as exigencias da civilisação e as necessidades economicas do paiz.

Mas, o que me parece é que a tranquillidade actual é fogo em baixo de cinzas, que ha de produzir labaredas e incendios ; e que, si se emperrarem, as desordens e crimes hão de forçar os poderes publicos a precipitar a libertação, que eu desejava se fizesse gradualmente.

Neste estado de perplexidade, e tendo sido geralmente repudiada a formula que propuz de emancipação annual, o que de melhor hoje posso fazer é calar-me e esperar.

Entretanto completarei a historia da evolução no anno que findou.

O regulamento para execução da lei, desenvolvendo e ampliando o seu espirito enfesado, consignou dous verdadeiros despropositos: 1º, decretar que a depreciação dos valores só começará depois de finda a matricula; 2º, unir a cidade do Rio de Janeiro, ou o municipio neutro á provincia do Rio para a applicação da lei.

Esta parece aceita pelo paiz; tendo-se acalmado a agitação abolicionista; mas os retoques emperrados do regulamento causarão profunda sensação.

O Senado, supprimindo no projecto de resposta á Falla do Throno o periodo que reconhecia ter sido a lei fielmente executada, inflingio ao Ministerio fulminante censura.

Pretenderão que a votação foi de surpresa: mas a censura foi reproduzida depois de longo debate, sendo approvadas no orçamento da Agricultura duas emendas de José Bonifacio; uma que mandava começar a depreciação desde a data da lei, outra restabelecendo a autonomia da cidade do Rio de Janeiro.

A sensação causada pela votação destas emendas foi profunda. O ministerio, sustentado pela Camara dos Deputados, appellou para a fusão das Camaras e conseguiu formar a doutrina do seu regulamento; mas nunca vi triumpho mais sem gloria.

E um dos signaes caracteristicos da adhesão da opinião publica ás idéas condemnadas pelo parlamento foi a extraordinaria commoção causada pela morte do author das emendas regeitadas.

Era José Bonifacio homem notavel, nas letras como poeta, na sciencia como Jurisconsulto; na vida privada, como na publica, procedeu sempre com inteira sinceridade e lisura, ostentando um caracter estimavel e puris-

simo. Mas o que mais o ergueu no conceito publico foi a constancia e elevação de vistas com que nos ultimos annos promovia a abolição da escravidão domestica.

Termino, transcrevendo os trechos do meu ultimo discurso, relativos ás duas emmendas de que dei noticia. Continúo a reconhecer que não fui orador ; mas tenho a vaidade de que argumentava logicamente, em todo o caso conscienciosamente. Seguem os trechos annunciados.

*« Discurso proferido a 9 de Outubro de 1886, perante as Camaras reunidas em Assembléa Geral.*

.....

Desculpe-me a assembléa, si tanto me demorei em questões que se podem julgar preliminares : passo a examinar as emendas controvertidas.

Duas são as ideas. A primeira é a data, desde quando deve ser contada a depreciação, decretada na lei, dos escravos emancipandos.

Estudemos a questão á luz dos principios. Donde nasce, qual é a origem da legitimação deste direito ao valor do escravo ?

Não é um direito natural, independente da lei escripta. Todos o reconhecem ; a sua origem é a lei e só a lei. Quando esta foi votada, todos disserão que taxando os valores dos escravos, ella firmou o direito dos senhores.

A matricula não dá direito, é simples registro.

O senhor do escravo, matriculando-o, declara em qual das taxas legaes está comprehendido, isto é qual a quantia a que, segundo a lei, terá direito quando emancipado. A origem pois é sempre a lei.

A tabella, que marca a depreciação dos valores, não é uma decretação arbitraria e sem base do poder legislativo, é a consagração de um facto natural de facil observação.

Si o escravo como propriedade tem um valor, esse valor não é uniforme em toda a sua vida. Qual a sua medida? Evidentemente é a somma dos serviços que o escravo pôde prestar d'alli em diante: d'ahi nasce o direito á indemnisação. O senhor fica privado dos serviços futuros.

E esta somma de serviços esperados decresce com a idade: cada anno, cada mez decorrido se deduz do tempo provavel de vida e de trabalho.

Tal é o facto natural que a lei consagrou, embora muito arbitrariamente quanto aos algarismos.

Isto, posto, eu pergunto: da data da lei, que é a origem do direito, até a data da matricula, o escravo não trabalhou, não servio a seu senhor? Do tempo de vida provavel não se abate o decorrido entre as duas datas? Não é porventura o serviço prestado entre as duas datas um adiantamento ao senhor por conta da indemnisação que a lei lhe prometteu? Como, pois, se pretende que o valor decretado na lei se conserve algum tempo immutavel e só no fim da matricula comece a depreciação? Não sei si exponho o argumento com clareza: elle não me parece respondivel.

Eu o resumo. Não existe valor de escravo sinão desde a data da lei. Este valor decresce na proporção em que diminue o tempo em que o escravo pode prestar serviços, isto é, a vida provavel. O escravo que na data da lei vale 900\$000, prestando serviços até a matricula tem de soffrer a redução de valor correspondente ao tempo decorrido; pois que diminuiu nessa proporção o tempo em que ainda serviria.

Eu não vejo, pois, como se possa duvidar de que a diminuição deva começar na data da lei. Parece-me a idéa opposta verdadeiro contrasenso.

Deduzo segundo argumento da famosa transacção,

accordo ou pacto entre a moribunda situação liberal e a nascente situação conservadora, transacção de que resultou a lei.

Quando se pede algum melhoramento, algum desenvolvimento em sentido favoravel á libertação, o ministerio nos diz sempre — impossivel tocar na lei, foi feita por uma transacção a que devemos ser leaes. —

Mas, no caso presente, o principal, si não unico, representante de uma das partes contractantes, o presidente do conselho do ultimo ministerio da moribunda situação liberal, que entrou em ajustes com a nascente situação conservadora, o Sr. Conselheiro Saraiva levanta-se e diz — não ha tal, nunca se tratou entre nós de cousa alguma si não da depreciação desde a data da lei, nunca a ninguem occorreu antes da votação a idéa de ir a escravidão além de 1898, 13 annos contados da data da lei. E agora pergunto eu : e o famoso pacto, e a lealdade reciproca onde pára? Responde o ministerio — é verdade que S. Ex. entendeu assim, mas nós, examinando os termos da lei, pensamos de outro modo.

Mas o pacto ? a transacção já nada explica ?

Conclusão : — Toda a vez que se quizer adiantar a libertação, a lei é o resultado de um ajuste, de uma transacção em que a lealdade não permite tocar : toda a vez que se quizer fazer durar mais a escravidão, o pacto a ninguem embaraça ! Senhores, nem parece cousa séria.

E é deploravel, depois de tudo que se tem passado, depois que a lei forçou a escravidão a durar 13 annos, que não duraria sem ella e talvez não dure a despeito della, é deploravel que o ministerio venha regatear anno e meio de liberdade, só realizavel no fim do seculo !

Eu tenho ouvido dizer, é certo que esta questão não tem importancia pratica, porque a escravidão não durará 13 annos ; a ameaça não chegará a tornar-se effectiva.



Permittão-me uma distincção. Si com isto se quer dizer que a pressão da opinião publica, o desenvolvimento da idéa, a força das circumstancias ha de obrigar o corpo legislativo a votar medidas mais efficazes, que accelerem a libertação, eu o acredito; e um exemplo disso é já a abolição dos açoites, que no anno passado não seria approvada.

Mas, si alguém pretende, que com a lei de 28 de Setembro de 1885, executada como nella se contem, o prazo da libertação geral ha de encurtar-se um dia que seja; quem o affirma, si é sincero, não leu a lei com attenção, si não é sincero, accecenta a zombaria ao emperramento e á crueldade.

Passo ao segundo dos pontos contravertidos, que é tambem de alta importancia: a questão da autonomia do municipio neutro.

Uma cidade como a do Rio de Janeiro, capital da segunda nação do continente americano, séde do governo central e dos altos tribunaes, centro para onde constantemente convergem as illustrações, as actividades, os capitães das outras provincias; tendo um magnifico porto, vehiculo de vasto commercio maritimo: uma cidade nestas circumstancias assume necessariamente grande importancia e tem sempre certa autonomia. Em toda a parte um tal nucleo de população constitue circumscripção administrativa distincta.

Lembro-me de que em certa occasião (não posso precisar datas e nomes porque me refiro á memoria, já fraca), lembro-me de que em certa occasião, no parlamento francez, queixando-se alguém da preponderancia de Pariz, foi-lhe respondido por um grande estadista, si não me engano, Thiers: « Não tenhaes ciume da grandeza de Pariz: Deos creou este grande centro, com a sua alta importancia, para a felicidade de toda a França. »

Porque temos nós ciumes da autonomia da Cidade do Rio de Janeiro, autonomia decretada pelo acto adicional? Até hoje, com a excepção unica das eleições para o Senado, tem ella uma vida autonómica. Os negocios municipaes da capital do Imperio são fiscalizados pelo Governo geral; as leis e auctoridades provinciaes não têm aqui acção nem jurisdicção, e — é importante este facto —, o imposto prohibitivo sobre averbação de escravos, decretado pela assembléa provincial de Rio de Janeiro para vedar que lá entrassem novos captivos, foi sempre applicado aos casos de introdução de escravos vindos da Capital do Imperio.

Porque pois unir agora a cidade de Rio de Janeiro á provincia? Eu não vejo que outro motivo pudesse aconselhar semelhante medida, sinão o desejo, o proposito de embaraçar a libertação da Capital.

A Camara Municipal do Rio de Janeiro emprehendeu um tentamen que, si prosperar, a illustrará mais do que o decreto que lhe deu o tratamento de illustrissima. Pretende libertar a nossa cidade: e que mal poderia vir d'ahi? porque embaraçal-a nesse nobre empenho? A libertação da cidade do Rio de Janeiro seria um exemplo proveitoso de organização do trabalho livre.

Não são só os cafesaes e os engenhos de assucar que precisão de braços; os armazens, os trapiches, o transporte urbano, todo o serviço da cidade emprega muitos milhares de jornaleiros já em grande parte livres, e tornar completamente livre este trabalho não seria um exemplo proveitoso? Que mal faria? Não seria um conselho aos districtos ruraes, para que cada um cuidasse tambem de transformar o trabalho? Não seria um exemplo util, talvez imitado por outras camaras municipaes?

E, si depois da libertação das provincias do Amazonas e Ceará e da libertação quasi completa do Rio

Grande do Sul, começassem as camaras municipaes, uma e outra e outra a conseguir a libertação dos respectivos municipios, o que seria isto sinão actos successivos para uma emancipação gradual, pacifica, dando tempo a cuidar na transformação do trabalho ?

Não vejo na libertação desta Capital sinão vantagens, e este tentamen da Camara Municipal tornou-se impossivel com o regulamento do governo. Não se poderá fechar a matricula.

Nas festas da Camara Municipal tem cabido áquella corporação a grande honra de ouvir dos labios imperiaes palavras de animação : mas quando o chefe do Estado diz aos vereadores : « Prosigão », parece que o nobre presidente do Conselho sorri e diz entre dentes « Veremos ». Parece que, quando no anno seguinte o chefe do Estado diz aos vereadores : « Não esmoreção », S. Ex. murmura á meia voz : « Eu lhes cortarei as azas ». E cortou. Estou longe de censurar a altivez com que o nobre presidente do Conselho governa : todos os partidos precisam de ter alguns homens de igual energia : mas deploro que, quando aquellas palavras imperiaes cahião como balsamo de consolação e de esperança nos corações de algumas centenas de infelizes, animação tão respeitavel não merecesse a honra da referencia do poderoso Sr. presidente do Conselho.

Tenho lavrado o meu protesto, quem sabe si o ultimo ; só para isso levantei-me. »

FIM DA AUTOBIOGRAPHIA

## Nota A

Sinto necessidade, por dever de consciencia, de rectificar em um ponto importante esta historia da escolha do Senador Vergueiro. O Conde de Baependy, velho muito sisudo, publicando uma estatistica das eleições e escolhas de Senadores, declara que encontrou na *Astrea*, jornal que naquelle tempo se imprimia nesta Côrte, a lista triplice de que fallei, e na qual, diz o Conde, era João José Lopes o mais votado.

Confunde-me esta informação, a que entretanto não posso negar credito; confunde-me, porque julgo ter boa lembrança da minha conversação com o velho Vergueiro, em 1852, no armazem da rua Direita, então n. 77, em que commerciavão Ottoni & C. Lembro-me até que rematou a exposição dizendo-me, a babar de gosto: « meu amigo, 24 annos já os logrei ».

Como explicar a rectificação que resulta da estatistica do Conde de Baependy? Devo crer que nos annos decorridos depois daquella conversa a minha imaginação prevenida contra D. Pedro I enfeitasse com circumstancias aggravantes o que me contou o velho? E' apenas possível; mas altamente inverosimil.

Mentio-me o velho Vergueiro? Impossivel: era caracter sisudissimo.

Equivocou-se o Marquez de Caravellas, quando o informou? E' o que mais provavel me parece.

Que Vergueiro estava a morrer, quando foi escolhido,

não ha duvida. Que o sabia Pedro I, é tambem certo : seus medicos da camara tinham assistido á conferencia que o julgou perdido.

O Conselho d'Estado, sendo ouvido, opinou pela escolha, porque sendo Vergueiro chefe da opposição liberal em maioria na Camara, convinha que de lá sahisse : tenho esta informação do mesmo Conde de Baependy, por tradição do pae que era Conselheiro d'Estado.

D. Pedro I naquelle tempo ainda captivado pela M. de S., de certo quereria escolher o primo da amasia, e si acceitou o conselho de preferir o Vergueiro, é porque este ia morrer.

Recordando estas cousas annos depois, o Marquez de Caravellas se equivocaria quanto ao facto de entrar na lista o J. J. Lopes. E' do que fico bem convencido.

---

Fevereiro, 24 de 1889

Acabo de ouvir a uma neta do Senador Vergueiro, que na familia della existe esta tradição — foi escolhido Senador, porque estava para morrer.

## Nota B

Escrevo esta nota em Março de 1887, tendo chegado ao fim do sexto capitulo com a revisão de que fallei no ultimo.

Escrevo-a porque tenho muito a peito que não paire sombra de duvida sobre qualquer ponto da *historia das minhas riquezas*, que compendiei nas paginas 93 e 227 ; ora o primeiro elemento dellas, a fazendinha ou sitio, doado á minha mulher por seus paes, foi-me contestado em 1886, em um incidente desagradavel, de que por consideração de familia não quiz fazer menção na minha auto-biographia.

A legitimidade daquella propriedade, de que tomei posse quando me casei, em 1837 ; que em 1847, morto meu sogro, foi avaliada, entrando á collação metade no inventario feito por minha sogra : propriedade que nessa occasião reuni ás terras e escravos que herdou meu cunhado Joaquim, formando de tudo um só estabelecimento e celebrando com elle, por escriptura publica, sociedade de exploração agricola, como expuz a pag. 89 ; que em commum com o mesmo continuei a usufruir até o anno de 1852 em que a vendemos ao Visconde do Rio Preto ; doação a que sobreviverão, o doador dez annos, a doadora quarenta e oito ; e que por 49 annos não soffreu objecção, duvida ou reparo de pessoa alguma : esta legitimidade foi expressamente negada em 1886, por tres homens, infelizmente meus cunhados.

Foi a triplice aggressão causada por incidentes do inventario de minha sogra, por mim promovido, incidentes relativos a documentos, que authoei, de divida activa do espolio e pelos quaes erão elles responsaveis.

Si tiveram, ou não, motivos para irritar-se, si os provoquei eu, ou cumpri o dever de inventariante, si se houveram ou não com lisura e honestidade, questões de que não devo aqui tratar, assim como julgo conveniente abster-me de toda a apreciação relativa ás intenções e character dos tres; só poderia fazel-o, si publicasse esta nota nos jornaes, para dar-lhes vista. Comtudo, si alguem que acaso me leia quizer julgar por si, consulte os autos (Inventario de D. Theodosia C. V. Maia, 1885, escrivão Assis Araujo).

Negarão a doação que tinha meio seculo de notoriedade, e affirmarão em artigos de jornal e em um folheto, que no inventario de meu sogro, encerrado em 1849, abusando da confiança da familia, prejudiquei e espoliei a viuva meeira e nove co-herdeiros, dos quaes cinco em menoridade.

Estas imputações me parecião na occasião por tal modo absurdas, que desdenhei refutal-as: mas depois tenho reflectido, que podem ellas ter impressionado algumas pessoas, porque se basearão, embora com sophismas, em citações verdadeiras dos autos de 1849. E não quero deixar sombra de duvida sobre a inteira bôa fé e a isenção de animo com que recebi os bens (terra, cafesal, escravos) que a meu sogro e a minha sogra approvou doar á sua primogenita e predilecta, que fiz companheira de minha vida.

Predilecta de seu pae, até a morte delle, e ainda mais de sua mãe, que tambem a mim considerou sempre menos genro do que filho querido. Foi a minha casa, que entre as de sete filhos, todos estabelecidos, ella pre-

ferio para residencia nos seus ultimos 30 annos ; foi no seio de minha familia que encontrou os desvelos que reclamava a sua idade, a affeição e respeito que merecia ; forão nossos cuidados (consigno-o com ufanía e orgulho) que lhe prolongarão a vida até 80 annos, soffrendo desde os 70 ou já de mais tempo séria affecção cardiaca. De todas estas circumstancias darão testemunho todas as pessôas que tiverão relação com minha família, e entre ellas os Drs. Marinho, Vieira de Andrade e Feijó Junior, que tratarão da bôa velhinha.

Exporei sem ambages as allegações em que assentarão a feia imputação, e que não sei si a alguém parecerão plausiveis.

Desenterrados da poeira de 37 annos os autos do inventario de meu sogro, verificou-se que o processo fôra encerrado com irregularidades notaveis ; não se lavrou termo de publicação da sentença que julgou a partilha ; não foi ella intimada aos interessados ; não assignarão os herdeiros quitações nos autos ; não foi exonerada a Inventariante ; não se prestou contas nem da tutella dos menores, nem da testamentaria : esta ultima foi prestada annos depois ; a da tutella nunca (Testamenteiro e Tutor Joaquim Maia).

Mais ainda : uma decisão, que me aproveitou, parece não ter sido legal. Excedendo em cerca de 900\$000 a meia doação á legitima verificada mandou o Juiz, á requerimento do meu Advogado Saldanha Marinho, fosse a differença deduzida da terça ; o que dizem agora habeis lettrados, sómente seria conforme a lei, si tivesse a doação sido *insinuada* : assim pensa, além de outros, o Conselheiro A. J. Ribas, que recentemente consultei.

Não podendo nem querendo negar estes defeitos, deveria eu occupar-me em demonstrar a minha bôa fé ? Parece-me desnecessario : vejamos si me enganei.



Quanto ás irregularidades dos autos, o que provão ellas?

Erão interessados, além dos cinco herdeiros menores: a viuva meeira, senhora de 44 annos, inventariante; tres filhos naturaes maiores de 40 annos, legitimados em testamento; o herdeiro maior J. J. de Araujo Maia, instituido 1.<sup>o</sup> testamenteiro e tutor dos menores, encargos que acceitou; dos cinco menores, tres tinham mais de 14 annos e derão procurações ao Advogado. Prejudiquei a todos e nem um delles o percebeu no espaço de 37 annos? Manifesta insensatez: é da maior evidencia, que as irregularidades dos autos provierão de ter-se feito a partilha amigavelmente, em casa, a contento de todos, tomando cada um posse do que lhe tocou e não se lembrando nenhum de nós de quitações judiciaes. Está autoada a minuta, por minha letra, desta partilha amigavel, requerendo-se que a ella se cingissem os partidores.

Consideremos em separado o despacho relativo á differença entre a meia doação e a legitima.

Julguei que ainda a este respeito não precisava justificar a boa fé com que procedi: calei-me. Mas convem-me consignar nesta nota certas inverosimilhanças.

Tenho de idade quasi 76 annos: deduzidos os da infancia, os da frequencia de aulas e alguns intervallos de inacção, a minha vida activa se compõe de tres periodos distinctos, em cada um dos quaes demonstrei sempre que me preoccupa idéa mais nobre do que a do dinheiro, sendo-me secundario todo o pensamento de vantagem pecuniaria.

1.<sup>o</sup> Fui por 21 annos Professor da Escola Naval, então chamada Academia de Marinha. Com os meus compendios consegui reformar em todo o Brazil o ensino das Mathematicas Elementares que encontrei modelado pelas formulas de Bezout, já então antiquadas. Esta reforma

dura ha mais de 30 annos e ha de viver mais do que eu: sobre a idéa secundaria dos lucros, que aliás auferi, leia-se á pag. 90 e 91 deste livro.

2º Deixando a Escola Naval, dediquei dez annos á direcção e construcção da Estrada de Ferro de D. Pedro II, cabendo-me a satisfação de resolver o problema da viação, que da Córte, transpondo a Serra do Mar, irradia pelos valles do interior. Durante esta gestão passarão pelas minhas mãos, com algum poder discrecionario, mais de trinta mil contos, capital e rendimentos; e em 1865 retirei-me, graças a Deus, com as mãos limpas: todos hoje o reconhecem, inclusive os meus desaffectedos.

3º periodo — é o da minha vida parlamentar: fui Deputado em nove sessões legislativas, e ha sete annos tenho assento no Senado. Em commissões e na tribuna me tenho occupado de grandes interesses publicos; e nunca alguém notou, advogasse eu medida, que directa ou indirectamente pudesse interessar-me. Recusei duas vezes a pasta da Marinha, uma vez a da Agricultura; em 1883 fui nomeado Conselheiro d'Estado, e declinei da acceitação, sempre por motivo de conveniencia: não me parecia que nessas posições pudesse bem servir a meu paiz.

Ora, quem dá de seu character estas provas na virilidade, na idade madura, na velhice, póde crer-se que aos 26 annos, na quadra das illusões generosas da mocidade, se prostituisse por amor de 900\$000?

Segunda e maior inverosimilhança resulta das disposições de animo dos tres irmãos. Dous, Joaquim e João, forão meus amigos até 1872 e não sem razão me dizião seu protector; o terceiro (Honorio) escrevendo recentemente que desde menino se arredou de mim, traduziu a seu geito a antipathia, que desde a sua infancia me inspirou: os tres, quasi analphabetos, nunca tiverão occupação ou preoccupação que não fosse de ganhar di-

nheiro. Entretanto, assim escravos da cubiça, nem os dous nos 23 annos de amisade, 1849—72, nem nos 14 de subsequente inimisade, 1872—86 (sempre por questões de dinheiro); nem o meu eterno antipathico em 48 annos <sup>(1)</sup> de desaffeição, 1838—86, nem um delles percebeu que em 1849 eu os tinha lesado! não o tinha percebido tambem a viuva meeira e os tres herdeiros maiores de 40 annos!!! Estes quatro morrerão antes da mirifica descoberta!!!

E' clarissimo, que em 1849 tudo se fez a contento e com annuencia dos interessados, respeitando todos a integridade da doação feita pelos nossos velhos á sua primogenita.

E é tambem evidente que agora desrespeitão a memoria de seus paes: as causas estão, repito ainda, nos autos do inventario de D. Theodosia Maia, 1885, Escrivão Assis Araujo.

Até aqui as provas concludentes do absurdo da aleivosia têm sido indirectas. Ajuntarei uma directa, que não commentarei para poder conservar-me no proposito de não qualificar intenções e caracteres: que os definão os factos, é natural; mas nada de phrases.

Em 1865, dezoito annos depois da morte de meu sogro, dezeseis depois do encerramento do seu inventario, despachos de um Juiz em correição compellirão o então *meu amigo* J. J. de Araujo Maia a prestar contas da testamentaria, o que fez pelo meu intermedio, mandando-me do Mucury a sua procuração. Para servil-o, zelando-lhe a reputação, sollicitei e facilmente obtive dos co-herdeiros, todos de ha muito maiores, dos legatarios e da viuva meeira declarações assignadas de que cada

---

<sup>(1)</sup> Toda a sua idade: desde a sua infancia lhe reconheci pessima indole.

um recebera em tempo o que lhe tocou e nada tinha a reclamar. Com estes documentos prestei as contas, julgadas por sentença de 30 de Junho de 1865, que exonerou da responsabilidade *o meu amigo* e bis cunhado J. J. de Araujo Maia: existem os autos no cartorio da Provedoria em Valença, e uma certidão extrahida delles foi por mim publicada no *Jornal do Commercio* de 19 de Novembro de 1886.

Contas liquidadas, não se esqueça, em 1865.

Comtudo, *o amigo* que eu então servira dedicada-mente, tornado inimigo e informado em 1886, erradamente, que os autos das contas estavam perdidos, teve a *coragem* de escrever no *Jornal* de 1º de Outubro de 1886, e assignar com todas as letras do seu nome o que abaixo copio: disse mal, tenho vergonha ou nojo de escrever aquellas cousas por minha letra; vá aqui grudado o pedacinho do *Jornal*:

« Devo ainda dizer que não ha em cartorio  
« autos de prestação da conta da testamentaria  
« do meu fallecido pae; as quitações que o Sr.  
« Senador andou pedindo em meu nome aos di-  
« versos herdeiros, com a *clausula de nunca recla-*  
« *marem contra a partilha*, ficarão com S. Ex. para  
« o que *désse e viesse*; tal foi sempre a sua poli-  
« tica de previsões, como confessa.

« Cumpre que o Sr. Senador restitua taes  
« quitações aos herdeiros de quem extorquio-as.

« Protesto contra os abusos que o *imperterrito*  
« genro praticou no inventario do sogro e não  
« quero que os herdeiros se julguem adstrictos  
« áquella clausula, que no caso foi até uma inde-  
« cencia que o Sr. Senador delles sollicitou, in-  
« vocando abusivamente o meu nome. »

Abundou no mesmo sentido o *digno* mano Barão, publicando e commentando a carta em que eu lhe pedira a quitação para prestar as contas do *dignissimo* mano.

Ajunto, para completo esclarecimento, um exemplar do meu artigo de 19 de Novembro de que fiz tiragem avulsa.

### « Ao Publico

(Do *Jornal do Commercio* de 19 de Novembro de 1886)

« Rendo homenagem á opinião do meu paiz, expondo em transumpto uma questão, hoje finda, em que o meu nome andou envolvido, no fôro e na imprensa.

« Foi confirmada na instancia superior a sentença que approvou a partilha, no inventario por mim promovido, do espolio de minha sogra a Sra. D. Theodosia Maia, de saudosa memoria. E, pois que a quantia, objecto do recurso, cabe na alçada da Relação, posso considerar a sentença passada em julgado.

« Neste processo derão motivo a controversias, unicamente os documentos relativos a dividas de dous coherdeiros.

« A primeira no valor de 1:800\$000, o meritissimo Juiz do inventario mandou que entrasse á collação; e a appellação interposta deste despacho foi desprezada na instancia superior por duas decisões unanimes.

« A segunda na importancia de 3:159\$030 foi objecto de contestações, que o illustrado julgador considerou dependentes de alta indagação, e remetteu para o fôro commum; decisão de que não appellei, apesar de que a insolvencia da divida em minha opinião, ficou provada.

« Préviamente me tinha compromettido a submetter-me em tudo á apreciação do distincto magistrado, perante quem litigava.

« A proposito da discussão destes dous pontos, unicos litigiosos, os irmãos Araujo Maia despejarão sobre o meu nome uma catadupa de impropérios e insultos, começados nos autos, desenvolvidos em uma brochura de que fizeram larga distribuição, repetidos em artigos de jornal assignados; adubada a diatribe com a *descoberta* que agora fizeram, de que ha quarenta e nove annos, quando me casei, apossei-me de bens (terra, cafesal, escravos) que não me pertencião: e que ha trinta e sete annos, por occasião do inventario de meu sogro, prejudiquei e espoliei a viuva e os nove co-herdeiros, dos quaes cinco em menoridade.

« Em meu primeiro protesto recusei discutir essas *sisudas* imputações; mas depois, recrudescendo as decomposturas, em um momento de irritação, que não perdurou, cheguei a formular esta promessa: « *terminada a questão forense porei os pingos em todos os ii* ».

« Hoje, chegada a opportunidade, reconsidero aquelle proposito, e volto á primeira posição: nada refuto, de nada me defendo, a nada retalio. Tenho a *immodestia* de crer que o zelo da reputação póde limitar-se ao protesto que assignei no *Jornal* de 24 de Setembro e cuja conclusão confirmo nestes termos; discutirei tudo si fôr chamado a juizo, ou pelas *injurias* recentes, ou pelo antigo *estellionato*, de que não allegarei prescripção.

« Sobre um unico ponto edificarei desde já o publico.

« Escreverão os tres irmãos, e repetiu o Sr. Major J. J. de Araujo Maia no artigo que assignou no *Jornal* de 1º de Outubro: *que eu fingi querer substituir-me a S. S. para dar contas da testamentaria de seu pae e meu sogro; que com esta simulação andei pedindo em seu nome quitações aos co-herdeiros; que taes contas nunca forão prestadas; que as quitações ficarão em meu poder, resalva cautelosa*

*contra reclamações que eu temia, não me fiando na prescrição.*

« Articularão sobre este thema grossas injurias que já não me irritão.

« Mas quem as leu convem que leia o seguinte documento :

« Illm. Exm. Sr. juiz provedor da comarca de Valença.

« O Senador C. B. Ottoni precisa, a bem de seu direito, que o escrivão deste juizo lhe certifique em relatorio :

« 1.<sup>o</sup> — Si existem no competente archivo os autos das contas, prestadas em 1865, da testamentaria do capitão Joaquim José de Araujo Maia, morto 18 annos antes, em 1847.

« 2.<sup>o</sup> — Si consta que taes autos tenham estado em qualquer tempo em poder do supplicante, ou extraviados do cartorio.

« 3.<sup>o</sup> — Si dos mesmos autos constão os seguintes actos ( Omittem-se aqui os membros deste item porque estão especificados na certidão. )

P. a V. Ex. etc. etc.

« Certifico que em obediencia ao respeitavel despacho exarado na petição retro, quanto ao 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> *itens* —  
« Que em meu cartorio se achão archivados os autos de prestação de contas testamentarias do finado Joaquim José de Araujo Maia, não constando que estivessem em poder do supplicante.

« Quanto ao 3.<sup>o</sup> *item*. Que dos mesmos autos consta, quanto ao 1.<sup>o</sup> membro deste *item*. Que o 1.<sup>o</sup> testamenteiro Joaquim José de A. Maia Junior que em 2 de Janeiro de 1847 aceitou a testamentaria, foi intimado a 12 de Maio de 1851, 8 de Novembro de 1852 e 8 de Janeiro de 1853, o que se verifica pelas certidões

« de fls. 4 e 5 do official de justiça Agostinho José da  
« Silva e certidão do escrivão José Francisco de Araujo e  
« Silva á fl. 4, não existindo porem os mandados aos quaes  
« as ditas certidões se referem, e sem declarar as ditas  
« certidões o motivo das intimações, o que me inibe de  
« certificar, si essas intimações forão feitas para que o  
« 1º testamenteiro prestar contas (¹).

« Quanto ao 2º membro do 3º *item*. Que por despa-  
« cho de 5 de Fevereiro de 1853 *foi pelo juiz de direito em*  
« *correição Dr. Siqueira removido o 1º testamenteiro e orde-*  
« *nada a intimação do 2º D. Theodosia Maia, a qual não*  
« *foi intimada por se ter mudado deste municipio, o que*  
« *se verifica etc. etc.*

« Quanto ao 3º e 4º membros do *item* que por despacho  
« de 31 de Outubro de 1864 do juiz provedor Dr. J. J. do  
« Amaral, *a requerimento do Dr. promotor fiscal foi expe-*  
« *dida precatória para a Côte afim de ser alli intimado o 3º*  
« *testamenteiro, o Exm. Sr. Conselheiro C. B. Ottoni para*  
« *vir aceitar a testamentaria e prestar as respectivas con-*  
« *tas, e que comparecendo o mesmo em juizo — petição de*  
« *fl. 9 — requereu o prazo de 90 dias afim de que o 1º testa-*  
« *menteiro J. J. de Araujo Maia pudessè terminar a dita*  
« *prestação de contas, o que não tinha feito, devido á distan-*  
« *cia em que se achava no Mucury, prazo que lhe foi con-*  
« *cedido por despacho de 7 de Dezembro de 1864 e que*  
« *foi mais tarde prorogado por mais 60 dias por despacho de*  
« *17 de Março de 1865 a requerimento do supplicante.*

« Quanto ao 5º Que a fls. 12 e 13 dos referidos autos  
« existe uma petição do supplicante e *uma procuração do*  
« *1.º testamenteiro, que se acha a fl. 15, autorisando-o a pre-*  
« *star as mencionadas contas, na qual petição proferio o juiz*

(¹) Que foi esse o objecto das intimações prova o despacho do juiz de direito A. J. de Siqueira.



« provedor o despacho seguinte : — A. com os documentos,  
« dê-se vista ao Dr. promotor fiscal.

« Quanto ao 6º Que os documentos são os seguintes :  
« uma petição e certidão a fls. 16 e 17 referente á divi-  
« são da terça pelos herdeiros ; quitações particulares de  
« fls 18 a 22 ; um instrumento de quitação a fl. 23, uma  
« justificação de fl. 25 a 36 ; dous recibos, fl. 37 e 38 e  
« uma declaração a fl. 39.

« Quanto ao 7º que essas declarações <sup>(1)</sup> *contem a*  
« *affirmativa que cada um recebeu o que lhe tocou e que davão*  
« *plena e geral quitação ao testamenteiro Joaquim José de*  
« *Araujo Maia.*

« Quanto ao 8º finalmente. Que sentença que julgou  
« cumprido o testamento é de teor seguinte :

« Julgo cumprido o testamento etc. e exonero o tes-  
« tamenteiro etc. etc. — Valença 17 de Novembro de 1886  
« ( assignado ) o escrivão privativo da provedoria — *Gau-*  
« *dencio Cesar de Mello.* »

Será preciso commentar ?

C. B. OTTONI.

Rio, 18 de Novembro de 1886.

N.B. Nenhuma resposta.

---

(1) Estão entre ellas as de cinco co-herdeiros, que com o 1.º e 3.º testamenteiros representavão todos os filhos legitimos do testador. Os cinco são menores na occasião do inventario tendo por tutor seu irmão major Joaquim Maia ; mas estavão de ha muito emancipados, quando assignarão as quitações para a prestação das contas.

## Nota C

Não me faltão sómente qualidades de caracter e de temperamento : não possuo a solida instrucção necessaria a quem assume a responsabilidade do governo.

Não vae n'isto affectação de modestia : sei que tenho intelligencia clara, inda que um pouco tardia ; mas a cultura foi imperfeitissima. Si eu me julgasse um talento fóra de linha, applicar-me-hia estas palavras de Sainte-Beuve :

*« Les talents les plus libres et les plus originaux ne deviennent parfaits que s'ils ont eu une discipline première, s'ils ont fait une bonne rhétorique »*

Eis ahi a minha desculpa : si fallando ou escrevendo fui mediocre é porque em moço não fiz a minha rhetorica.

## Nota D

### UMA IMITAÇÃO DE BOCAGE

A' lucta pela existencia  
da existencia um terço dou.  
Outro terço a restaurar-me  
em placido somno estou.

Para o prazer resta um terço :  
oito horas votadas são  
á esposa, á prole, aos amigos,  
aos gozos do coração.

## Nota E

Quando citei a venda dos meus livros como um dos elementos do protesto que lavrei de fl. 90 a fl. 99, a extracção não estava concluída e liquidada, como observei em diversas notas parciaes. Reunindo-as agora, aqui consignarei a conta final e exacta. Vendi :

Da Arithmetica	6.000 exemplares a 2\$500...		15:000\$000
» Algebra	9.000 » a 2\$500...		22:500\$000
» Geometria	9.000 » a 4\$500...		40:500\$000
	Producto bruto.....		78:000\$000
	Commissão dos livreiros 20 % .....		15:600\$000
	Liquido.....		62:400\$000
	Venda da propriedade da Arithmetica	4:000\$	
» » »	» Algebra....	2:500\$	
» » »	» Geometria .	10:000\$	16:500\$000
	Total.....		78:900\$000

quantia sugeita somente á despeza das impressões, de que não tenho notas, mas que não podia subir a 20 contos. Derão-me pois os meus compendios uma remuneração pecuniaria de cerca de 60 contos de réis liquidos, muito inferior ao que vale a reputação que me crearão: não creio que haja nestas palavras immodestia.

## Nota F

Julho de 1889. A minha reflexão sobre o supposto suicidio de Claudio Manuel da Costa foi, ha mezes, por mim communicada á *Gazeta de Noticias* que a publicou em secção editorial e não soffreu contestação alguma.

Entretanto a 3 ou 4 deste mez, commemorando o Instituto Historico o centenario da morte do poeta, foi lido com solemnidade, dizem os jornaes, o famoso auto de corpo de delicto que J. Noberto descobrira, e segundo elle prova o suicidio ; não o publicarão.

O Imperador é fundador e presidente honorario do mesmo Instituto e assiste ás sessões : perante S. M. I. os historiadores cortezãos não podião reconhecer que sob os auspicios da Augusta Bisavó foi o illustre inconfidente assassinado na prisão. *Assim se escreve a historia.*

## Nota G

### Decretação e construcção de estradas de ferro

A opinião que sigo sobre o assumpto da epigraphe, resultantes da minha experiencia na Estrada de Ferro D. Pedro 2º e da observação das construidas entre nós por companhias estrangeiras, e do modo de decretação de cada uma dellas, estas opiniões sinto necessidade de o tornar saliente, são antigas e robustas: a ellas tive de alludir, registrando a minha autobiographia, no capitulo 7º escripto em 1871 pag. 95 a 140 ; no capitulo 11º composto em 1873 pag. 208 e 209 ; no 13º de 1876 pag. 219 a 228 ; no 16º que só conclui em 1885 pag. 255 ; e em diversos discursos no Senado, notadamente os de 14 de Julho de 1880 e 12 de Setembro de 1882. Veja-se bem, portanto, que não imagino theorias, applicaveis na occasião a algum juizo preconcebido.

A procedencia das minhas apreciações está em vespers de receber uma contra prova, tão triste quanto concludente, triste porque se traduzirá, si não me engano, em grande compromisso do nosso magro Thesouro. Refiro-me á questão que se discute neste momento (Abril de 1887) no Foro Administrativo, a proposito da caducidade do contracto celebrado com a Companhia ingleza *D. Pedro I Railway* para construcção de uma estrada de ferro entre Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

## §

Trouxe para Petropolis, em doze brochuras, tudo o que me consta se tenha publicado a este respeito no Rio de Janeiro ; e ha cerca de dous mezes quebro frequentemente a monotonia da vida que aqui vivo, occupando-me com este estudo : conduziu-me elle ás seguintes conclusões, bem desconsoladoras :

1. O Governo Imperial, na decretação da garantia de juros e contracto com a Companhia, commetteo erros, que havemos de pagar caro.

2. A Companhia, no monstruoso ajuste de empreitada que celebrou com os Srs. *Hugo Wilson and Son* demonstrou que não cuidava de organisar empresa seria de viação, mas especulação financeira e jogo de Bolsa, com o fim de enriquecer o concessionario, arredondar as fortunas dos organisadores, repartindo os lucros com os empzarios, e sendo todos indifferentes á sorte futura dos accionistas.

3. Os engenheiros que fiscalisarão os estudos preliminares, mostrando bastante proficiencia technica, entretanto se deixarão dominar por notavel ciume profissional com os da Companhia, e formulando exigencias não authorisadas pelo contracto, induzirão o Governo Imperial a erro que aggravou o da decretação extemporanea da garantia.

4. O Decreto de 24 de Dezembro de 1886, estipulando a caducidade da concessão, é arbitrio injustificavel.

5. Tudo se teria evitado si o Governo Imperial não violasse, como violou em ponto essencial, o art. 7º § 1º da lei de 30 de Outubro de 1882.

## §

Estou persuadido que o Thesouro ha de pagar, e pagar grandes sommas : porque o especulador inglez, quando tem direito a cem contos, não se contenta com menos de mil : *tem sempre muito com quem reparta*. Inspire Deos o ministerio para que por ajuste amigavel ou por arbitramento, resolva a questão antes que intervenha a Legação Britannica, impondo-nos humilhações semelhante a do caso—*Wharing Brother and Company*.

Não pretendo publicar este meu parecer, nem o exporei no Senado. Além das razões de silencio que expuz no ultimo capitulo da minha autobiographia accresce que nem me apraz imaginar sophismas para defender o Governo que na minha opinião andou errado, nem hei de quebrar lanças contra o Thesouro, em favor da garantia ingleza. Ficarão aqui consignadas as minhas reflexões como subsidio á historia da nossa Administração Publica, e talvez lição util a futuros administradores, si é que este ultimo pensamento não é uma inspiração do meu orgulho.

E' tempo de encetar a demonstração das theses que annunciei no § precedente.

## §

Decretar uma estrada de ferro que ha de immobilisar importante capital, sem algum estudo no ponto de vista technico, no commercial, e no caso de visinhança da fronteira, tambem pelo estrategico, não é acto de boa prudencia. Mas quando se compromette a fortuna publica, limitando-se o Governo a authorisar a construcção, pode esperar-se que os capitaes privados não se associem sem algum exame da necessidade da linha e de seus



recursos de trafego, e convem deixar-lhes alguma liberdade.

Mas, a meu ver, é erro prometter-se auxilios pecunia-rios, subvenção ou garantia de juros, sem estudar definitivamente o projecto, levando as operações até o orçamento inclusive e fixação do capital á garantia.

Parece-me erro ainda maior confiar o traçado a emperezarios de construção (individuos ou companhias) que, especulando com a garantia, têm interesse em exaggerar o orçamento.

Este ultimo erro não deixa de o ser, por estar consignado em regulamento promulgado pelo habil engenheiro Buarque de Macedo. Homero dormitou.

### §

A linha adjudicada á Companhia *D. Pedro I Railway* entre as provincias de Santa Catharina e Rio Grande do Sul tinha sido authorisada a 10 de Fevereiro de 1871 sem subvenção nem garantia de juros : a 24 de Setembro de 1872 fora organisada em Londres uma companhia com o capital de £ 50.000, *para comprar a concessão*.

Por espaço de treze annos esta companhia não instituo o minimo estudo tecnico, não mandou ao terreno um engenheiro : limitou-se a esperar, ou pleitear na arena official a garantia de juros, mostrando-se especulação financeira, não empreza de viação. Prova-o o proprio algarismo do capital, por insignificante : só não seria ridiculo, si o destinassem a estudos technicos da linha projectada.

Mas o nosso Governo, que exames instituo para conceder a intrigada garantia ? nenhum absolutamente. A companhia, os emperezarios, e o concessionario dizem que o projecto fora estudado e discutido por 16 ou 20

annos ; mas isto não é exacto. Não se instituiu exame algum technico, nem estatístico, nem politico : limitaram-se os que da questão se occupavão, a repetir em coro ou em variados tons o que dissera o pretendente á concessão, isto é, que as difficuldades da Barra do Rio Grande recommendão uma communicação terrestre entre aquella provincia e o resto do Imperio. Idéa que por vaga e indefinida não podia ser base dos serios compromissos que assumio o Governo Imperial. Cumpria mandar traçar a estrada de ferro, estudal-a no ponto de vista technico, economico, estrategico, orçal-a, fixar o capital necessario ; só então se poderia julgar si o projecto offeria vantagens que lhe compensassem os onus.

Decretar antes disto a garantia é repetir o abuso que tem duplicado e triplicado o custo de diversas linhas e animado a construcção de algumas que peção e pezarão indefinidamente sobre o Thesouro.

## §

Devo dizer, que desta vez o erro não partio do Corpo Legislativo : foi só da administração publica. A lei de 30 de Outubro de 1882, art. 7º § 1º authorisou operações de credito para fazer effectiva a garantia ; mas accrescentou : *mandando* (o Governo) *proceder previamente os necessarios estudos, por conta do mesmo credito*. O limite de £ 4.000.000 foi imposto, não a concessionario nem companhia, mas ao governo, que devia *previamente* mandar fazer os estudos para fixar o capital garantido : prescripção imperativa, que envolve o reconhecimento expresso de que não havia base para a decretação, e firma o principio são dos *estudos previos*. Cumprisse-a o Governo Imperial ; expedisse por conta do Thesouro a mesma commissão technica, que depois á custa do capital garantido

fiscalisou os engenheiros da companhia ; e si essa commissão verificasse, como depois verificou, que a construção não tem razão de ser, a unica perda seria o custo dos estudos, que aliás terião a vantagem de offerecer muitas informações uteis sobre as duas provincias.

Em vez disto o Governo decretou a 13 de Janeiro de 1883 garantia de juros para uma estrada de ferro, cujo ponto de partida não determinou, o que importa não determinar a extensão nem o custo, e na ignorancia completa de seu valor commercial e de sua importancia technica e estrategica.

Applicou indevidamente á companhia o limite de £ 4.000.000 que a elle governo fôra imposto : e quando era claro que em frente deste algarismo se havião de escancarar as avidas fauces dos especuladores, sem vista alguma de interesse publico, encarregou-os tambem de irem elles proprios fixar a gorda somma que cubiçavão. Julgou talvez poupar o Thesouro, lançando sobre o futuro capital da companhia a importancia dos estudos ; e duplicou-a, mandando collocar numerosa Commissão Fiscal ao lado dos engenheiros que na forma do contracto tinhão de traçar a linha.

Esta decretação, inopportuna, foi origem de notaveis anomalias, que assignalarei.

§

A minha primeira these — erro na concessão da garantia — parece-me bem provada ; e tambem incidentalmente a quinta, effeitos da violação da lei. Sobre esta comtudo addirei algumas reflexões. A Commissão Fiscal demonstrou proficientemente que o projecto encarado pela face economica, seria *um desastre*.

A exportação do Rio Grande do Sul, composta quasi exclusivamente de cereaes e dos productos da rez, não

poderia supportar, além do transporte por agoa até Porto Alegre e baldeação allí, mais o frete de 559 kilometros de via ferrea para vir embarcar no Desterro, abandonando a barra do Rio Grande, cujas difficuldades, aliás sérias, no que toca ás mercadorias que entrão ou sahem apenas traduzem se no augmento de 1 ou 2 % no seguro maritimo.

A pequena producção de cereaes das colonias de Sta. Catharina tem quasi toda sahidas relativamente fa- ceis pelos rios e cabotagem ; ser-lhe-hia muito onerosa a exportação pela estrada de ferro.

Os Fiscaes concluem que com tal empreza só lucra- rião os emperezarios da construcção ; e nisto se engañão : lucrarião tambem o concessionario, os organisadores da companhia e os intermediarios que porventura hajão empregado. Mas nada lucraria o nosso paiz, nem os accionistas, que terião de deduzir dos 6 % garanti- dos o deficit do custeio com serio prejuizo de seus divi- dendos.

### §

Para o descalabro das esperanças dos accionistas muito concorreria a exaggeração do custo das obras, con- sequencia da venda da concessão em Londres. Do que nos dá mais um especimen o relatorio dos estudos preli- minares, dizendo sob a epigraphe — *estimativa do custo provavel* :

« Adoptando-se o porto de S. Francisco como ponto inicial, a estrada de ferro terá 747 kilometros de per- curso até Porto Alegre e inclusive as obras necessarias dentro do porto, o custo total excederá approximadamente 20 % o maximum do capital garantido.....

« Adoptando-se o porto de Sta. Catharina, o percurso será entre Armação e Porto Alegre 559 kilometros.....

« Comtudo o custo total da estrada de ferro com as indispensaveis obras dentro do porto não excederá o maximum do capital garantido. »

Ponhamos estas estimativas em trocos miudos.

As £ 4.000.000, ao cambio de 21  $\frac{1}{2}$  que é o do dia em que escrevo este trecho, equivalem a rs. 44.651:162\$000, custo provavel, dizem, partindo a estrada do Desterro.

Ajuntando 20 % será de rs. 53.581:394\$000 o dispendio, suppondo o ponto inicial em S. Francisco.

O relatorio não nos dá orçamento das obras hydraulicas: admittindo que custem rs. 3.500:000\$000 as de S. Francisco e rs. 7.000:000\$000 as do Desterro, que, dizem, serão muito mais dispendiosas, restarão

no 1º caso, rs. 50.081:394\$000 para 747 kilometros de estrada de ferro: media kilometrica rs. 67:043\$000.

no 2º rs. 37.651:162\$000 para 559 kilometros, ou por kilometro rs. 67:354\$000.

Podemos pois dar por averiguado que os agentes da *D. Pedro I Railway Company* contavão dar-nos a estrada á razão, pouco mais ou menos, de rs. 67:000\$ por kilometro.

A linha não atravessa cordilheira alguma, pois foi mandada locar *entre a Serra Geral e o Oceano*: apenas transpõe divisas d'agua secundarias, que todas morrem na planicie mais ou menos longe da costa.

Em terrenos que não parecem menos accidentados, como os da provincia do Rio de Janeiro e do Norte de Minas, temos construido com a bitola de um metro, por 24 a 26 contos de custo kilometrico. E o Sr. Dr. Galvão de Queiroz, em um estudo interessante que está publicando, admitte em suas formulas o preço de 30 contos como media segura. Mas, parece que é grande honra ter estrada construida por companhia ingleza, com directoria em Londres; e devemos pagar bem cara tal distincção.

Deixando a ironia, reconheço a vantagem de attrahir e importar capitaes estrangeiros ; mas seria de desejar que fossem menos usurarios.

## §

A inefficacia estrategica está tão bem averiguada como a pobreza do trafego esperado. A linha, parallela e em alguns pontos proxima á costa, ficaria exposta em todos os logares (e ha varios) em que a mesma costa é accessivel, á um golpe de mão de inimigo externo.

Em cinco annos de lucta com o Paraguay, nunca a barra do Rio Grande oppoz obstaculo invencivel á entrada de tropas, munições e material de guerra. Dado caso analogo, si o nosso inimigo tivesse força maritima para bloquear a barra do Rio Grande, com mais facilidade bloquearia a de Sta. Catharina, donde aliás nada haveria para expedir-se si não o que por agoa lhe fosse mandado do Rio de Janeiro : não temos para alli communicação terrestre.

Assim a demonstração de que a estrada de ferro não deve ser construida é muito concludente : a este respeito a leitura do relatorio do Sr. Dr. Firmo J. de Mello não pode deixar duvidas em animo desprevenido. Mas tal demonstração veio fóra de tempo : devera ter sido estudada e deduzida previamente, a custa do Thesouro, como determinara a lei de 30 de Outubro de 1882, art. 7º § 1º Fosse esta disposição executada, e se terião evitado todos os embaraços actuaes, porque a garantia de juros não teria sido decretada.

## §

Passo á minha segunda these, que é uma critica da companhia ingleza. Si esta cuidasse seriamente de organizar uma empresa de viação ferrea, teria mandado en-

genheiros habeis, conscienciosos, bem pagos, que por administração e por conta do capital estudassem, traçassem, orçassem a linha, adjudicando a empreiteiros a construção de cada secção em que os estudos definitivos estivessem completos e approvados pelo governo. Assim pagarião por seu justo valor as obras executadas.

Applicado este processo pela companhia nacional, a cujo cargo estava a estrada de ferro de D. Pedro 2º somente a extensão de Belem até Entre-Rios custou 5 a 6 mil contos menos, do que absorveria o methodo inglez de contracto em globo, celebrado ás cegas em Londres : é facto muito averiguado, e hoje não contestado por pessoa alguma.

Em toda a linha a differença havia de exceder a 10 ou 12 mil contos de reis.

Apreciemos porém o que fizerão os directores da *D. Pedro I Railway Company*.

Seu unico acto consistio em contractar com a firma *Hugh Wilson & Son* uma empreitada em que lançarão sobre elles todos os riscos, todas as eventualidades de perda, procedentes dos gastos preliminares, da emissão de acções, de estudos, de construção, de tudo. A firma emprezaria, alem de obrigar-se a construir a estrada e fornecer tudo o que ella exige, assumio toda a sorte de responsabilidades, em ordem a ficar liquido o pagamento ao concessionario, seguros os lucros dos organisadores da companhia, pagas as corretagens ; n'uma palavra, salvas todas as pechinchas projectadas sobre a base da extemporanea decretação da garantia de juros.

Typo de empreitada que me causa assombro, e que só por si demonstra o que em outro logar affirmei, isto é, que os *directores da companhia não pensavão em empreza de viação, mas em especulação financeira e jogo de bolsa, sem a minima preocupação pela sorte futura dos accionistas.*

## §

A posição que assumirão os emprezarios, bem considerada, completa a demonstração.

Obrigarão-se a construir uma estrada de ferro, de que não conhecião nem o ponto de partida, nem a extensão e custo, mesmo approximados, nem os accidentes da topographia, nem o custo da aquisição do terreno e indemnisações, nem typos de obras d'arte ou de material fixo e movel, nem especificações de construcção; tudo vago e indeterminado.

Como se tal empreitada já não fosse por demais aleatoria assumirão *Hugo Wilson & Son* as seguintes obrigações :

1ª Pagar as despesas preliminares, cuja somma o contracto não fixa nem limita; e mais (isto parece caracteristico) « *tudo o que for relativo á approvação do seu contracto pelo Governo Imperial e (se for preciso) todas as outras authoridades necessarias no Brazil.* (Cl. 1).

2ª Carregar com todas as despesas dos Engenheiros Fiscaes que o Governo nomeasse como que as arbitrasse e regulasse o mesmo Governo. (Cl. 2).

3ª Sugeitar-se a qualquer redução do capital garantido. (Cl. 7).

4ª Aceitar em pagamento titulos da Companhia ao par, supportando o effeito de qualquer baixa nas cotações. (Cl. 9).

5ª Indemnizar a Companhia de todas as despesas de suas emissões annuncios, corretagens, sellos, etc. (Cl. 16).

Assumem toda a sorte de riscos e responsabilidades sem bases para orçal-as. E a compensação pecuniaria não é menos indeterminada: eis a disposição respectiva segundo a cl. 7 :



Do capital, *que for fixado*, se deduzirão 3% para o concessionario ; mais 2% á disposição dos Directores para applicações que estão definidas no contracto ; mais 7% primeiro pagamento aos emperezarios.

Dos restantes 88% se manda deduzir mais 5% que correspondem a 4,4% do total, deducção sobre cujo destino não encontro uma palavra no contracto. Li-o com attenção algumas vezes, indagando para onde vão estes 4,4% do capital garantido. Misterio ! Reduzido a formular conjecturas, abster-me-hei de es-revel-as.

Restão para os emperezarios 83,6% que com o 1º pagamento prefazem 90,6% do capital incognito.

Assim a construcção, fornecimentos, responsabilidades, todas indeterminadas, serão retribuidas com uma porcentagem de quantia igualmente indefinida.

E chamão a isto empreitada de construcção de uma estrada de ferro !

Dir-se-ha que á fixação do capital tihão de preceder estudos e orçamentos : mas, além de que as outras responsabilidades são verdadeiros jogos de azar, o orçamento dependeria de approvação do governo imperial. Ora, suppondo, o que deve presumir-se, os estudos technicos correctos, as quantidades e cubações de cada especie de serviço determinadas e calculadas conscienciosamente, é na serie de preços das unidades que havião de tentar introduzir as largas margens de que precisão para cobrir todos os riscos. Entretanto, o Governo tem a seu lado conselheiros technicos, possuindo já bastante experiencia de obras semelhantes, para fixarem os verdadeiros preços especificos, de sorte que o orçamento deve ser a paga das obras feitas e não tem o Thesouro obrigação de garantir especulações aventurezas. E para julgar si os nossos preços servirão para a empreitada á ingleza, basta considerar o que expuz em outro § sobre

o custo kilometrico phantasiado pelos engenheiros da empreza, confrontado com preços nossos.

O contracto dos Srs. *Hugh Wilson and Son*, escrevo-o sem intenção offensiva, não parece uma empreitada de construcção, parece um *lansquenet*, em que se parão alguns milhões. O alvo de todos os esforços seria a obtenção do maximum authorisado: o velocinio de ouro demandado é os quatro milhões esterlinos.

§

Cabem todas estas estravagancias nas attribuições da Directoria? Não tenho á vista os estatutos; mas é de crer que tenham outorgado amplos poderes; não se comprehende direcção de empreza deste genero sem a faculdade de adjudicar as empreitadas, como melhor lhe parecer.

E pois que o nosso governo approvou os estatutos, e por Decreto authorisou a companhia a funcionar no Imperio, a conclusão é que os Directores estavam em seu direito contractando com os emprezarios, e que estes adquirirão o de desenvolver a sua empreza, por mais aleatoria que pareça. E embaraçados, sem culpa sua, nesse desenvolvimento, têm elles acção contra a companhia e esta contra o nosso governo, por lucros cessantes e damnos emergentes: é duro reconhecê-lo, mas é a verdade.

Salva-se o caso de conterem os estatutos alguma disposição em contrario, o que não é verosimil: forão elles organisados pelos mesmos que com elles ião especular.

Quanto nos hão de custar todos estes desconchavos? forão consecuencia da violação flagrante da lei de 30 de Outubro de 1882, art. 7 § 1º.

E' certo que si o Governo tem a faculdade de decretar a caducidade do contracto, annullando a concessão, cessão todas as obrigações e direitos della derivados. Reflexão que me conduz ao desenvolvimento das minhas 3ª e 4ª affirmações, que se referem ao parecer dos Engenheiros Fiscaes e ao Decreto da rescisão.

## §

Já reconheci a proficiencia technica da commissão que foi proposta á fiscalisação dos estudos preliminares; e observei que tem toda a procedencia a sua demonstração de que o projecto é desastroso. Mas a opinião que emittirão, condemnando e regeitando os estudos preliminares executados pelos engenheiros da empresa, não é sustentavel.

Segundo o contracto aquelles estudos devião consistir no do ponto escolhido para termo da linha e no reconhecimento geral della, para determinar os pontos obrigados; os documentos exigidos forão unicamente plantas do porto e da linha e relatorio. (cl. 2 e 3).

A omissão de tudo o que se refere a nivellamentos, perfis, typos de obras d'arte, orçamento, reduz o estudo exigido a um simples *reconhecimento* e a palavra lá está na cl. 2.

Ora, verificado como está, que os engenheiros estudarão seriamente o porto de S. Francisco, e dalli seguirão uma linha até Porto Alegre, correndo variantes, medindo, levantando correctamente o nivelamento longitudinal e tomando frequentemente as inclinações transversaes, não se pode desconhecer que o reconhecimento ficou completo, e mesmo podia ser menos minucioso. Objectarão os Fiscaes, parecendo criticar, que os perfis transversaes forão tomados com um transferidor e fio a

prumo ; mas, fóra de duvida, este meio de operar era sufficiente para as exigencias de um reconhecimento preliminar.

As objecções relativas a apresentação de perfis, dimensões de tunneis, cheias de rios, nivel do leito nas baixadas e brejos e outras semelhantes, todas terão applicação aos estudos definitivos, mas são descabidos nos preliminares.

A imperfeição dos estudos do porto do Desterro, a falta da linha d'alli partindo a ligar-se ao traço geral, forão consequencias de actos dos prepostos do Governo. Estudado o porto de S. Francisco, dalli partindo a linha corrida, e convindo examinar para confrontação o porto do Desterro, era indispensavel estudar a linha partindo d'este porto a ligar-se ao traço geral ; mas o Engenheiro chefe da commissão fiscal prohibio estes exames.

Estas observações e o tom de azedume com que o relatorio por vezes se refere aos engenheiros da companhia provão o que affirmei, isto é, que entre os representantes technicos do governo e da empresa se levantou ciuume profissional, que prejudicou a justiça do julgamento.

As clausulas do contracto relativas a estudos preliminares forão desempenhadas em tempo : não é honesto desconhecel-o.

### §

Em tempo, porque os documentos forão apresentados a 19 de Dezembro de 1884, 50 dias antes de findo o prazo para esse fim estipulado no contracto.

E' posterior a esta apresentação a data do relatorio dos Fiscaes ; mas suas objecções aos trabalhos technicos dos engenheiros da companhia erão conhecidas pelo governo, a quem forão por vezes communicadas official-

mente; veñão-se as informações contidas nos officios, entre outros, de 8 de Novembro, 13 e 20 de Dezembro de 1884 dirigidos ao Ministerio da Agricultura pelo Fiscal chefe Dr. Firmo J. de Mello.

Entretanto, passados 48 dias da apresentação dos estudos preliminares, isto é, a 5 de Fevereiro de 1885, o nosso governo sem ter feito reparo algum aos documentos apresentados, mandou convidar solemne e officialmente a companhia a entrar em ajustes para a rescisão do contracto por mutuo accordo. Ora, si os planos apresentados em Dezembro de 1884 authorisavão a decretação da caducidade, como em Fevereiro de 1885 propoz o governo a rescisão por ajuste amigavel, o que suppõe necessariamente direito a uma indemnisação ?

Convem notar que a intimação fôra ordenada pelo Ministro da Agricultura a 5 de Novembro de 1884, antes da conclusão dos estudos preliminares, mas só realizada a 5 de Fevereiro de 1885, 48 dias depois da dita conclusão.

Da confrontação destas datas infere-se que o governo, recebendo os documentos, disse a seu engenheiro: « não é disto que se trata ; cumpra a ordem de abrir negociação para a rescisão por accôrdo mutuo ». Passo dado em virtude de lei anterior que mandou suspender todas as construcções que o Governo julgasse addiaveis. A applicação desta lei á *D. Pedro I Railway* importa condemnação pelo Governo do proprio projecto em si, e não tem referencia aos planos apresentados, evidentemente postos de lado.

De 5 de Fevereiro de 1885 até 28 de Dezembro de 1886 decorrerão quasi 23 mezes, nos quaes foi para Londres a intimação do governo, veio noticia da annuencia dos Directores, foi designado o representante da companhia para o ajuste proposto e tiverão logar as primeiras aberturas entre as partes.

Estavão as cousas neste pé, quando o governo aban-

donou *ex abrupto* o terreno em que se collocára, voltou aos estudos preliminares, encontrou-lhes defeitos e lacunas, reprovou-os, e declarando que não concederia novo prazo, julgou crear situação a que seria applicavel o arbitrio da cl. 47; em consequencia decretou a caducidade da concessão.

Evolução manifestamente resultante do conhecimento que começou a ter o governo da altura a que subiria a indemnisação. Mas a hypothese do art. 47 não se verificou porque não houve praso excedido; a regeição dos estudos preliminares não tem fundamento; a tergiversação assignalada não é digna do governo imperial.

E a conclusão de tudo é que o Decreto de 28 de Dezembro de 1885 é um arbitrio insustentavel.

§

Contra este Decreto recorre a companhia para o Conselho d'Estado, isto é, para o governo melhor esclarecido; e penso que por decoro da Administração deve aquelle acto ser revogado. Mas, seja-o ou não, subsistirá entre governo e companhia um desaccordo que segundo a cl. 50 deve ser resolvido por arbitros.

Ou verse a divergencia sobre a faculdade de decretar a caducidade, ou sobre as condições para a rescisão por mutuo accordo, o caso é sempre de *desintelligencia entre governo e companhia sobre direito e obrigações da concessão*, caso de arbitramento cl. 50.

Venha pois o julgamento arbitral, venha antes da intervenção arrogante da Legação Britannica; é o voto que faço no silencio do meu gabinete. Pagaremos uma gorda indemnisação, que será a salvação de todos os especuladores com a *D. Pedro I Railway*. Concessionarios, directores, organisadores, consultores, emperezarios, todos

liquidarão seus lucros, esquivando-se ao dezar de andar alliciando accionistas com o engodo dos 6 % cuja maxima parte viria a ser absorvida pelo custeio da linha.

Pagaremos os nossos erros: é logico. Mas a lição aproveitará? nada mais duvidoso. Cubro a cabeça e conservo-me em silencio.

---

Observação em Agosto de 1890. O Governo da Republica pagou rs. 4.000:000\$000 de indemnisação.

Não condemnarei o pagamento, visto o que escrevi; mas lamento que triumphasse aquella indecente especulação.

Não dei publicidade ao meu parecer, porque iria ajudar os especuladores contra o Thesouro. Ahi fica, como recordação historica dos erros da nossa administração.

Da minha memoria extrahi o que se pode publicar sem inconveniente, isto é, uma apreciação das patotas da companhia e do empresario, e publiquei na Revista das Estradas de ferro. Por causa desta publicação fez-se meu inimigo um tal advogado Silva Costa, socio da commenda, e tão bom como os seus clientes *Hugh Wilson and Son*.

## Nota H

Vi concluida a tarefa a 24 de Setembro de 1889, casando-se nesse dia Theodosia com o Engenheiro Raimundo de Castro Maya; alliança celebrada, graças a Deos, sob os mais felizes auspicios.

A 31 de Dezembro anterior (1888) tinhamos eu e minha mulher assignado com os nossos seis filhos escriptura de antecipação de herança, pela qual lhes distribuimos mais de metade da nossa pequena fortuna.

Estão pois, de facto e de direito, emancipados. Deos os abençoe e inspire.



## 1.º Appendice á Autobiographia

Janeiro de 1889. — Eis-me de novo no ocio de Petropolis e a excogitar occupações com que mate o tempo: um dos recursos é o *scribendi cacoethes*, que na velhice me tinha abandonado, mas volta uma vez ou outra, com longas intermittencias: o mesmo succede, em relação ás outras velleidades dos velhos.

Este appendice não é uma continuação da minha autobiographia, que ficou deveras acabada, já morri. Mas, sendo a famosa questão do *elemento servil* o assumpto que mais me occupou nos ultimos capitulos; sendo ha já alguns annos o que mais prendeu as attenções em todo o paiz, e tendo sido o problema resolvido definitivamente a 13 de Maio de 1888; surge-me o desejo de completar os meus subsidios para a historia da libertação da raça africana no Brasil, expondo a ultima phase da evolução, desenvolvida no ultimo triennio.

Os debates de 1886, e ainda mais as votações do Senado, que expuz no meu ultimo capitulo, desmoralisarão tão profundamente a lei de 28 de Setembro de 1885 e seu regulamento, que o Governo se achou na impossibilidade de executal-os; nem applicação do fundo de emancipação, nem contractos com os fazendeiros nos termos authorisados, nem repressão dos acoutadores de escravos, nada: a unica disposição executada foi a da nova matricula a que nesse anno, 1886, se procedia em todo o Brasil.

Nesse mesmo anno promulgou o Corpo Legislativo um acto que teve immenso alcance, accelerando a evolução abolicionista: foi a lei que abolio a pena de açoutes.

Para bem apreciar esse alcance, cumpre considerar o que erão os açoutes, a surra, o bacalhão. O castigo era crudelissimo: atava-se solidamente o paciente em um *esteio* (poste vertical de madeira) e despidas as nadegas, eram flagelladas até o sangue, muitas vezes até a destruição de uma parte dos musculos.

Si não havia o *esteio*, era o infeliz deitado de bruços e amarrado em uma escada de mão, estendido no solo; e ahi tinha logar a execução.

De tempo immemorial cada senhor de escravos se julgava com direito de *surrar-os* por crimes que o mesmo senhor averiguava, sentenciava e punia.

Si acaso o paciente succumbia á gangrena das feridas, era sepultado no cemiterio da fazenda, sem verificação do obito nem intervenção alguma de Authoridade. E o *cemiterio da fazenda* era destinado só aos escravos, os mortos da familia erão mandados ao da Freguezia.

De facto, pois, tinha o senhor sobre o escravo, ao menos nos estabelecimentos ruraes, *jus vitæ et nœcis*.

A legislação criminal consagrava tambem a pena de açoutes que antigamente erão applicados *coram populo*: cada cidade ou villa tinha o seu *pelourinho* em logar bem publico. O Rio de Janeiro teve o seu no centro da praça hoje chamada — da Constituição — onde se acha a estatua equestre de D. Pedro I.

A Constituição abolio todas as penas crueis: mas entendeu-se que o progresso só aproveitava aos livres; para os escravos subsistio nos codigos a pena de açoutes; sendo porém, applicados dentro das prisões e arrazados os pelourinhos.

O Código Criminal declarando puníveis as sevícias exercidas contra os escravos (disposição aliás, que foi sempre letra morta) authorisou os *castigos moderados*, « comtanto, diz o artigo respectivo, que não sejam dos prohibidos por lei ». E pois que esta não prohibia os açoites, ficou em vigor o direito consuetudinario dos senhores que se fazião juizes da clausula *de moderação*, e em geral a consideravão relativa á gravidade dos crimes. Quer isto dizer, que em realidade ficou sem limites o poderio do senhor.

Tal era a pena de açoites, que entretanto, consigno-o em honra dos possuidores de escravos, não era frequentemente applicada: muitos senhores della se absterão absolutamente. E as excepções crueis, antigamente numerosas, com o tempo diminuirão progressivamente.

Mas era opinião universal, e não infundada, que somente o medo do bacalháo era capaz de conter os escravos e manter a instituição. *Abyssus abyssum invocat*.

A desobediencia, as falhas no trabalho, a preguiça, a fuga, os furtos, outras faltas, mesmo as brigas entre parceiros, chegando até a ferimentos, todos estes crimes ou delictos se consideravão comprehendidos na alçada do senhor; e a sancção penal era a palmatoria, o chicote, o bacalháo, conforme a gravidade de cada caso.

O escravo só era entregue á Justiça, nos casos de crime de morte, ou de tentativa contra a segurança ou contra a vida do senhor ou do feitor.

---

Mas os que erão mandados aos tribunaes, o que podião temer? As penas pecuniarias não lhes erão applicaveis: a prisão simples era a ociosidade pela qual suspiravão: a prisão com trabalho, mesmo as galés, não

os collocavão em situação mais dura do que a escravidão, ao menos nas fazendas de café e assucar.

A idéa da pena capital devia infundir pavor á grande maioria, porque só affrontão a morte certos temperamentos excepcionaes. Si os escravos em geral considerassem o termo da existencia como libertação, os suicidios entre elles serião frequentissimos, o que não succedia. Si tivessem desapego da vida, por instincto comprehenderião a verdade, que pensadamente exprimio Garção, na sua ode ao suicidio :

..... todos podem ao homem  
tirar a vida na mesquinha terra  
ninguem lhe tira a morte.

Era pois, além dos açoites, a pena de morte o unico freio imposto ao escravo, naturalmente inimigo do senhor. E esse freio, o Imperador o annullou, commutando todas as sentenças capitaes: politica contra a qual se pronunciarão em geral os fazendeiros, talvez não illogicamente; mas politica, que eu não tenho coragem para condemnar: estou só narrando.

A reacção contra a clemencia, applicada aos escravos assassinos e contra a propaganda abolicionista, produzio nas fazendas requinte de severidade, ás vezes mesmo crueldades, que surtirão effeito opposto ás previsões dos senhores: certos factos causarão profunda sensação no espirito publico. Os fazendeiros da zona cafeeira, em geral, fazião pressão sobre o jury e sobre os juizes para absolverem os escravos assassinos ou condemnal-os a açoites e serem-lhes entregues; completavão o castigo nas fazendas *para exemplo*: dous dos casos foram horriveis.

Em Barra Mansa, um escravo sentenciado a açoites e tendo-os recebido na prisão, foi entregue ao senhor,

que na fazenda repetio a surra, seguindo-se a gangrena e a morte. Era caso tão escandaloso, que as authoridades, bem que em geral propensas a innocentar o senhor, não puderão deixar de proceder: mas surgiu um habil medico legista a engendrar sophismas para provar que a morte proveio da primeira surra na cadeia, não da segunda na fazenda, *porque o numero de açoutes foi menor.*

E o processo não teve seguimento!!!

Em Parahyba do Sul, dous escravos igualmente açutados na prisão, em virtude de sentença, forão entregues a um preposto do senhor, o qual a cavallo os tangia a pé, diante de si, á vergalhadas, sob a acção de um sol canicular. Foi tal a brutalidade, que um morreu em caminho, outro ao chegar á casa do fazendeiro.

Este ultimo facto foi a gotta d'agua na taça cheia da indignação publica: propoz-se no Senado a abolição da pena de açoutes, que foi alli votada quasi unanimemente e por notavel maioria na Camara Temporaria.

Com esta reforma penal, póde-se dizer que virtualmente ficou extincta a escravidão, d'alli em diante insustentavel. O Senador Silveira da Motta disse ao levantar-se: « Voto a favor; mas vejão bem, que isto importa a abolição definitiva »: era a pura verdade.

---

Logo que se propagou no paiz a noticia — *não ha mais açoutes* — começarão a modificar-se as relações entre os senhores e os escravos. Estes affrouxarão no serviço, furtavão-se a elle, fugião; aquelles, sentindo-se desarmados e comprehendendo afinal que a escravidão não podia durar, entrarão pouco a pouco na senda das liberações espontaneas. Não invocavão o fundo de emancipação; não aceitavão os contractos que a lei de 1885 lhes offerencia; libertavão, uns com clausula de serviços por

certo tempo, outros arbitrando logo salarios : um grande numero, sem declarar a libertação, começarão a remunerar as tarefas, o que importa reconhecimento do direito ao salario, o opposto á escravidão.

Este movimento, já notavel em 1886, accentuou-se mais em 1887, quando se verificou que forão dados á matricula em todo o Imperio somente 723 mil escravos. Suppunha-se, em geral, cerca de um milhão: a redução do numero attenuava o receio da crise da transformação do trabalho. Tal resultado da matricula foi a segunda das causas accelerativas da evolução.

Esta affirmava-se já com energia, quando se abriu a sessão legislativa de 1887, na qual o facto mais importante foi o pronunciamento dos Conselheiros A. Prado e J. Alfredo, que no Senado sustentarão a necessidade de retocar-se a lei de 1885, encurtando a vida á nefanda instituição. Mas estes conservadores dissidentes, em vez de iniciar uma medida, limitarão-se a promettel-a para 1888, si o ministerio não a apresentasse, addiamento que muito sorrio ao Barão de Cotegipe. Crendo que poderia continuar a resistir á onda, convinha-lhe ganhar tempo.

O exame dos discursos, dos apartes, das palestras, da attitude do Senado, deixa fóra de toda a duvida, que era facil votar-se uma lei, regulando a emancipação no prazo de tres annos, e para este fim requereu Silveira da Motta urgencia para a discussão de um projecto do Senador Dantas, urgencia que cahio por poucos votos, sendo contra os de J. Alfredo e A. Prado e de alguns que os seguião. Votado um prazo curto, parece provavel que grande numero de escravos terião paciencia e esperarião : dos mais, alguns servirião um, outros dous annos, e assim a abolição não seria instantanea e brusca. Demais, desenganados desde logo, os senhores aproveitarião o prazo para preparar-se. A crise agraria não

teria a gravidade, que infelizmente tem, embora queirão alguns escurecel-a, fechando os olhos á luz.

Porque não foi votada em 1887 uma medida, que parecia de tão manifesta utilidade? Tem a culpa o emperramento do ministerio Cotegipe, e igualmente a tergiversação dos conservadores dissidentes, capitaneados por João Alfredo e A. Prado, os quaes não visavão somente o progresso da evolução abolicionista, mas principalmente o assalto ao poder. Corre pois a responsabilidade por conta de ambas as fracções do partido conservador.

---

Fechadas as camaras em 1887, sem nada ter deliberado, a evolução precipitou-se: a escravatura retirava-se em massa das fazendas: os de S. Paulo agglomeravão-se em Santos e na Capital, os de Minas em Ouro Preto, que tambem os asylava; outros dispersavão-se e ião procurar algures trabalho assalariado.

O serviço da grande lavoura desorganisava-se a olhos vistos.

Os principaes movimentos de escravatura, abandonando em massa as fazendas, tiverão logar em S. Paulo sob a direcção notoria do Dr. Antonio Bento: mas nesta phase da evolução interveio terceira causa acceleratriz, e essa de grande alcance, a attitude do exercito.

As autoridades pretenderão cortar o passo aos fugitivos e fazel-os voltar aos eitos; mas sendo para isso a força policial de todo o ponto insufficiente, recorrerão á tropa de linha, e esta formalmente ás vezes, outras vezes tergiversando, desobedeceu.

O Club Militar, associação fundada na Côrte e composta dos officiaes mais influentes no exercito, deliberára levar á presença da Princeza Regente uma petição, para

que não fosse empregada a força de linha no serviço; que reputavão ignominioso, de prender escravos fugidos. O Governo prohibio que subisse ao throno esta representação, mas não pode impedir os seus effeitos. Ou porque a idéa calasse nos animos dos officiaes, ou porque o Club fizesse entre elles propaganda de abstenção, é certo que raros destacamentos de linha se prestarão com diligencia á repressão da escravatura.

E não me parece facil condemnar este procedimento da tropa: obedientes, calados, fazião todo o serviço, reprimião qualquer desordem: mas, quando um Delegado de policia lhes dizia: « amarrem aquelles negros, que não querem trabalhar » respondião « isso não; não é missão de soldados, é dos capitães do matto. »

Não estou isento de apprehensões, quanto á disciplina do exercito: no assassinato de Apulcho de Castro, no conflicto por causa de publicações, no do batalhão 17 em S. Paulo, observo symptomas que me fazem temer pela paz publica. Mas não posso condemnar os soldados que se recusarão á triste commissão de amarrar escravos fugidos.

---

No principio de 1888 a escravidão estava abolida de facto, revolucionariamente: trabalhava quem queria; todo o escravo que abandonava seu senhor, achava logo quem o asylassse; e as autoridades nem tinham força para apprehendel-os, nem se atrevião a applicar aos acoutadores a pena da lei de 1885, que continuava a ser letra morta. O caracteristico da escravidão, que é o trabalho forçado e gratuito, desaparecia.

Havia excepções, entre as quaes sobresahia o Chefe de Policia da Córte, que insistia em apprehender os miseros, e remettel-os para as fazendas. Mas esta repressão



veio a ser por tal modo impopular, que afinal os pobres escravos erão conduzidos e encerrados em carros da estrada de ferro, em horas mortas da noite.

Começando a generalisar-se a debandada, muitos fazendeiros do Rio e Minas requintarão de vigilancia, tendo debaixo de chave as escravaturas, logo que chegavam do eito: mas não puderão impedir o contagio.

Dão idéa do estado das cousas as libertações espontaneas que começarão a generalisar-se, ou ao menos multiplicar-se. Só dous fazendeiros, Visconde de S. Clemente e J. R. de Avellar, logo depois Visconde de Ubá, libertarão simultaneamente cerca de 1.600 escravos e ingenuos. Os emperrados vião todos os dias rarear as fileiras do eito.

Assim, o grande trabalho da producção nacional estava anarchisado e desorganizado, e as autoridades inteiramente desarmadas e impotentes para reorganisa-lo no pé anterior. O que fazer? Só uma nova ordem de cousas podia enveredar a população pelas vias da legalidade: e essa nova ordem só podia ser a liberdade geral sem condições: ninguem hoje desconhece a verdade desta apreciação.

Ninguem tentou refutar-me, quando sustentei, no meu discurso de 27 de Outubro, que a lei de 28 de Setembro não foi revogada pela de 13 de Maio, mas pela Nação, revolucionariamente; e que a ultima lei não fez mais do que homologar o veredictum da Soberania Nacional.

No principio do anno de 1887, apreciando os effeitos provaveis da lei de 1885, escrevia eu á pag. 292 deste livro: «Si aereitasse que com a execução fiel desta exquisita lei, chegaríamos em paz ao termo dos 13 (antes 14) annos, eu accitaria este estado de cousas, como transacção entre as exigencias da civilisação e as

necessidades economicas do paiz. Mas o que me parece é que a tranquillidade actual é fogo em baixo de cinzas, que ha de produzir labaredas e incendios; e que si se emperrarem, as desordens e os crimes hão de forçar os poderes publicos a precipitar a libertação, que eu mais queria se fizesse gradualmente. »

Quanto ao resultado geral, fui propheta, o que era facil : felizmente enganei-me na parte tragica das minhas previsões : eu julgava que a reacção contra o despropósito legislativo, pelo qual se fizerão responsaveis, em 1885, os tres Estadistas Saraiva, Prado e Cotegepe, se manifestaria por desordens, crimes e sangue derramado. Em vez disso graças a Deus, só tivemos o *abandono pacifico do trabalho* : devemol-o principalmente á abolição dos açoutes e á attitude da tropa de linha.

---

Tem sido consequencia, por alguns previstas, desta verdadeira revolução social, uma grande agitação politica ameaçando a Dinastia e a instituição monarchica.

Em grande numero, os senhores de escravos, prejudicados pela abolição ; fazendeiros que sem a escravidão não podem bem continuar na attitude de manda chuvas e senhores feudaes ; commissarios, verdadeiros sangue-sugas que chupavão por mil modos, confessados e confessaveis, o sangue da Lavoura ; todos esses, vendo diminuidos os seus lucros, se declararão republicanos : os que o erão deveras, animados com este reforço de pessoal, recrudescerão na sua propaganda. Já o partido numeroso bem que não organizado, venceu algumas eleições : na ultima de Senador por Minas se apresentarão tres chapas, conservadora, liberal e republicana. Venceu a 1<sup>a</sup> mas a 3<sup>a</sup> reunio mais de tres mil votos, o que é significativo.

A' esta fogueira, destinada a devorar a Monarchia, approuve ao grande Estadista Barão de Cotegipe (1) a chegar algumas carradas de lenha, propondo no Senado uma lei que firmava a obrigação do Estado, de pagar aos senhores de escravos existentes a 13 de Maio de 1888 o valor de cada um, calculado pela cerebrina-tabella de lei de 1885, que nunca passou de letra morta. Motivando o seu projecto, declarou que esta indemnisação ha de ser decretada, ou pelos conservadores actualmente no poder, ou pelos liberaes, ou mais tarde *por um terceiro partido*; palavras que envolvem ameaça mal disfarçada ao Imperador e á herdeira presumptiva da Corôa.

O projecto foi regeitado em 1ª discussão, sem debate: outro semelhante proposto na Camara dos Deputados não fora julgado objecto de deliberação; mas a tentativa produziu o resultado que parecia ter em vista, exarcebar os descontentamentos e manter a agitação.

Esta vae lavrando; não falta quem conta ver eleito no fim deste anno (1889) uma Camara de republicanos que votem a famosa indemnisação. Eu ainda duvido.

O que penso eu desta situação é bem claro, a vista do modo como encarei a evolução abolicionista, parece-me a idéa da indemnisação mera especulação politica que alguns espertalhões considerão boa escada para o Poder. Quanto aos modernos republicanos, que são a grande maioria dos que gritão, direi que não morro de amores pela Monarchia; mas não vejo que republica se possa organizar com semelhante pessoal. Até hontem, violentavão e corrompião as eleições, ás ordens dos medalhões da Côte, com a mira em um titulo, commenda

---

(1) Fevereiro 13 de 1889 — Morreo hoje: as linhas supras estavão escriptas ha muitos dias, *sine ira aut studio*.

ou patente da Guarda Nacional... hoje são democratas! Affogado o pensamento da indemnisação por todos os conservadores dissidentes do Ministerio, parece que alguns liberaes se assustarão com esta competição ás pastas, e alinharão-se na concurrencia a ellas : é como entende a minha malicia a ultima evolução parlamentar, á proposito da indemnisação. Por ella se pronunciarão, no Senado Lafayette e Leão Velloso, na Camara Lourenço de Albuquerque; contra se tinham declarado energicamente Dantas, Affonso Celso e Nabuco. O silencio dos outros liberaes parece indicar que hesitão; naturalmente hão de achar-se divididos entre os dous campos.

O 1.<sup>o</sup> manifesto desta seisão foi proclamado no Senado, sustentando Lafayette com grande copia de talento e erudição esta cerebrina these : « A lei de 13 de Maio destruiu um capital, representado pela acção dos braços escravos na obra da producção nacional... , como se a lei tivesse cortado esses braços, ou enforcado os escravos que libertou.”... , avaliado oficialmente, continuou, em 485 mil contos de réis”: tal era o computo dos valores dos escravos matriculados até Março de 1887, segundo as tabellas da lei de 1885.

A' este despropósito, posso dizer sem immodestia, que fiz plena justiça no discurso que proferi a 27 de Outubro, e que talvez será o ultimo : sinto o pezo dos meus quasi 78 annos. (1)

---

Em meio destas barafundas, qual deve ser a minha posição? Republicano platonico, tendo assignado por sorpresa e emboscada o famoso manifestô de 1870, como ex-

---

(1) Novembro de 1889. A queda da monarchia matou a indecente especulação.

puz a fl. 176 e 177 deste livro ; mas resolvido a nunca retractar-me da assignatura ; hoje desgostoso do que observe, sem fé nos chefes do movimento, começando a minha descrença pelo grão chefe Saldanha Marinho ; não crendo que o nosso povo seja democrata ; velho, continuando a julgar-me sem aptidões para dirigir um partido, o que posso e o que devo fazer ? Calar-me, dar no Senado o meu voto consciencioso e ecclético, não ir aos jornaes nem á reuniões ; observar os acontecimentos.

Mas não posso resistir ao desejo de registrar uma seria impressão, causada por incidente da agitação politica, que se desenvolve.

Sob a inspiração de um tal J. de Patrocínio, *um negro de talento* (1) que muito trabalhou pela abolição, mas cujas propagandas sempre transpirarão antes odio á raça branca do que zelo pela liberdade da sua, sob a influencia malefica d'esse homem fundou-se no Rio de Janeiro uma associação com o nome — Guarda Negra — composta somente de ex-escravos, e cujo fim, proclama pelos jornaes o seu Director e Commandante, é — *offerecer os seus braços e o seu sangue á defesa da monarchia, garantindo a transmissão da Coróa á herdeira presumtiva.* —

Os republicanos esperão o advento da republica por occasião da mudança de reinado ; J. do Patrocínio, jornalista ha muitos annos, sempre republicano, agora tomou-se de amores pela dinastia, *por gratidão*, diz elle, *para com a Princeza Redemptora da sua raça.* Varias circumstancias parecem indicar que a Guarda Negra é favoneada pelo ministerio ; mas, a meu ver esta animação equivale a armar contra as outras uma classe da sociedade, diferente pela raça e composta de individuos que têm tudo a ganhar, nada a perder, com a subversão social. Seja

(1) Elle mesmo assim se designou.

ou não sincera a gratidão inspiradora da criação, si a dinastia acceita a protecção da Guarda Negra, mostrando descrer do exercito e da nação, expoe-se a ficar responsavel pelas calamidades de uma lucta de raças, que Deos arrede !

Felizmente as provincias não têm seguido o exemplo.

FIM DO 1.<sup>o</sup> APPENDICE

*N. B.* — A continuação foi já publicada sob o titulo: O Advento da Republica no Brasil, e o 2.<sup>o</sup> appendice será publicado mais tarde.